

ALTEROSA





RITA HAYWORTH
estrela Columbia

Adoravel...

LANA TURNER
estrela de M.G.M.



★ ...Estas serão as palavras que descreverão sua beleza quando V. usar o Pan-Cake Make-up de Max Factor — Hollywood. O Pan-Cake é diferente de qualquer outro make-up que V. já tenha usado. Ele lhe dará uma pele de um aspecto lindo e perfeito... e isto em menos de um minuto.

Experimente-o hoje mesmo.



PAN-CAKE MAKE-UP

o segredo das estrelas da tela que embeleza imediatamente

originado por

Max Factor Hollywood

A V E N D A N A S C A S A S D O R A M O

Representantes exclusivos para o Brasil — CHARLTON AMES & CIA. LTDA — Caixa Postal 2775 — RIO

NESTE NÚMERO:

ANO VII
NÚMERO 67
NOVEMBRO DE 1945

CAPA

Hedy Lamarr, a encantadora estrela da Metro, embeleza a capa desta edição, numa fotografia autografada para a nossa revista e gravada em tricromia por Gervásio Pinto de Araujo.

CONTOS

E' de erva que éles precisam	
Alberto Renart	2
Espiã	
Bastos Portela	6
Círculo de Cavalinhos	
Marques Rebolo	10
Flor de Samambaiá	
Antonieta T. A. Assunção	14
A Lenda das Sete Cores	
Márlia Tahan	18
Séde	
Jonh Russel	23
A Escrivarinha	
Molly MacLurg	26
O Velho Carvalho	
Mary Hanison Hooker	32
Modernismo	
Paul Weber	38

LITERATURA

Os Mortos Governam os Vivos	
Mário Matos	39
Vitrine Literária	
Cristiano Linhares	40
Os tipos de Eça de Queiroz	
Dionísio Garcia	46
Por trás do monóculo	
Oscar Mendes	52

DIVULGAÇÃO

Madame Dubarry	
Olga Obry	42
Cartas dos Estados Unidos	
Huberto Rohden	50
Marlière, o "Apostolo das Selvas"	
Lúcia M. de Almeida	54
Recordar é Viver	
Abílio Barreto	92
As Mulheres Que os Homens Preferem	
Djalma Andrade	98

HUMORISMO

De Mês a Mês	
Guilherme Tell	44
Paisagens Locais	
Fábio Borges	60
Pingos de História	
Joaquim Laranjeira	68

RÁDIO

A partir da página	105
--------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	72
Candidatas à Glória	
Redação	86
Sugestões Para a Sua Beleza	
Ivete Marion	90

DIVERSOS

Sedas e Plumas	48
Esparsos	58
Página das Mães	62
Hinterlandia Poética	64
Caixa de Segredos	66
Arte Culinária	70
Grafologia	114
No Mundo dos Enigmas	122

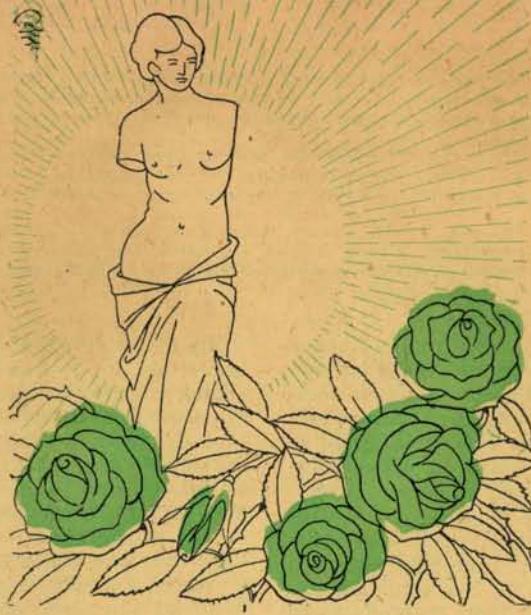
ALTEROSA

PARÁ A FAMÍLIA DO BRASIL

N.º AVULSO

CR\$ 3,00

EM TODO O PAÍS



Artista

Gosto das coisas límpidas e raras,
que dão suave prazer aos meus sentidos.
Raça! Não me entorpecem tuas taras:
sou um grego dos tempos esquecidos...

Cercado, embora, de ferrenhas caras,
de almas e corações empedernidos,
adoro os céus azuis e as águas claras,
cujos sons adormecem meus ouvidos...

Cultivo idéias e apascento estrélas.
Jardineiro e pastor, em sonhos e ânsias,
procuro, no meu cérebro, acendê-las.

Podeis rugir, ó bárbaros perversos!
No meu jardim de excelsas rutilâncias,
eternamente cantarão meus versos!

Figueiras Lima

ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editora Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr \$40,00 para 1 ano e Cr \$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

E' de Erva Que Eles Precisam

Conto de Alberto Renart

Ilustrações de Rocha

Já constitui lugar comum a afirmação de que o conto é o mais difícil gênero literário. Certo é, no entanto, que as verdades devem ser repetidas. Repitamos, pois, que o conto requer predicados ruros num conjunto que bem poucas figuras representativas da arte de contar possuem.

O conto humorístico teve cultores notáveis no Brasil. Artur Azevedo foi, sem favor, um mestre. Escreveu páginas que são pequenos primores de jocosidade e agudas sátiras que nos lembram a deliciosa ironia de Eça de Queiroz.

No atualidade literária, os criadores de histórias que fazem rir e espelham os ridiculos humanos — são poucos. Entre esses raros e benfazejos artistas da sátira social incluímos, sem receio, Alberto Renart, que ainda não possui a projeção literária que merece, mas cujos contos justificam a justiça deste rápido comentário.

QUEM não me conheceu na mocidade, pensa naturalmente que eu sempre fui ervanário. Não pode conceber que esta casa, onde se encontram tôdas as ervas imagináveis, desde o capim barba-de-hode até as fôlhas de cotocotó, foi em tempos idos uma livraria. E que eu, Rufino Curandeiro, já tive aqui, em estantes muito bem arrumadas, as obras-primas de tôdas as literaturas.

Hoje eu só entendo de ervas E a elas devo a minha razoável fortuna, a minha situação no Grêmio, o respeito dos meus conterrâneos. Sou-lhes grato — às ervas — por isso.

Mas há trinta anos, quando montei a livraria, eu tinha a minha cultura bem regular. Basta dizer que lia no original — consultando pouquissimas vêzes o "Burro" — o "De Bello Gallico" de César e algumas odes de Horácio.

Quem não conheceu os picapauenses de trinta anos atrás estranhará que eu tenha abandonado o nobre comércio de livros. Direi simplesmente, à guisa de justificação, que, se eu tivesse teimado em manter uma livraria em Agua-do-Picapau, estaria a esta hora internado num asilo.

Mais estranheza causará, sem dúvida, o fato de ter eu transformado a livraria em ervanaria.

Por que ervanaria? — perguntar-me-ão. Não teria sido mais racional transformá-la numa papelaria?

De acordo. A lógica faz concluir que, se o povo pode passar perfeitamente sem livros, o mesmo não se dá com relação a papel-de-cartas, envelopes, tinta, penas, lapis, goma-arábica, papel-higiênico, etc., etc.

Aqui devo confessar que a idéia não foi minha. Eu, francamente, teria pensado em tudo neste mundo — num armazém de secos e molhados, num botequim, num chalet de bicho — menos num depósito de ervas. As ervas, na verdade, nasceram no cérebro do professor Catulino, que Deus haja.

Assim, reconheço que fui injusto ao dizer que devo exclusivamente às ervas a minha posição e o meu conforto. E declaro, em tempo, na mais sincera homenagem à memória de Catulino Belegarde, que a él, principalmente a él, devo a minha salvação, a minha fortuna e o bem-estar dos meus filhos.

Porque me deu na telha abrir uma livraria em Agua-de-Picapau — é coisa difícil, quase impossível, de explicar. Em todo caso, direi que a minha intenção era elevar alguns milímetros o nível cultural da cidade e — por que não? — ganhar uns cobres no mole. No mole, sim, — porque, recebendo os livros em consignação, eu não empatava capital e estava livre de prejuízos. Vendendo uns dez volumes por dia — tal é o otimismo da mocidade — es-

*



taria com a subsistência garantida, e poderia até pôr de lado alguma coisa para o futuro.

Catulino apareceu — talvez mandado pela Providência, talvez porque era aquél o seu caminho — no próprio dia em que abri o estabelecimento.

Eu estava tirando do caixote e arrumando na estante os últimos volumes, quando él pôr à porta.

Já o conhecia de vista e através dos mexericos. Sabia que era professor primário aposentado e que os picapauenses não o viam com bons olhos. Sabia também — o que é que não se sabia em Agua-do-Picapau? — que a mulher dèle, um ano depois do casamento, tinha fugido com o escrivente do cartório.

Catulino ajeitou os óculos, alisou uma ponta de bigode, e perguntou com espanto:

— O que é isto?!

Olhei-o, sem compreender.

— Isto?...

— Sim, isto, pois não! — replicou fazendo com o braço um gesto semi-circular.

— Isto é uma livraria... — respondi, desconfiado.

Ele feve um sobressalto, como se eu lhe houvesse dito que aquilo era uma fábrica de dinamite.

— Uma livraria?!... E para quê?...

Fiquei impaciente.

— Para vender livros, ora pílulas!

Eu continuava agachado junto ao caixote, e él permanecia do lado de fora, com um pé na soleira da porta. Sorriu com ironia, mostrando os dentes pretos.

— Vender livros aqui?... Você não está louco, rapaz?

Entrou, e pediu licença para dar uma espiadela aos títulos.

Mas não se contentou com os títulos. De vez em quando tirava um volume da estante, folheava-o e repunha-o no lugar. Agachado junto ao caixote, eu continuara o trabalho interrompido.

Num dado momento, ele exclamou:

— Esses editores não passam de uns vigaristas!

Voltei a cabeça, curioso.

Catulino folheava um volume brochado, de capa alaranjada, e meneava desconsoladamente a cabeça. Sentindo que eu o observava, aproximou-se do cai-xote.

— Veja isto — disse, inclinando-se e mostrando a primeira página do livro. "Tradução integral do texto russo"!

Dobrei um pouco o pescoço e olhei o título do volume. Era o "Crime e Castigo" de Dostoevski.

Catulino recuou um passo, encostou-se na extremidade do balcão, e continuou, exaltado:

— Tradução do russo, pois sim! Então por que é que a pronúncia das palavras russas, como estas aqui — "pereoulok", "moujik" — está figurada em francês?

Com os olhos faiscando através das lentes, esperava que eu respondesse.

Mas que poderia eu responder? Ainda não tinha lido aquele livro. E confesso que, apesar da minha regular cultura, não estava entendendo patavina.

Diante do meu silêncio ignaro, Catulino prosseguiu, sacudindo o volume:

— Não sabe por quê?... Pois eu lhe digo! E' porque estas palavras foram simplesmente copiadas da tradução francesa, de que este livro é uma reles tradução!

Caminhou até a estante de onde tirara o volume, parou, e voltou-se para mim:

— O senhor conhece um poeta russo chamado Púskin?

Tive de confessar a minha quase total ignorância da literatura russa.

— Não... Esse eu não conheço... — respondi, vexado.

— Não conhece, pois não! Eu já esperava... E Pouchkine, conhece?... — perguntou, dando um passo em direção ao caixote.

Pus-me de pé. Havia cinco minutos que arrumara na estante um livro daquele autor. O título me agradara, e num instante me acidiu à memória.

— Ah, esse eu conheço! — respondi vivamente. E' o autor de "Ludmila"!

Catulino sorriu, com ar zombeteiro. Fiquei vermelho, certo de que tinha assassinado o título da obra.

— Ai está — disse ele, retrocedendo e repondo o livro na estante. Ai está como se propaga a ignorância! O senhor não conhece o poeta Púskin, mas conhece o poeta Pouchkine, — porque leu este nome, e não o outro, na fachada de um livro traduzido diretamente do russo através do francês! E' isso, pois não?...

Caminhou até a porta, parou, e voltou-se:

— Quer um conselho, rapaz? — Abra uma ervanaria! E' de erva que os picapauenses precisam — não de livros!

*

Mal Catulino acabara de sair, entrou a sobrinha do Menabó, professora no Grupo, feia de doer, e muito falada em Aguado-Picapau.

Corri para trás do balcão. Era o primeiro freguês, e confessou que me sentia nervoso.

— Romances de Delly?... — perguntei solícito. — Creio que tenho tôda a coleção...

Nada disso. Ela só queria saber se eu tinha o livro da interpretação dos sonhos.

Eu não tinha o livro da interpretação dos sonhos.



*Realce seu Encanto
embelezando
seu Cabelo*



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, as afecções do couro cabeludo.

Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

TB-1

I-A



Não passe pela vida sem viver! Use as "Pílulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puríssimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

PÍLULAS de Reuter

PARA O FÍGADO

— Que pena! — lamentou. Era só para ver uma coisa... Mas talvez o senhor saiba interpretar o sonho que eu tive a noite passada... Eu lheuento.

Enquanto falava, bocejou duas vezes. Tinha o rosto plantado de cravos e usava um casaco tresquartos, muito franzido, que mal disfarçava uma gordurinha impertinente.

— Imagine o senhor — prosseguiu, após um terceiro bocejo — que eu sonhei com dois jacarés brigando na beira duma lagoa...

Olhou-me fixamente, e perguntou, muito séria:

— Será que o senhor sabe o que significa?

Eu não acreditava em sonhos — como não acredito. Respondi evasivamente:

— Não sei... Acho que deve significar gêmeos, talvez...

— Mas eu sou solteira! — exclamou ela, escandalizada.

Fiquei embaraçado. Tentei remediar:

— Então não sei... Pode ser friagem nos pés...

* *

Na manhã seguinte, assim que abri a porta, entrou na livraria o Totó Lavadeira, redator-chefe do "Picapau".

O Totó Lavadeira era o pior elemento da cidade. Andava quase sempre caindo de bêbado, e mal era apresentado a um estranho ou encontrava um conhecido, já lhe pedia dinheiro emprestado.

Três vezes — era preciso ser muito estúpido, convenho — ele me passou o conto do trôco. Porque, nas raras vezes em que não estava bêbado, o Totó tinha um método todo especial para arrancar dinheiro dos trouxas.

— Muito prazer. Lá no jornal o amigo manda e não pede.

Enfiou a mão do bolso da calça, lá no fundo, como quem vai puxar dinheiro, e perguntou com naturalidade:

— O amigo por acaso tem duas de dez?

Era para trocar, não havia dúvida. Saquei logo a carteira, e estendi as notas.

— Não. Uma só chega — disse ele, com cinismo. Amanhã cedo eu devolvo.

Empalmou a pelega, e acresceu: escapulindo:

— Já sabe. No jornal o amigo manda e não pede.

Depois foram cinquenta. Depois cem. E sempre a mesma tática:

— O amigo por acaso tem duas de cinquenta? O amigo tem duas de cem?

Tão habituado estava a perguntar se o amigo tinha o dóbro da importância pretendida, que uma vez me perguntou se eu tinha duas de trinta.

E foi bom. Percebi a marcosa, e esquivei-me:

— Estou liso. Desculpe.

Ele insistiu, sempre com a mão no bolso:

— Nem duas de cinco?

— Nem. Estou liso de uma vez.

E dei o fora.

Por isso, quando o vi entrar, tratei de me pôr em guarda. Mas desta vez, felizmente, ele não vinha disposto a morder. Estendeu-me um volume que trazia, e perguntou com voz trópega:

— O amigo tem livros dêste tamanho?

Estava triste de bêbado.

— Livros dêste tamanho! — estranhei, pegando o volume. Mas que livros? De que autor?

Totó Lavadeira custou a responder. Apoiou-se ao balcão, e olhou-me com cara de besta como se não tivesse entendido a pergunta.

— De que autor!? — grunhiu afinal. Isso não interessa! Eu quero é livros dêste tamanho! O amigo não tem — tem?

E, sem esperar resposta, tomou-me o volume, cambaleou até à porta, e sentenciou, com voz pastosa:

— Numa biblioteca, seu Rufino, o principal é a estética! A estética — entendeu?

* *

No dia seguinte e nos quinze que se seguiram não apareceu na livraria um único freguês. Naquele andar, eu caminhava em linha reta para a ruina.

Lembrei-me, então — em boa hora — das palavras de Catulino Belegarde: "E' de erva que os picapauenses precisam — não de livros! Abra uma ervanaria!" E resolvi seguir-lhe o conselho.

Em três dias tornei a encaixtar os volumes, despachei os caixotes para Morro Pelado, e convoquei meia dúzia de caipiras.

— Tragam-me ervas! Todas as ervas que houver no mato!

E enchi as estantes, as prateleiras, o balcão. Pendurei ervas nos fios das lâmpadas, no pátio da cortina, em barbantes pendentes do tecto. O estabelecimento ficou parecendo um bosque.

Depois, em cada feixe de ervas, preguei um rótulo, em letras bem grandes: "Bom para o estômago, fígado e rins" — "Bom para reumatismos" —

Bom para mordida de cobra"
— "Bom para chifrada de boi
bravo" — "Bom para mau-olha-
do" — "Bom para arranjar ma-
rido" — etc., etc.

Foi um Deus-nos-acuda-Lo-
go no primeiro dia houve uma
verdadeira invasão. A cidade
inteira queria comprar ervas.
Foi preciso mandar fazer fila
e chamar um guarda-civil para
manter a ordem.

Ao entardecer, eu já estava
meio morto de cansaço. E a
onda humana continuava a
afluir em coluna por um.

Então, para respirar, trepei
em cima do balcão, voltei o rosto
para a porta, e, por cima das
cabecas que ondulavam, sorvi
a largos haustos o ar pesado.

Nesse momento divisei lá no
meio da praça, bem na cauda
da fila que dava volta ao coréto,
o professor Catulino. Gesticula-
va e gritava para mim:

— Então, Rufino — que lhe
dizia eu?... Dê-lhes ervas! E'
de erva que elas precisam!...



Espiã

Conto de Bastos Portela

Ilustração de Rodolfo

NA sala do Tribunal, fêz-se, de repente, um silêncio dramático. O juiz começou a ler a sentença. Sua voz era grave e solene.

Havia entre os assistentes a firme convicção de que a espia brasileira seria condenada à pena capital. Aliás, pela sua ignomínia, o caso não poderia ter outro desfecho. Os jornais haviam recapitulado, em todas as suas minúcias. Havia apenas um ano que o episódio ocorreu.

Dr. Paulo Néri, chefe da contra-espionagem no Brasil, narrava prestigioso vespertino, mantinha, a seu serviço, um corpo de agentes secretos, de ambos os sexos. Dêsse corpo de funcionários fazia parte uma senhora de alto destaque social. Entretanto, no interesse de sua função sigilosa, ela procurava esconder o seu nome verdadeiro, usando outro de guerra, como os artistas de cinema. Era, assim, para todos os efeitos apenas Madame Ivete.

Acontece que, no desempenho de sua arrisca-dia missão e combatendo, solertemente, a ação nefanda dos inimigos da pátria, ela se portava com brilho. Um brilho inexcedível. E louvado pelos seus superiores hierárquicos.

Ocorre que, naquela tarde de outubro, Madame Ivete havia entrado, apreensiva, no gabinete do Dr. Paulo Néri. Tinha a sua visita um ponderável motivo: dar contas ao seu chefe de sua atuação no setor de que se havia incumbido.

Madame Ivete encontrara Dr. Néri sentado ao seu "bureau". Examinava, atentamente, algumas cartas e vários outros documentos. Ao vê-la, voltou-se para ela, interrompendo a tarefa. Ofereceu-lhe uma cadeira a seu lado. E perguntou com o mais vivo interesse:

— Como vão as coisas?

— Vai tudo muito bem, Dr. Paulo.

— Seu relatório está pronto?

— A qual deles se refere?

— Falo do que trata de suas atividades nos hotéis e nos círculos mundanos.

Então, Madame Ivete informou que estava à espera de indicações preciosas. Entretanto — esclareceu — se o Dr. Néri desejasse, por qualquer circunstância, alguma exposição sobre o assunto, ela supunha encontrar-se em condições de fazê-lo.

— Exemplo, madame...

Madame Ivete explicou:

— Poderei falar sobre as investigações que fiz, há dias, a respeito de dois importantes personagens. E acrescentou: — Um deles é alemão.

— E o outro?

— Uma brasileira.

O chefe não ocultou o seu espanto:

— Uma brasileira? Mas é surpreendente!

— Uma jovem cujos pais são de nacionalidade germânica.

Estava o caso explicado, para ele: tratava-se, era claro, de um teuto-brasileira. Dr. Paulo respondeu. E como se falasse a si mesmo: "O fato é deveras curioso..."

Passados alguns minutos, inquiriu:

— E o alemão? Que me diz sobre ele?

Madame discorreu sobre o que, até ali, soubera de positivo. O alemão era aparentado com o Diretor de uma Empresa de Transportes Rurais. Por intermédio de um oficial italiano, mantinha correspondência secreta com um amigo de São Paulo.

— Quanto à jovem — acentuou — posso adiantar que se trata de uma senhorita da nossa sociedade. Tem ela entendimentos constantes com o dono de uma casa de modas de Ipanema.

Dr. Néri, que a ouvia, em silêncio, ordenou, friamente, acendendo um cigarro:

— Adiante...

— Conseguí um pormenor precioso: as iniciais da teuto-brasileira, como a classifica o senhor...

E riu-se para lhe perguntar se não considerava isso um grande esforço.

— Sim! Um grande esforço patriótico. — E, agora, interessado pelo caso:

— Quais são as iniciais da tal jovem?

— M. H.

— M. H.? — repetiu ele, devagar, e como a recordar alguma coisa distante, alguma coisa indefinível, abstrata... E depois de uma pausa:

— É muito vago. Não conduz a uma pista segura. Veja se descobre detalhes mais precisos.

— Ah, sim... Ela usa um pseudônimo literário...

— Qual?

— Um belo nome francês. Escolhido, certamente, para despistamentos...

— E esse nome?

— Mimi Bluette.

O chefe da contra-espionagem teve um sorriso sibilino. E limitou-se a frisar:

— Extraído, naturalmente, do romance de Guido da Verona...

— É provável — admitiu a senhora.

— E qual o tipo da moça?

— Loura. E esgalga como uma vela de céra. Bonita. Estatura mediana. Aparenta 25 a 26 anos. Veste com apuro. Não raro, é vista em companhia de indivíduos suspeitos, inimigos do Brasil. De resto, fala bem o alemão...

Dr. Paulo Néri comentou:

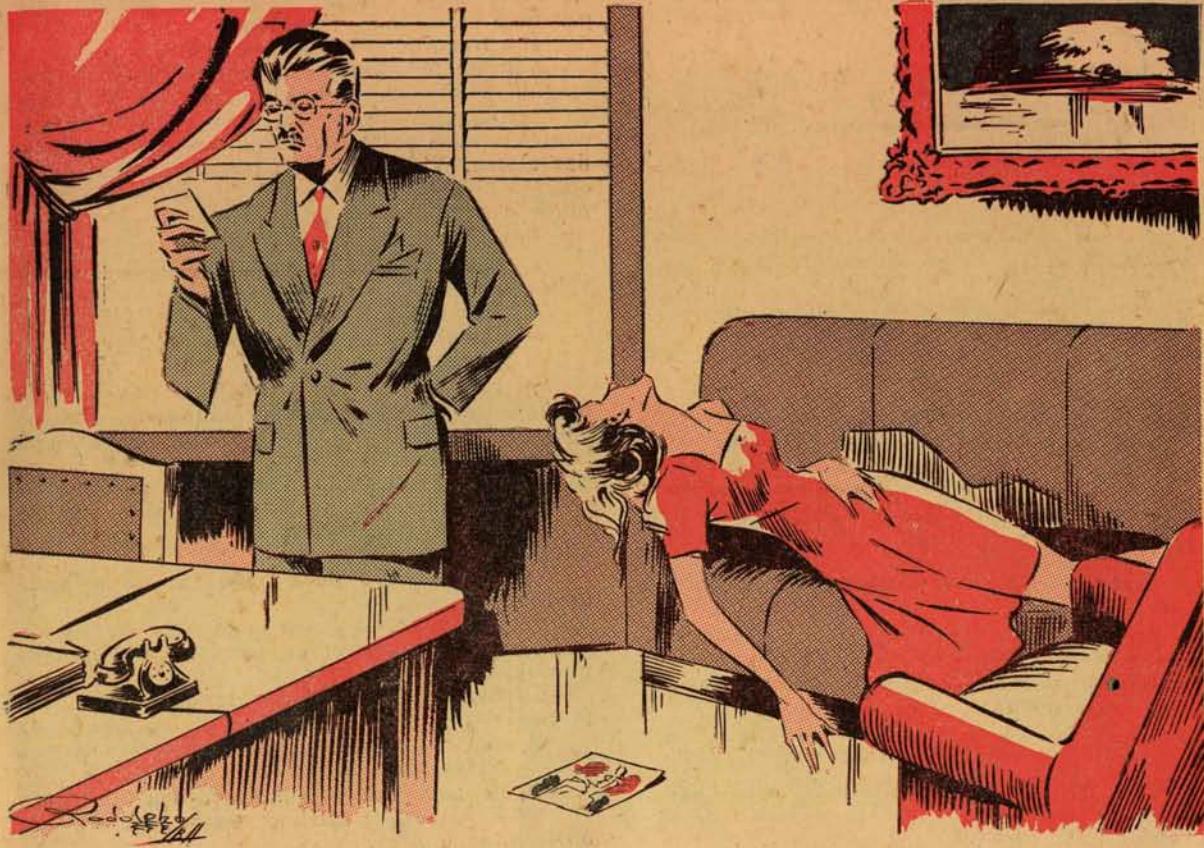
— É singular! — E mudando de tom: — E o dono da casa de modas de Ipanema?

— Recebe-a com absoluta discrição. E com ela, permanece às vezes, em colóquios, pelo espaço de uma hora.

— Colóquios amorosos, talvez... — calculou Dr. Néri, com uma ponta de ironia.

— É possível. Um homem e uma mulher — ajoutou Madame Ivete — têm sempre o que falar de si próprios, quando se encontram sózinhos.

Mas fêz logo a indispensável restrição: o assunto, sobre que discreteavam, girava, de or-



dinário, em torno de política. Souberá-o por um empregado da casa.

Madame Ivete revelava, desse modo, uma argúcia eficazmente penetrante. E que, sob o hábil pretexto de encomendar alguns vestidos para seu uso, estivera, várias vezes, no "atelier" de costura de Ipanema.

Ao inteirar-se desses fatos, Dr. Paulo concluiu, inteligentemente, que a pista da teuto-brasileira — a tal M. H., ou melhor, a falsa "Mimi Bluette", prometia revelações assombrosas. Mas de quem suspeitar? M. H.? Ora essa! Via-se logo: essas iniciais eram um detalhe banal. Jovem? Loura? Outra informação inútil. E finalmente, elegante e bonita, falando bem o alemão... Estava, não havia dúvida, perdido num labirinto... Qual o caminho a seguir?

— Enfim — disse, com segurança — Pode contar comigo, Madame Ivete. Vamos levar avante a tarefa.

Ao fim de um breve silêncio, Dr. Néri a fixou com firmeza. E acentou, dogmaticamente:

— É preciso ter em conta que, num momento em que a pátria periga, é mister que cada brasileiro tome a si o encargo de se bater em defesa de sua soberania. Bater-se! Bater-se com um fuzil nas mãos, ou sem ele, mas bater-se. O resto é secundário...

Ergueu-se da cadeira. Olhou o relógio: a entrevista durara meia hora. Dr. Néri deu dois passos na sala ampla. Voltou à sua secretaria. Sentou-se, novamente, e afirmou:

— Se amanhã constatar que meu pai ou minha mãe estão traíndo o Brasil, eu os denunciarei às autoridades do País.

Já de pé, Madame Ivete esperava.

— Continuemos a nossa obra, Madame — disse ele estendendo-lhe a mão.

A senhora reafirmou com um sorriso pragmático:

— Pode confiar em mim, doutor. Agirei como boa brasileira que sou.

*

Dois dias haviam decorrido.

Dr. Paulo Néri continuava preocupado. Mas, desta vez, o que mais o inquietava, era o doce "tête-à-tête" de um chá, na intimidade do seu apartamento. Aguardava, com viva impaciência, a chegada da noiva.

Pela décima ou décima segunda vez, o chefe chegou à sacada do salão. Nesse momento, notou que um automóvel surgia no começo da rua. Pensou alvorocado: "Deve ser ela!" Marta! A sua deliciosa boneca. Seria ela, realmente. Mas, o veículo passou. Prosseguiu, indiferente, a sua carreira, tomando rumo diverso.

Desolado, Dr. Paulo atirou-se entre os braços de uma cadeira de couro. Abriu um livro, ao acaso. Um livro de Jules Romains, sobre assunto de guerra. Lia, distraído, sem mesmo assimilar o seu texto. Dispunha-se, por isso, a abandonar o volume sobre a mesa da sala, quando a campainha soou. Quase no mesmo instante, a porta se entreabriu. Um vulto louro de mulher, uma jovem esguia e bonita, entrou, serpenteante e cheirosa. Uma onda de perfume inundou o quieto aposento. Um sorriso e um olhar de seio deram mais vida ao salão.

Antes de qualquer cumprimento, Dr. Paulo beijou-a.

Queixou-se, em seguida:

— Que ansiedade, Marta!

Sentaram-se ambos no divan. Dr. Néri insistiu:

— Julguei que não viesses... Que demora foi essa? Enlaçando-o pela cintura, Marta finiou-se amuada:

— Ingrato! Não vês que estou na hora combinada?

Pilhérias

Pedido lógico:

— Papai já que compraste um piano para minha irmã, não podias dar-me um velocípede?

— Para quê?

— Para que eu possa disparar nélle, quando maminha começar a estudar.

*

Dizia um sujeito, alegremente, a um amigo:

— Tenho um filho, que é a minha glória: aos 17 anos já é "calista"!

Ora, retrucou-lhe o outro, o meu, aos 14, já era "caloteiro"!

*

A visita — Queres acompanhar-me até ao bonde, Juquinha?

Juquinha (com sete anos de idade) — Não posso.

A visita — Por quê?

Juquinha — Porque nós vamos jantar logo que a senhora vá embora.

*

— E' inútil ocultar-lhe a verdade — dizia o médico em um hospital. — Há alguma pessoa que o senhor tenha desejo de ver?

— Há — respondeu o doente com a voz sumida.

— Quem é? — perguntou o médico.

— Outro médico — respondeu calmamente o pobre desenganado.

*

— Por que saiu da última casa?

— Porque a patrôa afirmava que eu tinha fechado por dentro a porta do meu quarto.

— E não era verdade?

— Não, minha senhora. Quem a tinha fechado era o patrão.

*

Um sujeito que acreditava em almas do outro mundo, contava a um amigo que em sua casa não era raro aparecerem algumas à noite.

— Olha, ainda ontem andavam por lá três ou quatro.

— Mas você as viu?

— Vi-as e ouvi-as!

— E o que diziam elas?

— Isso agora é que eu não sei, porque não entendo línguas mortas.

*

— Tenho observado que tóda vez que a orquestra toca um tango, o senhor se põe a chorar. Será, por acaso, argentino?

— Não, senhor: sou músico...

*

— De que modo conhecestes o teu segundo marido?

— Era dono da baratinha que matou o primeiro...

— Mas, para quem espera, um minuto vale por uma eternidade, é sabido.

E a troca de efusões prosseguiu.

Seus lábios repetiram, muitas vêzes, as frases feitas que os namorados de tódas as partes do mundo murmuram, entre si, quando se encontram num ambiente propício ao descontrôle das almas. Vieram à tona naquele momento de enlèvo, tódas as banalidades correntes que compõem o doce código do amor.

Por fim, a jovem suspirou:

— Ah! querido! Estou um pouco enervada.

— Por quê?

— Devido ao meu programa de hoje.

E enumerou:

— Imagina... Devo passar no hotel, às 20 horas — a fim de apanhar uma carta, que me chegou da Argentina. As 21, tenho recepção na Legação da Colômbia... As 22...

— Basta! — atalhou êle. — Já sei que não podes demorar. Ultimamente tem sido sempre assim. Tenho a impressão de que a tua vida é uma fuga permanente...

— Fuga? Mas para onde, se estou junto de ti?

— Sei lá! Talvez para o mundo da lua...

Marta não deixou de sorrir. — Disse, carinhosamente:

— Escuta, Paulo. Demorarei meia hora. Está bem?

E num tom capcioso, que a forçava trair-se:

— Ficas zangadinho?

Paulo não pôde dissimular a sua decepção.

— E' claro que não me zango. Mas acho tudo isso lamentável.

Mãos enfiadas nos bolsos, fisionomia severa, aproximou-se da sacada. Lançou um olhar distraído sobre a rua longa e, àquela hora, deserta.

Murmurando palavras de ternura, Marta procurava acalmá-lo. Fê-lo sentar-se junto de si. E, finalizando a questão, num argumento decisivo, declarou que ficaria a seu dispôr. Que mais queria êle, depois disso? — perguntou.

Fôra simples e habilidosa a promessa. O estado de espírito do rapaz modificou-se, de repente. Dissipou-se, num relance, a sombra que velava o seu olhar. Dr. Neri sorriu. Marta, vencedora, aproveitou êsse enleio para deitar a cabeça no ombro dêle, a boca semi-aberta, como o bico de um lindo pássaro cansado... Era uma tentação irresistível.

— E agora? — disse êle, risonho.

— Agora? — repetiu ela, fingida — Venha o beijo da paz...

E as duas bocas se fundiram, febrilmente, num paroxismo de exuberante volúpia.

*

Quando Marta se libertou dos braços de Paulo Néri, exclamou com um ar brejeiro e meio séria:

— Hum!

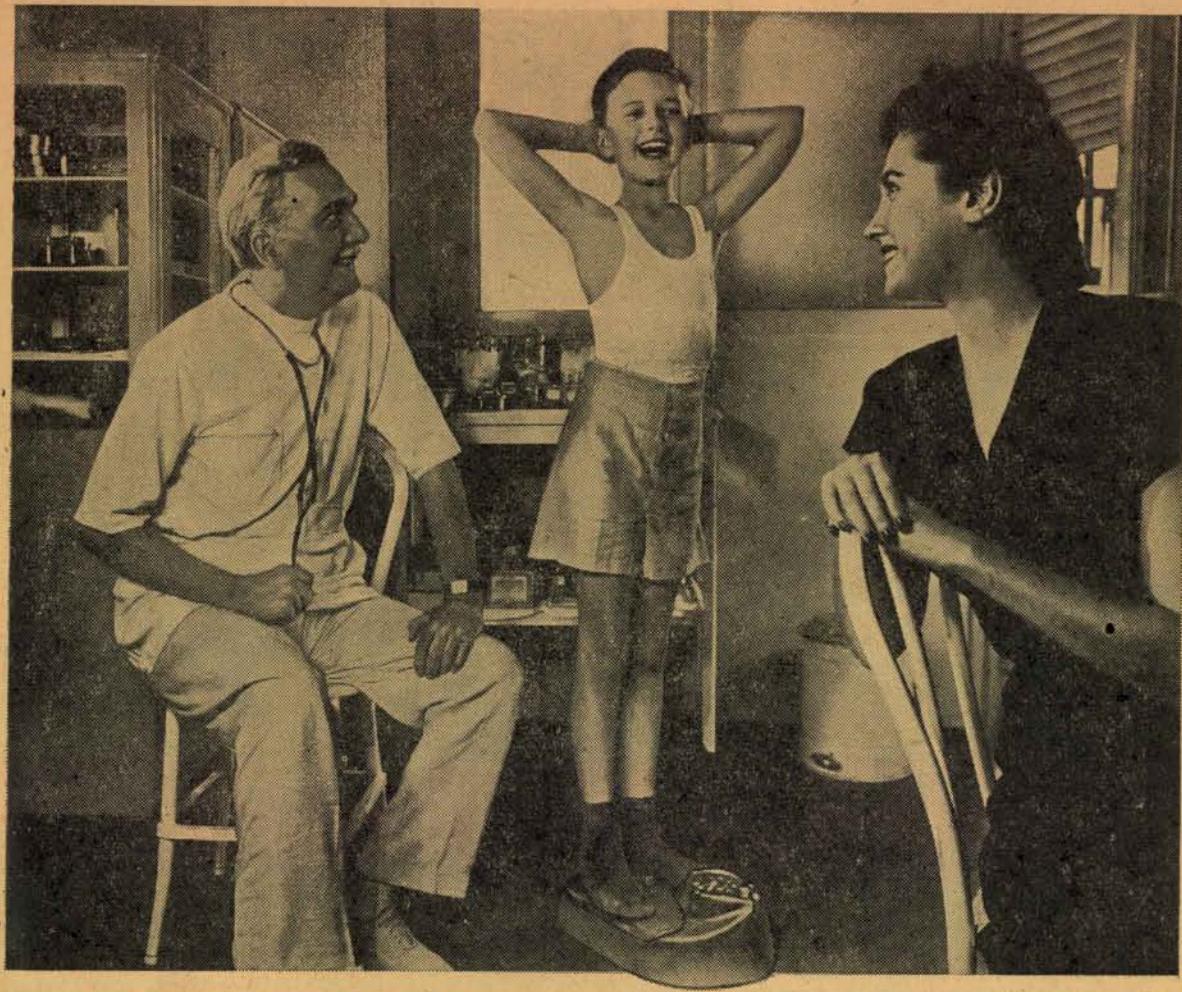
— Que é?

— Ótimo, o teu perfume! E' verdadeiramente "exquis"... Mas, sabes? Estou desconfiada. Esse perfume não será de outra?

Antes que o doutor respondesse, ela mesma tratou de corrigir:

— Perdão! Lembro-me agora... E' o teu perfume predileto. E' "Jaime"... "J'aime"...

(Continua na pag 17)



Quem é o mais orgulhoso?

O orgulho de um menino que supera seus companheiros nos folguedos e a alegria da mãe antevedendo o futuro do filho, podem comparar-se apenas com a satisfação do médico que acompanhou a infância desse menino, evitando-lhe os perigos comuns nessa época da vida.

Hoje, graças ao seguro diagnóstico do médico e à prescrição de dietas e vitaminas apropriadas, milhões de famílias encontraram a solução para o sério problema da nutrição defeituosa.

Por esse motivo, os cientistas dos laboratórios Squibb sentem-se orgulhosos por terem auxiliado o médico, pondo à sua disposição produtos vitamínicos da mais alta qualidade. Os produtos vitamínicos Squibb são garantidos por mais de 87 anos de ininterruptos de pesquisas farmacêuticas.

E o êxito das fórmulas dos Produtos Vitamínicos Squibb

é devido, em grande parte à íntima cooperação mantida com as mais notáveis autoridades mundiais no campo da nutrição.

Seu médico sabe que a atividade e a estabilidade de cada Produto Vitaminíco Squibb são garantidas por mais de 162 provas exatas de laboratório.

É de máxima importância a consulta a seu médico sobre as vitaminas, porque só ele pode prescrever o tratamento vitamínico adequado para você e sua família.

E.R. SQUIBB & SONS

Químicos farmacêuticos desde 1858

Destacam-se entre os produtos Squibb, os seguintes: Penicilina — Sulfonamidas — Anestésicos — Anti-venéreos — Vitaminas — Hormônios — Dentífricos e preparados medicinais para o lar.



O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

1002

Circo de Coelhinhos

Conto de Marques Rebelo

Ilustração de Rodolfo



Marques Rebelo nasceu no Rio de Janeiro em 1907. Romancista moderno, teve sua consagração com "Marafa", romance premiado no "Grande Prêmio de Romance Machado de Assis", êxito sucedido por "Estréia Sobe", romance, e "Estela me abriu a porta", contos, obras que bem expressam o inegável valor dessa jovem figura da literatura nacional.

Escritor original, rico de substância poética e hábil nos diálogos, que se caracterizam pela emoção, Marques Rebelo deve ser considerado e admirado, sem favor algum, como um dos nossos grandes confiáveis atuais. E para confirmar esta assertão ai está "Circo de Coelhinhos", através de cujo enredo sentimos o autor se comovendo e sofrendo com os seus personagens...

ISABEL, Beatriz dos olhos cár de mel, e Lólo e Silvino, na farândula infantil dos meus amores, dançaram cem Dodô e dois coelhos.

Sim, dois coelhos. Chegaram numa cesta de tampa, em certo domingo morno de novembro, quando na casa de tia Bizuca, onde eu morava e que era no Andaraí, apontavam nos ramos do pomar os primeiros sapotis inchados.

— São de raça, disse "seu" Manuel, chacareiro, valorizando o presente que me trazia. Angorás legítimes — mostrava, suspendendo-os pelas orelhas, que ao meu protesto por tamanha barbaridade foi explicado ser o processo usual e correto de pegar coelhos.

Angorás, ou não, jamais houve coelhos tão queridos, lindos que eu os achava, brancos, peludos, olhos vermelhos, orelhas roseas — dois amores!

Minha vida até aí era um suceder de brinquedos e mais brinquedos, pique, cabra-cega, traquinadas na chácara que subia até o morro, barulhentas correrias nas salas vazias do porão habitável, nem eu podia acreditar que outra fosse a finalidade das crianças. Foram êles, aqueles alvíssimos pompons, que me fizeram ver, além do mundo despreocupado dos folguedos, um outro mundo maior, que o colégio desvendava aos outros meninos — o das obrigações. E que a escola para mim fôra suave. Longas as férias, poucas as aulas no pavilhão aberto dos menores, que assistia quando bem queria. Nas mãos inteligentes de D. Judite, maternal, paciente, os métodos modernos dulcificavam asperezas. E havia, sobretudo, a ordem expressa de titia, que "não puxassem por mim". Foram êles, repita-se, que me trouxeram a noção das primeiras obrigações, mas, longe de me rebelar contra elas, com que amor e alegria a elas me entreguei! "Está na hora de botar água para os coelhos" — e cataclisma nenhuma teria a força de me impedir. Penteava-os, catava-os, levava-os a passear no jardim, roseiras, só roseiras, que nos reinos das flores era a paixão de titia; recusava ao Taninho passeios dominicais no automovel de seu pai, uma Benz, que ficava com êles, móveis fontes dos meus meticulosos cuidados. Um escravo, um escravo, confessou, fiquei das suas necessidades, pequeninos tiranos inocentes.

Não só de tiranos, também de sábios aventurei chamá-los aqui (adivinhe-se lá sob tanta branqueira quantos segredos traziam), tanto assim que não deixaram parar no mundo das obrigações a série de relações que a mim, naturalmente, se propuseram, e trouxeram-me o amor.

Amei-os com a ternura dum namorado. Enfarta-

va-os de carícias. Aos seus sôfregos abraços desabava a chuva de protestos de titia: "Você, um dia, acaba matando êstes bichos de tanto os espremer". Cobria-os de beijos, deixava-me nos cantos solitários da casa, ignorante das horas, em intermináveis conversas com êles, respondendo-lhes coisas como se mas perguntassem. Perdi a realidade, deixei de distinguí-los, fundia-os num único coelho, um coelho maior que todos os coelhos, já vistos, quase do meu tamanho, vivendo como gente, falando e rindo como gente, vestindo-se à marinheira como eu.

Veio com o amor o séquito das suas dores. Que de torturadas horas da minha meninice vocês, adorados bicharocos, foram a causa. Amava-os demais para não sofrer com o meu amor. O ciúme fêz a sua estréia no meu coração, e fero, me consumia. Também não era para menos: tinha um rival, e de que força, anjos do céu — um rival terrível, Silvino, molequinho dois anos mais velho do que eu, que tia Bizuca tomara para criar, com três dias apenas, por morte da mãe, preta que, fielmente lhe servindo, gastara sem usura a mocidade.

Se na casa eu tinha o prestígio do sangue, ele mantinha o do tempo, de que se servia com sucesso, principalmente entre a criadagem. "Isso se deu antes do senhor ter vindo para cá, diziam-me quando se falava de acontecimentos passados. O Silvino é que sabe tudo direitinho. Realmente sabia e, olhando-me de lado, um sorriso zombeteiro que mal se percebia, contava, tim-tim por tim-tim, detalhando, supérfluo, pois não ignorava que assim fazendo me humilhava. Era o antigo, era, não se podia negar — aproveitava-se disso. Defendia-se do intruso, afinal, o intruso que era eu, finório e humaníssimo Silvino.

Terrível rival, astuto como possam sê-lo os mais, rival das oportunidades esquivas como me lembro dêle, agora, os olhos bisbilhoteiros, a cara redonda de mico, a carapinha muito rente, a esperteza dos trejeitos galatos, a dentadura soberba de fortaleza e alvura.

Doeu-lhe o presente do chacareiro. Por que não ganhara também? Que fizera eu para merecê-lo? Ele, sim, teria direito. Ajudava o Manuel na chácara, carregando estrume no carrinho de mão, varrendo a estufa das begonias, levando-lhe a comida, regando-lhe as plantas, auxiliando-o na podação sistemática dos ficus benjamim, tapume verde e compacto que defendia o terreno dos olhos devassadores da vizinhança. Era justo. E fôra eu que recebera o presente, eu, grande patife o Manuel, miserável chaleira, "quando tinha raiva de português não era

atoa". Só porque eu era o sobrinho, só. Ah! não ganhara? Que importa?! Saberia disputar a mim o afeto dos bichos. Saberia e soube. Se, por exemplo, eu lhes dava alface, ele a substituia, logo pela que corria a buscar, pois somente ele conhecia, na horta que não lhe guardava segredos, o canteiro em que vicejavam as fôlhas mais frescas, os grelos mais tenros.

Na luta aberta, tomava o meu partido: eram meus, não eram? Pois então, tome, bacurau beijola, e trazia-os ao colo, dia e noite, não consentindo que ele lhes tocasse com um dedo. "Visse com os olhos!" Afagava-os na sua frente para lhe fazer pirraça: "Meus anjinhos". Que ele sofria, sofria, mas não se dava por achado e sorria-me: "Dia virá", pensava. A paciência foi premiada e o dia veio, negro dia em que tive de ir para o colégio, um colégio diferente, sério, rigoroso, com horários a que não podia fugir, pois, com dizia tia Bizuca, já estava um marmanjão, era preciso entrar feio e forte no estudo para ser gente na vida.

Como padeci, Deus o sabe. Intermináveis aulas de "seu" Silva, que ensinava tudo, menos ginástica, explicando sempre, aborrecidamente numa lição, o que iria tomar na outra. Gramática, geografia, que me importava saber verbos e substantivos, se o mundo era redondo ou quadrado, que me importava, se o meu mundo era os meus coelhos! "Seu" Silva falava alto, eu, porém, não o ouvia; meu pensamento mergulhava-se na dúvida cruel: que estará fazendo o Silvino com os meus coelhos? Devorava com os olhos impacientes o implacável relógio do corredor sonoro, com dez janelas para o recreio, a pista de astúcia onde os bedéis se exercitavam, surgindo inesperadamente na porta das classes, surpreendendo os desprevenidos alunos faltosos. Que estará fazendo? E os ponteiros não andavam. Perdia-me no labirinto das conjecturas: estará carinhando-os, coçando-os, levando-os para pastar no quintal?... Das problemáticas suposições, seu Silva me despertava:

— "De que é que estou tratando, seu Francisco?"

Não sabia. Ganhava castigos.

Em casa, mal chegando, sacola para um lado, um beijo apressado em titia, e corria a vê-los. A brancura dos pêlos não guardava a marca das pretas mãos odiadas. Os olhos vermelhos nada denunciavam. Batia-lhes, ciumento, furioso. Amedrontava-os, queriam fugir, orelhas caídas, eu os abraçava, quase chorando, com loucura.

No serão da sala de jantar, titia tricotando, eu prêço aos deveres passados para fazer em casa, ele, o bandido, que puxava o assunto para me ferir:

— Eu hoje — sabe, seu Francisco? — fui com os seus coelhos até a padaria.

Eu me mordia:

— E'?

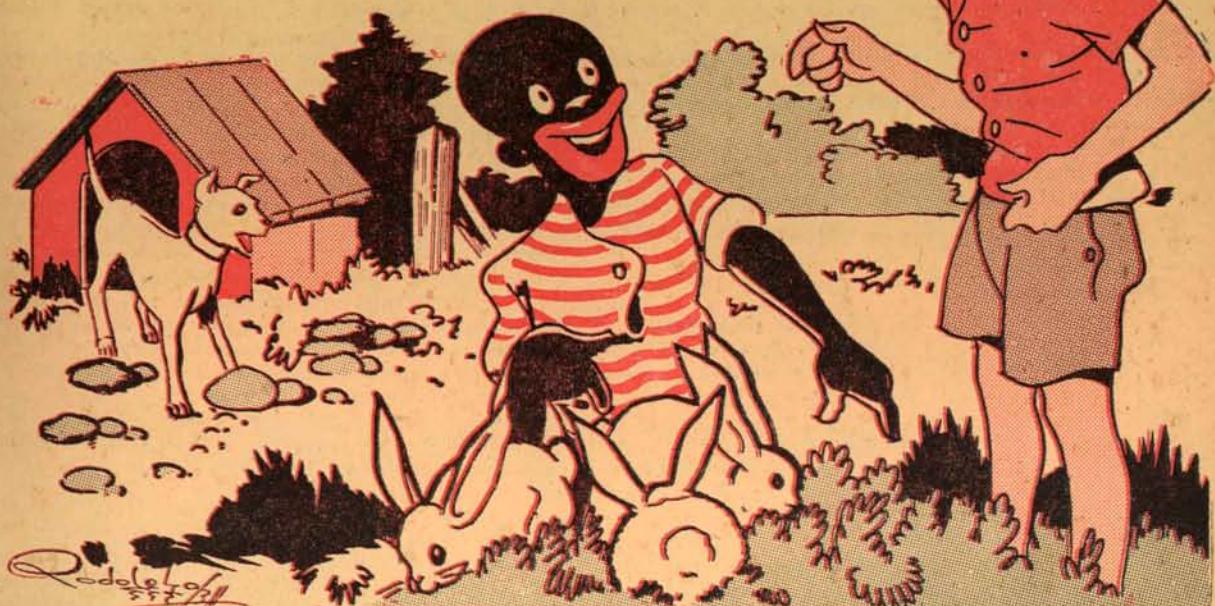
Silvino via que a chaga estava aberta, sangrando, e remexia-a mais, deliciando-se com a minha agonia:

— Tá bom, vou até l'embaixo ver se êles estão direitinho — e saía devagar, empurrando as mãos nos bolsos, um esgar de vingança satisfeita no canto da bôca.

M'eu desespêro chegava ao auge. Um pouco mais e estourava. A caneta na mão nervosa fazia uma letra mil vêzes pior do que verdadeiramente era; pulava palavras na cópia do "Coração", trinta e nove menos quinze davam doze no problema das laranjas.

*

Maio plácido, ameno, maio das sinetas tocando para a bênção, pelo tombar das tardes, na Capela do Asilo, maio trouxe, na casa de titia, além da muda dos canários, algumas tangerinas temporâneas e um infiusto acontecimento: a morte de Silvino.



ELA FÓRA menina educada num colégio de freiras. Nunca, porém, Marina, exibia atitudes artificiais, delicadezas melífluas, ar de superioridade.

Sempre natural como o riso da criança, simples e agradá-

porque o espírito prático da madre superiora achava que valorizando a educação artística e as boas maneiras, as educandas deviam adquirir também um diploma que as habilitasse a ganhar a vida.

Não que Marina pensasse em

vado, eu não podia compreender como é que uma menina, no encanto dos dezesseis anos, não conseguia fazer um desatino, não conseguia mais do que sorrir. Bem verdade, era um sorriso leal, desprencioso, mas sempre sorriso.



vel, caráter firme realçado por uma alma delicada.

Trouxera do colégio, isso sim, o intenso culto à virtude. Esta influência das freiras acompanhou-a vida a fora, como defesa contra as ciladas do mundo, na expressão incisiva do seu velho pai. Trazia a alma embebida de princípios de honra, à maneira do creme gostoso, embebido da essência cheirosa, por todos os poros.

Que poder extraordinário têm certas pessoas, que fôrça convincente! Delas, a virtude irradia. Diante da sua superioridade afirmamos:

— Um caráter!

Assim era Marina.

Lembro-me da sua figurinha de "jeune-fille" antiga, quando acabava de receber o diploma de professora, ganho apenas

utilizar-se dêle. Não. Filha do rei do café...

— Nem pensar em tal — dizia a mãe — cada grão de café da minha fazenda é um grão de ouro.

Revoltava-me ver aquela grande dama, perfumada a "Nuit de Noel", torcer os lábios num tique nervoso, menosprezando as moças que ganham para viver.

Interessante, a mãe de Marina, embora não o fôsse, bem parecia a "nouveaux riches", cheia de brilhantes e ostentação. Era como uma festa a que não faltasse os rojões e a banda de música.

No entanto, a filha tôda suavidade, era como que a música em surdina, dessas "boites" modernas, impregnadas de "Flor de Maçã", perfume sutil.

Chegava quase a irritar-me tal maneira de ser. Gênio estou-

Eu achava que mocidade é loucura, espontaneidade, namoro, alegria. E ela assim, incrivelmente ajuizada, incrivelmente correta!

Certa colega, mais audaciosa não deixava de mimoseá-la com alfinetes.

— Fóra de moda. Tipo errado. (Porventura, os gaviões toleram as pombas? — pensava eu).

Colocar barata morta na cama de uma colega muitíssimo nervosa ou mandar cartinhas amorosas às pequenas do internato... oferecer rouge e baton à timida irmã Alacoque, só para vê-la desapontar ou fazer "empastelamento" na roupa, trocando os números das maiores com os números das menores... tôdas essas brincadeiras ingênuas, mas que, naquele colégio respeitável e so-

Samambaia

Ilustração de Rodolfo

lene, ambiente de palavras ciadas e de portas cerradas de mansinho, nos proporcionavam momentos de alegria infinita, — não conseguiam, no entanto, fazer Marina quebrar a sua linda impecável.

Enfim, cada qual com seu

gância da toalete e na graça da idade, olhando umas às outras, na expectativa de um elogio, que não veio...

Fiquei pensando, pensando nas palavras de alguém... Quando uma mulher elogia é para mostrar que é destituída de inveja e reconhece, realmente, a beleza da outra. Uma mulher vê sempre na outra uma rival. Esse "alguém" deve ser homem, naturalmente.

Entretanto, a Marina do outro mundo veio a mim, naquele anjinho de ingênua sinceridade.

— Como você está bonita, Lurdinha, toda de branco! Parece uma fada. De onde veio o seu vestido?

Outra colega ironizou:

— Essa fada está bonita, sim! A toalete dela veio do país encantado.

E eu, briosamente, não deixando cair a luva:

— Antes safada, que anjinho a caminho do cemitério (O seu vestido era todo enfeitado de "strass", igualzinho a esses galés de roupinhhas de anjo).

E' tal a competição, é tanto a vontade de umas sobressairem-se às outras, que achei natural até certa companheira dizer nos dias de preparativos da festa:

— Não importa que Fulana tire nota maior. Que importa é o meu vestido ser o mais chique do baile. (Coisa louca! — diriam as de hoje, — de abafar!)

E assim, nessa concorrência de *tules, lumières*, lantejoulas e vidrilhos, nesse concurso de elegância, o nosso "baile" foi um deslumbramento em nada inferior às festas dos filmes de Maria Montez. Muita luz, muito riso, muita música...

Ah! O baile de formatura! Parece, levamos todos esses anos de estudo sómente por causa do baile de formatura, digo melhor, por causa do vestido dessa noite. Esperamos esse baile, como no tempo de criança esperávamos a hora do batizado da boneca, ou o dia de sair de anjo na procissão.

Quanto sonho, quanta esperança... e que medo que o vestido não fique lindo, lindo. E se o namorado é de fora, e não dá a cerfeza de vir dançar a *Valsa da Meia Noite*? Meu Deus! Ele virá?

Outra, então, não tendo noivo, enche-se de receios de não dançar bastante. Meu Deus! Se-

rá que vou gostar? (Isto é, não vou fazer crochê?)

Por que será, mesmo nos momentos mais felizes, há de sempre haver um tiquinho de dúvida, sombras de ansiedade, de certo medo subconsciente. Mundo feio este...

Porém, Marina, a pequena do outro mundo, não sentia assim. Tipo ingênuo, confiante. Poderia avançar em anos, mas a alma permanecer infantil.

Depois da troca de "amabilidades" entre as professorandas, ela tomou-me do braço e conversamos um bocadinho.

— Enfim, chegou o dia. Melhor do que este, só o de casamento, hein, Lurdinha?

— Duvido que chegue o meu dia. Eu sou "do contra" em tudo. Com este modo de encarar a vida, talvez nem me case. E você, casa-se logo?

— Ah! Ia me esquecendo, você precisa conhecer o meu noivo. Ficamos noivos hoje. É o rapaz mais elegante que já vi. (E eu que não ficara noiva no dia da formatura... Talvez fosse eu o tipo errado.)

— E' doutor?

— Não. E' fazendeiro também. E' o rapaz mais sério, mais bonito que já vi.

— Tanto assim? Olhe, fico com inveja.

— Não brinque, Lurdinha. E' porque você não o conhece. Sou tão feliz! Parece que a felicidade me torna leve, leve. Parece que deslizo, nem sinto o chão sob os pés.

Era de notar nos seus olhos luminosos, a felicidade que a possuía.

Respeitei este estado emotivo da companheira e deixei de brincar.

— Parabéns, Marina. Tenho a impressão, você vai desdizer o poeta quando afirma "Não existe a Felicidade, há apenas momentos de felicidade".

— Pois vou desafiar o poeta. Eduardo é "gentleman" que fará feliz uma mulher, toda a vida. Tenho borboletas na alma. Pôde caçar da comparação.

Deus o milagre: Marina ria, ria.

Realmente. Ele se aproxima e senti a superioridade daquela homem. Não sei porque, lembrou-me a fisionomia de Santo Inácio de Loiola. Não que lembresse um santo. Oh! não... Aquelas olhos negros transbor-

temperamento, e acompanhemos a vida.

*

Naquela dia da formatura, após a memorável *Sinfonia do Guarani*, o mais que memorável *Hino da Despedida* e os superamáveis cumprimentos, vi Marina e o seu sorriso cristalizado, vaporosa em rodas e rodas de tule azul. Ia-lhe muito bem o azul.

Era de admirar a beleza do vestido, mas nada eu disse. Ora, para que elogios? Se elogiasse, não faltariam colegas peritas em arremessos de dardos, e que maldosamente insinuassem reverências ao vestido e não à gentil possuidora.

Grupo de mulheres... estávamos todas ali, primorosamente vestidas, confiantes na ele-



No próximo número

Alterosa

aparecerá em luxuosa
edição especial de Natal

- * Novo e excelente papel.
- * Magníficos contos nacionais e estrangeiros, especialmente escritos ou traduzidos.
- * Crônicas e artigos de palpitante atualidade, firmados pelos mais consagrados escritores do Estado e do país.
- * Moda, beleza, arte, sociedade, humorismo, etc.

200 PÁGINAS • CR\$5.00

atropelado pelo caminhão do gelo, quando fôra à praça botar uma carta no Correio.

Não morreu logo. Veio berrando lacinantemente nos braços de transeuntes solícitos, o caixeteiro da vinda à frente, abrindo caminho, gesticulando, explicando o acidente.

A noite delirou e o delírio fê-lo autor confessó duma infinidade de malandragens miúdas, tijolos de goiabada furtados da dispensa, carretéis de linha que voavam na cesta de costuras, colherinhas de prata enterradas no terreiro. Mais ainda, fêz aclarar o grande mistério das rosas. E' que, durante meses, diariamente aparecia juncado de pétalas o chão do roseiral, sem que nenhum vento noturno tivesse soprado, destruído. Como o roseiral era fechado por altos muros, a repetição quotidiana do fato preocupava, bastante tia Bizuca, que já aceitava a suposição de D. Marocas Silveira, espírita, que fosse obra de algum espírito gaiato e mistificador. E era ele, Silvino, o vândalo das flores, que possuído de não sei que estranha volúpia, ia, na calada das madrugadas, pois accordava com os galos, ocultamente desfolhá-las, sem que ninguém o apanhasse.

Titia chegou a rir com a inesperada descoberta.

— Ah, gíbi sonso, então era você, hein, seu pândego?... Deixe ficar bom que vai ver só... ameaçou-o.

Ela ignorava a gravidade do acidente. Soube-a, no outro dia, pela manhã, quando o raio X confirmou o diagnóstico do séco doutor Gouvêa, que abanava a cabeça:

— Nada, minha senhora, nada é possível fazer, além do que está feito. Só um milagre — fratura da bacia, interessando seriamente a espinha... — só um milagre — repetia com um nítido acento materialista.

— Mas, doutor...

Ele atalhou, piedoso:

— Vou lhe dar morfina para que sófra menos. Titia, então, dedicou-se-lhe tôda. Incansável, tremosa, dum lado para o outro, vê isto, vê aquilo, o dia inteiro, velou-o quatro noites, sem pregar olho.

Na quinta noite, seriam onze horas, a lâmpada envolta com um papel pardo, porque ele não suportava a luz, Silvino despertou da pesada letargia que lhe provocara a última injeção:

— Madrinha, — sussurrou.

— Que é? Estou aqui — é titia, rápida, saiu da sombra, donde, encolhida num banquinho, ficava, insone, vigiando-o.

— Sei. Me dá a sua mão.

Deu-lha e ele levou-a, dificilmente, aos lábios.

Lágrimas escorreram-lhe dos olhos que foram tão redondos e espertos e se mostravam naquele instante, tão esbugalhados e baços.

— Bênção.

Titia adivinhou qualquer coisa:

— Que tolice, meu filho, dorme.

Filho? Silvino fêz um esforço, procurou a boca que se confessava maternal e repetiu:

— Bênção. Estou cansado de sofrer, madrinha.

Apertou-lhe a mão com mais força, apertou-lhe, largou-a bruscamente. A cabeça tombara para o lado da parede.

— Francisco! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela!

Todos correram.

Titia já se encontrava ajoelhada. Caimos de joelhos, também, rezando. A vela começou a arder, branca, muito branca, trêmula e brilhante, na mão criola do pequenino morto. Titia soluçava alto.

*

Tia Bizuca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mais acabada, no largo vestido preto, nada poupar para o entérro. "Pobre Silvino!" — chorava pelos cantos, entre os braços consolativos das vizinhas. A casa se encheu, que o traquinhas, muito alegre, muito serviçal, era estimado nas redondezas.

Acompanhei-o até ao Inhaúma, no primeiro taxi após o coche, levando no rosto o prazer da novidade, através das ruas que os homens descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tépida, opalina, sorridente, lá o deixei coberto com rosas, com todas as rosas que o roseiral precioso de titia ofereceu naquele dia, rosas brancas irmãs das que ele, por tanto tempo, tão prodigamente despetalara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascanetes, comprimidas — hi, hi, hi, — me senti único no amor dos meus coelhos. Pouco, porém, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrência me tirou, talvez, o apaixonado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer, certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás já não se mostravam possuidores da famosa brancura dos passados dias de rivalidade. Sujos, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pela horta, onde quisessem, livres, se emporelhando na lama, no pó, no depósito de carvão, pegado ao galinheiro.

Deixei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Manuel, quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Francisco está ficando um moço. Não quer saber mais de coelhos — e piscava o olho com sobrancelhas carregadas.

— E', é — respondia confuso e, me esquivando pelo corredor, passei a fugir dêles às léguas. Morreram, um dia, cegos; os olhos como contas visitosas perderam a cor, se cobriram de um véu opaco. Morreram, um dia, cheios de calombos na bariga, que amedrontavam titia! "Será bubônica, Virgem Santíssima?!" Não, era velhice, explicou o Manuel que, ao que parece, tudo sabia a respeito de semelhantes animais. Morreram. Titia, penalizada, esperou que também me entristecesse. Como, porém, não sentisse tristeza alguma procurei esconder-lhe este indício de perigosa insensibilidade:

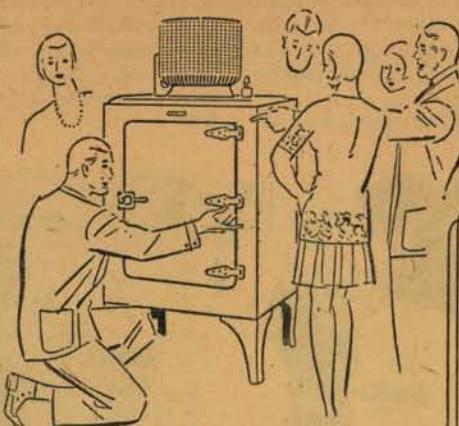
— Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto.

Titia se afastou:

— Tem razão, meu filho. Foi melhor assim.

No íntimo o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha idéia fixa. Jogava de "back", jogava mal, jogava como criança, mas jogava.

Um dia, em 1925...



CHEGOU ao Brasil um aparelho novo: o refrigerador G. E. herméticamente fechado. Não uma simples geladeira elétrica mas, sim, algo que representava o fruto de muitos anos de pesquisas.

O Novo Refrigerador chegou e venceu. Apreciado e popularizado, confirmou a tradição do monograma G-E e ocupou, no seu lar, um lugar difícil de substituir. Trate-o com a consideração que lhe merece um amigo fiel e dedicado e assim ele o servirá por muito mais tempo, mesmo porque — no momento — a General Electric ainda está mobilizada para o esforço de guerra.

Ouçam todas as quartas-feiras, às 16 horas, na Rádio Nacional, PRE-8, na freqüência de 980 kcs., "BAZAR FEMININO" com HELENA B. SANGIRARDI. Oferta da General Electric.

...Encabece sua lista de compras com um refrigerador G-E de após-guerra, no qual serão incorporados os aperfeiçoamentos técnicos que a ciência obteve nestes últimos anos.

REFRIGERADORES

GENERAL  **ELECTRIC**



EM TODAS AS CASAS DO RAMO
DISTRIBUIDORES:
DROGARIAS RAUL CUNHA
RIO — BELO HORIZONTE

dantes e ternura, denunciando intensíssima vida interior, aquela magreza de asceta, porém, elegantíssima, aquelas feições inexpressivas, como que paralizadas em máscara de gesso, tudo, tudo me impressionou. E o seu modo de pegar o cigarro, então? Que mãos finas e aristocráticas! Pensei: é pecado até, um homem assim.

Feitas as apresentações, compreendi o entêvo de Marina. Ela percebera a minha admiração e falou-me baixinho:

— Eu não disse?

Tremera, quando o "asceta" num gesto carinhoso, tocara-lhe o queixo e, em seguida, notando belíssima cruz de brilhantes suspensa a seu colo, tomou-a nas mãos, para melhor admirá-la:

— Que linda, Marina!

— Quem, eu ou a cruz?

— Ambas, sorriu Eduardo, dando-lhe afetuoso tapinha na face.

Inpiração divina de Humberto de Campos, achando as horas dos namorados leves, airosa, ligeiras como o vôo das libélulas...

*

E então, outra vez, acompanhamos a vida. Veio logo a crise de 29 e a consequente baixa do café.

Aquela grande dama, perfumada a "Nuit de Noel" vira seus grãos de ouro convertidos em grãos de aréia. Teria, agora, de contentar-se com água de colônia de bazar do Elias Turco.

A incrível Marina tivera pois de apelar ao diploma de pro-

fessora. Mas não sofreu com isso. Não.

Tal revés em nada viera afetar aquèle estoicismo inconsciente. Esta força tirava-a ela da fragilidade do seu temperamento infantil.

— Nunca me apeguei ao dinheiro, dizia ela. — Eduardo me ama, logo o mundo é meu.

No entanto, com a vinda dos filhos, a luta começou. Ardua, penosa, cotidiana. No turbilhão de afazeres e correrias, empurrada pela necessidade, Marina nem tinha tempo para deter-se e pensar: — "Que vida!"

— Ah! As situações comezinhas e, ao mesmo tempo, como num contrasenso, as situações tão angustiosas da vida de professora! Embora repetidas, não impedem de magoar cada vez, mortificando a alma.

— Men Deus! Vinte para as 8. E a empregada que não chega. Se ela não vier quem ficará com a criancinha para eu ir à escola? E o coador que não quer passar o café...

A criança chorando, chorando, e a mamadeira por fazer...

Afinal chega a cinica empregada (Sua Excelência, a Empregada) pega na menina como se róra uma trouxa de roupa e lá vai a professora a "transmitir a luz do saber" aos filhos alheios. (Faltando 15 para as 8 o ponto é fechado).

No Grupo, esperam-na... os alunos *trescalando* a rosto sem lavar e outras coisas mais... O senhor diretor com os olhos fixos no relógio afim de ver qual a professora que chega atrasada... Certa eletricidade no ar, anunciando a visita do inspetor.

Sublime proletariado intelectual! Bem mais difícil manter a posição nesse degrauzinho no meio da escada. Lá em cima temos o patamar seguro e desargentante. Cá em baixo, o rés do chão, seguro também.

É natural, é humano, que tudo isto, agora, chegara a afetar a irresponsabilidade infantil de Marina, porém, não chegara a atingi-la profundamente, tornando-a descrente da felicidade.

O essencial era a confiança em Eduardo. Esse amor e essa fé constituiam a lareira sagrada de sua casa, aquecendo-a gostosamente. O bebêzinho necessita do aconchego da mamãe, pois não? Marina necessita de Eduardo.

E a impressionante superioridade de Eduardo? Ponto de interrogação.

Ele continuava, sim, um homem superior. Todo emprêgo

que aparecesse não estava à sua altura. Ele continuava, sim, um inadaptado, não se conformando com a queda, com a perda da sua fazenda, ora hipotecada a italianos...

Eduardo era ainda o elegante "asceta", orgulhoso de sua alta linhagem, pois, se vai o ouro, o nome fica.

Incrível Marina! A sua ingenuidade e a sua boa fé tornavam-na feliz:

— Eduardo quase não trabalha, mas é lógico, merece um emprêgo condigno. E depois? Para que emprêgo? Espera rehaver à fazenda, logo, loguinho.

E com isto, iam esperando, esperando...

Sem ter consciência, Marina era o suporte do lar. O fiozinho da lâmpada é tênue, é fio de aranha, no entanto, é luz, é força.

*

No ano passado fui assistir a mais uma festa de formatura, numa escola oficial. Lá encontrei a antiga colega, magnifica senhora apesar de tudo, ostentando os bem vividos 35 anos, a idade *machadeana*. Lá estava também sua filha, outra *jeune fille*, outro vestido de formatura, a história se repetindo.

Fôra afetuoso, fôra cordial o encontro das antigas amigas de colégio. Sabendo de sua vida, e lembrando-me da palestra no dia da nossa festa, perguntei:

— Como é, Marina, existe a felicidade? Ou são apenas momentos de felicidade?

— Existe, sim, a felicidade.

Era evidente que tal afirmação não fôra feita para encobrir um sofrimento íntimo.

Nisto, acerca-se aquela colega do vestido de "anjo a caminho do cemitério", jovem ainda quase bonita.

Fôra mais afetuoso, fôra mais cordial o encontro das três amigas. Das três, era eu a mais desbotada. Seria por ter ficado solteirona?

Como da outra vez, o "asceta" de mãos finas junta-se ao grupo, e impressionou-me ainda, como sempre me impressionará. Oh! Quantas e quantas noites a lembrança d'este homem inquietaria meus sentidos de moça virtuosa, que não quer pecar... Tentar conquistá-lo? Ora, tinha a certeza, Eduardo nunca praticaria um ato deselegante. Não se via então? E depois, amava tanto a sua Marina...

Bem, conversava o grupo amigo, estuante de alegria, fa-
(Conclui na pág. 21)

ESPIÁ

CONTINUAÇÃO

— Não é "J'aime" — atalhou ele — E' "M'aimes-tu?", de Caron. Ai está! Nada de mistério. É o meu perfume habitual.

E logo passando à nova ordem de idéias:

— Falemos de coisas menos frívolas. Dize-me... E o nosso casamento? Afinal, que ficou resolvido?

Para dissimular os seus propósitos, Marta observou que a maior prejudicada, no caso, seria ela. Se houvesse obstáculos, é claro que estaria disposta a contorná-los. Mas essa providência não seria preciso. Depois que se realizasse a sua viagem ao Uruguai, trataria de resolver o problema. Mas dois meses — e tudo estaria concluído, a contento de ambos.

Paulo pareceu conformar-se com as razões e as reticências de Marta. Porque, logo em seguida, procurou conduzir a palestra sobre assuntos gerais.

Marta, por sua vez, querendo fazer-lhe surpresa abriu a bolsa para mostrar-lhe uma fotografia sua. Fôra tirada numa praia de Santos, explicou.

Nela, a jovem noiva, nereida tentadora, aparecia, sensual e radiosa, as pernas brancas — bem feitas — emergindo de um "short" elegantíssimo; sentada sobre a ponta de um rochedo; os cabelos ao vento, os olhos semi-cerrados, feridos pela claridade solar e, nos lábios, o mesmo sorriso fingido de sempre, como um desafio petulante aos Casanova...

Entre despeitado e indiferente, Dr. Paulo contemplava o postal, quando notou um detalhe: — sorrateiramente, Marta pusera o pé em cima de um papel, que lhe cairia da bolsa.

O fato causou-lhe estranheza. Que era aquilo? Por que aquela atitude? E que mistério havia no caso? Certamente, ela, a sua noiva, estava agindo de má fé. Escondia algum segredo. E, enquanto conjecturava, dêsse modo, uma curiosidade infernal inflamava-lhe o cérebro.

Súbito, atirou a foto para um lado, e pediu explicações a Marta, sobre a sua conduta.

— Que significa isso?

Ela simulou indiferença:

— Nada, querido! Nada!

— Nada? Não é possível! Isso não é uma explicação aceitável!

De repente, ela se fez livida e, logo depois, tornou-se rubra e perturbada. Seus olhos, ao mesmo tempo, exprimiam desespero e pavor.

— Vamos! Dá-me esse papel! E' algum bilhete de amor?

Agora, ela sorria, nervosa, decepcionada consigo mesma. Súbitamente, fôra apanhada em flagrante.

— Oh! deixemos de tolices! — exclamou.

— Retira o pé dêsse papel! — ordenou ele, colérico.

— Oh! Paulo! Não sejas imprudente! Isso é uma simples brincadeira. Não tem nenhuma importância. Trata-se de uma carta de meu pai para minha mãe, quando ela se encontrava na Áustria. Segredos de família... Entendes?

Como resposta, Dr. Néri lhe deu um safaiano — e apanhou o papel, que ela mantinha debaixo do pé.

Marta avançou para o noivo, procurando

(Conclui na pág. 112)



Para as donas de casa

A melhor maneira de limpar cristais e objetos de copa é com água e sabão, esfregando cada peça com pedaços de jornais velhos. Isso os deixa bem limpos e com belo brilho.



As flores que se cortam no jardim nas horas em que o sol é mais violento emurchemecem logo depois, sem contar ainda que as plantas também podem ficar prejudicadas. Para evitar tais inconvenientes, deve-se fazer a colheita das flores para os adornos caseiros pela manhã cedo ou ao cair da tarde.



Os chapéus de feltro de uso corrente serão melhor conservados tendo-se o cuidado de submetê-los uma vez por outra a uma limpeza simples e de fácil execução. Para tanto, depois de bem escová-los, afim de livrá-los do pó, passa-se-lhes, em tóda sua extensão, uma pequena escova umedecida em água borriegada morna, tendo-se, porém, o cuidado de que a operação se efetue uniformemente. Depois se deixará que seque, nunca, porém, ao sol ou próximo ao fogo.



O vinagre tem a propriedade de tornar brandas as fibras vegetais, o que permite se comer crudas algumas verduras, transmitindo também certo aroma apetitoso a alguns pratos que de outro modo se tornariam simplesmente insípidos. Empregado com excesso, o vinagre irrita as vias digestivas.



As luvas de camurça branca requerem muito cuidado, porque facilmente ficam sujas ou manchadas. A gasolina dá excelente resultado na limpeza das mesmas. Depois da limpeza, as luvas devem ser colocadas em lugar bem arejado, deixando-lhes, quando secarem, algumas gotas de perfume afim de que de todo desapareça o desagradável cheiro da gasolina.



As cintas de seda que se engorduram podem ser limpas facilmente. Bastará untá-las bem com magnésia diluída em água, deixando, a seguir, que sequem ao calor. A magnésia absorve tóda a gordura. Uma limpeza, depois, com a escova, passada com força, completará o trabalho.

A Lenda das Sete Cores

Malba Tahan

Ilustração de Rodolfo

CONTA-SE QUE outrora, em tempos já esquecidos no passado da Terra e na vida dos homens, as imensas montanhas, os mares infinitos, os desertos abrasadores e todas as coisas que existiam no mundo eram brancas, inteiramente brancas. Tudo era branco; branco como a neve pura. Brancas as matas; brancos os rios maranhantes e brancas as flores perfumadas. Uma branquidão sem fim cobria, como um lençol monótono, a superfície do mundo.

*Como se, então, de névoas um
deserto
Se abrisse, assim, sem luz, nem
esperança (3)*

Ora, nesse tempo as cores — pela vontade de Allah — só apareciam no arco-iris.

*Do Sol, aos raios, multicolor se
encurva
Rútilo arco-iris, luminoso e grande!... (4)*

E quando o grande semi-círculo luminoso aureolava o céu, em contraste com a branura imaculada do firmamento, mostrava aos homens o esplendor de sua beleza incomparável. E — coisa singular! — o arco-iris tinha uma sombra. Essa sombra do arco-iris — sombra sem par entre as sombras era colorida e formada por todas as cores visíveis e invisíveis. Nela apareciam o roxo, o alaranjado, o amarelo, o verde, o azul, o anil, e o violeta. "Era como um abraço de luz lançado sobre a Terra!" (5)

Um "djin" bondoso, chamado Sete-Luzes — servo de Allah — apiedou-se dos homens e pediu ao Onipotente que lhe desse a sombra do arco-iris.

— Com a sombra do arco-iris — implorou Sete Luzes — deslumbrarei os homens. Desfarirei as cores pelo mundo desbotado, semeando beleza e alegria na Terra.

Respondeu Allah (Com ele a prece dos justos):

— Faze, pois, ó "djin!", com a sombra do arco-iris o que quiseres. Ela é tua!

*Canta e exulta!
Propaga o teu ideal risonho!
Teu sonho é uma ilusão
Que importa se é teu sonho! (6)*

Graças ao poder milagroso que obteve de Allah (exaltado seja o Criador!) tomou Sete-Luzes nas mãos trêmulas de alegria, a sombra prodigiosa do arco-iris e dela tirando as cores começou a colorir a branura sem fim do mundo inteiro. "Um reflexo celestial suavizava todas as imagens". (7) "e abria o coração da Terra em sensações estranhas". (8)

O admirável "djin" atirou um pouco de azul para o firmamento (não pode haver no céu brilho mais lindo) (9) e transformou-o num véu de puríssima safira; cobriu de verde as matas densas das florestas virgens; com o azul tingiu as montanhas longinhas e com o glauco pintou as ondas do mar tempestuoso.

E o dedicado "djin"

*Qual pintor febril sonhando a
[sua tela
Põe-lhe côn, dá-lhe vida, enche-a
[de claridade... (10)*

As flores receberam de Sete-Luzes as cores mais deslumbrantes; uma teve o róseo; outras, o amarelo; outras, o delicado tom violáceo. "E a rosa, desde então... foi rosa enfim". (11)

Pensou o "djin" bondoso:

*Oh, neste instante
todos os seres inocentes da
Terra
devem estar banhados
de uma grande onda
de docura... (12)*

*Todas as crianças do mundo
devem estar sorrindo... (12)*

*



Por toda a parte o gênio — servo de Allah — "tomado de um desejo violento de ser luz" (13) lançava os matizes rutilantes que davam vida e beleza às coisas! Sim! Vida e Beleza, "porque a Beleza aspira à eternidade!" (14)

E todos os prodígios de beleza, com seus infinitos matizes, eram feitos apenas com as sete cores...

*Sete cores — sete cores irradias,
sete notas da música do olhar,
sete sons encantadores
que se compõem entre si,
formando outras tantas cores,
do cinzento que cismâ ao jade
que sorri. (15)*

Uma jovem caucasiana pediu a Sete-Luzes que lhe desse um pouco de vermelho para os lábios, o dourado para os cabelos, o azul para os olhos e o róseo para as faces; as mulheres do Iemen preferiram ter os olhos verdes e os cabelos negros; outras desejaram nos olhos o negror da noite e nos cabelos o castanho do arrebol. A todos Sete-Luzes, sempre bondoso e paciente, ia atendendo — pois era esse o desejo de Allah!

*Tudo é Deus, tudo é Deus! — o
mais são nomes. (16)*

Na feliz tarefa de semear as cores pelo mundo Sete-Luzes deixava cair das mãos, sobre as pedras dos caminhos, reflexos coloridos. Surgiram, assim, as pedras preciosas; os rubis, as esmeraldas, as safiras...

Muita razão tinha o sábio para afirmar:

*A grandeza de Deus dá vida a
tudo
e tudo serve a Deus por modos
vários. (17)*

Reparai bem ó Rei!

*Tudo é esplendor, é glória, é
sentimento,
na natureza cheia de cantigas,
e em golpes o corcel furioso do
vento
sacode a cabeleira fulva das
espigas... (18)*

*Tudo canta, sorri, palpita e fala
E a alma, aberta em flor, à luz
dos sonhos
Todo perfume da existência
exala! (19)*



Muitos pássaros, atraídos pelas côres puseram-se a voar em torno do poderoso "djin" como a pedir-lhe que os embelezasse também.

Percebendo-o, o semeador de côres pôs-se a pintar-lhe as plumagens; um ficou com a cauda amarela; outro, com as asas azuis. E quando voejavam eram como manchas coloridas a cruzar os céus. O pavão abriu o

leque de sua cauda e apanhou nas penas tôdas as restas lúminosas que Sete-Luzes irradiava. E levou, assim, para a vaidade de sua vida, as suas penas multicôres, nas quais um mito pagão quis ver os cem olhos de um personagem fabuloso chamado Argos, que só poderia existir na imaginação dos infieis!

Um bando de borboletas pôs-se a voar em torno de Sete-Lu-

zes. Este pigmentou-lhes com esplêndidos coloridos as asas, nelas desenhando figuras admiráveis...

E tudo o "djin" fazia com engenho e arte afim de que os homens pudessem admirar a beleza. Por mim confesso...

*Amo os quadros azuis dos dias
[de verão
na moldura do sol...*

Amo o azul do céu e do abraço
[trêmulo]
do velho mar arfante...
Amo a festa chinesa das estréias,
lanternas cor-de-prata desenhadas
[das
má porcelana azul das noites quentes... (20)

Infelizmente, porém, muitas coisas não tiveram a fortuna de receber os dons de Sete-Luzes. Assim a neve que coroa as altas montanhas continuou branca, e branca permaneceu, também, a areia do interminável deserto.

Finda a sua tarefa notou Sete-Luzes que ainda sobravam muitas cōres. Que fêz, então, o "djin"?

Atirou-as todas ao Sol, dizendo:

Bem podes tu, ó astro generoso!, devolvê-las aos homens — de modo que sirvam para encantamento da vida e inspiração dos poetas.

*Um poema de cōres
escrito no céu
e a história da vida
nos raios do Sol. (21)*

E o sol magnânimo e fecundo, a todo momento, envia para a Terra todo o seu ser em ondas luminosas.

Ao nascer, enche de vermelho o poente; espalha pelo céu os mais ricos matizes. "O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre". (22)

*O Sol, de manhã, sorrindo,
abre seus raios augustos,
dos mesmos beijos cobrindo
os homens bons e os injustos. (26)*

TOME
ESTOMAFITINO
E COMA O QUE QUISER

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte

E por isso, ó Rei Magnânimo!, que o arco-íris não tem mais sombra, pois o maravilhoso reflexo que o acompanhava foi em mil cambiantes derramado pelo mundo.

E reparai bem:

O arco-íris já se pôs debrucado [no morro como um fantasma, sete cōres [na cabeça, contando histórias pela boca do trovão... (24)

E o Sol, eternamente fiel ao gênio das Sete-Luzes, "sempre a acender da vida a chama violenta", (25) continua a semear as suas cōres rutilantes pelo mundo para que, deslumbrados pela beleza, sem par, do Universo, possam os homens erguer louvores a Allah, Onipotente, o Criador dos mundos visíveis e invisíveis.

NOTA — Na lenda que transcrevemos (que constitui um dos capítulos do livro "A sombra do arco-íris", de Malba Tahan) foram citados os seguintes poetas:

(3) Saturnino de Meireles. (4) Emílio de Meneses. (5) Podovalho Naves. (6) Afonso Lopes de Almeida. (7) Álvaro Alencastro. (8) Dunshee de Abranches. (9) Flausino Rodrigues Vale. (10) Lindolfo Xavier. (11) Generino dos Santos. (12) Tasso da Silveira. (13) Mansueto Bernardi. (14) Da Costa e Silva. (15) Gílio Machado. (16) Junqueira Freire. (17) Gonçalves de Magalhães. (18) Pereira Reis Junior. (19) Álvaro Martins. (20) Maria Isabel. (21) Hamilton Elia. (22) Olavo Bilac. (23) Múcio. (24) Cassiano Ricardo. (25) Pethion Vilar.

FLOR DE SAMAMBAIA

CONCLUSÃO

lando quase todos ao mesmo tempo, quando Marina reparou na cruz de brilhantes do "anjo do cemitério".

— Bela cruz! Eu tinha uma igualzinha a essa mas perdi. Senti tanto, tanto...

— Foi presente de meu marido. Que pena ter perdido a sua! Onde perdeu?

O PREMIO Nobel foi instaurado por Alfredo

Nobel, o inventor da dinamite, químico sueco, cuja vida foi inteiramente dedicada ao estudo dos explosivos. Nobel demonstrou as qualidades explosivas da nitroglicerina — descoberta em 1847 pelo químico italiano Sobrero — e aperfeiçoou-a, misturando-a com sílica amorfa. Após inúmeras experiências, muitas das quais tiveram consequências desastrosas, destruindo-lhe certa vez o laboratório, Nobel chegou à descoberta da dinamite, em 1866. Ainda assim, apesar do renome que o cercava, continuou suas pesquisas, descobrindo a polvora sem fumaca, etc. Em 1869, instalou um laboratório em Saint-Severin, perto de Paris, e em 1891, transferiu-se para San Remo, na Itália. Criou a Fundação Nobel, que distribui anualmente os cinco prêmios Nobel, — três, destinados a cientistas de qualquer nacionalidade, que tenham introduzido aperfeiçoamentos importantes em qualquer ramo de ciência; o quarto destina-se a premiar a obra

○ Prêmio Nobel

literária mais idealista do ano e o último é concedido a quem se houver esforçado pela paz e pela fraternidade dos povos. Os prêmios Nobel vêm sendo distribuídos desde 1901 e são entregues em Estocolmo, a 10 de dezembro, data do aniversário da morte do cientista sueco. Nestes últimos anos, em virtude da guerra a concessão de prêmios foi suspensa. Até 1939 era notável a lista dos detentores do prêmio Nobel. Entre eles figuraram, em química e física, e medicina: o casal Curie, Marconi, Einstein, Perrin, Svedberg, Richard Kuhn, Jules Bordet, Domagk, Carrel e Spemann. Em literatura: Sully-Prudhomme, Carducci, Kipling, Tagore, Rolland, Shaw, Grazia Deledda, Thomas Mann, Sinclair Lewis, Pirandello, Pearl Buck e Selma Lagerlöf. Pelos esforços em prol da Paz, foram premiados, entre outros: o Bureau Internacional de Paz, a Cruz Vermelha International de Genebra, Chamberlain, Brian, o Escritor de Nansen para Refugiados, em Genebra, T. Roosevelt e Chelwood.

* * *

Uma de Mathews Henry

MATHEWS HENRY, o famoso mestre, foi, certa vez, abordado por um grupo de larápios, que lhe tomou a bolsa. Sem qualquer lamento sobre a sua sorte, ele tratou de escrever uma página no seu diário, agradecendo a Deus pelo acontecido:

— Estou muito contente: primeiro, porque eu jamais fôra roubado; segundo, porque apesar de me terem levado a bolsa, deixaram-me a vida; terceiro, porque, muito embora me tenham tirado tudo, não foi nenhuma coisa; e quarto, porque foram êles que roubaram e não eu".

— Em casa mesmo. Procuramos, procuramos e não houve meios de achá-la. Eduardo chegou até a duvidar de uma criadinha.

Talvez os outros não tivessem notado, mas a mim pareceu-me ter vislumbrado instantes de pálidez na colega. Marina, estavam por nada, por nada suspeitaria coisa alguma. Não desceria da salvadora, da providencial bôa-fé.

Desfeito o grupo, naturalmente, acerquei-me do "anjo a caminho do cemitério" e murmurrei, num tom confidencial, como aplaudindo, manifestando certa conivência:

— Já sei quem lhe fêz presente da cruz do brilhantes! Nada de segredos comigo, entendeu?

— Se você sabe, fique quietinha, sim? Eduardo não haveria de gostar que saibam por ai. Confiamos em você.

*

Ah! Meu Santo Inácio de Loiola...

* * *



Inicialmente, há que advertir que os japoneses "perderam a cara". Tal fato se passou em setembro, mas tem interesse em qualquer mês, setembro como novembro. Nós brasileiros possuímos expressões tão pitorescas como essa. Mas temos de reconhecer que os nipônicos classificaram como ninguém o ato do Imperador Hirohito durvando-se diante do general Mac Arthur. Perder a cara, na linguagem lá deles, quer dizer deshonrar-se. Ora, acode-nos logo a vontade de perguntar, atentando no caso de Hirohito, se um cidadão pode perder a cara mais de uma vez...

De Sua Graciosa Majestade passamos à Fortaleza, capital do Ceará. Os jornais noticiaram o que sucedeu ali no dia 23 de setembro. E' que José Armando de Sousa fez uma promessa extravagante: comprometeu-se a realizar todo ano, naquela data, um banquete especialmente oferecido aos cães. Chegado o dia, o sr. José Armando de Sousa, como um exótico anfitrião, reune os convivas. Manda até procurá-los pela cidade, e os transporta em cômodos automóveis. Depois, propicia-lhes um cardápio organizado com esmero e com os necessários conhecimentos da culinária da espécie.

*

De setembro a novembro, passaremos imediatamente a um comentário triste. Porque força é não esquecer que novembro é o mês dos mortos. O Dia de Finados é decreto o mais sombrio do calendário. Aquela em que nos debruçamos sobre a nossa própria realidade, para chorar, com nossos mortos, nosso desamparo.

*

Aproximam-se as eleições, o Brasil se movimenta. Não há mês que não seja próprio para meditar sobre o Brasil. Como sobre a paz do mundo. Neste novembro, o desejo ardente de cada homem em qualquer país, é ver a paz e a concórdia unindo os povos. Se os brasileiros pensam na felicidade de seu povo, justo é que pensemos, todos nós, brasileiros ou não, homens de todas as raças, na felicidade da família universal. E' claro que a paz do mundo só poderá decorrer de um destino seguro para cada nação. E, de coração, os homens justos estarão pedindo hoje, após uma das mais vastas comoções internacionais, o reinado daquela paz anunciada por Cristo. "Eu vos dou a paz, eu vos deixo a minha paz". Se os homens tivessem vivido essas palavras, de há muito a fraternidade teria adquirido o seu verdadeiro sentido.

GUI D'ALIM FILHO.

Sêde

Conto de John Russel

Trad. de F. Armond • Ilust. de A. Lima

 PEQUENA balsa finalmente desembocara na amplidão do oceano, depois de ter deslizado entre um labirinto de ilhotas e de bancos de areia. Era uma prancha, equilibrada sobre três fileiras de bexigas cheias de ar e protegida por uma tóscas e sólida amurada de madeira. Em pleno mar era quase imperceptível; não poderia ser vista ao longe se seus tripulantes, em caso de perigo, arriassem a pequena vela e se deitassem sobre a prancha.

Eram brancos três de seus tripulantes. Através dos trajes esfarrapados viam-se-lhes os corpos cheios de contusões. Seus pulsos e tornozelos mostravam a marca indelével dos grilhões.

O quarto tripulante era o homem que tinha construído a jangada e que a guiava agora. Nada havia nêle de extraordinário: pômulos salientes, queixo quadrado, testa estreita. A natureza o marcara com um estigma de inferioridade. Era um tipo comum das tribus da Nova Caledônia.

* * *

Os três homens brancos estavam sentados a um canto da embarcação, no mais absoluto silêncio. Ao amanhecer, mexeram-se e fitaram-se com uma centelha de esperança nos olhos cansados.

— Amigos — disse de súbito o mais idoso dos três — nossa evasão é uma realidade.

E o Dr. Dubosc sorriu. Quem o tivesse conhecido noutras circunstâncias, imediatamente o identificaria por aquêle sorriso, não obstante seu aspecto atual.

— Festejemos a ocorrência — prosseguiu. Em cada seis meses se verificam setenta e cinco evasões do presídio e somente uma é coroada de êxito. Não acham que essa circunstância deve ser comemorada?

Um dos três homens o fitou com certa admiração.

Fenairon fôra condenado à prisão perpétua como incorrigível. Em seu rosto estavam estampadas todas as emoções; um rosto familiar à polícia e que poderia ser comparado ao de um anjo se nêle não houvesse alguma coisa, vagamente diabólica.

— Nosso esculápio é um homem estupendo! — exclamou, dirigindo-se ao outro companheiro. Pensa em tudo. Tuas cantilenes deveriam causar-te vergonha. Não vês que estamos livres? Livres!

O terceiro tripulante, conhecido no presídio pela alcunha de Perroquet, era um homem maciço e de rosto corroido por bexigas. Fôra salteador de estradas, e, certamente, a administração da penitenciária teria mais interesse na sua captura que na de Dubosc, socialmente mais perigoso, ou na de Fenairon, infinitamente mais depravado.

Perroquet não respondeu uma só palavra naquele instante, mas, após breve pausa, resmungou:

— Não devês falar em liberdade enquanto não písares um pedaço de terra firme. Se, por exemplo, fôssemos surpreendidos por uma tempestade?

— Não estamos na época das chuvas — aparteou Dubosc.

Contudo, as palavras de Perroquet o deixaram um tanto abalado. Eram homens fugidos de um mundo odioso e a caminho de outro ansiosamente anelado. E encontravam-se em pleno oceano, cu-

jos perigos, para êles desconhecidos, eram infinitamente superiores a todos quantos haviam enfrentado.

— Onde está o maldito barco que devia recolher-nos? — perguntou Fenairon.

— Brevemente o encontraremos — respondeu Dubosc, afetando despreocupações, mas perscrutando ansiosamente o horizonte. Hoje é o dia combinado. Está à nossa espera na foz do rio.

— Conversa fiada! — protestou Perroquet, surdamente. Onde está o rio? Se continuarmos assim, este vento nos levará à China...

— E' mister que nos conservemos distanciados da costa. Somos procurados ali, e precisamos evitar a pontaria dos caçadores indígenas...

* * *

Na popa da balsa, o indígena continuava ao leme, com o corpo de ébano reluzindo ao sol. Imóvel como uma estátua, mantinha os olhos fitos no horizonte, não parecendo notar que os três homens o estavam observando.

— Creio — disse Fenairon — que aquêle sujeito tem a possibilidade de nos levar para onde lhe der na veneta. Afinal de contas, êle poderia ganhar o prêmio oferecido por nossas cabeças...

— Podes ficar tranquilo a êsse respeito — afirmou Dubosc. Está sob minhas ordens. E' um homem primitivo, uma verdadeira criança, quanto à inteligência.

— Não acreditas que êle seja capaz de nos traír?

— Não. Cheguei a um acôrdo com o chefe de sua tribo e sua missão é levar-nos até o barco que nos espera. Os indígenas cumprem a sua palavra.

* * *

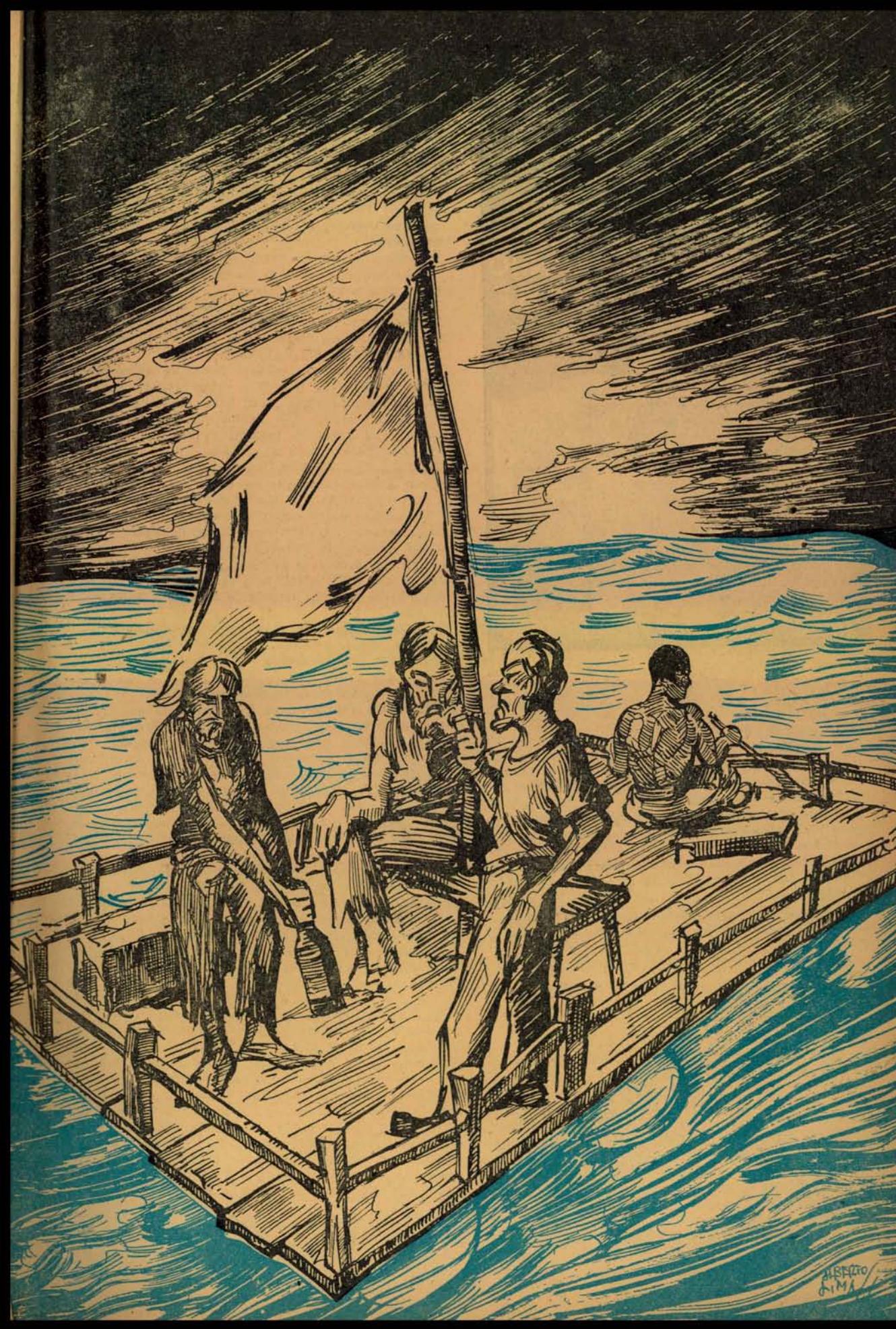
Sob a ação do calor torrido, os dois forçados mais jovens adormeceram. Dubosc permaneceu alerta. Segundo seus cálculos, já deviam ter encontrado o barco. E nada, ainda. Não poderiam ficar em alto mar, naquela jangada.

O Dr. Dubosc previa complicações, e não estava preparado para enfrentá-las. A evasão, desde os seus preliminares, fôra concebida por êle. Escollhera deliberadamente Perroquet e Fenairon para companheiros de fuga, pela descomunal força muscular do primeiro e pela admiração que lhe parecia professar o segundo. Assim que fugiram da mina e se embrenharam nos bosques, acossados pelos guardas e pelos cães, Dubosc declarou que o chefe era êle. E os outros concordaram. Fôra êle quem arquitetara o plano de evasão; êle o médico notável cujo processo por assassinio comovera todo o mundo! Os dois forçados mais jovens aceitaram de bom-grado a chefia daquele homem e lhe seriam fiéis enquanto a jornada fôsse coroada de êxito. Mas a submissão trazia certa reserva, resultante do ciúme ou da inveja — sentimentos que nunca faltam na feroz democracia da depravação e do crime.

Dubosc resolveu tomar certas precauções. O primeiro a despertar, ao cair da tarde, foi Fenairon.

— Oh! Oh! — exclamou logo. Temos içada uma bandeira! Para quê, doutor?

A vela fôra arruada e, no seu lugar, tremulava uma ampla colcha.



ALBERTO
GIMA

Talco Malva

IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ
FINÍSSIMO E
PERFUMADO



FÓRMULA DO
DR. ARISTON ALVES
DA FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE BHUAS, SERVADA

PERFUMARIA MARCOLLA
BHUS HORIZONTE

— Para que a tripulação do barco nos possa avistar.

— Magnífica idéia! Nossa doutor sempre pensa em tudo...

Não terminou a frase: sua mão, estendida na direção do centro da balsa, procurava algo. Numa espécie de nicho entre as madeiras haviam guardado a garrafa que continha a água. Agora, o vasilhame não estava ali.

— Onde está a garrafa? — perguntou Fenairon. Tenho uma sede terrível. O sol cozinhou-me.

— Creio que terás que aguentá-la um pouco mais — respondeu Dubosc. A partir dêste momento, a tripulação fica sujeita a rações.

Fenairon fitou-o com ar aparvalhado e, detrás dele, apareceu a cara estulta de Perroquet.

— Poderias repetir o que acabas de dizer? Onde está a água?

— Está sob o meu controle — respondeu Dubosc.

Comprovaram, efetivamente, que ele tinha a garrafa sobre os joelhos, junto ao pacote das provisões.

— Quero beber! — rugiu Perroquet.

Reflitamos um momento. Precisamos conservar cuidadosamente e consumir com parcimônia a pouca água que nos resta. Não é possível prever quanto tempo teremos que permanecer no mar!

Houve uma pausa, durante a qual os olhares, voltando-se para trás, contemplaram os montes da Nova Caledônia, que desapareciam no horizonte, e para o mar amplo, onde não se avistava vela alguma. O primeiro a falar foi Perroquet.

— Ah, agora me vens com cantilenes! — exclamou, com voz rouca de cólera. Não sabes até quando, hein? Mas te dizias confiante quando partimos.

— E não perdi a confiança — replicou Dubosc.

O barco virá. Tudo quanto temos a fazer é esperar que ele apareça.

— E, enquanto isso não acontece, ficaremos com a língua de fora assando-nos ao sol, ao passo que tu bebes a água gole a gole, hein?

— E' possível...

— Mais isso não se dará! — rugiu o salteador, crispando os punhos. Ainda está para nascer o homem que...

Dubosc encolheu desdenhosamente os ombros, enquanto Fenairon ria.

— Isso mesmo: ri... Também precisas levar uma ensinadela!...

Fenairon achou prudente não retrucar.

O médico enfrentou a incipiente insubordinação com o seu habitual sorriso.

— Se não quisermos abreviar o fim de nossos dias — disse — precisamos rationar prudentemente o consumo da água.

— Quem é o culpado disso?

— Eu — admitiu Dubosc. Mas que outro recurso nos resta? Não podemos voltar atrás. Aqui estamos e aqui devemos ficar, arranjando-nos do melhor meio possível com aquilo que temos.

— Quero água! — insistiu Perroquet.

Dubosc desarrolhou a garrafa.

— Está bem — disse lentamente.

Com aquela característica suavidade que lhe dava certo prestígio a todos os gestos, tirou, do alforje um cálice pouco maior que um dedal. Encheu-o cautelosamente, e Fenairon não pôde sopitar o riso ao ver a cara de Perroquet quando recebeu entre as mãos enormes o microscópico vasilhame. Dubosc serviu a Fenairon e a si mesmo uma dose idêntica do precioso líquido, e tornou a arrolhar a garrafa.

— Dará para três dias, se a repartirmos entre nós três dessa maneira.

Ninguém lhe contestou o recenseamento. Era natural que o quarto homem de bordo, o negro que ia ao leme, não fosse incluído nêle.

Perroquet calara-se; mas percebia-se que ruminava pensamentos pouco tranquilizadores. E Fenairon também não parecia muito satisfeito. Dubosc desviou a conversa para outros assuntos, depois de reafirmar aos comparsas o êxito da evasão. Sua experiência do mundo e sua fulgurante eloquência, não deixavam de exercer certa fascinação sobre as mentalidades, mais rudimentares, dos seus companheiros. Pouco a pouco recuperou o domínio sobre eles, e, à tarde, quando o vento começou a amainar, a esperança de salvação retornou a todos os espíritos. Comeram algumas bolas-chás, beberam outro cálice de água e, amistosamente, combinaram o revezamento dos plantões. E, durante toda a noite, cada um dêles, enquanto velava junto aos companheiros adormecidos, podia contemplar vagamente o vulto do negro que cochilava à parte.

* * *

Quando despertaram, de madrugada, continuava deserta a incomensurável superfície da água. Nenhuma terra à vista. Nenhuma nave. A crua realidade pouco a pouco se lhes impôs aos espíritos. Comeram silenciosamente a ração e deitaram-se sobre as pranchas úmidas. O sol ardente aumentava-lhes os padecimentos. A conselho de Dubosc, procuraram refrescar-se, mergulhando na água do mar. O negro não os imitou. Nem sequer os olhava: era como se ele fosse o único ser vivente a bordo. Mantinha-se sentado à parte, com as pernas cruzadas, olhando sonhadoramente para diante.

— Eis ali alguém que parece divertir-se — comentou Dubosc.

— Era o que estava pensando — confirmou Fenairon.

Os três fugitivos observaram demoradamente o negro, com vivo interesse.

— Como se arranjará ele para viver, doutor? Não sentirá coisa alguma?

— E' o que eu gostaria de saber, respondeu Dubosc. E' possível que seja mais forte que nós; menos excitável.

— Pelo menos, nós temos bebido e ele não.

— Não me digam que aquêle animal aguenta a sede! — berrou Perroquet. Deve ter água escondida!

A mesma idéia ocorreu simultaneamente aos três. Afastaram o negro e revistaram a jangada, de ponta a ponta, em busca do presumido esconderijo. Nada!

Perroquet encontrou um meio de manifestar a sua desilusão. Agarrou o negro pelos cabelos e espancou-o, conforme costumavam proceder com ele no presídio. Só o largou quando se cansou.

Foi um gesto cruel, vil, inútil. Mas os outros fingiram não dar por isso. Dubosc, o homem de sociedade, o médico notável, não protestou. Fenairon, por sua parte, parecia considerar aquela brutalidade como o justo castigo a uma velha ofensa.

A noite pesou sobre eles sem trazer o mínimo alívio. Não pensaram em estabelecer o revezamento dos plantões, porque sabiam antecipadamente que nenhum deles dormiria.

Quando raiou a aurora do terceiro dia, cada qual estava reeconcentrado em si mesmo, somente duas coisas ainda os ligavam: a garrafa da água, que Dubosc mantinha amarrada ao corpo e a existência do negro na jangada...

Não era possível alhear-se à presença daquela criatura. Pesava-lhes nas consciências, mais terrível, misteriosa e exasperadoramente que nunca. As energias dos três iam se esgotando, ao passo que o selvagem não dava mostra de sofrimento nem de fraqueza.

* * *

A tremenda tensão nervosa necessariamente tinha que precipitar os acontecimentos.

Na madrugada do quarto dia, Dubosc anunciou que a ração da água ficava reduzida a meio cálice. E, ao ver a garrafa, onde não havia senão cerca de um quarto de litro, Fenairon foi prêsa de um acesso de loucura:

— Basta! — explodiu. Quero água! água!

Quando Dubosc, sécamente, lhe recusou uma só gota mais, ele se pôs a chorar convulsivamente. De súbito, porém, levantou os braços e gritou:

— Um barco! Um barco!

Os outros voltaram-se de chofre, e perscrutaram ansiosamente o horizonte. Nada se via. Quando tornaram a olhar para Fenairon, ele tinha na mão a garrafa da água. Num gesto rápido, puxara a faca e cortara a correia que prendia o vasilhame à cintura de Dubosc... E la levá-lo aos lábos...

Perroquet arrebatou o remo das mãos do negro e, com inaudita violência, esbordou a cabeça de Fenairon, que se estatelou como se tivesse sido fulminado por um raio. Dubosc conseguiu amparar a garrafa e levou-a para a outra extremidade da balsa.

O saltador fitou-o, ereto, os olhos injetados de sangue.

— Não vejo barco algum — disse por fim. Para nós, tudo está acabado! E a culpa é tua, assassino!

Dubosc não se mexeu.

— Se deres um só passo nesta direção, parto-te a garrafa na cabeça — disse-lhe.

Durante um segundo, os dois homens se fitaram



Compare o seu rosto com os ombros e verá que estes aparecem quer, pelo menos, cinco anos mais jovens. Isso se deve ao fato da pele do seu rosto, devido ao maquillage, permanecer com os poros fechados durante muitas horas. Por isso, para evitar que a sua cutis continue a perder a sua elasticidade, V. deve seguir este novo método de beleza que PALMOLIVE oferece: o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.



Cada vez que V. lavar o rosto, fricione durante um minuto com uma pequena toalha embebida na espuma vitalizante de PALMOLIVE, o sabonete embelezador, que é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma e que penetra profundamente nos poros, fazendo-os respirar livremente. Si a sua pele for oleosa aplique o método 3 vezes ao dia; si for seca somente de manhã e à noite.



Muitas mulheres de todas as idades experimentaram o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS. Está provado que ele impede a perda da elasticidade natural da cutis. Faça, também, essa prova durante 14 dias seguidos. Depois faça do MÉTODO PALMOLIVE o seu tratamento diário e permanente.



EMBELEZA DOS PES À CABEÇA



A Escrivaninha

Conto de Molly Maclurg

Ilustrações de Rodolfo

Jque Jill menos desejava era voltar a ver Flip. Entretanto, desde que Rita, uma antiga amiga de ambos, lhe havia telefonado dizendo que Flip estava de regresso a Londres, Jill sentia certa inquietação ao pensar na escrivaninha.

Havia pertencido à bisavó de Flip, mas Jill trazia-a consigo. Os móveis restantes eram de sua exclusiva propriedade, e os havia escolhido de maneira que harmonizassem com a formosa escrivaninha de nogueira antiga que se achava colocada junto à janela. Era realmente uma preciosa peça talhada à mão por alguns mestres de séculos atrás. Refletia, no verão, os raios de sol que entravam pela janela, e no inverno o suave resplendor do fogo. Jill havia deixado o espaço livre ao seu redor afim de que seu encanto e a sua beleza pudessem sobressair. E quando suas amigas diziam: "oh! que formoso móvel!", sentia o orgulho de uma mãe que ouvisse falar de seu filho único. Ela e Flip não haviam vendido quando se desfizeram do resto de seus móveis. Foi no primeiro ano de guerra, quando ninguém queria móveis e os preços eram baixos, de medo que Jill o conservou.

— Virei buscá-lo algum dia — disse Flip com indiferença — quando tudo isto estiver terminado. Então, o guardarei ou o venderéi.

Agora apresentava-se a Jill uma oportunidade de vendê-lo.

Uma sua amiga, que entendia de antiguidade, insistiu em trazer um negociante para que o visse. E o negociante, que possuía uma conhecida casa de móveis e outros objetos antigos, ofereceu-lhe um preço que a deixou assombrada. Mas, naturalmente ela não podia vendê-lo. Explicou-lhe que não lhe pertencia e o homem despediu-se, movendo a cabeça decepcionado. Deu a Jill seu endereço.

— Se mudar de idéia ou se o dono do móvel regressar, avise-me.

Naquele tempo ela não teria a menor idéia de procurar descobrir o paradeiro de Flip; mas naquele momento sabia-o, e supondo que Flip estivesse, como sempre, necessitando de dinheiro, achou que devia revelar-lhe aquela oferta, ainda que isso viesse romper um silêncio de quase quatro anos com aquela criatura detestável.

— Será um louco — pensava, sentada junto ao telefone, esperando estar bastante serena para discar o número.

ro que Rita havia lhe dado — se não o vender.

Ela porém já sabia que Flip era louco. Por isso, por sua loucura, pela sua maneira de esbanjar o dinheiro, se haviam separado.

Flip gastava tudo que tinha, e, quando precisava, jamais se preocupava. Ele, que tratava de ganhar a vida como escritor, recebia um cheque e gastava-o todo, trazendo-lhe um presente quando havia muitas contas a pagar; era capaz de dar o seu último vintém a um mendigo das ruas, que talvez tivesse mais do que ele. Vivia como um grão-senhor enquanto podia, e quando não, comia pão e queijo, pensando de onde viria a próxima moeda para rechaçar o medidor do gás.

— E' assim que se deve viver — dizia Flip — Somando as coisas como vêm. Se há oportunidade de gastar dinheiro, gasta-se. Se se trata de ganhá-lo, ganha-se. Se a vida nos oferece algo, uma aventura, um sorriso, uma dor, cumpre tomá-lo com ambas as mãos e sentir-se agradecido. Não há mal que um único mal: aborrecer-se.

Mas acontece que Jill era distinta. Como a quase todas as mulheres, preocupava-a o futuro. Não queria andar mal vestida nem sentir fome, nem tremer de frio em frente a uma estufa apagada. E não havia podido resistir aquilo. Sentia muito porque o amava; havia amado — a Flip com toda a sua alma. Flip era a alegria, a despreocupação, o prazer. Gostava de tudo que fosse divertido. E, ainda que houvesse sido o dinheiro, havia outras coisas. Sua divisa de "tomar tudo que estiver ao alcance da mão", havia-lhe produzido muitas horas de temor e sofrimento.

Contudo, estava segura de que ele queria. No dia da separação assegurou que a amava como antes.

— Você comete um grande erro, Jill — disse-lhe. Algum dia as coisas irão bem. Não creia que terá que ir para um asilo em sua velhice, se



DÓR de DENTE?

CERA
Dr. Lustosa
INOFENSIVO - INFALIVEL!

é isso que teme. Mas você não tem suficiente fé em mim.

Ela tratou de explicar-se.

— Não é sómente o dinheiro, Flip. É tudo em você. Eu queria viver tranquila, ter filhos. Queria... deteve-se. — Para que insistir?

*

Jill estendeu a mão ao telefone. Discou o número e não procurou fazer caso das batidas do coração. "Venderia Flip a escrivaninha?" Dirigiu o olhar para o móvel, tão belo e harmonioso. Havia sobre ele um jarro com flores brilhantes que a lustrosa superfície refletia. Ela havia arranjado a sala de um modo que tudo dependia da escrivaninha.

Se o tirassem dali, o sítio pareceria vazio. Mas... duzentas libras! Flip seria um louco se não aceitasse.

Pareceu-lhe cômico perguntar pelo capitão Morrison.

Quando ela se havia separado de Flip, ele acabava de alistar-se.

Pareceu-lhe um estranho, com seu tosco uniforme de voluntário, de cípresa, seus pés largos calçados de pesadas botas. Sómente seus olhos risinhos e seu rosto delgado eram os mesmos. Até seu cabelo escuro havia mudado, tão curto estava, quase escondido sob o quepi militar inclinado. Desafiou o tão galhardamente a morte como antes desafiara a vida. Flip era agora o capitão Morrison, oficial distinguido.

Ouviu sua voz, a mesma voz, ligeiramente surpreendida.

— Jill! Mas... E' você! Não podia crer em meus ouvidos quando me disseram que queria falar-me. Como está, minha querida?

Sim, sua voz havia mudado. Sentia-a indolente, um pouco risonha, afetuosa. Coisa alguma parecia descontrolar Flip.

Jill teve bastante cuidado em manter a frieza da inflexão:

— Estou muito bem, Flip, obrigada. E você? Rita me disse que você havia voltado.

— Sim — fez uma pausa como era seu costume, e Jill imaginou as chispas algo burlona dos seus olhos azuis. — Ah! Sim! Rita, é verdade. Eu a vi. E então, querida, em que posso ser-lhe útil?

— Trata-se da escrivaninha, Flip. Tive por ela uma boa oferta. Duzentas libras... Desejava saber se quer ou não vendê-la. Não quis fazê-lo sem a sua autorização. Mas o



homem avisou-me que mantinha a proposta para quando eu o avisasse.

Houve outro silêncio.

— Parece-me um bom negócio — disse enfim Flip, gravemente.

— E'! Duvido que consiga vendê-la por tanto em outra ocasião.

Vacilou e seus olhos dirigiram-se pensativos para a janela.

— Tenho-o conservado. Está em ótimo estado.

— Sim... — ouvi-o suspirar.

— Bom... Não sei o que fazer. Certamente tem para mim algum valor sentimental.

— Creio que será um louco se não vender — interrompeu ela vivamente.

— Acredito! Talvez você tenha razão. Mas, escuta, quase me esqueci como é este móvel. Poderia ir aí passar-lhe a vista? E sabe quem é o comprador? Desde que ele oferece esta quantia, podemos... isto é, posso achar quem dê mais.

Os olhos de Jill giraram rapidamente em torno da habitação.

Havia-se visto livre da presença de Flip, porque ele nunca estivera ali. Não desejava que seu fantasma ocupasse as cadeiras, que a sua voz

ressoasse no silêncio, que o aroma do seu cachimbo saturasse as cortinas.

Enquanto vacilava, Flip prosseguiu.

— Há razão para que não possamos almoçar juntos? Simplesmente como amigos. Posso passar aí para buscá-la, olhar o móvel e logo em seguida iremos a qualquer lugar.

Jill vacilou. Não tinha nada a fazer aquela tarde e já se sentia desprimitida ao pensar nas horas vazias que a aguardavam.

Desde que ela e Flip se haviam separado, tivera bastante cuidado de que o seu tempo livre estivesse sempre ocupado com alguma coisa. Nunca desejava estar sozinha para evitar alguma aproximação de Flip. Contudo... — como amigos — havia dito ele. Que mal poderia haver?

— Pois bem, Flip, — respondeu. — Encantada.

Deu-lhe seu endereço e ele prometeu ir dentro de uma hora.

Repousou o receptor e olhou o relógio. Tinha que se aprontar.

Existiria alguma mulher tão pouco feminina que não desejasse apresentar-se o melhor possível perante um homem que fôra seu marido?

Jill banhou-se e vestiu-se. Mas, a despeito da sua pressa, apenas estava vestida quando a campainha tintou. Jill abriu a porta. No seu

Longa Tradição

de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, gracas à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cútis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete
de
Reuter

I-A

SR-3

A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do Prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas Drogarias e farmácias.

Rep.: HELIO PIMENTEL & CIA.

AV. OLEGARIO MACIEL 8

BELO HORIZONTE

uniforme, Flip, parado sobre o tapete da porta, pareceu-lhe mais alto, mais cheio, mais grave de rosto. Saudou-a, dando-lhe a mão com seu amável semi-sorriso de sempre.

— Menina! Não mudou nada.

A serenidade e o domínio de si mesma de que Jill gabava-se em seu trabalho, abandonaram-na. Sentiu úmidas as palmas das mãos e compreendeu que seu rosto queimava.

Não sabia o que fazer. Sorriu-lhe e tratou de falar indiferentemente enquanto o conduzia à saleta.

— Você, ao contrário, parece haver mudado muito — disse-lhe.

— Creio que apenas na aparência — contestou ele, humildemente, mas seus olhos brilharam.

Jill formou com sua boca uma linha dura.

— É uma lástima. Pensei que o Exército lhe houvesse ensinado um pouco mais do sentido comum.

Mas Flip mirava a escrivaninha. Parecia muito formosa com o sol brilhando na sua superfície, o jarro azul e as flores amarelas. Enquanto se dirigia para o móvel, respondeu a Jill.

— Ensino-me muitas coisas, creio. Por exemplo, que pode ser prudente aceitar duzentas libras por este móvel.

Deteve-se diante dele, e passou os seus dedos largos e finos sobre a lustrosa superfície.

— Guardou-o muito bem — disse. Jill não respondeu. Observava suas mãos; os largos e finos dedos que nunca havia esquecido, a graça com que os movia. Mão de artista. Levantou os olhos e ruborizou-se ao ver que ele a olhava sorrindo. Moveu-se, buscando um cigarro e evitando olhá-lo.

— Fica muito bem aqui — disse.

— Muito. — Olhou a peça, ao redor.

— Harmoniza-se com o resto. Que fará quando ele já não estiver aqui?

— Oh! Porei outra coisa qualquer em seu lugar.

Ele se deixou cair subitamente numa cadeira. Suas pernas largas ocupavam quase todo espaço livre.

— Crê que eu deva vendê-lo?

Ela mirou-o, sorrindo compreensivamente.

— Pelo que eu me recordo, você sempre esteve com os bolsos vazios. Em suma, poderia ser-lhe muito útil quando abandonar o exército.

— Tem razão — suspirou ele. Olhou de novo a escrivaninha, a habitação, e disse vivamente: — Bom, está pronta? Saímos.

Parecia ter sido há muito tempo a última vez em que ela saíra com Flip. Havia-se esquecido quanto alto era ele e que o seu passo não se harmonizava com o dela, de maneira que tinha de apressar-se ou ele caminhar vagarosamente, para que pudesse andar juntos. Pensava obstinadamente que

era uma das muitas coisas em que não combinavam, quando ele lhe disse:

— Você está encantadora. Sabe disso?

Noutro tempo, quando a admiração de Flip significava tanto para ela, estas palavras a teriam feito muito feliz. Agora, desejava que ele não as houvesse dito. Não lhe respondeu.

— É necessário que você seja minha inimiga?

Ela compreendeu, pela vez, que ele estava achando tudo muito divertido.

— Eu não sou sua inimiga...

Logo, apesar de si mesma, sorriu, e as coisas se tornaram mais fáceis. Ele estendeu o braço e tomou uma das suas mãos.

— Desfrutemos esta tarde — falou. Jill fez um esforço para retirar seus dedos; mas Flip cerrou mais firmemente a mão sobre eles, e no final eles se achavam a andar de braço, alegremente, com os dedos entrelaçados.

Flip levou-a a comer num restaurante de luxo. A comida era muito boa e os "garçons" pareciam conhecer Flip, pela maneira esmerada que lhe serviam.

“Deve encontrar-se em um dos seus períodos de fortuna”, pensou ela. A ele não importava muito se devia gastar ou não.

Sabia que, dissesse o que dissesse, gastaria o mesmo. Conversaram. Jill já havia se esquecido como era interessante conversar com Flip; como passava vivamente de um assunto para outro, de modo que para acompanhá-lo era preciso estar alerta. Flip era sempre divertido. Havia esquecido como ele fazia rir.

— Sabe de uma coisa? — disse Flip. — Já me esquecia de como você é alegre.

Jill tornou-se séria prontamente. Ela também se havia esquecido da alegria dos seus risos, o fogo de seu mútuo amor.

Durante anos vivera segura, independente, economizando dinheiro para o futuro. Sozinha no seu pequeno apartamento, a memória de Flip não viera incomodá-la.

Bom. Se havia conseguido desterrá-lo da sua mente uma vez, voltaria a fazê-lo agora, e tudo se acabava ali.

Quando acabaram de comer, ele perguntou:

— Que faremos agora?

— O que você quiser.

Flip nunca fazia projetos. No passado, quando se propunha divertir-se, saiam simplesmente à rua e o mundo se achava aos seus pés para entreter-lós. Cada minuto passado junto a Flip era uma aventura; as pessoas interessantes, os bons cafés, as diversões apresentavam-se únicas.

— Caminhemos, quer?

— Sim, eu... eu tenho muitas coisas a dizer-lhe.

Era certo. Nos anos passados havia muitas coisas nas quais Jill tinha pensado. "Gostaria de saber o que acharia Flip disto ou daquilo". Flip, com seu cérebro frio, impensoal, gostava da discussão. Dissecava as pessoas e as coisas, julgava livros e obras literárias. Jill havia guardado muitas coisas para dizer-lhe; porém naquele momento havia esquecido tudo. Erraram pelas ruas ao calor do sol.

Caminharam pelo "strand" rio abaixo; pararam na ponte, fitando a formosa, curva do "Embankment", e recordando os dias em que os faróis da cidade pousavam seus largos dedos sobre as ruas e o brilhante caminho. Seguiram pela ponte, aspirando a brisa fresca e salgada que subia do rio. Olharam um grande vapor de cargas, indagaram-se a si mesmos para onde se dirigiam.

— Penso por que você não entrou para a Armada — falou Jill. — Acreditava que lhe agradasse mais do que o Exército.

— Agradava-me, mas não me admitiram. Ou o Exército ou coisa nenhuma. E agora, que me passaram para o escritório dos Assuntos Especiais, aborreço-me lindamente.

— Não está cansado de lutas? — perguntou ela. — Esteve na África do Norte, não? — Ela sabia que ali ele havia ganho suas divisas, mas compreendeu que ele não queria alusões.

Ele encolheu os ombros.

— Estou cansado até certo ponto, mas... Já sabe como eu sou.

Ela suspirou.

— Sempre o mesmo. Como sempre, você gasta seu ordenado no mesmo dia que o recebe e passa o resto do mês sem dinheiro?

— Quase sempre — respondeu ele rindo.

Voltaram, cruzaram a ponte, e deram uma volta pelos teatros, detendo-se ante os anúncios de uma nova obra de Howar Stewart que há muito tempo permanecia no cartaz.

— Gostaria de vê-la — falou Jill.

— Talvez possamos ir outro dia. Ou eu não devo voltar a vê-la?

Deliveram-se e olharam-se nos olhos. Jill foi a primeira a desviar o olhar.

— Não sei — respondeu ela finalmente, e seguiram andando.

— Não tem pensado em voltar a casar-se? — perguntou ele.

— Não, e você? Acreditei que se casaria com aquela morena...

— Aquela por quem você armou tanto barulho? Não. Ela nunca significou coisa alguma para mim. Mas você não quis escutar-me.

— Foi a terceira vez, desde que nos casamos — falou Jill com um acento de ironia, mas sem cólera.

— Eu sei... mas não discutimos isso. — Depois de um momento



acrescentou: — Pode acreditar-me; não olhei a nenhuma outra desde então.

Ela perguntou ácidamente:

— E o que está fazendo agora? Flip deixou ouvir uma risada.

— Trabalhando.

— Em quê?

Flip encolheu os ombros.

— Nisto e naquilo. E sobretudo — acrescentou — tenho caminhado pelo deserto.

— E isso deve ter limitado sua esfera de ação — replicou Jill.

*

Entraram em um bar e beberam cerveja gelada em altos copos.

Miraram-se com olhos risonhos, e Jill encontrou-se pensando desesperadamente: "Se pudesse ser sempre assim..."

Dominou-se, entretanto, e disse com acento de mulher de negócios:

— Enfim, que decidiu acerca da escrivaninha?

Flip respondeu com ar sonhador:

— Minha bisavô se enamorou quando era muito jovem. Seus pais não aprovaram aqueles amores e obrigaram-na a romper. Depois casou-se com o homem que foi meu bisavô; porém, durante muitos anos, es-

creveu e recebeu cartas do seu primeiro amor. Escreveu-as neste móvel e depois que ela morreu encontraram, numa caixa secreta, um pacote de cartas enlaçadas por uma fita azul.

— Está inventando isso.

— Não; juro-lhe que é verdade.

— Nunca soube que havia uma gaveta secreta.

Flip olhou-a divertido.

— Não? É mesmo sendo tão curiosa. Bem, pois existe, e muito interessante, como verá quando a descobrir.

Jill pensava: "Havia muitas coisas de Flip naquela escrivaninha quando ela chegou ao meu poder. Tirei-as todas; mas não descobri a gaveta secreta. Penso que haverá mais nele... penso sim..."

— Não achará nenhum obscuro segredo meu na tal gaveta, minha amiga — disse ele, adivinhando seus pensamentos.

O rosto de Jill avermelhou-se.

— Estava pensando — disse friamente — que esta gaveta secreta pode aumentar o valor do móvel.

— Ah! Naturalmente... Que prática você é! Minha avó — continuou — usava esta gaveta para guardar

seus livros de contas. Meu avô tinha muito cuidado com o seu dinheiro — os olhos de Flip brilharam travessamente. — Podia-se chamá-lo "avaro". Ao contrário, minha avó era generosa, pródiga e...

— Parecida com você, em suma — disse ela, devolvendo-lhe a indireta. Ele inclinou-se ligeiramente.

— Sem dúvida herdei dela minhas melhores qualidades. Mas... compreendeu o que eu quis dizer? Minha mãe usou-a durante toda a sua vida; está ligada à minha família e a mim. É minha única herança — bebeu observando-a. — Crê todavia que deva vendê-la?

Jill moveu-se um pouco incômoda.

— Deixou-ma durante muitos anos — disse tranquilamente. Disse-me você que quase havia esquecido o seu aspecto.

— Sabia que você cuidaria dela — respondeu ele, tranquilamente. — Talvez houvesse sido mais sincero dizendo que havia esquecido o "seu" aspecto.

Jill não respondeu. Aquelas palavras doeram-lhe. Havia-a esquecido? E por que não? Ela o havia feito infeliz, depois de tudo.

— Crê agora que eu deva vendê-la? — insistiu ele.

Jill fez um gesto de impaciência.

— Duzentas libras — começou.

— São duzentas libras, Jill.

— Faça o que lhe pareça melhor, — disse ela impaciente. — O móvel é seu, afinal de contas. — Tomei o trabalho de telefonar-lhe porque acreditei que devia sabê-lo. Pouco me importa que o venda ou não?

— Está segura disso?

— Completamente segura.

— Então decidirei e lhe falarei por telefone, amanhã.

Amanhã! O dia seguinte havia sido

para ela um espaço vazio, interminável. Agora era um dia alegre, um dia que haveria de trazer-lhe algo. "Oh, devo estar louca", pensou.

Por fim, dirigiram-se para casa. No umbral, Jill vacilou.

Esteve quase convidando-o para entrar. Mas decidiu não convidá-lo. Ele olhou-a sorrindo, quando ela havia subido alguns degraus, de modo que suas cabeças ficaram a uma mesma altura.

— Foi uma noite feliz. Poderemos repeti-la?

— Não sei.

— Espero que sim. Telefonarei amanhã para dizer o que resolvi a respeito do móvel. Acreditar-me-á um pobre idiota se não vendê-lo, não é?

— Que importa?

Flip suspirou.

— Suponho que nada. Bom, obrigado por ter saído comigo essa noite. Temo que não tenha se divertido muito.

No entanto Jill sentia-se contente como não lhe havia ocorrido há muitos anos. Disse-lhe imediatamente, com seus olhos nos dele.

— Obrigada. Obrigada por esta bela noite.

Então voltou-se e subiu correndo o resto da escada.

*

Na manhã seguinte, porém, tudo foi diferente... "Engano", pensou Jill, "mistificação". Não se deixaria dominar novamente por ele.

Só podia fazer uma coisa.

Quando ele a chamou pelo telefone e disse que podia vender a escrivaninha ela aplaudiu calorosamente seu bom-propósito. Mas quando ele pediu que se encontrassem no dia seguinte, disse que tinha de sair.

Flip apenas disse:

— Sempre trabalhando para asse-

garfar o futuro, querida? Bem, chama-me quando se achar aborrecida de todos esses "compromissos".

O receptor soou fortemente aos seus ouvidos, e ela se encontrou novamente sozinha num mundo vazio. Sentiu-se, passando seus olhares pela peça e os deteve no formoso móvel antigo. Perdeu-lo-lá. Que havia dito Flip? "É parte de minha vida. O único que resta dos meus antepassados". Passou pela superfície do móvel um pano antes de sair para o trabalho, e quando voltou para casa à noite, tratou de imaginar como ficaria o apartamento sem ele. "Que vazio ia ficar"!

E além do mais o móvel era útil. De altura conveniente para se escrever cartas; e nas gavetas guardava-se tanta coisa... Recordou-se da gaveta secreta e começou a procurá-la. Encontrou-a, finalmente. Não era difícil, uma vez conhecida sua existência. Era uma gavetazinha colocada atrás de uma outra, e que se abria comprimindo uma mola. Dentro não achou nada de grande interesse.

Um punhado de flores murchas, um "carnet" de baile amarelado pelo tempo, uns fios de cabelo negro atados por uma fita azul e uma etiqueta que dizia: "Cabelos de Flip, 1912". Enlaçou aqueles fios em sua mão e os cabelos envolveram seus dedos, como os dedos de Flip com os dela, na noite anterior. Eram os cabelos dele, quando tinha um ano de idade. Imaginou um bebê de olhos alegres, com pernas gordas e riso travesso. Guardou os cabelos novamente e agarrou o "carnet" de baile. Havia pertencido à mãe de Flip ou à sua avó? Impossível saber. A letra era de uma mão jovem e o "carnet" estava cheio. Ela devia ter muitos admiradores. E em cada quarta linha estava escrito o mesmo nome, com letra clara que não se esmaecera com o tempo: "Philip Morrison".

A letra era parecida com a de Flip. Jill imaginou aquél homen acaso seu avô, de pé junto à jovem nervosa e escrevendo seu nome sobre o programa, devolvendo-lhe com uma profunda reverência, enquanto que seus olhos, os olhos de Flip, brilhavam triunfantes.

Talvez não estivessem ainda comprometidos. Que escandalizados estariam os demais!

Jill guardou novamente as coisas e fechou a gaveta. Que loucuras sentimentais! Imediatamente, com um gesto de impaciência, dirigiu-se para o telefone.

— Alô!

Jill sobressaltou-se.

— Alô! O senhor Lakeron. Fala a senhora Morrison. A respeito do móvel...

*

Naquela noite estrelavam uma nova obra de Howar Stewart.

Flip, com duas entradas no bolso, caminhava lentamente pela rua.



Nossas Vidas

Que o teu caminho pelo meu cruzasse
Quis o destino, certo, por maldade.
Urdin o encontro e o triste desenlace...
E foi efêmera a felicidade!

Como se isso tudo não bastasse
Foi mais além sua perversidade.
Fêz com que o amor em nós se eternizasse
Por uma atroz e intérmina saudade.

Nossas vidas... Agora, vejo nelas
O destino das linhas paralelas
Sempre a seguir na mesma direção.

Tão distantes, porém, tão desunidas...
Por mais que se prolonguem, nossas vidas
Nunca mais outra vez se cruzarão.

Ilza Montenegro

Pensara em mandar os dois ingressos a Jill pelo correio. Ela lhe havia dito que desejava ver a peça, dois meses atrás, naquela noite em que se haviam visto. Chamou-a no dia seguinte, cheio de esperanças, pronto a cair a seus pés se ela o quisesse. Vendera até a escrivaninha para agrada-la. Mas não conseguiu voltar a vê-la. Unicamente recebeu as duzentas libras com algumas linhas dela. Assim imaginava que ela houvesse vendido o escritório. E ali estava agora com os dois bilhetes no bolso, pensando que talvez ela não conseguisse ver a peça por não poder adquirir localidade. Decidiu-se imediatamente.

Em frente à casa de Jill deteve-se contemplando as cortinas verdes que o vento agitava na janela aberta.

Subiu a escada e chamou. Ela abriu a porta, Iançou uma exclamação de surpresa e logo olhou com uma expressão angustiosa e culpável sobre seu ombro. Seu rosto tomou a cor incendiada de uma amapola.

Flip mirava-a fascinado e confundido igualmente. Depois de tudo ele não se julgava mais com direitos sobre Jill. Por que, então, aquela deliciosa confusão?

— Olá, Jill! — disse por fim alegremente. — Posso entrar?

Ela começou a mover negativamente a cabeça, olhou-o com ar desesperado, mas terminou por afastar-se e deixou que ele passasse.

Ele seguiu-a perplexo ao "living-room"; ela evitava seus olhares, sempre confusa. Que se passava? O apartamento parecia o mesmo. O mesmo Flip olhou com mais atenção. Ah, junto a janela, entre as cortinas flutuantes, refletindo o jarrão de prata e as rosas brilhantes, estava a escrivaninha da sua bisavó.

Reinou um largo silêncio. Flip fava a Jill mas ela havia abaixado os olhos pelo chão.

— Permite-me sentar?

— Sente-se, eu lhe peço.

Flip sentou-se e fitou a escrivaninha. Voltou a olhar novamente para Jill. Não... não podia ser uma reprodução. A madeira, a cor...

— Jill, é a mesma, não é?

Ela lançou um largo suspiro.

— Sim... é a mesma.

— Mas... não a vendeu?

Ela moveu negativamente a cabeça.

— Eu não a vendi. Você a vendeu e eu a comprei.

Sentia-se envergonhada. Era um gesto louco. Algo mesmo que Flip teria feito.

— Mas... por quê?

— Você... é tão doido por dinheiro! Pensei precisasse dessas duzentas libras. Era ridículo perder essa oportunidade. Mas... quando chegou o momento não pude separar-me dela. Assim eu lhe enviei o cheque e guardei-a para mim.

— Jill... Deus meu!... — Podia guardá-la se quisesse. Devia ter

compreendido isso. E... por que o queria?

— Não sei... — os lábios de Jill tremiam. — Pareceu-me duro que ela passasse para a propriedade de estranhos que não a amariam como eu, quando pertencia à sua família durante tantos anos. Era sua herança... quer dizer que algum dia pensava devolver-lha a você. Pareceu-me que... não devia perdê-la.

Flip levantou-se, subitamente. Sentia desejos de cantar, de dançar. No entanto, falou:

— Que coisa mais longa, mais desparada, mais sem sentido comum! Tinha o afortunado móvel sem pagar um níquel por ele. E manda-me um cheque de duzentas libras para continuar possuindo-o. Daqui por dante não me faça mais sermões sobre o valor do dinheiro, Jill Morrison.

— Não — replicou ela.

Algo estranho acontecia também com Jill. Devia sentir-se ainda envergonhada, mas ao contrário experimentava desejos de rir e cantar.

— E há alguma coisa mais, — falou Flip, sacando do bolso os ingressos. — Vim porque tenho dois lugares para a peça de Howard Stewart; vim precisamente para dá-las. Mas agora...

Começou a rasgar os ingressos. Jill correu na sua direção.

— Flip... não faça isto. Por que? — disse, tirando-lhe os pedaços das mãos. Logo sentiu que Flip havia colocado as mãos nos seus ombros. Levantou o olhar. Os olhos dele eram ternos e risonhos. Sua boca curvava-se lentamente nos ângulos, esboçando aquele sorriso que ela conhecia tão bem, e que o fazia irresistível.

— Porque, minha adorável cabecinha sem senso, eu mesmo vou levá-la. E não precisamos de lugares. Iremos para o palco. O palco do autor.

— O autor! Mas...

— Todo esse tempo, Jill — disse ele, tranquilamente — tenho estado aprendendo. Estudando a vida. Conhecendo a tristeza, o valor do dinheiro, o meu próprio valor. Sei que a fiz infeliz, mas era algo que não podia ser remediado. Falei-lhe que tudo iria bem no fim. E antes de mandar cheques aos necessitados, querida, ve bem se eles realmente necessitam. Comunico-lhe que sou... Howard Stewart.

Alguns minutos depois Jill dizia com dolorido acento:

— Todo mundo dirá que me uni novamente a você pelo seu dinheiro.

Flip desandou a rir.

— Não me incomodo. Tapa-lhe a boca dizendo que voltou novamente para mim unicamente para conservar uma reliquia; a escrivaninha onde minha bisavó escrevia suas cartas de amor...

Sangue puro

com o uso de

INHAMEOL

REI DOS DEPURATIVOS
DO SANGUE

A Sifilis é produtora e origem de muitas afecções graves. Use para combate desse flagelo o grande auxiliar no tratamento da Sifilis e suas manifestações.

INHAMEOL

CONTRA: REUMATISMO —
ULCERAS NAS PERNAS —
FERIDAS — MANCHAS DA
PELE — DORES DE ORIGEM
SIFILITICA — PURGACAO DOS OUVIDOS —
PURGACAO DOS OLHOS
COM ARDENCIA E LACRIMEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS
FARMACIAS E DROGARIAS DO PAÍS

**CABELLOS
BRANCOS**

**CASPA
Queda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

O Velho Carvalho

Conto de Mary Hanieon Hooker

Ilustrações de A. Lima

MARTA encontrava-se apoiada ao velho carvalho. A brisa fresca da noite atenuava o ardor que ela sentia nas faces. Ao redor, tudo se conservava como sempre. Um pássaro pio, com aquél pio peculiar aos seres voadores quando chega o momento do retiro e do repouso. A primeira estréla começara a brilhar pelo céu e, no vale, viam-se outras granjas, com suas casas de chaminés fumegantes.

Pela primeira vez, nos sete anos de casado, Maria e João se achavam juntos ao pé do velho carvalho. No que viria depois, nada voltaria a ser como antes entre eles. Acaso ela não havia visto a expressão de alegria do marido quando vira Eva Pittman, depois de muitos anos? Eva Pittman e seus amigos haviam chegado inesperadamente ao meio dia.

De que modo uma simples casualidade podia fazer com que a felicidade de uma pessoa se convertesse em sofrimento!

Marta suspirou e afastou uma mecha de cabelos que lhe caía sobre os olhos. Seus dedos eram rústicos, sentia-os ásperos ao passar as mãos pelo rosto. Eram os dedos endurecidos da mulher dedicada inteiramente ao trabalho doméstico. As mãos de Eva, ao contrário, eram brancas e suaves como pétalas. Era lógico: sempre se houvera dedicado em cuidá-las. E jamais tivera que fazer com elas o menor trabalho rude. Nada sabiam, aquelas mãos delicadas, dos trabalhos de um lar, de uma granja, de cuidar dos filhos.

O trágico para Marta era que ela conhecia a verdade: o coração de João estava preso, muito antes de havê-la conhecido, nas mãos delicadas de Eva Pittman.

— Se Eva me aceita, voltarei a ela — havia dito a si mesmo muito antes de casar-se com Marta, estava claro.

Era muito provável que, agora, voltando a vê-la, tão formosa como sempre, João se sentisse irresistivelmente atraído.

E se essa atração fosse superior a si mesmo, e o fizesse esquecer de sua mulher e seus dois filhos? Por outra parte Eva vivia em um mundo ao qual João pertencera antes de vir à granja. Indubitablemente, a possibilidade de voltar ao meio onde se criara exerceria sobre ele uma forte influência. E aquela possibilidade agora era uma certeza: se João o deseja, podia voltar...

Marta voltou-se para olhar atrás. O automóvel que trouxera Eva Pittman e os Foster retirava-se. Avançava lentamente pelo estreito caminho da granja. João caminhava junto ao mesmo, conversando com os ocupantes. Estava contente, ria muito, e a cicatriz do rosto apenas se lhe notava... João: alto, galhardo. Agora, o ligeiro defeito no andar era também muito pouco visível.

— Até à vista, Eva — ouviu-o exclamar Marta. — Voltaremos a ver-nos breve. Também verei a vocês, senhora, Sr. Foster. Muito obrigado por tudo.

Marta apoiou novamente as costas contra o velho carvalho: imaginava o sorriso do formoso e duro rosto de Eva. E a si mesma falou doloridamente: "João é capaz de voltar para ela. Uma vez disse-me que voltaria em qualquer momento em que ela o chamasse..."

Com esforço, recompon-sse. O velho Iom, encarregado dos trabalhos supérfluos da granja, estaria de volta com as crianças, a quem levara em uma excursão de pesca. E os meninos voltariam, sem dúvida, com muito apetite. Nic tinha seis anos e Denis quatro, mas comiam como se já fossem maiores... Marta voltou a fitar a casa. João se achava à porta, com a lâmpada de querozene. Atravessou lentamente a distância que o separava do celeiro. Immediatamente Marta viu brilhar a luz através do vidro da janela da ampla habitação situada sobre o celeiro. Ali era o estúdio de João. Não era estranho que subisse para ver os seus quadros. Sua excitação e seu contentamento foram muito grandes quando o Sr. Foster, o hábil e conhecido dono de uma das principais galerias de arte elogiou suas pinturas. Breve o mundo iria à famosa Bond Street admirar as obras de arte do seu marido. João estaria ali, e Eva também. Eva, livre, desde a morte do seu esposo.

Fora, a noite era completa. A brisa soprava mais fresca. Marta murmurou:

— Se ele quer falar-me algo, seguramente virá fazê-lo aqui, junto ao velho carvalho. Aqui nós nos encontramos todas as noites para conversar... E se ele me disser que deseja ir a Londres, não me oporei. Quem sou eu para opôr-me? Quando aceitei sua proposta de casamento sabia que poderia ocorrer alguma coisa assim. De qualquer modo, fui feliz durante sete anos; tenho os filhos que ele me deu. E se alguma vez ele quiser regressar... aqui nos encontrará a todos, esperando-o...

*

João havia chegado à granja num dia muito parecido com aquele em que encontramos Marta inquieta ante a possibilidade de perder sua felicidade. Chegara no seu automóvel estrepitoso e veloz. Deteve-o com uma forte freia e apeou-se. Por que teria ido ali? Aquela granja não era certamente lugar para atraír a atenção dos turistas. Mais de uma vez Marta havia desejado dedicar-se à venda de ovos e mel. As finanças da casa andavam bastante mal desde o falecimento de seu pai. Mas sua mãe tinha idéias muito pessoais a respeito e considerava pouco digno de uma dama dedicar-se a semelhante comércio.

— Antes preferiria vender as terras — contestava a velha cada vez que a moça lhe rogava a deixasse iniciar aquél pequeno negócio.

Vendo Marta, o jovem do automóvel, que chamava a atenção por uma cicatriz no rosto, assim como por caminhar com uma perna rígida, perguntou-lhe:

— Poderia indicar-me se alguma pessoa destas redondezas tem um quarto para alugar?

E reparando que a moça lhe mirava a perna manca, juntou:

— Faz pouco tempo fui vítima de um acidente automobilístico, e necessito do clima do campo para recompor-me. Conhece quem possa alugar-me algum quarto?

— Não sei — respondeu ela por fim. — Mas perguntarei a minha mãe. — A sua mãe conhecia todos os acontecimentos e milagres dos arredores. — Entre na sala. Verei se minha mãe já despertou. Ela está um pouco doente, de cama. Espero que, se o senhor não tem pressa, possa ficar e almoçar co-

nosco. — Marta subiu ao quarto de sua mãe, encontrando-a preparando-se para levantar.

— Se não ouvi mal, em baixo há um estranho — falou a velha ao ver sua filha.

— Realmente, mamãe — respondeu Marta. E' um forasteiro que pergunta se alguém aluga um quarto por esses arredores.

— Ajude-me a vestir. Quero vê-lo.

— Mas, mamãe, não te lembras de que o médico recomendou que não te levantasses?

— Faça o que eu te digo, Marta! — retrucou a mãe, que sempre fazia o que lhe parecia melhor.

Francamente, foi para Marta verdadeira violência a maneira como sua mãe fitou o jovem desconhecido durante o transcurso da comida. De vez em quando a velha lhe dirigia uma pergunta, que o rapaz respondia com muita cortesia. Entretanto, no fim pareceu sentir-se incomodado com tantas perguntas e disse:

— Senhora, se deseja conhecer a minha linhagem, farei com que a enviem de Grischester. Chamo-me João Doile; tenho vinte e cinco anos de idade. Jamais imaginei que para conseguir alojamento desse fosse provar que pertenço a uma família de honorabilidade irreprochável.

— Não diga bobagens, rapaz! — respondeu a mãe de Marta impassível. Antes de dar-se hospedagem a alguém é necessário saber-se quem é. Parece-me estranho que um rapaz de família rica como parece você, venha viver no campo.

— Vim ao campo para restabelecer-me... e também porque, precisamente, desejo afastar-me da gente que conheço, — foi a resposta franca e direta de João. — A senhora pode ou não pode indicar-me onde existe alojamento?

— Pode ficar aqui — respondeu a velha. Ao ouvi-la Marta ficou de tal modo assombrada que quase deixou a cafeteira cair no chão. Reparando, sua mãe disse, à maneira de explicação:

— E' uma coisa muito digna uma dama tomar hóspedes em sua casa. Muitos dos meus parentes de Fotheringham fazem o mesmo. Marta, prepara o quarto do lado direito para este cavalheiro.

O quarto da direita era verdadeiramente encantador. Tinha duas grandes janelas. A paisagem era admirável.

*

— Dormi durante toda a tarde, — anunciou durante a noite, enquanto ceavam. — Deixe que eu lhe agradeça, senhora. Meu quarto é o mais bonito do



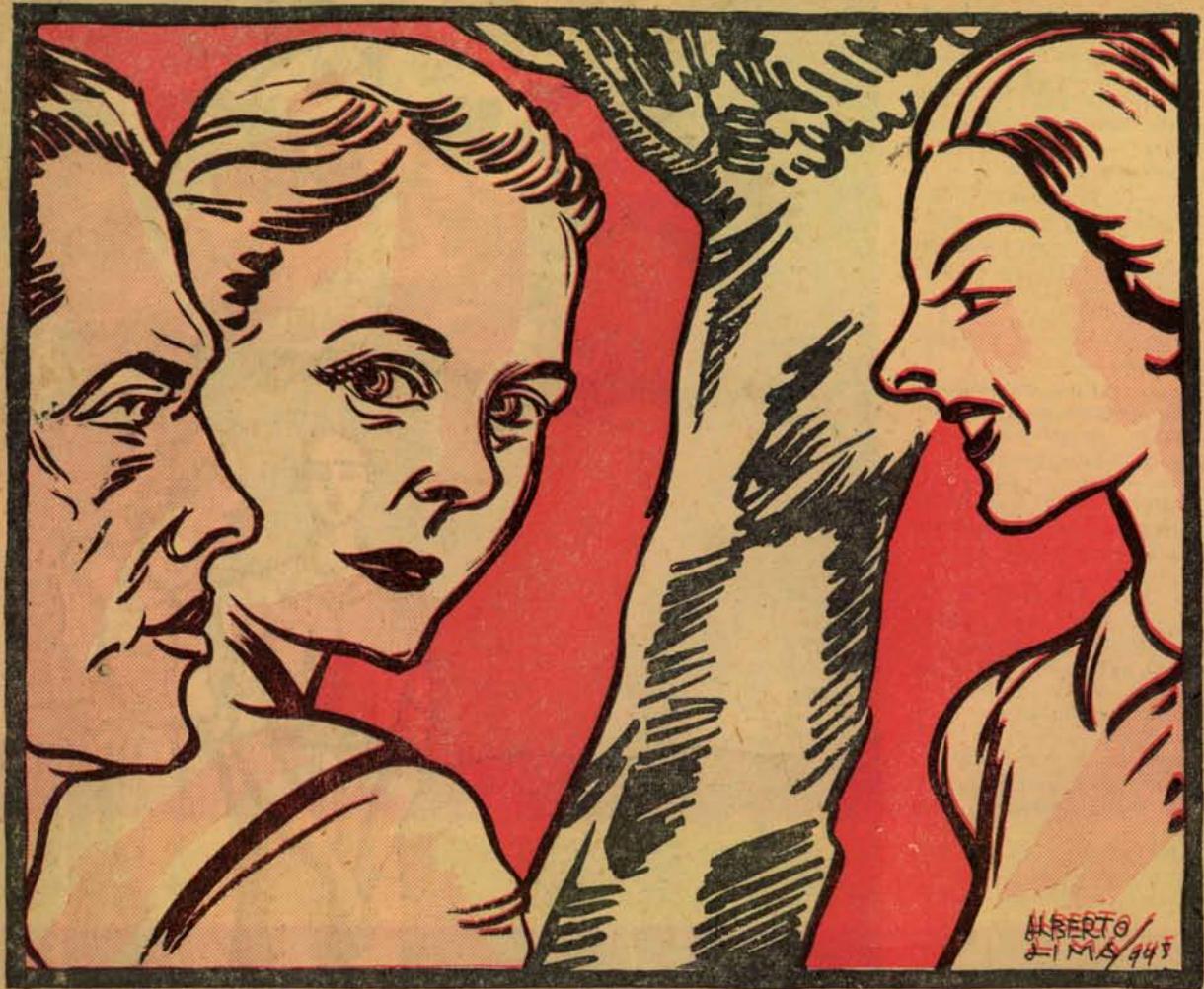
mundo.

— Jovem — falou a velha sem preâmbulos de nenhuma natureza. — Eu sou velha, estou doente, e devo ficar de cama a maior parte do tempo por prescrição médica. De modo que não poderei vigí-lo. Tenho compreendido que é solteiro; Marta também o é. Não quero que aqui, nas minhas costas... Falo com claridade?

Marta inclinou a cabeça, intensamente ruborizada. De seus lábios não brotou uma única palavra, embora o seu olhar mostrasse a surda revolta que lhe provocava a falta de delicadeza de sua mãe. Por sua parte João Doile não perdeu a calma. Inclinando-se ligeiramente para diante, falou:

— Pode estar tranquila, minha senhora. Eu estou comprometido e logo que me restabeleça voltarei para casar-me. Não vim aqui senão em busca de bom ar e repouso assim como de tempo para poder pensar profundamente e com calma. Não incomodarei sua filha. Sómente na hora das refeições poderei vê-la.

Entretanto, falara antes de inteirar-se da existência do velho carvalho. Depois do jantar, Marta ia



sempre descansar junto da árvore velhíssima. Era como uma espécie de consolo apoiar a espádua dolorida pelos trabalhos domésticos na superfície enrugada do seu tronco, e escutar, sem pensar em nada, os ruidos noturnos. Na primeira noite, João Doile encontrou-a ali. Ao vê-la, sobressaltou-se.

— Meu Deus! — exclamou em seguida. — Está tão escuro que não a distingui senão quando já estava prestes a atropelá-la. Por um momento chegou a parecer-me parte da árvore...

— Isto não — contestou ela. Mas ao contrário pode acreditar que esta árvore é parte de mim mesma.

E com essas palavras retirou-se antes que ele se decidisse a continuar a conversa. Na noite seguinte Marta chegou um pouco tarde ao carvalho. Sua mão havia-lhe pedido que lhe levasse água e arranjasse as almofadas.

Finalmente, ao chegar ao carvalho a moça notou que o jovem hóspede já estava ali. Ao vê-la, saudou-a:

— Desculpa-me por haver invadido sua propriedade. Mas encontrei essa armadilha para caçar lebres; e ainda que você não me queira aqui, peço-lhe que me deixe antes acabar de destruir essa armadilha. E' uma das coisas que mais detesto.

— Meu pai pensava como você — respondeu Marta. — Em troca mamãe acha que as armadilhas são necessárias. Há muitas coisas que a minha pobre mãe jamais chegará a compreender.

Marta preparava para retirar-se, mas o jovem a deteve:

— Não se irá — falou. Se deseja estar só, eu mesmo iréi. Esta árvore é sua.

— Você não tem absolutamente que ir-se, se deseja ficar — respondeu Marta. — Esta árvore é para mim algo como uma igreja... — disse e recostou-se como de costume contra a rugosa superfície, contente de poder conversar a gosto, esquecida da granja e das recomendações austeras de sua mãe.

— Em que pensa quando vem à sua igreja? — perguntou ele, interessado.

— Em muitas coisas; e às vezes em coisa nenhuma — respondeu Marta. — Eu acho que as preocupações são como esta árvore; grandes, se alguém se coloca em plano inferior a elas; ao contrário, são como as estrélas, ou seja, pequenas, se alguém sabe se manter o suficientemente distante como para dar-lhes a importância que realmente elas têm dentro da magnitude do universo. Só posso dizer-lhe que meu pensamento, ou melhor, minha filosofia é a seguinte: enquanto exista no mundo árvores como essa, e estrélas, e pássaros, e flores e sol, as preocupações constituem realmente um preço muito baixo e não chegam mesmo a pagar a felicidade de poder desfrutar de tantas coisas belas que existem na vida.

A estas palavras o jovem permaneceu silencioso por tanto tempo que Marta perguntou-se a si mesma se não havia dito alguma tolice. Contudo, acrescentou:

— Meu pai também costumava vir aqui, ao pé do carvalho. A isso ele chamava "deixar" que a natureza resolvesse seus problemas e suas penas" por ele. Minha mãe e meu pai divergiram sempre no modo de encarar as coisas. Meu pobre pai teve que viver sempre com as preocupações ligadas à falta de dinheiro. Mas se consolava dizendo que afinal nem o velho carvalho nem as estrélas podiam ser hipotecados. Isto lhe dava muito consolo.

— Compreendo — respondeu por fim João Doile, com voz grave, como que enternecido. E sem razão aparente acrescentou com entonação fervorosa: —

— Muito obrigado...

*

Marta soube que João estava pintando o velho carvalho quando o quadro estava quase terminado. Sabia que João pintava porque um dia o vira receber uns pacotes que continham palhetas, pinceis, vidros de pintura e um cavalete. Antes de pintar a árvore havia pintado o retrato de uma formosa mulher loura, uma mulher demasiado bela para ser real. O quadro de carvalho, ao contrário, tinha tal força de realidade que ela se quedava assombrada mirando-o.

— Este quadro é maravilhoso! — exclamou a moça entusiasmada.

— Gostaria que meu pai a ouvisse, — respondeu ele, com certa amargura. — Ele acha que só os infelizes se dedicam à arte. Obrigou-me a terminar a carreira de direito. E quando manifestei meu desejo de dedicar-me à pintura, ele ficou amolado comigo. Felizmente eu conto com uma herança do meu avô; assim pude arranjar-me.

— Eu considero um pecado não cultivar um talento natural para satisfazer aos preconceitos errôneos de alguém que pode ser bem intencionado, mas que vive com idéias antiquadas.

— Desejaria que você conhecesse meu pai, Marta. Estou seguro de que encontraria argumentos com recursos que jamais ele lograria encontrar em todos os seus recursos de leis. Se falasse com você talvez papai compreendesse porque me embebedei e espatifei logo o auto no dia em que fracassei em um dos exames finais.

— Talvez me julgassem uma tola — respondeu ela. — Eu nunca recebi nenhuma educação. Vivi sempre aqui e o pouco que sei ensinou-me meu pai.

— No entanto tem mais sentido comum que meu pai com sua mente cultivada, e Eva com sua formosa cabeça.

— E' a moça com quem vai casar-se?

— Sim. E com exceção de meus pais e você, é a única pessoa que sabe das minhas ambições artísticas. Tem pousado muitas vezes para mim. Olhe este retrato, — acrescentou, sacando de um instanteo. — Não é realmente muito bonita? Não sei o que estará pensando desde o meu acidente; então ela estava fora da cidade. Enviei-lhe uma carta explicando, mas não recebi resposta. Deve estar amolada. Creio que lhe enviarei um ramo de gardenias para que me perdoe.

No dia em que os periódicos anunciaram o casamento de Eva com Ronald Alan Pittman, choveu copiosamente. João pegou o jornal onde o deixava habitualmente o jornaleiro e, como estava inteiramente ensopado, colocou-o em frente à lareira para que secasse.

*

Marta estava preparando uns pastéis de nozes. João ajudou-a a descascar as nozes, dizendo com um sorriso:

— Se me deixa ficar aqui não só a ajudarei como provarei os pastéis que você pensa fazer.

Marta sorriu e respondeu que ele podia ficar. Es-



Lingerie Valisère, carícia de elegância para as suas formas. Lingerie Valisère, tecido indesmalhável e corte individual rigoroso.

LINGERIE
Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARICIA

PANAM — Casa de Amigos

tava contente de haver posto um vestido de côn-
azul; contente de haver mudado as cortinas das ja-
nelas. Sua mãe havia-lhe dito em certa oportuni-
dade:

— Não se pode dizer que sejas bonita; mas se te
vestes de azul e te penteias, e estás um pouco ar-
ranjada, não haverá certamente homem que deixe de
olhar-te com interesse.

João prometeu comer meia duzia de pastéis e to-
mar duas taças de chá. Porém antes de fazê-lo,
abriu o jornal e leu a notícia: Eva casava-se. Tor-
nou-se intensamente pálido e disse amargamente:

— Olha-me bem, Marta, porque sou o maior idio-
ta da terra. O idiota cuja noiva casa-se com outro
homem.

Com essas palavras retirou-se para o quarto. Marta
sentiu profunda compaixão por ele. Levou-lhe
por isso uma taça de chá, pensando que o reconfor-
taria. E segura de que um desafogo faria bem, per-
guntou-lhe suavemente:

— Você a amava, não é verdade?

— Jamais olhei outra mulher, Marta. E bastava
que ela me chamassem para que eu acudisse pressur-
oso e submisso como um animal.

Marta deixou-o sozinho... *

A mãe faleceu naquela tarde. Quedou plácida-
mente adormecida para sempre na cama. Não sofreu
nada. Pelo contrário; o momento supremo devia
tê-la surpreendido em pensamentos felizes porque
ela se foi com leve sorriso nos lábios.

— Agora terei que ir-me — falou João aquela
noite, quando se encontraram de costume sob o ve-
lho carvalho. — Sua mãe não gostaria que eu conti-
nuasse aqui estando você sozinha. Irei imediatamente.

— Por favor! — suplicou ela. — Não se vá antes
do enterramento...

— Bem comprehendo que não é momento para
abandoná-la, Marta. Mudar-me-ei para o celeiro.
Creio que posso muito bem passar duas noites ali.
Depois de tudo, eu gostaria de terminar a pintura
do vale antes de ir-me.

— Sim, tem que terminá-la, — falou Marta. Se-
ria uma pena deixá-la inacabada.

Marta passou toda a tarde sob o velho carvalho.
Haviam transcorrido os dois dias e agora era chegado
o momento da partida de João. Depois de lavar seu
automóvel, e enchê-lo com suas coisas, o jovem fez
o inventário das mesmas para não se esquecer de
coisa alguma. Marta o observava indo e vindo e não
podia deixar de sentir-se orgulhosa dele. Agora es-
tava forte, recomfortado. Mancara muito pouco e
sua tez tinha uma cor morena, cheia de saúde. Ao
entardecer, João foi buscá-la junto ao carvalho.

— Creio que é hora de me despedir — falou.
Dei-me a partir. Aqui creio haver-me encontrado a
mim mesmo. Voltar ao meu mundo significa per-
der tudo que eu ganhei até agora. Não terei este
ar, esta paz, estas maravilhosas paisagens para re-
produzir em minhas telas.

O jovem acendeu melancolicamente um cigarro
e permaneceu mudo, olhando para longe. Marta,
cheia de tristeza recostou-se no tronco da árvore,
escutando o canto dos pássaros.

Por fim, como tomando uma determinação, ele
apagou o cigarro e disse:

— Deixa-la-ia com muita tristeza, Marta. E não
posso abandoná-la. Serei sincero: jamais poderei
dar-lhe tanta devoção como dei a Eva. Mas dar-
lhe-ei compreensão, carinho, e respeito. Serei tão
bom esposo quanto possa. Aceita-me, Marta?

— Se isto é o que você quer, sim, — respondeu
ela presa de uma vivíssima emoção. — E' para
mim um orgulho ser sua esposa, João.

*

Assim casaram-se e durante sete anos viveram fe-

lizes e contentes. João lia simplesmente o diário de Grischester.

Néle publicavam a miúdo retratos de Eva Pitt-
man. João recortava-os para reproduzi-los.

— Jamais vi cabeça tão formosa para pintar —
dizia sinceramente.

Marta sentia que seu marido não a havia esqueci-
do. Entretanto, como João parecia contente, não da-
va importância à coisa e conformava-se. Por outro
lado, os dois filhos constituíam um vínculo que lhe
assegurava a permanência do marido no lar.

*

A granja havia progredido. João inverteu nela a
herança do seu avô e, como já conhecia a maneira
de administrá-la, as coisas marchavam, econômica-
mente falando, cada dia melhor. Por outro lado,
pintava sempre e seus quadros eram cada vez me-
lhores.

De todos os seus quadros o preferível era um em
que pintara Marta apoiada no velho carvalho. Bati-
zara aquela pintura com o nome de "Eternidade" e
logo colocou-o na parede da alcova, não querendo
que ninguém a visse. Para ele aquela quadro tinha
alguma coisa de sagrado.

— Você e o velho carvalho são minhas duas fons-
tes de inspiração — disse à Marta em certo dia. —
Não quero que ninguém chegue jamais a conhecer
de mim o que vocês dois conhecem.

*

Acontece porém que Eva descobriu "Eternidade"
cinco minutos depois de sua chegada na granja em
companhia do casal Foster. — Eva, viúva recente-
mente, não parecia sentir muito a morte do seu
esposo a julgar pela sua vida nômade e divertida.

— Estamos cansadíssimos — disse a Marta, que
os recebeu. — Poderia subir um pouco para lavar
o rosto e mudar a roupa.

Marta guiou-a ao seu quarto, e mal penetrou nêle
Eva viu o quadro. E cheia de sincera admiração
saiu do quarto para chamar os Foster, dizendo:

— Lila! William! Subam para ver uma maravi-
lha escondida!

Marta seguiu-a fora do quarto dizendo:

— Perdão-me, senhora, mas creio que João não
gostaria disso. Nunca quis mostrar esse quadro a
ninguém.

— Oh! Mas o Sr. Foster deve vê-lo — respondeu
Eva com voz um tanto burlona. — Ele possui uma
galeria de arte em Bond Street e talvez resolva ex-
pôr essa obra prima de João... Como disse que se
chama? "Eternidade"?

— Não sei se estará bem — começou a dizer
Marta, mas se interrompeu ao ouvir a voz de João,
subindo a escada, e dizendo, numa entonação de in-
confundível alegria:

— Eva! Você aqui!

E junto à visitante tomou-lhe ambas as mãos e
acrescentou:

— Continua tão formosa como sempre!

Eva apresentou-o aos seus amigos, os Foster e
falou:

— Desde a morte do pobre Ronald, estive passan-
do uma temporada em Torquai. Ali conheci Lila e
William.

Faz pouco recordei que você vivia aqui, e decidi
que devíamos visitá-lo.

— Muito boa idéia a sua. Sinto quanto à morte
de seu marido. Mas... o que fazemos aqui? Por
que não descemos à sala?

— Oh, não! Vi esse quadro tão belo que você tem
no quarto e desejo que o mostre ao Sr. William.
Ele é um completo perito, e talvez exiba tua obra
em sua galeria de Bond Street.

— Você acha tão bom assim o meu quadro, Eva?
— perguntou João, lisongeado.

— E' extraordinário, João! — exclamou Eva.

— Bem, Marta, abre a porta, — disse ele. Marta abriu, sentindo-se envergonhada e, logo pretextando tarefas, desceu à sala.

Minutos depois desciam os demais. E o Sr. Foster dizia:

— Francamente, Eva! Se as demais telas forem como essas, não haverá inconveniente em organizar uma exposição unicamente com suas obras! Será uma inteira consagração artística! Quem diria que nestes campos se esconde esse um gênio!

Eva, em um aparte a Lila Foster, disse:

— E pensar que eu rompi meu compromisso com ele porque decidiu dedicar-se à pintura!

Marta estava na cozinha, de onde podia ouvir perfeitamente o que diziam as duas mulheres. Para que não falassem em voz tão alta, fez ruido com umas vasilhas. Mas evidentemente era muito pouca ou nenhuma a importância que lhe atribuiam, porque continuaram falando em voz alta.

— Ah, Eva! — exclamou a senhora Foster, rindo. — Essa nossa inteligente Eva cometeu grave erro! Como pôde ser isso?

— Eu era jovem, ambiciosa; não estava disposta a casar-me com um homem que para dedicar-se à pintura renunciava às comodidades e à reida que lhe dava seu pai. Ronald apareceu no momento oportuno; você o conheceu: era rico, bem parecido... nunca o amei, mas assim mesmo aceitei-o por esposo.

Eva fez uma pausa e depois acrescentou, mudando de assunto:

— Não é verdade que ele está interessantíssimo com a cicatriz no rosto.

— Oh, vamos, Eva! — disse a senhora Foster rindo. — Não se esqueça de que ele é casado!

— Bah! — disse Eva rindo. Mas nada acrescentou porque nesse momento entraram João e o Sr. Foster.

Marta quedou-se imóvel, presa de uma grande angústia. “Seria possível que Eva tentasse reconquistar João?”

Ele havia dito uma vez que bastaria que ela o chamassem com um dedo para acudir atencioso ao seu lado...



Marta passou um dia de sofrimento. Durante a refeição as outras mulheres falaram e riram continuamente. Nunca, nem sequer, por cortezia, dirigiram-lhe uma palavra.

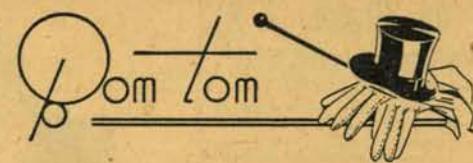
Qualquer pessoa teria dito que Marta não estava sentada na mesa... E para completar a pobre sentir-se humilhada, comparando seu modesto vestido de algodão estampado com as sedas das elegantes festeiras. Por outro lado, a inofensável alegria de João contribuía mais ainda para a sua depressão.

Depois do almoço, João levou os visitantes ao estúdio sobre o celeiro, para mostrar-lhes o resto das telas. Para Marta os minutos passaram lentos, pesados, torturantes. Eva, com inteira confiança, apoiou-se no braço de João, para dizer-lhe:

— Você tem que levar as suas telas a Londres o mais breve possível. Verá como vai triunfar! E verá, sobretudo, como nos divertiremos. Ah! mas se há algo que me faz feliz, é poder comprovar que não se esqueceu de mim, João!

— E nunca poderia esquecê-la, Eva — respondeu ele com uma entonação estranha.

A estas palavras, Eva voltou-se e lançou um olhar para sua amiga, a senhora Foster. E Marta virou-se também para que não vissem as lágrimas que assomavam aos seus olhos. Entretanto, pensou resignada que não devia opor-se quanto à ida do marido



O aperto de mão deve ser breve, decidido, cordial, e atencioso. Nestes preceitos está condensada sua significação, que é de saudação, mesma. E não há diferença alguma entre a saudação feminina e a varonil, por mais que nesta se tolere uma maior tensão, em certas ocasiões.



Falar com afetação, como que se escutando a si próprio e pelo prazer de ouvir-se, é um artifício que, longe de ser considerado dom, ou uma recomendação de desenvolvimento e traquejo social, denota pedanteria, falta de tacto e dessa mesma desenvoltura de que se pretende fazer alarde. Em geral os que assim se conduzem não observam como se tornam mecânicos e insípidos os gestos e ademanes estudados e como sóam vazias as palavras empoladas pronunciadas com ênfase e teatralidade. São atitudes que se devem evitar. E, prestando-se atenção, ver-se-á que as pessoas mais corretas são as que falam naturalmente, porque são dotadas de simplicidade, essa simplicidade que parece nada, que parece facilíma e insignificante mas que nem sempre se adquire.



A antiga norma, segundo a qual o cavalheiro, acompanhado por senhoras, caminha sempre na margem da calçada, já não é seguida rigidamente. Um cavalheiro acompanhado por duas senhoras, pode, se preferir, caminhar no centro e dividir entre ambas as suas atenções.



Acuse sem demora o recebimento de presentes de aniversário, de casamento, ou de dívidas a um recém-nascido. Tais cartas de agradecimento são importantes e, quanto mais demorar para respondê-las, maior dificuldade encontrará.



Constitui uma nota chocante, por atentar contra os mais elementares princípios de higiene, ume-decer os selos postais com saliva, quer levando-os aos lábios ou usando os dedos, o que é mais grave.



Participando-se de um grupo de pessoas que palestram, não se deve esquecer de que constitui grave indelicadeza interromper um assunto de interesse geral para lembrar um fato de interesse restrito e, às vezes, até inóportuno...

Banco do Brasil S.A.

O maior estabelecimento do crédito do País

Matriz no RIO DE JANEIRO

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do Brasil e correspondentes em todos os países do mundo.

DEPÓSITOS COM JUROS

(sem limite) a. a. . . . 2 %
Depósito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPÓSITOS POPULARES

(Límite de Cr \$10.000,00)

a. a. . . . 4 %

DEPÓSITOS LIMITADOS

(Límite de Cr 50.000,00)

a. a. . . . 3 %

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO:

Por 6 meses a. a. . . . 4 %

Por 12 meses a. a. . . . 5 %

DEPÓSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:

Por 6 meses a. a. . . . 3½ %

Por 12 meses a. a. . . . 4½ %

DEPÓSITO DE AVISO PREVIO:

Para retirada mediante aviso prévio:

De 30 dias a. a. . . . 3½ %

De 60 dias a. a. . . . 4 %

De 90 dias a. a. . . . 4½ %

Depósito mínimo inicial — Cr \$1.000,00.

LETRAS A PRÉMIO:

Selo proporcional. Condições idênticas às do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de câmbio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- a) — custeio de entre-safra; aquisição de sementes;
- b) — aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- c) — custeio de criação;
- d) — aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhoria de rebanho;
- e) — aquisição de matérias primas;
- f) — reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- g) — reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do País e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam precisar com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte - RUA ESPÍRITO SANTO

O CONTO EXPRESSO



★ Modernismo ★

Paul Weber

AO PASSAR, prestei atenção.

A senhora Charolais dizia à senhora Fenonil:

— Sim; prenda essa pequena sem vergonha. Fique certa de que não voltará a sair.

— A senhora é muito severa — respondia a senhora Fenonil.

— Não o creia. Ela é muito jovem para que eu lhe permita que faça loucuras. Quase todos os dias, Charlot, o Charlot da casa em frente, vem rondar por aqui; e quando me descuido, zás!, dentro de casa. Naturalmente que é pela pequena. Ontem os surpreendi juntos, atirei-o a rua e disse à pequena:

— Caso isto se repita, já sabes o que se passará contigo!

Ela naturalmente procurou amansar-me, porque o que deseja é sair à rua. Mas estou disposta a não ceder, e é inútil que ponha os olhos em branco e faça toda sorte de gestos para convencer-me, pois eu respondo sempre:

— Não, senhorita; não.

Se a gente não educá-las de modo severo elas acabarão por nos dar desgostos. Namoram, passam as noites fora e depois voltam. Deus sabe como... Sem falar no risco que correm de expôr-se a encontros desagradáveis e a uma surra inesperada. Mas sua mamãe está atenta a velar por ela. E' claro que a encho de mimos e lhe dou tudo quanto deseja. Mas, isso de sair a toda hora é que não: de maneira alguma! Sou inflexível.

— Perdoai! — disse eu, aproximando-me. — Falais de vossa filha, senhora Charolais?

— Não, senhora; falo de minha cachorrinha...

* * *

Oito dias depois, ao passar junto das duas eternas palestradoras, ouvi que a senhora Charolais dizia à senhora Fenonil:

— A semana passada ela me escapou. Perguntei a todo mundo se a tinha visto, e alguém me respondeu: "Por que não lhe pôs uma coleira?..." Eu estava desolada, um suor frio inundava-me as faces, até que ontem, que foi que vi perto da porta?

— Seguramente, ela.

— Sim, senhora, e com as orelhas sujas. Então lancei mão do chicote e gritei-lhe: "Ah, imunda! sem vergonha! Animal impudico! Vais agora mesmo para o teu caixão!" E apliquei-lhe uma boa dose de pancadas. Latiu furiosamente, em termos que partiam o coração. Dava saltos, encoibia-se, agitava-se no chão. Mas eu firme, não atendia. Até que esgotei todas as minhas forças. Aí a tem você, no entanto, tão tranquila cochilando ao lado do fogão. A lição foi boa.

— Perdoai! — disse eu, aproximando-me — Falais de vossa cachorrinha, senhora Charolais?

— Não, senhor; falo de minha filha.

* * *

Finados

No cemitério, papai nota que Eduardinho lê atenciosamente todas as inscrições dos túmulos. Depois de ler uma centena delas, pergunta intrigado:

— Papai, e onde se enterram os maus?



LIBERTO de Oliveira é autor de um poema em que figura o desaparecimento de uma criatura jovem e, ao mesmo tempo, a saudade que os objetos de seu quarto sentem dela. É uma poesia carregada de substância poética, apesar da forma rígida. O leito, a cortina do leito, o leque, as jóias, o peitoril da janela, um livro esquecido, todas as coisas mudas enfim que cercaram a criatura que morreu falam dela, chamam a ausente, ecoam os seus gestos, os seus movimentos, a sua vida cheia de graça...

Sentindo a verdade emotiva desse quadro vitalizado pelo poeta, a gente comprehende bem como é verdadeiro dizer-se que os mortos governam os vivos. Realmente. O corpo é um envoltório sugestivo ou sedutor, mas o espírito que o habita — a sua alma, esta é a sua fisionomia mais irradiante, é o seu poder maior de perpetuidade. Talvez em todo o ano não haja um dia votivo mais humano, mais cheio de vida do que o dia de finados. E' então que o movimento exterior das cidades se suspende um pouco, e todos — pobres e ricos, céticos e cren tes — são tocados pelo invencível desejo de cultuar os seus mortos particulares, aquêles que os acompanham, os guiam e os melhoram no sentimento e no pensamento.

E ninguém pode fugir à presença dos ausentes. Eles estão impregnados em nosso coração e também em todos os objetos que os serviram. Eles vivem no plano de sua atividade e no das suas inclinações. Se souberam extravar a alma, isto é, se foram escritores, poetas, ou músicos, então a sua faculdade de sobrevivência é muito mais viva. Chopin e Goethe nos dirigem e comovem hoje, tanto quanto no tempo em que viviam. Mas o que eterniza os mortos é sobretudo o nosso amor. E a razão é que aquêles que nos sobrecarregaram o subconsciente com a sua afição, por meio de palavras e atos bons, se por acaso desaparecerem objetivamente, ainda permanecem, apesar de tudo, juntos de nós, estão mesmo dentro de nós, quer estejamos acordados ou dormindo, da mesma maneira por que o ruído do mar fica dentro de uma concha.

Sussurram a nostalgia em nossos ouvidos e somos como antenas sensíveis a suas misteriosas influências. Tudo nos lembra os que nos conquistaram o coração. Foram-se em verdade, mas o homem só vive é pela memória, causa do seu infortúnio, mas também da sua espiritualização. Na arte, o que se tem produzido no mundo de mais empolgante e vivido tem sido inspirado pelos mortos. O maior poema de todas as línguas não há dúvida de que é *O Corvo* de Edgard Poe, porque ali se lê, juntamente, a impossibilidade da vida com a ausência que é a morte. A tragédia de viver é esta mesma: — a de não querermos ou podermos separar-nos dos que amamos. E essa ânsia de eternidade e comunhão é a força dos mortos sobre os vivos.

Dia de finados! Mas não é um só dia, são todos os do ano, porque para eles o tempo não existe e a sugestão dos que se foram é permanente como um fluido eterno. Eles não se esquecem porque têm um modo particular de se fazerem lembrados. Mas uns se evocam pela bondade, outros pelo heroísmo, outros pela beleza física, outros pela poesia e muitos pela música.

Conheço uma criatura que não se esquece de alguém

Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

*

Diretor-redator-chefe
MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO



que se lhe faz sempre presente pelos noturnos de Chopin. Ainda outro dia, assim me falava: — "Vou levar estas flores para uma criatura que mora dentro da terra. Ela

me fugiu sorrindo, com uma rosa na mão. Era musical e me deixou no mundo com uma saudade sonora de sua presença. Não posso ouvir mais a Polonaise sem que me sinta sufocado. Hoje, toda música me enternece e me dá nostalgia. Toda música me dá uma vontade louca de fechar os olhos para sempre, dentro de um silêncio perpétuo, escondido também no seio da terra, onde ela baixou para se fazer flor, luz ou sonho, não sei..."

Nós todos somos mais ou menos assim como este homem, guiados, conduzidos ou dominados pela saudade, que é a poesia das recordações...

Vamos pois, em uma romaria silenciosa, com as mãos cheias de rosas, com a alma povoada de saudades, vamos visitar os nossos mortos, afim de buscar um pouco de vida e de sonho junto de seus túmulos, sobre os quais passam os ventos, cai a chuva e se estendem os nossos braços...



Vitrine

UM LIVRO PARA

UM leitor prático me consulta a respeito de um problema difícil do ponto de vista da leitura. Não tendo tempo a perder, quer a indicação de uma obra que seja, de modo genérico, agradável e proveitosa.

A solução do caso depende de muitas circunstâncias. A leitura está condicionada à idade do leitor, a seu temperamento, à natureza de seu espírito e, sobretudo, ao fim a que visa. Na base de tais dados, é que se pode dar ou se deve dar um conselho conscientioso. Mas há uma obra-prima que domina todas as condições individuais, sendo aconselhável a qualquer criatura em quaisquer circunstâncias de sua vida. E' a *Imitação de Cristo*. E' difícil de ser lida, porque requer recolhimento, meditação e sentido de profundidade. Não pode ser deletreada da maneira como lemos os outros livros. Ela revê a experiência de uma perfeita reeducação interior. Cada pensamento da *Imitação* se apresenta carregado de sabedoria e, assim seja analisado, se desdobra em mil aspectos insondáveis. De modo que é um verdadeiro desafio ao espírito frívolo.

Analisada, porém, com calma, com brandura,

★ POETAS E PROSADORES ★



BASTOS PORTELA

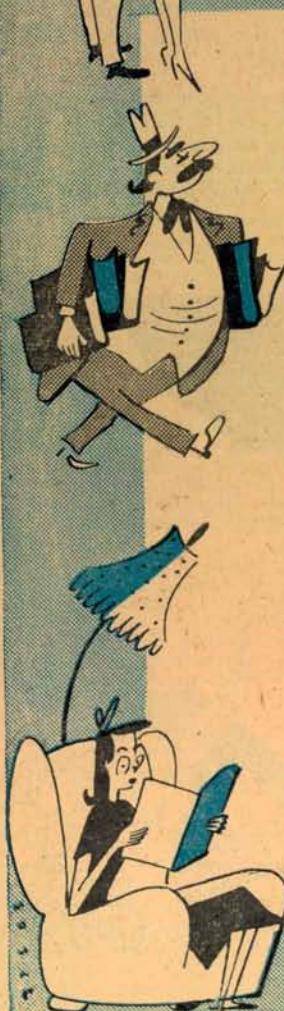
VINDO para o Rio aos dezenove anos de sua idade, Bastos Portela, que nasceu no Recife, cedeu, neste passo de aventura, a sua inclinação de artista. Estava percorrendo a parábola que todos nós descrevemos, nós pobres homens de letras que nascemos no interior do Brasil. Portela fez também o que todos fazem. Entrou para as redações dos jornais cariocas. Trabalhou na *Folha do Dia* na *Gazeta de Notícias*, no *O Imparcial*, na *A Folha*, na *A Pátria*, no *O Jornal*, na *A Notícia*, na *A Batalha* e em outros jornais do Rio. Em 1922, entrou para a direção do *Fon-Fon* e ai encontrou clima mais propício para o seu temperamento e sua sensibilidade. Era o autor da seção *Salbam Todos...* que prendia a atenção dos leitores e, especialmente, das leitoras daquela revista carioca.

Através desse tempo, Bastos Portela veio publicando versos em revistas e em livros, podendo-se indicar, entre estes, *O Suave Entêvo*, *Azul e Rosa* e *Uma garçonne carioca*, romance. Tem ainda uma obra em preparo — *"Os novos" de ontem*.

Qual foi o resultado dessa atividade literária? Foi tornar conhecida, lida e apreciada a sua produção literária. Um artista triunfa quando alcança de modo definitivo um público firme e numeroso. Portela obteve essa vitória. E tal vitória só se obtém quando se possui uma personalidade artística inconfundível, fazendo-se notar por traços muito pessoais. Ele é um lírico, e o seu lírico, por ser espontâneo e vivo, põe raízes na alma de nossa gente, sempre fácil à emoção e sempre pronta à lágrima.

A poesia recebeu modificações bastante radicais tanto na concepção quanto na forma, mas o que é certo é que, logo que foge ao nosso fundo romântico, perde toda a sua força, todo o seu poder de sugestão. Este vieiro não deve ser abandonado. Portela não abandonou a alma de seu país em seus poemas. E como as mulheres são tradicionalistas em tudo, em religião, em costumes, em sentimentos, em arte, as

(Conclui na página 116)



Literaria

VOCÊ



CRISTIANO
LINHARES

com boa vontade cristã, a *Imitação* se revela a obra mais consoladora e edificante que já um dia foi escrita neste mundo.

A sua melhor interpretação ou o seu mais exato elogio se resume na crença verdadeira de que cada um de seus aforismos é um remédio para todo mal que nos assalte. Quer você um antídoto para a sua dor, qualquer que seja a sua natureza de origem? Abra a *Imitação* e leia a primeira frase que lhe cai sob os olhos. Aí está o caminho a seguir para o seu consolo e a sua paz. Tal verdade se acha ao alcance de todo mundo para ser verificada. Ora, se assim é, segundo a experiência de milhares de pessoas, é o caso de se perguntar que livro poderá substituir ou ser equiparado à *Imitação*. A não ser os *Evangelhos* ou a *Bíblia*, nenhum outro.

Firmado nessas razões, apuráveis, facilmente, é que recomendo ao meu leitor anônimo que leia todo dia, nas horas boas e nas horas más, a *Imitação de Cristo*. Sentirá que tem a seu alcance um dos maiores resumos da sabedoria humana. E se penetrar e praticar as suas lições, há de ver que, afinal, encontrou o caminho, a verdade e a vida.

★ LIVROS NOVOS ★

EDIÇÕES MELHORAMENTOS — Para crianças.

Em luxuosa encadernação e magnífica apresentação gráfica acabam de aparecer mais dois interessantes volumes das excelentes edições para crianças da Melhoramentos. Tratam-se agora de "Os dois ursinhos", história de Ignês Hogan, traduzidas por Mário Donato e fartamente ilustrada, e "O Duque de Caxias", de

Renato Séneca Fleury, com desenhos de Belmonte.

OS MAIS BELOS CONTOS
Antologia — Vecchi Editóra.

"Os Mais Belos Contos de Amor" dos mais famosos autores é mais uma bela antologia com que a confeituada editóra brasileira Vecchi brinda seu grande público leitor. Nela vemos os melhores contos dos

mais consagrados escritores nacionais, antigos e modernos, numa seleção à altura do bom gosto do público brasileiro. Ótima antologia.

EDUCAÇÃO DOS PAIS —
Dr. William Steckel —
Livraria José Olimpio
Editóra.

Este livro, traduzido cuidadosamente pelo dr. Leme Lopes e prefaciado pelo dr. Silva Melo, constitui uma das melhores publicações do gênero ultimamente aparecidas em português. Sabio na matéria, Steckel abre aos pais uma estrada ampla e segura para a educação dos filhos, ensinando-lhes com maestria invulgar como corrigir certos defeitos e estabelecer medidas salutares. Belo livro.

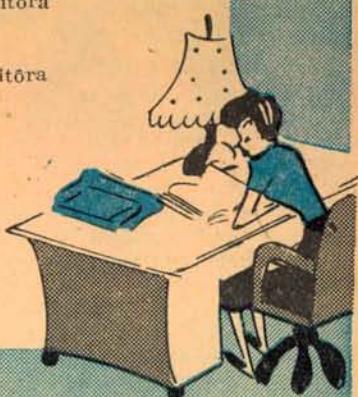
ABDIAS — *Ciro dos Anjos*
— Livraria José Olimpio
Editóra.

Reafirmando as excelentes qualidades do romancista mineiro Ciro dos Anjos, que há oito anos nos ofereceu o belo romance "O Amanuense Belmiro", a grande editóra José Olimpio nos dá agora "Abdias" numa excelente apresentação gráfica. Com esse romance Ciro dos Anjos vai suscitar discussões sobre um assunto muito debatido em nossos dias: o problema do romance — equação por ele resolvida da maneira mais feliz e auspíciosa.

(Conclui na página 116)

★ OS "BEST-SELLERS" DO MÊS ★

- 1.º) COM A F. E. B. NA ITÁLIA — Crônicas — Rubem Braga — Editóra Zélio Vaiverde
- 2.º) HISTÓRIA DE PRACINHA — Reportagens de Joel Silveira — Editóra Leitura.
- 3.º) SANTA — Romance — Frederico Gamboa — Editóra Vecchi.
- 4.º) O SOL E' A MINHA RUINA — Romance — Marguerite Steen — Editóra José Olimpio.
- 5.º) A VIDA DE SCHOPENHAUER — Biografia de Karl Weissmann
Editóra Cultura Brasileira.





Madame Dubarry RAINHA da MODA

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

"Foi vendido em leilão público o quarto de dormir de Madame Du Barry, célebre favorita de Luis XV."

(Dos jornais)

ELA reina. Chove no momento em que vos escrevo. E' que, provavelmente, ela o permitiu".

E' um trecho de uma carta escrita de Versailles em 1770, por uma meninota de 15 anos à sua mãe: pela Delfina de França, Maria Antonieta e Maria Teresa, imperatriz da Áustria.

"Ela" é a condessa Du Barry, mais poderosa do que uma rainha, depois de ter sido uma obscura costureirinha da rua Saint-Honoré. Maria Antonieta, "a pequena ruiva", como a chama Madame Du Barry, não gosta da bela amiga de Luis XV, avô de seu marido, "o rapagão mal educado", segundo a designação da favorita.

Jogo político? Desdém de menina de boa família, de sangue real, pela aventureira, a cortesã elevada ao trono? Talvez. Mas certamente: ciúme, rivalidade de mulheres bonitas. Cada uma delas deseja ser a primeira dama da "Tout-Paris" elegante, aquela que lança as modas, cujos vestidos e chapéus são copiados pelas senhoras da corte, da alta sociedade parisiense, pelas mulheres de toda a França, do mundo inteiro.

A diferença de idade entre as duas fica ainda mais reduzida, de vez que a Du Barry, que tem vinte e quatro anos, só confessa vinte e um (ela levará essa faceirice até os pés do cadafalso, declarando em 1793 que tem trinta e nove anos — e não quarenta e nove, conforme a verdade — diante do Tribunal que a condenará à morte na guilhotina). A antiga "midinette" e a arquiduquesa que será rainha, não sómente se vestem na mesma costureira como também possuem em comum, certos traços de caráter: não gostam da etiqueta que as opõe, são coquetes e frivolas, têm a paixão dos gastos loucos e o culto das coisas bonitas (e os seus lindos cachos louros, hoje penteados pelo mesmo cabeleireiro, cairão vinte anos mais tarde sob os golpes da tesoura do mesmo carrasco).

Sem dúvida, a jovem Delfina aprende com a favorita, sem percebê-lo, a arte de rodear-se de um luxo requintado e de valorizar seus encantos naturais com os artifícios da moda. Pois não são, decerto, suas tias, as virtuosas e austeras "Mesda-

mes", filha de Luis XV e da defunta rainha Maria Lesczinska, que transformarão numa parisiense perfeita a pequena vienense inexperiente e singela que acaba de chegar à corte de Versailles.

Ademais, todo mundo imita o "chignon à la Du Barry" que o cabeleireiro Lamet criou para esta, e que sustenta um grampo especialmente inventado pela própria condessa, "sem que pareça preso à cabeça". Para se vestir, a Du Barry também tem seu "genre" pessoal: detesta as grandes toaletes e aparece, mesmo nas ceias servidas no apartamento real, num simples vestidinho sem armadão para sustentar a saia, nem colête de barbatanas para apertar-lhe a cintura (liberdade inaudita, que encanta o soberano, cansado, também ele, da etiqueta convencional). Essas "petites robes" da linda condessa são esvoaçantes, flexíveis, tais as roupas diáfanas das deusas mitológicas, ornadas de grinaldas de flores, não dissimulando as linhas do corpo: Greuze, Boucher, Fragonard imortalizaram-nas em suas telas. Para os passeios no campo e as partidas de caça, entretanto, ela escolhe um feitio masculino, gênero "sport", diríamos nós, com enfeites militares, e jabot de renda inglesa sob a gola entreaberta — outra originalidade ousada e muito notada. A maneira de vestir da Du Barry, inspirada pela pintura, inspira por seu lado, os pintores.

"Ela tinha sede das coisas belas", disse um dos seus biógrafos, "das roupas brancas finas, dos estofos ricos, dos ador-



nos novos. Mas essa fraqueza não era senão um desvio do grande sentimento que faz amar as artes, e ela bem o provou quando pôde, de certo modo, purificar-se, encomendando estátuas, quadros e palácios aos primeiros artistas da época". Os mais famosos pintores e escultores do seu tempo fixaram seus traços em retratos que ficaram célebres. "L'original était fait pour les dieux!" exclamou Voltaire ao contemplar o busto da Du Barry modelado por Pajou.

Esse lado da sua existência reflete-se nos quatro volumes das contas da Condessa Du Barry existentes na Biblioteca Nacional de Paris. Sobre artistas e artezãos ela fazia cair uma verdadeira chuva de ouro. Desde que se levantava, todas as manhãs, modistas, gravadores, encadernadores, tecelões, arquitetos, decoradores, joalheiros, vinham oferecer-lhe suas últimas criações, e não se passava um dia sem que ela fizesse uma encomenda importante.

Não se conservou seu palácio de Louveciennes, perto de Paris, onde ela reunira todos os seus tesouros. Segundo as gravuras e as descrições da época, era verdadeira jóia da arquitetura. O mobiliário, os livros, os objetos de arte que o guardavam, passaram para coleções particulares, museus, bibliotecas públicas. Muitos quadros seus se encontram no Museu do Louvre. A Biblioteca de Versailles possui mais de trezentos volumes sumptuosamente encadernados e marcados com as armas da condessa Du Barry, trazendo sua divisa: "Boutez en avant!" — sempre para frente.

De vez em quando coisas do seu espólio que ainda estão em mãos de particulares mudam de proprietário: isto nunca deixa de ser um pequeno acontecimento no mundo das artes. Assim, em 1885, causou sensação a venda dos dois retratos que o pintor Drouais fez da Madame Du Barry e expôs no salão de 1771. Há pouco, o mobiliário do seu quarto de dormir era vendido ao correr do martelo, com grande assistência de curiosos. A humilde modista da rua Saint-Honoré, a quem sua beleza e o amor de um rei dera uma glória efêmera, participa de legítima imortalidade pela graça dos objetos que outros artistas parisienses criaram sob a sua inspiração.



como estou outra agora...



Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, saudáveis e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fixa sem emplastar, evita a caspa e a queda do cabelo. Depois de permanecer quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá cor e brilho natural. Nos cabeleireiros de 1.º ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

ASMA? TOSSE? BRONQUITE? ASMÁTICA?

ASMAX

indicado por ilustres facultativos

LABORATÓRIO ASMAX LTDA.
RUA RIO DE JANEIRO, 145 — POÇOS DE CALDAS-

*de
mês a mês*



*Texto e Versos de
GUILHERME TELL
Bonecos de ROCHA.*

Em palestra com jornalistas, em Hollywood, Paulette Goddard confessa que as "estrélias" se sentem extraordinariamente fatigadas e nervosas quando trabalham em filmes em que há beijos e cenas vivas de amor.

Em palestra (belo ensejo)
Que lhe oferece o jornal)
Confessa a "estréla" que o beijo
Aos nervos, sempre faz mal.

Ela, atriz de sangue frio
Tão cônscia do seu valor,
Sente, no corpo, um arrepião
Depois das cenas de amor.

Não sabe bem porque seja,
Mas nota um distúrbio atroz;
Depois do beijo, gagueja,
Perde a linha e perde a voz.

Disse, de um modo expressivo,
Que o beijo faz mal aos dois:
— Bebemos o aperitivo
E o jantar não vem depois...



As casas de artigos para senhoras, no Rio, estão fazendo a propaganda de um novo modelo de "soutien" confeccionado em tecido de leite.

Que a idéia não se rejeite
Nesta hora de confusão:
O "soutien" de puro leite
É a mais recente invenção.

Há de causar belo efeito
E a nossa indústria se anima;
— Tem-se o tecido perfeito
Cobrindo a matéria prima...



Um rapaz, em Pernambuco, apresentou como pretexto de rompimento do noivado o fato de ter a sua noiva um dente postiço.

Para ter vida folgada,
Encontrou essa razão:
— O dente falso da amada
Foi o "pivot" da questão.

A gente logo adivinha,
Estudando essa querela,
Que era o amor que o noivo tinha
Mais falso que o dente dela.



Milhares de oradores, em comícios realizados em todo o Brasil, continuam a exaltar a democracia esperando, pelo voto livre, resolver os nossos problemas.

Sempre a mesma melodia!
Discursos, democracia,
A lei, a paz, a fartura...
Liberta-se o pensamento,
Palavras levam o vento
E a carestia perdura.

Discursos tonitroantes
De oradores irritantes
Que só pedem a eleição...
Tempo passado, remoto,
A nostalgia do voto,
Ópio do povo, ilusão...



Noticiam os jornais argentinos que estão aparecendo, no mercado, "batons" preparados com substâncias tóxicas.

O "baton"... mas que imprudente
Envenenou-o, Senhor!
A notícia faz a gente
Estremecer de pavor.

Todo o mundo sente o abalo
E toma cuidado e zelo:
Mulheres que vão usá-lo,
E homens que vão comê-lo!...

Os males não são pequenos,
(Ai pobres de nós mortais!)
A mulher, entre os venenos,
Agora, tem esse a mais.

Que ninguém disso se queixe,
Mas tôda cautela é pouca:
— O homem, tal qual o peixe,
Hoje, morre pela boca.

Quando o senhor deixar de existir, QUEM RESPONDERÁ POR ESTES COMPROMISSOS?

*Educação dos filhos Cr\$...
Manutenção da família"
Aluguel da casa"
Assistência médica"
Hipoteca"
Impostos de transmissão"
Despesas eventuais"*



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida **"PREVIDÊNCIA DO SUL"**

PÓRTO ALEGRE

Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE

R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO

Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO

J. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR

Chile 25/27, 4.º

CURITIBA

15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE

10 de Nov.º 147, 4.º

A "PREVIDÊNCIA DO SUL" JÁ' PAGOU A SEGURADOS E BENEFICIÁRIOS MAIS DE 70 MILHÕES DE CRUZEIROS E A SUA CARTEIRA DE SEGUROS DE VIDA EM VIGOR SOBE A MAIS DE 600 MILHÕES.

HA em toda a obra de ficção de Eça de Queiroz uma vasta galeria de criaturas cada qual mais pitoresca e singular. Desde que o romancista lusitano integrhou-se na escola realista, a maior preocupação que lhe agitou o espírito foi colher as figuras que de algum modo representassem a decadência, o convencionalismo, a chatice, como dizia o escritor, da sociedade portuguesa de seu tempo. Crítico por índole, temperamento rebelde, observador sagacíssimo, escrevia Eça os seus romances com o objetivo de pintar os costumes combatendo os erros, os prejuízos, a parlatícia, os vícios que infestavam a sociedade portuguesa.

Sentindo a necessidade de um estilo capaz de todas as expressões para a realização do romance moderno, Eça moldou uma prosa maleável, colorida, vincada de ironia e graça. Seguro desse possante instrumento plástico, sonoro e díctil, que desde logo causou a admiração geral, dedicou-se com bastante fervor à criação de uma obra que por todos os títulos se tornaria notável.

Eça de Queiroz, destarte, empreendendo a crítica social através do romance, revelou-se um incomparável criador de tipos. Recortou figuras que se tornaram indeléveis, pintou paisagens encantadoras e de suave lírismo, descreveu cenas e preparou situações de vivo interesse, alfinetou instituições veneráveis, pôs o ferrête de sua ironia nos lombos da sociedade burguesa; mas no criar e no focalizar certos tipos que pululavam no ambiente social, com suas peculiaridades, suas manhas, seus ridículos, suas perfídias ou suas malícias, nas caricaturas desses tipos Eça manifestou todo o poder do seu gênio. Tais personagens, pôsto que muitas delas sejam meramente caricaturais ou deformações consoante os fins da crítica, se erguem diante de nossos olhos como verdadeiras criaturas humanas. Encontramos nelas não só o burlesco, mas a verdade psicológica, a riqueza de pormenores e os traços típicos, os nervos e as paixões que as põem em pé como indivíduos de carne e osso.

Alguns tipos de Eça de Queiroz não foram integralmente apanhados ao vivo, pois o artista compunha figuras com os caracteres observados em pessoas. Idealizava-os. O padre Amaro, figura central do seu primeiro romance, é uma ficção. O próprio Eça declarou que o padre Amaro foi "mais adivinhado que observado". Mas, se Eça sempre se esforçou por introduzir em seus ro-

mances tipos observados "de visu", ao natural, estudados de perto segundo os métodos do realismo, não deixou, contudo, de ser um prodígio criador de tipos e descobridor finíssimo de singularidades e ridículos. Artista altamente dotado, Eça de Queiroz não se limitou em copiar a vida, não se deixou cair no mau gosto de tantos realistas. Observando a realidade, criou uma obra de arte. A fantasia não deixou nunca de embelecer a verdade dos seus romances.

A ambição artística de Eça de Queiroz era pintar a decadência da sociedade portuguesa exatamente como elle a via e sentia. Era sua aspiração acutilar a vida da burguesia de Portugal, o mundo oficial, ventrudo e parvo, a literatura rotineira, o sentimentalismo mórbido, o sensualismo bestial e hipócrita, todos os males que consumiam as energias da nação. Com esse programa e decidido intento superior de vergastar tudo quanto lhe parecia detestável, inútil, tolo e desprezível, o escritor foi compondo os seus romances sempre de olhos penetrantes e postos na vida social portuguesa, objetivo máximo das suas cogitações de crítico e artista.

Quanto às personagens, Eça sempre entendeu estudar as criaturas que caracterizassem certas tendências humanas, caracteres que definissem as instituições e os costumes corrompidos de uma sociedade corroída até a medula pelos desvios, as más influências e os erros de educação.

Surdem assim, dentre as páginas admiráveis do notável romancista, as figuras de Acácio, representante do formalismo oficial, vazio e inconsequente; de D. Felicidade, a beatice em pessoa, a religiosidade parva levada ao extremo; de Ernesto, o literato frívolo; de Julianá, a criada descontente com a profissão, "em revolta secreta contra a sua condição"; e ainda o primo Basílio, peralta valdoso e sem alma, que pretende apenas "uma aventura e o amor gratis"; o Fradique Mendes, requintado, elegante, esgotado pelo tédio de uma vida ociosa; a Luiza, sentimental, intoxicada de romantismo, "sobre-excitada pelo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral"; o Jacinto, arrasado de civilização, que procura o campo para desafogo da alma, o Titó, o Gonçalo Ramires, o Saavedra...

*
Entre tantos tipos admiráveis, de

uma justeza de contornos quase inexcedível, de uma flagrante veracidade, que perpassam e vibram através da obra de Eça, dois deles se destacaram, se popularizaram e se immortalizaram: — o Acácio e o Pacheco. Ambos são criaturas que se identificam. Ambos são feitos da mesma argila. Ambos possuem o mesmo feitiço mental, o mesmo caráter burguês, as mesmas idéias, os mesmos tecidos. A diferença entre os dois está somente na maneira de reagir. Ambos são pessoas graves e de respeito, que alcançaram posição social justamente por serem destituídos de inteligência superior. Ambos representam a mentalidade acanhada, comum em certas figuras de alto conceito, e que, todavia, galgam todas as posições, empurrados pela família, pelos amigos, pelas situações. Gozam logo do benéficio, do apoio e do aplauso, porque são genuinos representantes da mediocridade e parvoice, da gente que os rodeia.

O Acácio é senhor respeitável, que discursa, afirma, conceitua com imensa pobreza de idéias, e que todos admiram. Não obstante, era às vezes macante e importuno. Que o diga a Luiza, d' "O Primo Basílio", forçada até a entrar numa igreja, sem necessidade, para evitar a impertinência do homem, que realmente estava atrapalhando...

Pacheco, por outro lado, não gostava de falar. Sua fama de ter talento provinha daquele ar grave, meditando, pacato, que sabia manter e a todos impressionava. A propósito, Antônio Sales compôs um magnífico soneto, intitulado o "Jaburu", no qual pôs em relevo o Pacheco que o poeta diz existir também entre as aves:

Magro, comprido, imóvel e bicoudo,
O jaburu se queda, horas a fio.
Num pé, metido na água, em sério es-

[tudo]

Que lhe preocupa o cérebro vazio.
Nadam aves joviais, brincando en-

[trudo,

Outras soltam canções em desafio;
Entanto, o jaburu, frio e sisudo,
Não move as asas e não solta um pio.

Tudo o que vibra, tudo o que perfu-

[ma,

Tudo o que encanta os olhos, coisa [alguma

Comove o sábio desdenhoso e séco,

Apenas, para impor-se às outras [aves,

Faz com a cabeça alguns meninos [graves;

— Também as aves têm o seu Pa-

[checo.]

Éça de Queiroz ★ Ilust. de Rodolfo

O Conselheiro Pacheco triunfou em todas as esferas de importância social sem qualquer demonstração de inteligência e capacidade. Sem saber como, viu-se prestigiado, respeitado, sobejamente admirado. Éça, seu criador, biografa-o, afirmando entre outros particulares, que "Pacheco não deu ao seu país nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéia."

"Pacheco — informa-nos Éça — era entre nós superior e Ilustre unicamente porque tinha um imenso talento."

Duas gerações soberbamente aclamaram o talento de Pacheco e, contudo, nunca esse talento deu de si qualquer manifestação positiva. "O imenso talento do Pacheco ficou sempre calado, recolhido nas profundidades de Pacheco!" E assim o homem alcançou as culminâncias sociais. E tudo foi: Deputado, Diretor de Banco, Conselheiro de Estado, Par, Presidente de Conselho, Ministro, etc., etc. E nunca Pacheco sentiu necessidade de soltar o seu imenso talento. A fama o envolvia de tal modo, que seria perigoso contestá-la. Quem seria capaz de pôr em dúvida o imenso talento do Pacheco? "Basta-lhe ver a testa", diziam.

Quando pretendiam os amigos ouvir qualquer afirmação daquele imenso talento, o ilustre homem "sorria, baixando os olhos por trás dos óculos dourados, e seguia sempre para cima, sempre para mais alto", mantendo o seu imenso talento "afeirado dentro do crânio como no cofre de um avaro."

Ao país bastava ele sorrir, bavavam os gestos, o cintilar dos óculos respeitáveis, as atitudes augustas, que tudo afinal evidenciava logo o imenso talento de Pacheco.

Revelou-se o talento de Pacheco, ainda estudante, certa manhã, em Coimbra, ao lançar uma frase magnífica e forte, assegurando que "o século XIX era um século de progresso e de luz". A frase, sem dúvida, calou fundo na alma dos colegas, que pressentiram o imenso talento do rapaz.

A admiração cresceu entre os estudantes e os lentes num fluxo de irresistível contágio; e o certo é que facilmente Pacheco ganhou, com a fama, um prêmio no fim do ano. Estava feito o homem.

Pacheco, carregando grossos tratadistas debaixo do braço, pisando comusteridade, sempre gravemente meditativo, já usando óculos, levou tóda a Academia a perceber que ali havia "um grande espírito que se

concentra e se refessa em força intima". Ao dispersar, aquela geração académica "levou pelo país, até aos mais sertanejos burgos, a notícia do imenso talento de Pacheco."

Para rematar e tornar-se patente o imenso talento daquele homem, basta assinalar o terror que se apossava da oposição na Câmara, quando Pacheco, saindo do seu costumeiro silêncio, "tomava com lentidão uma nota a lápis." Esta nota era suficiente para perturbar inteiramente todos os oposicionistas. Certa vez, um deles teve a desgraça de acusar Pacheco (que era Ministro do Reino) de descutar a instrução do País. Com efeito, "nenhuma incriminação podia ser mais sensível aquele imenso espírito que, na sua frase lapidária e suculenta, ensinara que "um povo sem curso dos liceus é um povo incompleto". Pois bem, Pacheco, saindo de seu patriótico e nobre silêncio,

arremeteu, disposto a arrasar o opositor. Conta-nos o episódio Éça de Queiroz, que nos diz o haver pre-senciado:

"Espirando o dedo (jeito sempre seu) Pacheco esborrachou o homem temerário com esta coisa tremenda: — "Ao ilustre deputado que me censura só tenho a dizer que enquanto S. Excia., ai nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nesta cadeira, faço Luz!"

Foi uma ovada estrondosa! Uma aclamação prolongada e altamente consagradora, que até então homem algum recebera naquele recinto. Segundo Éça de Queiroz, parece que foi dia a dias que o Conselheiro Pacheco recebeu a Grã-Cruz de S. Tiago.

Entretanto, — ironia da sorte — falecido o ilustre homem, a senhora sua viúva, ouvida a respeito do imenso espírito do marido, tornou-se pálida, esboçou um sorriso de tristeza e descrença... Aquela senhora, segundo tudo faz crer, em sua mediania, nunca chegara a compreender o imenso talento de Pacheco.

*

As figuras femininas de Éça de Queiroz, entretanto, não apresentam a mesma força das suas criações masculinas. Contrariamente ao nosso Machado de Assis, o romancista lusitano não foi um revelador da alma feminina. O tipo de mulher mais bem estudado, de mulher ambiciosa, revoltada com sua posição, que Éça nos mostra, é o da criada Juliâna. Todas as outras mulheres do romancista da *Ilustre Casa de Ramires* não têm o mesmo relevo forte, o desenho nitido, o mesmo cunho de perfeição que se encontra nas suas personagens masculinas. Éça de Queiroz nunca se detém na decomposição moral dos tipos femininos. Enquanto Éça traça ligeiramente, esbatiendo-as, as suas heroínas, Machado de Assis, com aquele seu estilo menino e util, instrumento adequado às análises, preconcebido para a investigação da psicologia humana, vai pachorrentamente anatomizando os sentimentos, separando os elementos morais da alma de suas personagens.

Machado de Assis, pela sua indole, pelos seus processos, não foi um descobridor de tipos pitorescos, nem caricaturista de costumes, nem crítico social. Esta distinção medeia entre os dois grandes romancistas. O autor de "D. Casmurro" não possuía o gênio de um idealizador de criaturas, nem seria capaz para a pintura de tipos que se tornassem populares

(Conclui na página 56)





HUBERTO ROHDEN

Minha ignota amiga Helena Ivanowsky

Foi-me de grata surpresa a sua carta de agosto último. As perguntas que nela me faz são de uma relevância tal que não é possível solvê-las em uma simples carta. Teria de escrever um livro de algumas centenas de páginas, se lhe quisesse dar resposta mais ou menos satisfatória.

O que me diz da estranha odisséia de seus pais, que fugiram da Rússia e erraram por diversos continentes, comoveu-me até às lágrimas, e ao mesmo tempo despertou em mim aquêle inextinguível espírito bandeirante que faz parte integrante do meu eu. Quase que tive inveja de seus pais ao acompanhá-los, apenas em espírito, em suas sensacionais peripécias através de terras e mares.

Mas, vamos às suas perguntas. Deseja minha ignota amiga russo-brasileira saber o que penso do papel cultural-espiritual da Rússia, no cenário mundial de amanhã. Acha que aqui, na gigantesca metrópole cosmopolita dos Estados Unidos, em contacto com destacados elementos russos, não me seria difícil formar idéia adequada a esse respeito. De fato, a imprensa dos Estados Unidos, quase diariamente, se ocupa com o problema que forma o centro de sua carta. Creio que o tema "Rússia" vai ser o assunto de uma grande parte da literatura mundial dos próximos tempos.

A terra de seus pais e antepassados, d. Helena, é um mistério de vinte séculos para quase toda a humanidade. Viveu a sua vida à parte, mais ou menos isolada da Europa e do ocidente em geral. Verdade é que Pedro o Grande lhe abriu "uma janela para a Europa", como dizem os historiadores, quando permitiu, enfim, a penetração da cultura ocidental para além dos Montes Urais. Mas, nem por isto, deixou esse país de ser um mistério.

Quando, em 1917, triunfou o movimento soviético, novo mistério envolveu a terra de seus maiores. Dizia-se, e isto já era proverbial entre nós,

que o comunismo havia arruinado completamente a Rússia; que era um caos, sem ordem nem lei e que cairia prêsa fácil ao primeiro inimigo que a invadisse. E, de fato, quando, em 1941, os exércitos de Hitler inundaram o país com uma fulminante blitzkrieg, ocupando vastíssimas áreas, parecia cumprir-se tudo quanto de mal haviam as Cassandras d'aquém e d'álém-mar dito sobre a União Soviética.

Pouco depois, porém, teve o mundo uma das maiores surpresas dos últimos tempos. A Rússia, dada por enferma e quase agonizante, ergueu-se como um só homem, e, apesar de perder uns... 20.000.000 dos seus soldados, hasteou a bandeira vermelha sobre as ruínas do Reichstag!

Tenho a intuição de que a alma da Rússia é algo profundamente enigmático e como que subconsciente, fazendo lembrar as personagens dos livros de Dostoevski. Não pode ser analisada segundo as normas comuns da psicologia. A análise que da alma da Rússia se tem feito ultimamente, parece-me tão falha e inexata como a que Freud fez no artigo "Dostoevski e o parricídio" tentando explicar psicanalíticamente, por um "complexo de Edipo" as cenas sangrentas do livro "Os Irmãos Karamazov" — no que errou completamente.

Assim: a alma da Rússia, dessa Rússia desconhecida há tantos séculos, profundamente cósmica, vasta zona crepuscular, imenso subsolo prenhe de dinâmica potencialidade. Parece que a Rússia não saiu ainda plenamente das páginas do Gênesis. Está ainda em vias de evolução. A sua juventude não desabrochou ainda em verdadeira maturidade. A Rússia nunca teve, como outros países do Velho mundo, um verdadeiro período de florescimento. Está ainda em vésperas da sua grande eclosão cultural e espiritual — à espera do seu "vôo nupcial"...

E que será essa eclosão cultural-espiritual de 160.000.000 de homens espalhados pelo mais vasto país do globo?

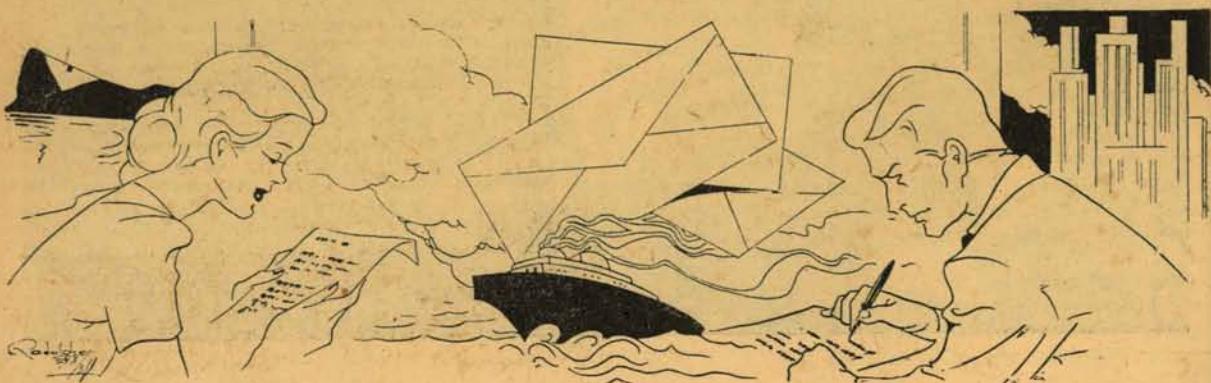
Espiritualmente, não pertence a Rússia a nenhuma das grandes religiões do ocidente: nem ao Catolicismo nem ao Protestantismo. Não tomou parte na Reforma luterana, mas separou-se de Roma. Não simpatiza com o espírito hierárquico dos Pontífices Romanos, nem proclamou o princípio do livre exame e da liberdade individual dos cultores da Bíblia.

O princípio individual é democrático — o princípio hierárquico é monárquico.

Mas a Rússia não é democrática nem monárquica.

Qual é, então, o cunho característico da sua atitude e personalidade?

Minha ignota amiga e patrícia, se eu o soubesse, com o maior prazer lho diria. Mas... confesso a minha ignorância, e comigo, meus amigos russófilos daqui, também confessam que não compreendem



dem esse mistério. Sei dizer algo do que a alma da Rússia não é, mas não sei dizer o que ela é. Se minha jovem consultante descobrir meio termo entre o princípio de autoridade e o de autonomia, uma síntese feliz dessas duas antíteses, eu lhe direi qual é o característico da alma da Rússia. Vá, pois, à procura dessa maravilhosa síntese, algo que harmonize as duas ideologias, algo que garanta ao indivíduo os sagrados direitos da sua personalidade livre e autônoma — e ao mesmo tempo afirme e defenda o indispensável princípio da autoridade, sem a qual não há ordem nem prosperidade num Estado.

Será possível conciliar tão grandes paradoxos, como autonomia e autoridade? liberdade individual e disciplina social?

O futuro o dirá...

Tenho para mim que a Rússia de amanhã inaugura uma nova era social e espiritual, tornando possível o que impossível parecia.

Não creio que esse comunismo violento de 1917 e anos subsequentes represente a alma da Rússia e possa resolver problemas de tal magnitude. As coisas grandes e verdadeiras costumam ser silenciosas. Aquilo foi apenas um "mal necessário", um choque violento para despertar a farta burguesia do seu longo sono capitalista e bradar-lhe aos ouvidos que algo estava errado. A grande verdade vai muito além desse celeuma.

Se é verdade o que diz São Paulo: "quem não trabalha também não deve comer", não é menos certo que "todo homem tem direito ao trabalho que lhe dé de comer". Esses milhões de "sem trabalho" dos países industrializados são prova eloquente de que algo está profundamente errado dentro da nossa ideologia capitalista.

Desde séculos pressentiu a alma russa, nesse seu estranho subconsciente hierárquico-democrático, que é erro funesto atribuir à propriedade particular uma função exclusivamente individual, em benefício de seu dono; pressentia que a propriedade particular deve, além da sua função individual, ter uma função social, coletiva, reverter em benefício do conjunto humano.

Abolir o direito de propriedade individual seria destruir uma lei natural e expor a sociedade a grandes abalos.

Negar a função social da propriedade individual seria consagrar o egoísmo na sua forma mais perigosa.

O regime de amanhã não será capitalista nem comunista, mas individual-social.

E' esta a grande síntese, que ainda não foi satisfatoriamente realizada em país algum do globo. Anda como que em gestação, e há de nascer um dia.

O grande problema está no **como** dessa síntese. E, possivelmente, passarão muitos decênios até que a harmonia individual-social chegue a cristalizar em forma tal que possa a ser praticamente executada e aplicada em larga escala.

A Rússia parece estar destinada a servir de cadinho de fusão a esses elementos aparentemente tão heterogêneos.

E' possível que minha jovem consultante venha a presenciar ainda a grande alvorada...

Aqui, na terra clássica da democracia e liberdade política, está-se em grande suspensão e expectativa no tocante à Rússia e seu destino mundial.

Nomeio minha ignota amiga e patrícia, minha embaixatriz especial junto à alma desse grande povo cujo sangue corre em suas veias.

Sinceramente, seu ignoto amigo,

HUBERTO ROHDEN

Eu quero é...

TALCO
PALMOLIVE

O Talco Palmolive, feito especialmente para dar maior proteção à pele delicada dos bebês, é uma caricia suave e refrescante para o corpo de gente grande também. O Talco Palmolive é boro-cetinado, processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino! Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotojas e irritações. Comece hoje mesmo a usar o Talco Palmolive e verifique como a sua cutis fica mais macia e aveludada, e o seu corpo, suavemente perfumado!

TALCO Palmolive

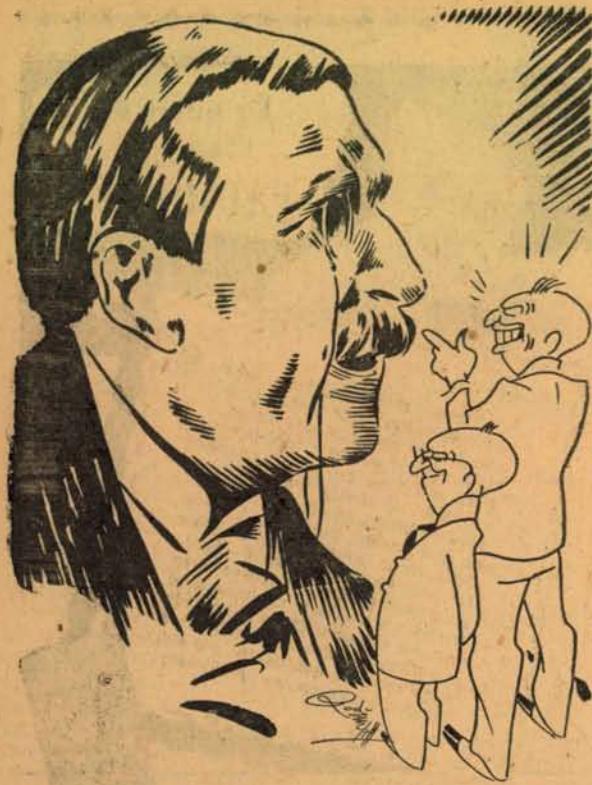
PROTEGE A PELE DAS CRIANÇAS... E DE GENTE GRANDE TAMBÉM!



Tão bom para o "permanente" das mulheres como para o discreto penteado masculino, o Óleo Palmolive deixa os cabelos sedosos, macios, e suavemente perfumados, conservando o brilho natural. Feito de óleos minerais super-refinados e importados dos Estados Unidos, evita o ressecamento dos cabelos. Não mancha. Não engordura. Não empasta. O Óleo Palmolive ajuda a conservar a saúde e o vigor dos cabelos. Compre um vaso hoje mesmo!



ÓLEO
PALMOLIVE
AMACIA E PERFUMA OS CABELOS



COmemora-se, neste mês de novembro, em Portugal e no Brasil, o centenário do nascimento de José Maria d'Eça de Queiroz, o Eça da admiração cordial e terna dos que foram seus leitores frequentes.

Poucos escritores portuguêses terão alcançado a popularidade e a universalidade de Eça de Queiroz. Traduziram-no em várias línguas. Léem-no ainda hoje fartamente em Portugal e no Brasil. Biógrafos e críticos não se cansam de apreciar-lhe a vida e estudar-lhe a arte. E, neste particular, é de notar que, no Brasil, talvez o culto queiroziano seja maior que em Portugal, que ainda olha carrancudo para o filho atrevido e sarcástico, que andou expondo ao mundo as fraquezas e defeitos do pai.

As gerações mais recentes porém não lêem muito Eça. Seu dilettantismo, sua superficialidade brilhante, sua irreverência algo tendenciosa e injusta, seus preconceitos bem caracteristicamente oitocentistas, seu esteticismo e seu sarcasmo, tantas vezes, meramente literário, não apetecem a gerações mais torturadas, mais em luta com problemas cruciantes, mais amantes de coisas positivas e profundas, menos preocupadas com questões de estilo e de estética e dum realismo mais dentro da vida do que dirigido por cânones de escolas literárias.

Minha geração, porém, lia muito Eça, se não muitas vezes para com ele concordar e aceitar-lhe as idéias, em geral para saborear-lhe a prosa cantante e colorida e rir ou simplesmente sorrir com a sua ironia acidulada quando não comover-se com aquela ternura veludosa que ele sabia infundir no seu estilo, ao falar das crianças, dos pobres, dos simples, das coisas boas e essenciais da

vida. E este Eça da ternura e das coisas simples é, cremos, aquél que representa verdadeiramente o homem e o escritor na sua autêntica natureza, na sua realidade mais íntima e mais profunda. O Eça da ironia e da irreverência, da sátira e do sarcasmo, do scepticismo e da demolição, era talvez uma atitude, um disfarce áspero com que o homem romântico e sensível ouriçava e defendia a sua dolorosa sensibilidade.

Sua reação contra o meio que o cercava e no qual tinha de viver foi a de um inconformado, dum romântico, dum idealista. Por isso se revelou ela tão ferina, tão contundente, tão agressiva, excedendo-se, na injustiça, na irreverência. A máscara que dêle fica em todas as memórias é a daquela retrato que lhe ilustra as obras, na edição Chardon: o olho malicioso por trás do monóculo cintilante e o beijo repuxado num esgar de sarcasmo. Naquela cintilação do vidro havia, porém, umidade de lágrima e naquèle sorriso, mais ricto de amargura, que ironia acerba.

Quando os ardores da mocidade se foram apagando, quando a razão mais e mais foi dominando o esfusiar dos paradoxos e das sátiras, a ternura profunda subiu à tona, a compreensão mais justa dos homens e dos acontecimentos preponderou. E o homem que passeou em torno das instituições e seu riso demolidor, o anti-clerical, o céptico, o discípulo de Renan, o europeu refinado e desdenhoso dos sentimentos patrióticos, foi pouco a pouco limpando a alma de todas as crostas desfigradoras, foi derrubando as muralhas de preconceitos que lhe aprisionavam o coração. Olhou para dentro de sua terra e para dentro de si mesmo. O homem, que rasgou e enlameou batinas, passa a escrever um "Dicionário dos Milagres" e vidas de santos. O céptico, que não se comoveu na sua viagem à Palestina, ao chegar ao outono da vida, no recesso de seu lar, confessa que vai conversar com Deus, em momentos de recolhimento e sossêgo. O estilista afrancesado manuseia as velhas crônicas portuguêses e alimenta sua arte de suculentas e selvagens palavras esquecidas. O "gourmand" de "friandises" parisienses se enternece e exalte

POR TRÁS DO MONÓCULO

OSCAR MENDES ★ DESENHO DE RODOLFO

ta diante da bacalhoadada e do bom arroz doce português. Renega aquél Renan que fôra o ídolo intelectual de sua mocidade e para com a pátria a atitude que tem não é mais a do crítico impiedoso e do acusador implacável, mas a do filho enternecido e compassivo, que sabe, comovido, perdoar defeitos e desculpar achaques.

Essa mudança não foi uma decadência, como certos críticos apressados procuram fazer crer. Pelo contrário, as obras mais sólidas, mais perfeitas, mais brilhantes mesmo de Eça de Queiroz, são dêsses segundo período de sua vida. Ele será como o filho pródigo voltando aos pagos natais, o homem, desfigurado pelas exterioridades e suntuosidades da civilização, desvestindo-se de muito ouropel, para reintegrar-se na sua simplicidade e no seu natural. Seu itinerário intelectual difere neste ponto do de Machado de Assis. Este se fêz cada vez mais amargo e mais céptico. Eça foi desafeleando seu amargor, foi serenando, foi tendo mais ternura e mais compaixão pelos homens, cheios de vícios, de defeitos, de pecados e de misérias, e procurando mostrar o que dentro dêles ainda havia de bom, de puro, de essencial, de incontaminado. Daí sua predileção pelos santos, pelas crianças, pelos pobres e pelos humildes. Daí aquela sua vol-

(Conclui na página 124)

Nenhuma outra caneta pode dar tal orgulho de posse!



Há impaciência na Parker "51"... e uma resposta imediata e sem esforço. Note a ponta de osmíridio suave como a sêda, a pena encerrada, a patenteada repreta de tinta. Artífices de precisão ajudaram a fazer da Parker "51" a caneta "mais desejada" em todo o mundo.

E abastecida com a tinta Parker "51", escreve seco! Sómente ela pode usar a tinta de secagem rápida — a Parker "51". Mas ela pode, também, é lógico, usar a tinta comum.

Peça, pois, ao seu fornecedor para reservar-lhe uma.

Parker "51"

Preços: Cr\$ 375,00 e 450,00 em
tôdas as boas casas do ramo.

Escreve seco com
tinta líquida!

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.^a de Março, 9-1.^a - Rio de Janeiro
9.004-p J.W.T.

MARLIERE - "O APO'STOLO DAS SELVAS MINEIRAS"

Lúcia Machado de Almeida

Ilustração de Rocha

Essa justa denominação de "Apóstolo das Selvas Mineiras" foi dada a Marliere por Augusto de Lima, em memória da admirável compreensão, humanidade e inteligência com que o grande francês cumpriu a sua missão de pacificador dos índios que viviam nas margens do Rio Doce. Guido Marliere nasceu na França, no ano de 1769. Combateu ao lado de Robespierre na revolução de 1789 e anos depois foi para Portugal, onde fez parte do exército de Lisboa. Veio com D. João VI para o Brasil, tendo sido incorporado ao regimento de Cavalaria de Minas Gerais. Ganhou aos poucos a confiança do Imperador, que o nomeou mais tarde Diretor Geral dos Índios do Rio Doce. E' inexplicável a pouca atenção que os historiadores têm dispensado à figura de Marliere. O grande brasileiro Afrânia de Melo Franco, que conheceu e amou sua terra mineira como ninguém, dedicou-lhe um livro (Guido Thomas Marliere), onde fez um documentado estudo sobre a personalidade e as atividades do "Apóstolo das Selvas Mineiras".

NUMA clara manhã do ano de 1824, três homens andavam a cavalo, num caminho estreito aberto no meio do mato. Um deles tinha olhos azuis, cabelos louros meio grisalhos, e parecia ser de alta estatura. Via-se logo que se tratava de um europeu. Os outros dois eram bronzeados, usavam roupas de algodãozinho claro e possuíam cabelos pretos, muito lisos. Não seria difícil adivinhar que pertenciam à raça indígena. Um colar de sementinhas que traziam ao pescoço mostrava que faziam parte da tribo dos Puris.

Os três companheiros iam calados, mergulhados em seus pensamentos, quando ouviram gritos de dor que pareciam vir das margens do rio Chopotó.

— "Aguenta, bandido!" gritava uma voz irritada. "Isso é para você aprender a não ser ladrão!"

O homem louro esporeou o cavalo e galopou até ao lugar de onde vinha o barulho, seguido pelos dois Puris. Um miserável índio se debatia no chão, enquanto um sargento, de relho em punho, o açoitava com toda a fúria.

— "Pare já com isso!" gritou o europeu descedendo do cavalo e aproximando-se.

O soldado olhou para ele assustado e, quando viu quem era, largou o chicote, fazendo uma continência.

— "Você não sabe que eu proibi terminantemente qualquer castigo corporal aos índios, fosse qual fosse o crime deles?" protestou o recém-chegado, com indignação.

— "Senhor coronel, esta já é a segunda vez que apanho esse bugre roubando rapaduras. Se Vmcê dá licença, eu o levo para o Quartel e o tranco na cela durante um mês, aplicando-lhe uma surra por dia. Garanto que não cairá noutra".

— "Você está enganado. Ele sairia de lá cheio de ódio e com mais vontade ainda de nos prejudicar."

— "Que ordena Vmcê que eu faça então?"

— "Que devolva-lhe as rapaduras que roubou e dé-lhe mais cinco. Leve-o depois para o nosso aldeamento, onde vai trabalhar na plantação de cana. Com a ocupação, não se lembrará de furtar, e quando receber a parte que lhe couber em rapaduras conseguidas com seu trabalho, sentirá vergonha do que acaba de fazer, sem que ninguém lhe ensine isso à força."

Os dois Puris, que se chamavam Pocrane e Ha-Gem (folha de Samambaia), ouviam tudo calados, admirando ainda mais a sabedoria daquele homem que os civilizaria e educaria, e a quem respeitavam como a um pai.

O índio, com as costas sangrando, e caído no

chão, olhava para o seu inesperado e desconhecido salvador.

— "Mara-pe-dereré?" (Como te chamas), perguntou-lhe ele, em tupi.

O homem louro respondeu-lhe na mesma língua:

— "Sou Guido Marliere, Diretor e Protetor Geral dos Índios que vivem nas margens do Rio Doce.

— "Ché-pororá-ussú" (sou miseravelmente tratado) queixou-se o índio.

— "Ninguém te fará mal de agora em diante. Serás protegido; dar-te-ei roupa, comida e trabalho."

E mandou a Pocrane e Ha-Gem, seus filhos adotivos, que acompanhasssem o sargento e o índio até ao próximo aldeamento, para fiscalizarem a perfeita execução de sua ordem.

Montou a cavalo e dirigiu-se para as margens do rio, pensando na cena que presenciaria.

Comprendia e amava os índios com uma ternura que lhe aquecia o coração. Verdadeiros meninos grandes, aquêles índios. Estabanados, brigando por causa de ninharias — uma fruta, uma ave — adorando o sol, assustando-se com o trovão... Havia aíguns que chegavam a ser ferozes; outros que até mesmo comiam carne humana. No fundo, puros como crianças. Não fazia mal que a pele deles fosse brozeada, que falassem uma língua estranha e que tivessem nascido numa terra diferente da sua. Um mesmo Deus os criara para que também fossem membros da grande família humana. E era bom ver como haviam correspondido à sua compreensiva dedicação: os botocudos do Rio Doce não mais atacavam os portugueses; estes não mais empregavam as armas de fogo contra aquêles Ah! Ele bem sabia que o domínio pela força era apenas aparente e de pouca duração. Conquistaria aquêles homens sem gastar um só tiro. Ensinara-lhes a cultivar a terra, déra-lhes roupas, sementes e ferramentas. Repartia com elas a colheita e os lucros, protegendo o interesse de todos. E o resultado fôra ótimo. Apenas o chefe botocudo Ingr se recusava a aproximar-se. Sua tribo era numerosa, e vivia na margem esquerda do Rio Doce, completamente isolada dos outros índios. Corriam lendas sobre aquêles botocudos. Diziam que entre elas havia um sér monstruoso, meio animal, meio homem, de incrível ferocidade, e de corpo todo coberto de pêlos. Chamavam-no Kaa-jerre e era ele quem sacrificava os prisioneiros, estrangulando-os com suas grandes mãos, cujos dedos não tinham unhas.

Marliere pensa na rebeldia de Ingr. Isso não

pelo grotesco, porque era um analista frio, meticoloso, irredutível. Dentro daquele humorista premeditado havia um escalpelador de sentimentos e um dissecador de conflitos morais. Sua obra reflete lúcida percepção e compreensão do mistério do coração humano. O romancista examinava as almas, procurando em cada personagem fixar-lhe o feitio moral, as paixões mal reveladas, os sentimentos escusos, indecisos ou disfarçados na trama das convenções sociais.

Capitu, como Sofia, Virgilia, Iaiá Garcia, e outras figuras femininas, patenteiam todo o poder de análise de que seria capaz um romancista. A abundância de sentimentos, que não se observa nas criações de Eça de Queiroz, aparece exuberante nas personagens machadianas. São indiscutíveis os traços morais dos caracteres femininos do romancista carioca. Não sabemos bem quais as reações da alma de Luiça e de outras mulheres de Eça de Queiroz, mas tão só os seus costumes, os seus gestos, os seus dítos, as suas opiniões. Em Capitu, porém, deduzimos sem esforço o que se revolve oculto e profundo no coração daquela menina que tinha os "olhos de ressaca", que já antes de ser mulher fisiologicamente, já era mulher completa pela alma. Capitu, perturbadora, de "olhar obliquo e dissimulado", já era uma revelação da mulher que seria mais tarde. Luiça, d."O Primo Basílio", não. Os costumes frouxos, a eventualidade do aparecimento do primo Basílio, ex-namorado, conjugaram-se para o adultério. Capitu, ao contrário, nascera predisposta para o pecado. Por isso Machado de Assis nos mostra Capitu, desde menina, com aquelle ar disfarçado, aquelle silêncio calculado, aquelles recuos e constantes desfazer de atitudes, jôgo de sentimentos on-



*Irresistível
será a sua cutis, se a sra.
usar VAN ESS porque esses pós
e "rouges" - atomizados - dão à
pele uma suavidade de pétalas, frescor
de orvalho, fragrância de flores...
VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...*

pó de arroz e "rouge"



★ Use também o batom VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base
do "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

McC

EMULSÃO DE SCOTT
a maneira mais fácil e se-
gura de tomar-se o legítimo
óleo de fígado de bacalhau

Combatte os
resfriados
constantes,
aumentan-
do a resis-
tência orgâ-
nica.

de se entremostra o pélogo em que se afundava aquela alma.

*

Os dois tipos mais populares da obra de Eça de Queiroz, o Pacheco e o Acácio, representam dois símbolos do convencionalismo social, da toller e da pobreza intelectiva. São dois tipos universais encontradiços na sociedade burguesa de nossos tempos. Abundam em todos os meios os Pachecos e os Acácios, e por essa razão se fixaram como duas individualidades populares e sempre presentes. Encontramo-las nos círculos científicos, nos institutos, nos grêmios literários e políticos, nas cátedras, nas instituições culturais, no jornalismo, em suma, em todas as camadas onde se faça o comércio das idéias. Os discursos, as plataformas, as conferências, os relatórios, as teses, as crônicas, surgem às toneladas, exameados de problemas e soluções miraculosas, atochadas de conceitos, ditos e reditos, expondo diretrizes num demagogismo primário ou numa literatura rebrilhante, mas artificial e quase sempre vazia de nobreza.

Analizados tais produtos, alguns patentiam a indigência ou a pouquidão intelectual. São obras-primas que lembram a mentalidade do Acácio ou do Pacheco. Entanto, os aplausos rebentam de todos os lados, os vários conclave interessados deliram, os jornais proclamam o grande talento, o assombroso espírito a sesquipedal cerebração, cuja noticia se alastrá. Em breve todo o País passa a entusiasmar-se e a admirar a estréla, procurada e invisível, que alguns apontam e afirmam que estão vendo! E a multidão, sempre crescente, encarando o céu, ávida, estatelada, em vão tenta divisar o astro, aplaudindo sempre, pois o seu destino é aplaudir sempre.

E os Acácios e os Pachecos, uns e outros, sem grande dispêndio de energias, sem originalidade ou revelação de algo superior, sem vislumbre de força criadora, empurrados, soprados, emergem à superfície social para enlèvo da nação. E elas sobrem e elas triunfam.

Bendito sejas tu, Eça de Queiroz, que os retrataste para o nosso gozo e a nossa experiência.

Mistérios da Natureza

MISTÉRIO que ainda está dando que fazer aos botânicos é o desaparecimento inexplicável do delicioso perfume contido no almíscar. Durante muitos séculos tem sido o almíscar usado como perfume, porém com o advento da primeira grande guerra mundial, a planta tornou-se totalmente inodora — não somente em uma única área de seu florescimento, mas em toda parte onde ela existe ainda hoje.

★ AMORES HISTÓRICOS ★



— Lindissima porcelana!

Eis como a corte inteira definia Madame Pompadour, a favorita do rei Luís XV, da França. De figura esbelta, com os "paniers" avivados na cinta, e com laços azuis, que lhe assentavam tão bem que foram denominados de "estilo Pompadour", ela era de estatura mediana, rosto delicado, branco e rosado, mãos e braços de encantadora elegância, ombros e busto bem formados.

Casaria-se aos dezenove anos com Le Normand d'Etoiles, que a adorava. Retribuindo-lhe o amor, à esposa deu-lhe uma encantadora filha. Mas d'Etoiles não se sentia feliz: havia empanhando sua felicidade uma profecia. Velha cigana afirmara que Joana Antonieta Poisson, nome de nascimeto de madame Pompadour, reinaria na corte como amante do rei...

Para Joana só existia um rei: Luís XV. Mas este se havia casado quando ela contava quatro anos de idade.

Quando Luís XV se casou estava loucamente apaixonado pela esposa, sete anos mais velha que ele. Mas a rainha envelheceu demais, enquanto o esposo se remocava. Daí... Não deixou, porém, de estimar a rainha. E a sua vida foi uma febril procura de favoritas encantadoras, até que conheceu Joana d'Etoiles.

Comparecia ela a todas as festas de caça a que ele ia. Ardia na fera de conquistá-lo, garantindo uma existência luxuosa. Mais esperta, fazia o jôgo da eterna indecisão feminina...

Luis XV notou-lhe a fascinante figura durante um baile na corte, e apanhou-lhe o lenço, propositalmente lançado ao meio do salão... Os cortezões permaneceram por instantes assombrados, mas depois aplaudiram, querendo todos saber quem era a nova eleita.

Ninguém a conhecia, nem sabia de onde vinha. Mas os reis têm meios de averiguar o que desejam e, poucos dias depois, Luis XV a galanteava com todo o ardor de jovem enamorado que sente amor pela primeira vez. Disse-lhe, e sem dúvida ele mesmo assim o supôs, que ela era o único amor de sua vida. Talvez assim tivesse sido se a houvesse conhecido antes, pois Joana era bastante inteligente e hábil para saber conservar o que conseguia. Na realidade, enquanto Joana foi viva, Luis XV não amou outra mulher.

Luis XV ficou encantado. Joana procedia com segurança: adulava-o e parecia temerosa. Deleitava-o e desdenhava-o. O rei jamais fôrera tratado daquela maneira. Apaixonou-se mais ainda. Não supunha, no entanto, que ela o estudasse friamente, analisando-lhe cada gesto, auscultando-lhe o mais recôndito pensamento, não lhe perdendo a significação da menor palavra. Dominou-o.

As suas extravagâncias fizeram-na pouco querida do povo, gemedo sob impostos. Na corte, muitos a odiavam. Adulavam-na cavadores de posições.

Madame Pompadour, entretanto, fêz bem a muita gente. Amava Paris e, procurando enfeitiá-la, construiu jardins e parques. Melhorou as condições sanitárias da cidade e, empregou milhares de desocupados.

Luis XV lhe foi fiel, sempre fascinado pela encantadora criatura que certa vez confessou:

— A minha vida toda é uma luta!

Era verdade. Tinha que lutar com a corte toda para garantir-se no lugar conquistado. Aos quarenta e dois anos, faleceu. Esperou a morte num lindo vestido de seda e adornada com as mais finas jóias que Luis XV lhe oferecera para realçar ainda mais a sua esplendente mortalidade...

E morreu sorrindo, como sorrindo vivera.

de se entremostra o pêlago em que se afundava aquela alma.

*

Os dois tipos mais populares da obra de Eça de Queiroz, o Pacheco e o Acácio, representam dois símbolos do convencionalismo social, da tollide e da pobreza intelectiva. São dois tipos universais encontradícos na sociedade burguesa de nossos tempos. Abundam em todos os meios os Pachecos e os Acácios, e por essa razão se fixaram como duas individualidades populares e sempre presentes. Encontramo-las nos círculos científicos, nos institutos, nos grêmios literários e políticos, nas catedrais, nas instituições culturais, no jornalismo, em suma, em todas as camadas onde se faz o comércio das idéias. Os discursos, as plataformas, as conferências, os relatórios, as teses, as crônicas, surgem às toneladas, enxameados de problemas e soluções miraculosas, atochadas de conceitos, ditos e reditos, expondo diretrizes num demagogismo primário ou numa literatura rebrilhante, mas artificial e quase sempre vazia de nobreza.

Analisados tais produtos, alguns patenteiam a indigência ou a pouquíssima intelectual. São obras-primas que lembram a mentalidade do Acácio ou do Pacheco. Entanto, os aplausos rebentam de todos os lados, os vários concilaves interessados deliram, os jornais proclamam o grande talento, o assombroso espirito a sesquipedal cerebração, cuja notícia se alastrá. Em breve todo o País passa a entusiasmar-se e a admirar a estréla, procurada e invisível, que alguns apontam e afirmam que está vendo. E a multidão, sempre crescente, encarando o céu, ávida, estatelada, em vão tenta divisar o astro, aplaudindo sempre, pois o seu destino é aplaudir sempre.

E os Acácios e os Pachecos, uns e outros, sem grande dispêndio de energias, sem originalidade ou revelação de algo superior, sem vislumbre de força criadora, empurrados, soprados, emergem à superfície social para enlèvo da nação. E elas sobem e elas triunfam.

Bendito sejas tu, Eça de Queiroz, que os retrataste para o nosso gôzo e a nossa experiência.

Mistérios da Natureza

MISTÉRIO que ainda está dando que fazer aos botânicos é o desaparecimento inexplicável do delicioso perfume contido no almíscar. Durante muitos séculos tem sido o almíscar usado como perfume, porém com o advento da primeira grande guerra mundial, a planta tornou-se totalmente inodora — não somente em uma única área de seu florescimento, mas em toda parte onde ela existe ainda hoje.

★ AMORES HISTÓRICOS ★



— Lindíssima porcelana!

Eis como a corte inteira definia Madame Pompadour, a favorita do rei Luis XV, da França. De figura esbelta, com os "paniers" avivados na cinta, e com laços azuis, que lhe assentavam tão bem que foram denominados de "estilo Pompadour", ela era de estatura mediana, rosto delicado, branco e rosado, mãos e braços de encantadora elegância, ombros e busto bem formados.

Casára-se aos dezenove anos com Le Normand d'Etoiles, que a adorava. Retribuindo-lhe o amor, a esposa deu-lhe uma encantadora filha. Mas d'Etoiles não se sentia feliz; havia empanhando sua felicidade uma profecia. Velha cigana afirmara que Joana Antonieta Poisson, nome de nascimento de madame Pompadour, refinaria na corte como amante do rei...

Para Joana só existia um rei: Luis XV. Mas este se havia casado quando ela contava quatro anos de idade.

Quando Luis XV se casou estava loucamente apaixonado pela esposa, sete anos mais velha que ele. Mas a rainha envelheceu demais, enquanto o esposo se remocava. Daí... Não deixou, porém, de estimar a rainha. E a sua vida foi uma febril procura de favoritas encantadoras, até que conheceu Joana d'Etoiles.

Comparecia ela a todas as festas de caça a que ele ia. Ardia na febre de conquistá-lo, garantindo uma existência luxuosa. Mais esperta, fazia o jôgo da eterna indecisão feminina...

Luis XV notou-lhe a fascinante figura durante um baile na corte, e apanhou-lhe o lenço, propositalmente lançado ao meio do salão... Os cortezões permaneceram por instantes assombrados, mas depois aplaudiram, querendo todos saber quem era a nova eleita.

Ninguém a conhecia, nem sabia de onde vinha. Mas os reis têm meios de averiguar o que desejam e, poucos dias depois, Luis XV a galanteava com todo o ardor de jovem enamorado que sente amor pela primeira vez. Disse-lhe, e sem dúvida ele mesmo assim o supôs, que ela era o único amor de sua vida. Talvez assim tivesse sido se a houvesse conhecido antes, pois Joana era bastante inteligente e hábil para saber conservar o que conseguia. Na realidade, enquanto Joana foi viva, Luis XV não amou outra mulher.

Luis XV ficou encantado. Joana procedia com segurança: adulava-o e parecia temerosa. Deleitava-o e desdenhava-o. O rei jamais fora tratado daquela maneira. Apaixonou-se mais ainda. Não supunha, no entanto, que ela o estudasse friamente, analisando-lhe cada gesto, auscultando-lhe o mais recôndito pensamento, não lhe perdendo a significação de menor palavra. Dominou-o.

As suas extravagâncias fizeram-na pouco querida do povo, gemedo sob impostos. Na corte, muitos a odiavam. Adulavam-na cavadores de posições.

Madame Pompadour, entretanto, fez bem a muita gente. Amava Paris e, procurando enfeitiá-la, construiu jardins e parques. Melhorou as condições sanitárias da cidade e empregou milhares de desocupados.

Luis XV lhe foi fiel, sempre fascinado pela encantadora criatura que certa vez confessou:

— A minha vida tóda é uma luta!

Era verdade. Tinha que lutar com a corte tóda para garantir-se no lugar conquistado. Aos quarenta e dois anos, faleceu. Esperou a morte num lindo vestido de seda e adornada com as mais finas jóias que Luis XV lhe oferecera para realçar ainda mais a sua esplendente mortalidade...

E morreu sorrindo, como sorrindo vivera.

Exortação

Recebe, sem rancor, de alma serena,
dos covardes a perfida investida:
despreza a ofensa, a crítica atrevida,
o mal que sangra, o insulto que envenena.

Se te assaltar a infâmia desabrida,
dá-lhe graça e desprezo em vez de pena,
que aquél que desculpa e não condena
vinga melhor a injúria recebida.

Em teu peito, aos culpados, oferece
uma estância de amor, amiga e boa,
— mar de clemência e de desinteresse —

E afoga a ingratidão que te magoa,
na santa indiferença do que esquece,
no sublime desdém do que perdoa...

Edmundo Costa

Oceanos

Meus olhos são dois mares tenebrosos,
onde há monstros e deuses escondidos,
e onde, nos longes êrmos e brumosos,
os Galeões do Amor andam perdidos.

Quando um olhar dos teus olhos divinos
pousa nos meus cielópicos oceanos,
soluçam, suaves como violinos,
as ondas bravas, de impetos vesanos.

Mas se, rompendo a agrura dos abrolhos,
o teu olhar naufraga noutros mares,
há vasante de pranto nos meus olhos,
e tormentas de dor nos meus olhares!

Alberto Renart

ESPARSOS

Angústia

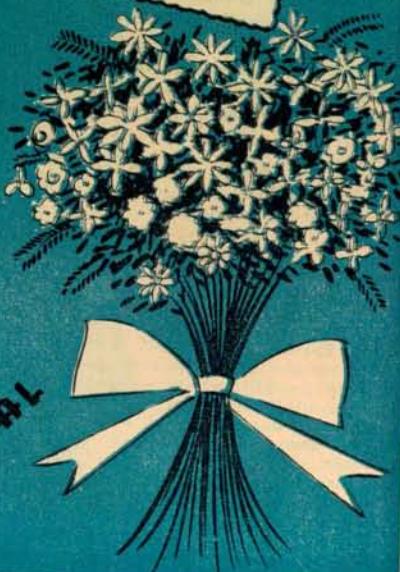
Sinto um peso brutal que, pouco a pouco,
O amor e a paz no coração me esmagam...
A alma, hoje aberta em dolorida chaga,
A voz mudou-me num gemido rouco.

Todo o estelálio do meu céu se apaga,
E o próprio sol tem a feição de um [louco]...
Meu gênio serve e espuma, e eu não [espouco]
Naquele estilo de estrondante vaga!

Riem-me bocas com dentes de pantera,
Faz-se-me o tempo eternamente eterno,
Asfixiante de cinza, tédio e sono...

— E' que eu vim da estação da Primavera,
E me aproximo da estação do Inverno
Sem ter parado na estação do Outono...

Edison Pinheiro



FRAGMENTOS DA POESIA NACIONAL

Com espuma sedosa e perfumada

Gessy limpa e amacia a cútis-



Dotado de "bouquet" suave e delicado, em que se combinam 20 essências diferentes, dos quatro cantos do mundo, Gessy tem um perfume cativante e romântico. Feito de preciosos óleos vegetais, com elementos à maior pureza, sua espuma sedosa exerce, sobre a cútis, uma ação tonificante e rejuvenescedora. Experimente, hoje mesmo, esta finíssima criação da indústria brasileira. Verá, em pouco tempo, sua cútis tornar-se mais bela, mais suave, mais macia.

• PAISAGENS LOCAIS ..

A alta
-dos-
PREÇOS

POR
Fábio
BORGES

-REALMENTE, ESTA' MAIS CARO HOJE.

-MAS EM COMPENSAÇÃO
ESTA' MAIS BARATO QUE AMANHÃ... ~



PASTÉIS!

Quem não
os faz, mas... quem sabe
fazê-los?



Eis um petisco popularíssimo e, no entanto, poucas são as pessoas que sabem fazer pastéis leves, enxutos, deliciosos! Uma das maiores dificuldades é o óleo — que lhes pode dar particular delicadeza ou encharcá-los, pondo a perder, assim, toda a habilidade empregada no preparo da massa. Principalmente neste prato se revela a superior qualidade do óleo "A Patrôa", cuja refinação cuidadosa faz dos pastéis um verdadeiro petisco!...

ÓLEO

A Patrôa

SIGA ESTAS REGRAS!

10 colheres de sopa de farinha de trigo
1 colher de sopa de óleo "A Patrôa"
1 colher de café de sal
1 colher de sobremesa de Fermento em Pó

Agua morna, quantidade que necessária para amassar e tornar a massa fofa. Descansar a massa meia hora. Dá para fazer 30 pastéis.

★

Como para serem bem fritos os pastéis requerem bastante óleo, use sempre uma panela e não a frigideira.

Eleva o fogo ao máximo e só comece a fritar quando o óleo estiver quentíssimo.



PRODUTO DA

Swift do Brasil

Página das Mães

★ O ELOGIO DO PROFESSOR ★

UM DOS MALES de efeitos desastrosos da nossa sociedade está no fato de não se dar a importância devida ao professor. A mentalidade social é orientada pelo aprêço aos homens que tenham posição destacada na política, na administração e no mundo dos negócios. O valor está no dinheiro e nos cargos e não nos homens. Isto ocasiona malefícios a todos. É uma das causas da anarquia e da inquietação em que vivemos. Cumpre corrigir tal critério.

Em uma sociedade moral e sentimentalmente bem organizada, toda gente dá valor a quem o tema estimula com esta atitude a todos os cidadãos.

Para sanar esta falta, cumpre primeiro que tudo prestigiar a classe dos professores. A nação assegura seu futuro no trabalho dos mestres da juventude. Depois de nossos pais, é sabido, o professor é a criatura mais ligada à nossa vida íntima. Nunca mais em toda a vida o esqueceremos. É pois benéfico a que ele seja bom, porque a sua influência no rumo de nossa inteligência e de nossa moralidade pode-se dizer que é decisiva.

Quando lemos a biografia dos grandes homens, notamos em muitas delas a importância precípua que teve em sua vida a atuação do professor ou, então, de uma pessoa que exerceu, episódicamente, tal função. E isto é tão intuitivo ou tão certo, que ninguém, dotado de bom senso, pode contestá-lo. Cada um de nós, no acervo das recordações, depois

que entra na chamada idade proveecta, sente de vez em quando, em uma volta do caminho da existência, a saudade, a evolução saudosa do seu primeiro mestre. Às vezes mesmo esta lembrança provém de um caso fortuito, de um acontecimento na aparição insignificante. E a recordação do nosso primeiro mestre está irmanada com uma porção de coisas e impressões agradáveis. Para exemplificar, vamos pôr aqui uma narrativa de Tristão de Ataide, contando como isto acontece. É ele quem fala: "Há cerca de dois anos, ouvindo, por acaso, o rádio, tive a mais estranha das sensações. Uma voz clara, ligeiramente metálica e nasal mas precisa, modulada, quente, voz de convencer, voz de explicar, voz de mestre..."

Que era aquela voz? De quem eram aqueles sons familiares que iam direito à memória e à imaginação e despertavam, como um tiro numa lagôa quieta, todo um bando de pássaros claros que dormiam?

Algum tempo fiquei assim indeciso, pressentindo sem poder alcançar o segredo daquela voz misteriosa que contava uma história para crianças. E ouvi alguns minutos encantado, comovido, sentindo no peito um coração de sete anos. A voz misteriosa que o espaço trazia acordava tanta coisa... Por quê? E assim fui ouvindo. E bruscamente um nome saltou da sombra. O subconsciente me devolveu o segredo daquelas modulações que por tantos anos os ouvidos tinham deixado de ouvir... Era meu velho professor João Kopke."

★ CONVE'M SABER ★

AS CRIANÇAS não devem permanecer no meio de pessoas coléricas e mal-humoradas, porque essas manifestações a impressionam fortemente, influindo consideravelmente na formação do seu caráter.

*

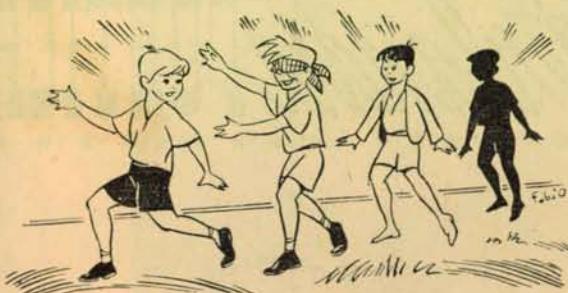
NUNCA dê demasiada atenção ao seu filho. Muitas vezes ele deixa de se alimentar somente porque percebe que você fica aflita. Quando seu filho não quiser comer diga-lhe que não faz mal. Se ele estiver comendo não fique olhando-o. Nunca o incite a comer por meio de palavras, e não lhe prometa nada para que coma. Comer é uma função orgânica, portanto não se preocupe, porque seu organismo o obrigará a fazê-lo.

*

A MÃE deve livrar seu filho de todos os defeitos que ela observar no ente humano. Quanto menor é a criança mais fácil para se educar. Eduque-o por meio de atos e não de palavras. Se ele bate uma porta fazendo barulho, mande-o fechá-la novamente em silêncio, e assim por diante.



Jogos e Brinquedos



CABRA-CEGA é um dos mais interessantes entretenimentos para a criança, sendo necessário, no entanto, o máximo cuidado na escolha do terreno em que deve ser realizado. O terreno deve ser amplo, nivelado, sem buracos, pois as crianças o percorrerão, cada uma por sua vez, de olhos vendados.

Conquanto já muito conhecido, o jôgo da **Cabra-cega** tem várias modalidades. Uma delas, a mais interessante e menos conhecida, é a que vamos ensinar hoje às mães que gostam que seus filhos se divirtam ao ar livre em exercícios salutares.

Reune-se um punhado de garotos e, tirando-se a sorte, escolhe-se o **cabra-cega**. Este, de olhos vendados, se posta distante dos demais, que escolhem seus lugares, dos quais podem sair logo percebam que o **cabra-cega** os persegue. Não podem, no entanto, correr, dando apenas ligeiros passos até o limite de dez passos. A nota pitoresca dêsses entretenimento são os comentários que os perseguidos pelo garoto **cabra-cega** devem fazer sobre os defeitos d'este, como seja, desobediência aos pais, pouco amor ao estudo, instinto mal para com os animais, hábitos condenáveis, podendo outro garoto defendê-lo, estabelecendo-se assim um julgamento movimentado enquanto o **cabra-cega**, naturalmente irritado com as críticas, que devem ser em termos corteses, se atirará com mais fúria aos companheiros, provocando hilaridade.

Ao mais leve toque do **cabra-cega**, qualquer um dos perseguidos deve considerar-se preso, indo para o lugar do seu perseguidor que, por certo, se desforrá, comentando os seus defeitos.

E' sempre conveniente que um adulto assista a essas brincadeiras, dirigindo-as mesmo, para que não se desvirtuem em atritos desagradáveis às famílias...

* * *

Berço... elétrico

NA Maternidade do Hospital de Middlesex foi posto em uso um berço aquecido por eletricidade. O elemento aquecedor é controlado termostaticamente, o que permite manter a temperatura do colchão uniforme, no grau desejado. O berço consiste de duas caixas de metal retangulares, colocadas uma dentro da outra, de modo a deixar um espaço intermediário adequado para a colocação do aquecedor e do termostato. A caixa interna é provida de orifícios de ventilação e o colchão revestido de um material isolante, afim de não queimar em contacto com o metal. As extremidades das caixas são móveis, o que permite tratar a criança sem necessidade de retirá-la do berço. Este é montado sobre um carrinho equipado com um cilindro de oxigênio e uma bandeja de instrumentos. Idealizou-o uma das freiras da Maternidade, que o fez construir nas oficinas daquele hospital britânico.

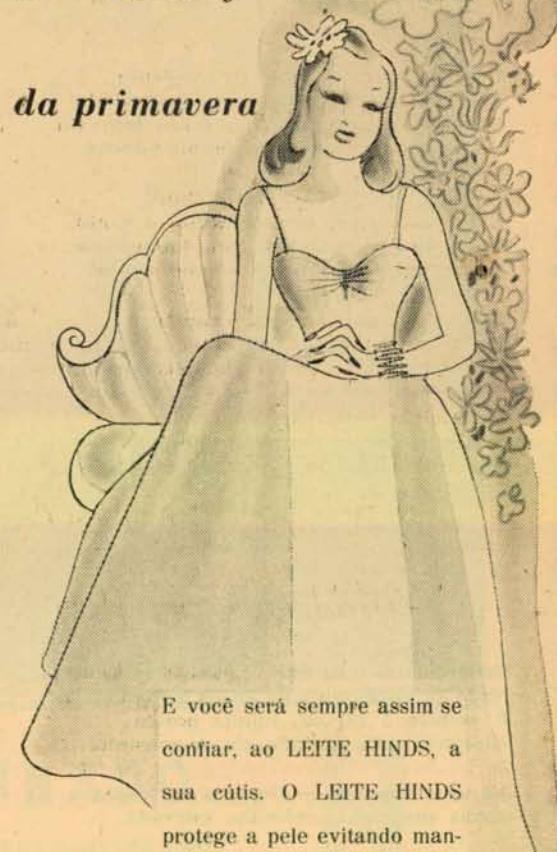
Epoca

Beleza

igual só comparada

às viçosas flores

da primavera



E você será sempre assim se confiar, ao LEITE HINDS, a sua cútis. O LEITE HINDS protege a pele evitando manchas, cravos e espinhas. Fixa o pó de arroz, e, o seu perfume original, atrai.

Use-o para ser sempre bela.



LEITE HINDS

Prende a sua beleza para sempre



Finterlandia POETICA

O canto do mar

Ouvi do mar o canto triste e lento,
Tão nostálgico, enchendo a imensidão,
Que até não sei se maior é seu lamento
Ou se do mar chamado humanidade!

Há contudo perfeita identidade
Entre ambos; se naquele agita o vento,
Neste sopram paixões, com intensidade,
Um e outro dão igual entendimento...

Talvez o canto-narrar seja oriundo
Da mesma máguia humana que enche o mundo
Num côco triste, numa angústia infinda!

Suas águas ondeantes e salgadas
Se me afiguram lágrimas choradas
Nos anseios da dor chorando ainda!

L. de Paula Lopes

Madrigal em flor

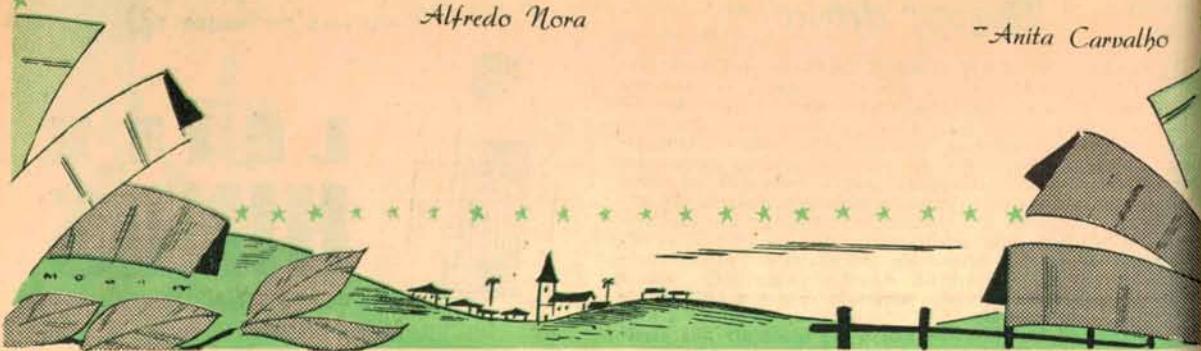
Estás velha, meu anjo... estás velhinha...
Nada te resta mais da graça antiga...
A velhice é raposa, minha amiga:
Ninguém nota quando ela se avizinha...

Vê teus cabelos — flóculos de geada...
Estás magrinha, trêmula, curvada...

Mas não suspires, não, porque eu te vejo ainda
fresca, rosada e linda!...

Porque eu te vejo ainda — o misterioso amor! —
como quando me deste a mocidade em flor...

Alfredo Nora



Caveira

Eu, que me sinto calma à tua frente,
Quantas e quantas vezes me amedrono
Ante a expressão amável e ridente,
Das máscaras de carne que defronto!

Fitando as tuas órbitas vazias,
Tenho a impressão que o espírito ainda
Habita no teu bojo!... e que me espías
Também nos olhos, com piedade infinda!...

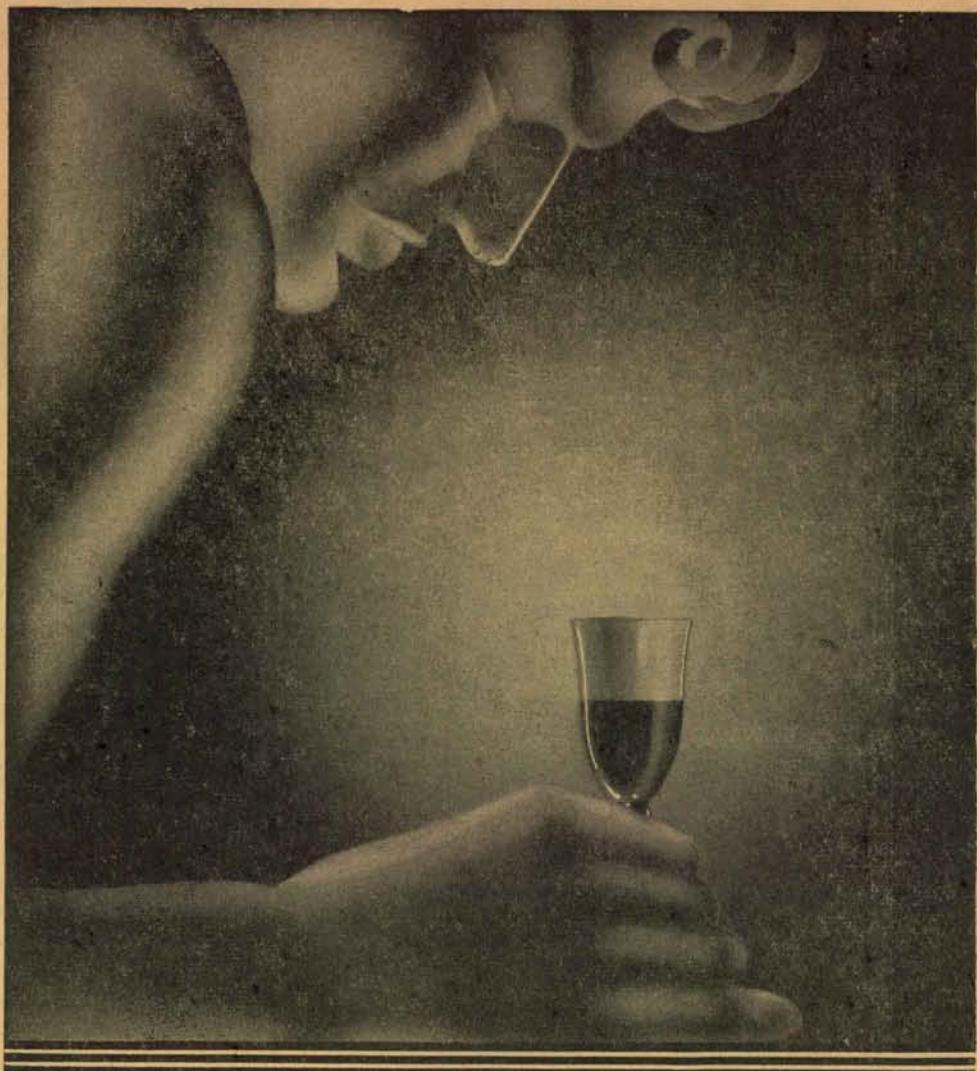
E' calmo o nosso olhar, porém profundo,
Cheio de intensa curiosidade...
Trago nos olhos, refletido, o mundo,
Refletes para mim a eternidade.

Talvez, por isso, como precipícios,
Eu fito as tuas órbitas escuras...
Mostram, de um caos de idéias, os indícios
Que, em tua rija máscara, enclausuras!

Há no teu largo riso de caveira
Um misto de tristeza e de ironia;
Mesmo assim, dás a mim, a prisioneira,
Lições confusas de filosofia...

Mas, de repente, sinto estar deserto
O bôjo que é teu crâneo! Apavorada
Dentro de mim, em precipício aberto,
Vai rolando minha alma para o nada...

Anita Carvalho



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

A venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



Caixa DE SEGREDOS

Consuelo San Martín

★ VIDA SIMPLES ★

Mensalmente recebo inúmeras cartas, contendo entre outros assuntos, os que se referem aos preparativos que enchem a cabeça das noivas, nas vésperas do casamento. Muitas delas, fugindo à finalidade desta secção, pedem-me conselhos e sugestões, sobre este ou aquele detalhe do traje que devem trazer no grande dia. Não resta dúvida de que o bom gosto deve estar presente em todos os atos da nossa vida. Não podemos, contudo, escravizar-nos aos requintes da moda, hoje quase toda ditada pelo cinema.

Infelizmente, o modelo da nossa "jeune-fille" não é mais encontrado nos figurinos, onde os artistas do lápis criavam, para os costureiros executarem.

Quem dita a moda, agora (e às vezes, sem nenhuma autoridade), são os artistas de cinema. A maior vítima desses figurinos apressados é a noiva brasileira que, em vez de orientar-se com simplicidade tradicional dos nossos costumes, transforma em verdadeiro carnaval, o ato mais sério e decisivo da sua vida.

Antes de qualquer deliberação nesse sentido, eu aconselharia às minhas jovens patrícias, a leitura do admirável livro de Charles Wagner — "Vida Simples", cujos sábios conceitos as orientariam, colocando-as numa situação de mais responsabilidade, realidade e beleza, garantia certa de uma felicidade mais tranquila e duradoura.

★ CORRESPONDENCIA ★

SARA — NOVA LIMA — MINAS — Com prazer respondo a sua consulta. Na verdade "Alterosa" recebe e publica os contos que lhe são enviados mensalmente, mediante os requisitos que se encontram na secção competente desta revista. Acho, contudo, que você devia iniciar a sua carreira literária nas colunas de uma revista infantil. A sua idade, creio, não lhe permite, ainda, uma criação perfeita do mais

difícil dos gêneros literários: o conto.

Seria de toda a conveniência que você lesse muito, afim de formar uma cultura tão sólida, que lhe permitisse usar conscientemente da sua imaginação. Do contrário, uma deceção poderá aniquilar-lhe a vocação literária.

*

NOTLIMA — CURVELO — MINAS — Prezada amiga: on-

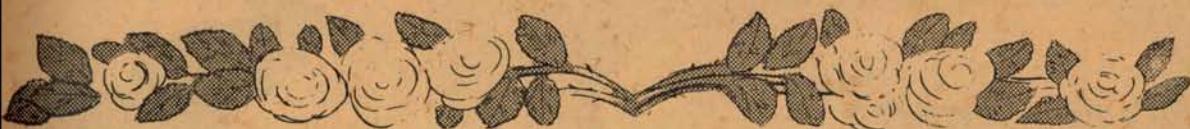
de já se viu uma menina no século XX, frequentando um educandário misto, dizer que se acha apaixonada? Sabe você o que quer dizer paixão? — Paixão é doença psicológica, é desvio psíquico. E você é uma moça normal. Basta ler-lhe a carta.

Quem lhe contou que o primeiro amor é o único e verdadeiro?

Deixa de tolice. Na sua idade, tudo é visto com os óculos de aumento da imaginação. E você pensa até que está sofrendo e gostando de alguém. Nada disto. No dia em que você abandonar o seu colégio, se não fôr correspondida no seu afeto, nem se lembrará desse caso, senão para rir da sua criancice. Se esse rapaz gostar de você e merecer a sua atenção, bem. Se não, não se apoque: outro virá substituí-lo e será mais amado. Já o disse uma infinidade de vezes, nesta mesma secção, que o poeta inglês Wilde é quem está com a razão, quando afirma: "o amor aumenta pela sua repetição. E um novo amor é sempre o primeiro amor."

*

SÔNIA MARIA — Minha jovem amiga. — Inicialmente confesso-lhe o meu encantamento pela sua delicada missiva. Na realidade é você uma criatura excepcionalmente dotada de sensibilidade, delicade-



za e finura. Com todos êsses predados, está, certamente, habilitada para ser e fazer alguém feliz. Vamos, contudo, ao que interessa. Fala-me do seu caso amoroso. Com extraordinário bom-senso, analisa-o. Conclui por dizer-me que se encontra em situação bem difícil, em relação aos seus sentimentos para com o namorado. Pelo que me afirma, aconselho-a a dar um balanço na sua afeição. Pese as suas responsabilidades e, minha amiga, não se case por compaixão. Seria humilhante para o seu futuro espôso e para si mesma. Se você não o admira, a ponto de, comparando-o com outros espíritos mais brilhantes, achá-lo inferior, não ligue o seu destino ao destino desse moço. Nada mais triste para um homem ou para uma mulher que se envergonhar do companheiro, quer física, quer intelectual, quer moralmente. Quanto ao seu futuro espôso não comentar os autores que você menciona, não se impressione. Will Durant, Oscar Wilde e outros, lembrados na sua carta, são dispensáveis na formação de uma boa cultura.

O que me leva a supor é que a minha consultante tem alguma outra criatura no seu caminho, não? E que toda essa história

é apenas fruto de uma tentação.

Não despreze, advirto-a, o valor moral do seu afeiçoado. A pessoa ainda deve ser uma soma de valores. De que vale um bom "causeur" e um mau caráter? Resolva com cérebro e coração o seu caso. Depois fale-me lealmente das suas pretensões e eu, prazerosamente, dir-lhe-ei mais acertadamente, como agir.

*

MARION — CURVELO — MÍNAS — Minha encantadora amiguinha; leio com a atenção que me merecem todas vocês, a sua delicada missiva. Fala-me do seu caso, simples e infantil, como a sua dona. Inicialmente, eu lhe pergunto: qual o motivo da oposição dos seus pais, no que diz respeito ao seu namorado, com o rapaz de que fala? Sendo omissa, esse ponto de sua carta dificulta-me a resposta à minha jovem consultente. Acho que, antes de tudo, na sua idade, deve você ouvir a quem de direito para orientá-la: os seus pais.

Depois consulte ao seu cérebro e ao seu coração conjuntamente. Estarão êles, de pleno acordo? É o seu eleito digno do seu afeto? Jovem como é, não vá entregando o seu coração, sem meticoloso cuidado no fazê-lo. Quanto ao fato de vo-

cês brigarem, de vez em quando, não é motivo para alarme. Todos os namorados brigam, mesmo quando se querem bem.

A sua atitude deve ser elegante, reservada e discreta, para uma observação perfeita do sentimento do seu namorado para com você.

*

MARIA APARECIDA — BARRA DO PIRAI — ESTADO DO RIO — O seu caso é de fácil solução. Percebo que se trata de u'a moça sensata, inteligente e capaz de resolver os seus problemas com agilidade mental e equilíbrio.

Diz-me que possui, agora, 18 anos.

Por que então não esperar, com calma, o desenrolar dos acontecimentos? Se você deseja uma certeza, não se precipite. Seja discreta e aguarde uma oportunidade para conversar lealmente com o homem dos seus sonhos. Se ele, na verdade, possui um complexo de inferioridade, (o que não creio) uma atitude sincera e franca, muito contribuirá para colocá-lo mais à vontade. Não há nenhum inconveniente em fazer uma sondagem direta, sobre os sentimentos dêle para com você. Não confie muito nas amigas; elas poderiam decepcioná-la.



Tradução especial de
JOAQUIM LARANJEIRA

Pingos de História

MAZARINO E SEU SECRETÁRIO

Enquanto, um dia, o cardeal Mazarino ditava uma carta a seu secretário, este, fatigado por intenso trabalho, acabou adormecendo. Sem perceber-ló, o ministro continuou ditando, a passear em largos passos pelo gabinete. Chegando ao termo da missiva, ordenou:

— Termine com as palavras de praxe.

Mas, então, verificou que só as primeiras linhas da mensagem haviam sido escritas. Como estimava muito o secretário e tratava-o com certa familiaridade, para despertá-lo vibrou-lhe uma valente bofetada. O homem, acordado de forma assim brusca, não teve dúvidas: respondeu com um gesto idêntico. Sem demonstrar qualquer emoção, Mazarino limitou-se a dizer:

— Agora, que estamos bem acordados, continuemos a nossa carta.

JUIZOS ALHEIOS

Visitando a senhora de Saint-Loup, diz-lhe, com certa malícia bem feminina, sua amiga, a senhora de Cornuel:

— Imagine, querida! Asseguraram-me que tinheis perdido a cabaça!

— Ora veja! — replica a interpelada, no mesmo tom. — Pois a mim me disseram que haveríeis encontrado a vossa!

FORÇA DE IMAGINAÇÃO

Embora não tivesse absolutamente modos de cortezão, o poeta Racine tinha o fraco de querer passar por gentilhomem. Vendo-o, certa vez, ao lado do jovem senhor de Choiseul, um legitimo nobre, passeando e conversando, Luís XIV exclamou:

— Oh! agora sei a causa de andarem sempre juntos êsses dois!

Quando Choiseul está ao pé de Racine, julga-se um homem de espírito. Quando Racine anda abraçado com Choiseul, lisonjeia-se de parecer um gentilhomem! Adorável força de imaginação.

A PROVA

O senhor de la Fara, havia muito tempo, galanteava a senhora de la Sablière, jurando-lhe a cada instante amá-la como um louco. Certa ocasião, visitando-a, exclamou, ao aproximar-se:

— Meu Deus, querida senhora! Que tendes na vista?!

— Ah! la Fara! — ripostou ela, desolada. — Vejo que não me amais. Sempre tive este defeito na vista, e sómente hoje o notastes!

O CARDEAL DISTRAÍDO

O cardeal Binet, arcebispo de Besançon, era excessivamente distraído. Viajando, certo dia, perdeu o bilhete de passagem, e de tal modo se mostrava inquieto, procurando-o, que afinal o empregado da estrada, para tranquilizá-lo, inclinou-se, dizendo:

— Não tem importância, eminência. Pôde viajar assim mesmo.

Ao que o cardeal respondeu, agradecendo:

— Vejo que o senhor é bastante delicado. Agradeço-lhe, mas de qualquer forma necessito de encontrar o bilhete. Doutro modo, como é possível saber o lugar aonde me dirijo?

FUGA

Uma velha galante dizia a Richelieu, no intuito evidente de conquistá-lo com suas pieguices de sexagenária:

— Por Deus, marechal! Eu sou bem capaz de perder-me pelo senhor!

— E eu... eu... de salvar-me da senhora! — respondeu êle, esquivando-se.

JÁ!?

Vendo à sua cabeceira, no seu leito de morte, o rei Luís Felipe, exclamou Talleyrand, fitando-o, agradecido:

— Ah! meu caro sire! Sofro como um danado!

— Ja?! — disse, simplesmente, o monarca.

CONQUISTADOR EMBARAÇADO

O belo ator francês Duchesne gozava fama de grande sedutor. Um dia mostrava-se êle bastante preocupado.

— Que tens? — perguntaram-lhe.

— Recebi uma carta de um homenzinho, na qual sou ameaçado se lhe não deixo a filha em paz. Abomino estas aventuras.

— E' muito simples, porém: dei-xa-lhe a filha em paz.

— Certo o faria com muito gosto... Mas o difícil é que a carta não está assinada...

A RAZÃO DO FILÓSOFO

Suplicando Aristipo uma graça ao tirano Dionísio, como êste não desse mostras de atendê-lo, deitou-se-lhe aos pés e tanto insistiu que, afinal, acabou sendo satisfeito.

Sabedores do caso, vários amigos censuraram o filósofo, julgando indigno dêle ajoelhar-se aos pés de outro homem.

Respondeu-lhe Aristipo:

— Sou acaso culpado de ter Dionísio os ouvidos nos calcanhares?

RABELLAIS

Nomeado embaixador junto à corte papal, o cardeal Bellai levou como secretário, para Roma, o famoso Rabellais. Recebido pelo Papa, quando viu que o cardeal beijava o pé de S. Santidade, o escritor espantou-se e, na

entrada, deu dois passos para trás.

— Que fazeis? — perguntou-lhe, surpreendido, pouco depois, o embaixador, vendo-o prestes a sair.

E Rabellais, explicando:

— Se V. Eminência, tão superior a mim, curva-se e beija os pés ao papa, onde deverei beijar eu, um simples mortal?...

SILENCIO!

— A apostar em como a morte esqueceu-se de nós, meu caro! — disse a Fontenele um amigo também nonagenário.

— Chut! — responde o velho galanteador, levando o dedo aos lábios. — Estas palavras poderão recordar-lhe que ainda estamos vivos.

ORDENS

Ouvindo, estomagado, a enumeração feita por Taylor das honras que recebera de várias cidades da Europa e as ordens militares e civis a que pertencia, um adversário político atalhou-o:

— V. Excelência não citou o Rei da Prússia. E' de acreditar, pois, não lhe tenha agraciado com nenhuma ordem.

— Engana-se — replica Taylor imperturbável — O rei da Prússia deu-me justamente a ordem mais importante...

— Sim? E qual foi essa ordem?

— A de deixar sem demora o seu território.

O PENÚLTIMO

Adotara o filósofo Duclos a seguinte fórmula para exprimir seu absoluto desprezo por algumas pessoas.

— E' o penultimo dos homens.

— Por que o penultimo? — perguntaram-lhe um dia.

— Por que é preciso não desanimar os demais...

PIEDADE

Durante o horrível suplício de Damiens, ao ver os carrascos fustigando com violência os quatro cavalos que deviam esquartejar o regicida, a filha do financeiro Bauret meteu-se a gritar, os olhos no céu:

— Santo Deus! Pobres cavalos!

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



TINTURA FLEURY

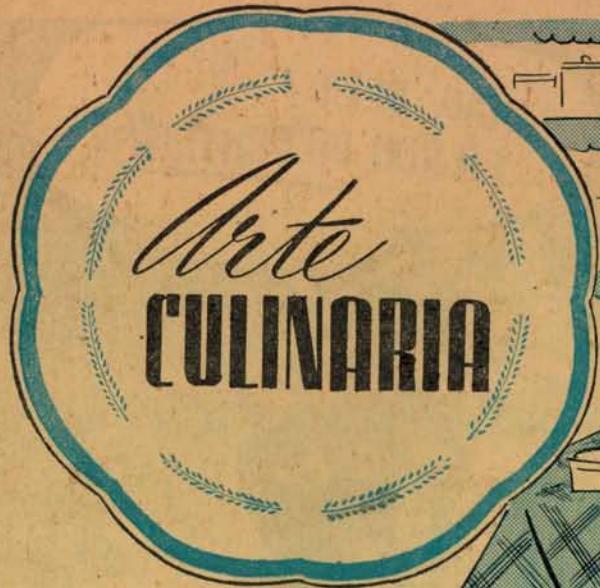
DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILIMA :

Peca ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.
CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio
Name
Rua
Cidade Estado ALT



ESPARGOS

MARIA TERESA

O aspargos modernos não são nada, ao que parece, comparados aos que faziam a delicia dos antigos.

Os de Ravenna, que se serviam nos suntuosos banquetes da antiga Roma, eram tão grandes, que bastavam três para formar um maço do peso de uma libra.

Em geral eram comidos em rodelas, e temperados com especiarias.

O molho branco é uma invenção francesa, e que constitui hoje um ótimo prato, quando servido com espargos.

Entretanto, durante muito tempo, descuidou-se em França dos espargos, ignorando os cultivadores a enorme aceitação por parte do público.

Apenas no século XV, uma vez ou outra, em fins de maio, se ouvia anunciar nas ruas de Paris: "Nabos doces" — "Belo espargos".

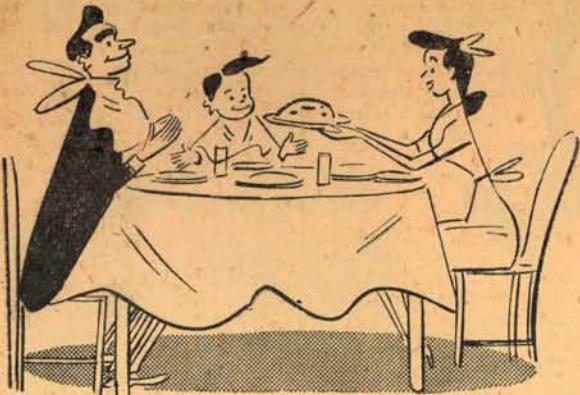
No reinado de Luis XIV, o célebre La Quintaine, jardineiro-chefe das hortas de Versalhes, pôs em moda os espargos — e achou o meio de cultivá-los em qualquer estação. As damas da corte eram doidas pela sopa de espargos, picados e cozidos com leite e noz moscada, e molho branco com espargos.

* * *

CARDÁPIO

OVOS EM FORMINHAS

Pica-se e passa-se em seguida na máquina 250 grs. de fígado de vitela, amassam-se junto 125 grs. de manteiga, quatro gêmas de ovos, um copo de creme de leiteria batido.



Untam-se bem as forminhas com manteiga e forram-se com uma boa camada da massa de fígado; põe-se para cozinhar em banho-maria uns dez minutos. Salpicar por cima com champignons picados e quebrar um ovo dentro de cada forminha; voltar a cozinhar em banho-maria. Servir juntamente com champignons e manteiga.

OVOS ESCALDADOS COM MOLHO AURORA

Enche-se com água, até 2 térios, uma grande frigideira; juntar um pouco de suco de limão ou vinagre. Quando a água ferver diminui-se o fogo; fazer cair de um ponco alto um ovo quebrado, depois um outro e assim em seguida. Aumentar de novo o fogo, virar delicadamente os ovos para que fiquem as gêmas bem enroladas nas claras. Assim que a agua ferver de novo, temperar com sal, tampar a frigideira e deixar em fogo muito brando, uns 2 minutos. Retirar com todo o cuidado com uma escumadeira e colocar numa travessa sobre torradas fritas na manteiga. Regar os ovos com o seguinte molho:

Engrossar meio litro de leite com maisena e meia colher de manteiga; juntar a este molho 60 grs. de cebola ralada e 100 de polpa de tomates refogada num pouco de manteiga; quando o molho estiver bem cremoso, passar no coador e juntar fora do fogo 100 grs. de manteiga.

OVOS MEXIDOS COM PRESUNTO

Batem-se 6 ovos, põe-se para aquecer numa frigideira 40 grs. de manteiga (a manteiga não deve ficar quente de mais nem o fogo forte para fazer os ovos mexidos), Mexem-se os ovos e junta-se logo o presunto picado (60 grs.) e depois duas colheres de creme de leiteria. Para ficarem em bom ponto os ovos mexidos não devem ficar no fogo mais de 8 minutos.

Pode-se fazer os ovos mexidos com queijo, juntando aos ovos batidos um punhado de queijo ralado.

OVOS FRITOS COM MOLHO DE BEARNEZ

Fritam os ovos na manteiga salpicando por cima com sal, e serve-se com o seguinte molho:

Põr numa panela meio copo de vinagre e igual quantidade de vinho, duas cebolas picadas, meia folha de louro, cheiros e pimenta em grão. Tampa-se a panela e deixa-se cozinhar em fogo brando até ficar reduzido a duas colheres. Espremem-se dentro de um pano. Põr numa panela em banho-maria, em fogo muito brando, três gema de ovos; bater incorporando 125 grs. de manteiga, depois as duas colheres do cozimento que se fêz; continua-se a bater para engrossar o molho sem deixar ferver para que não desande.

GALANTINE DE FRANGO

Põr no caldeirão 250 grs. de toucinho magro, meio mocotó de vitela, três cenouras, uma cebola, uns grãos de pimenta do reino, sal, cheiros, meia folha de louro, dois copos de vinho branco, juntar um frango e a água necessária para que fique bem coberto. Cozinhar em fogo brando duas horas com a panela tampada. Depois separar a carne dos ossos e pôr numa fôrma ou tigela grande, coar o molho e despejar dentro da fôrma. Enfeitar com rodelas de ovos duros e galinhos de salsa e pôr na geladeira. Na hora de servir mergulhar a tigela dentro da água quente um instante para descolar a gelatinha e virar sobre um prato enfeitado com folhas de alface. Servir simples ou acompanhada com molho de mayonnaise.

COSTELETAS DE PORCO

Depois das costeletas bem limpas e batidas são fritas, põr na frigideira 50 grs. de manteiga, 1 dente de alho esmagado, depois juntar 12 tomates sem as sementes, salsa, uns grãos de pimenta do reino, sal e por último um copo de vinho branco. Deixar cozinhar em fogo brando. Arrumar as costeletas num prato redondo em volta dum monte de purée de ervilha com arroz e por fora com a parée de tomates.

LINGUA FRESCA COM PICANTE

Uma lingua de vitela bem fresca, que se põe a afer-ventar para poder tirar com facilidade a pele. Corta-se depois a lingua em fatias. Prepara-se o seguinte molho: mexe-se numa panela uma colher de manteiga com duas de farinha de trigo, junta-se depois um pouco de caldo, cebola ralada, salsa; neste molho junta-se a lingua. Na hora de servir junta-se ao molho um pouquinho de mostarda e alguns pepinos de conserva cortados em finas fatias.

(Este molho presta-se também para a carne cozida).



★ SOBREMESAS ★

BISCOITOS DE MAÇÃS

Escolhem-se maçãs não farinhentas, cortam-se em pedaços tirando as partes duras e as sementes. Põe-se numa vasilha e vai se juntando farinha de milho e um copo de água de maneira a formar uma massa bem consistente.

Preparam-se então folhas de repolho, bem lavadas e enxutas. Põe-se dentro de cada qual um pouco de massa; as folhas são arrumadas no taboleiro e vão para forno bem quente. Deixa-se assar até que se perceba que o caldo das maçãs está saindo e a massa dourando-se. Viram-se os biscoitos ou bolos do outro lado. Vê-se então as nervuras das folhas marcadas nos biscoitos. Deixa-se assar ainda alguns minutos e depois deixa-se esfriar.

As folhas do repolho comunicam aos biscoitos um gosto especial. Além disso têm a vantagem de substituir a manteiga nas forminhas.

MERINGUE DE MAÇÃS

Faz-se uma marmelada de maçãs bem espessa, que se põe dentro de uma travessa que possa ir ao forno. Bater claras muito bem, juntando depois o açúcar (200 grs. pouco mais ou menos para cada três claras); perfuma-se com baunilha ou casca de limão. Arruma-se este suspiro sobre a marmelada de maçãs e põe-se alguns minutos no forno quente para tomar cor.

PUDIM FRANCÊS

Bater muito bem meio quilo de manteiga. Bater muito bem 7 gema de ovos com 150 grs. de açúcar; juntar a manteiga batida e depois as 7 claras muito bem batidas, 150 grs. de amendoas socadas, 125 grs. de farinha de pão preto passada na peneira (bem seca) depois 150 de laranja e cidra cristalizadas (picadas) e despejar dentro de uma fôrma untada com manteiga e pôr para assar no forno em banho-maria. Forno moderado.

Serve-se este pudim com molho de cerveja ou de morango.



Qual a mulher que mais entende de beleza das mãos?

• O mundo inteiro conhece o seu nome: - *Peggy Sage* - porque foi ela, a famosa criadora da moda das unhas coloridas - manancial de sugestões originais de envolvente fascínio para novo encanto da toalete feminina...

*Tons moderníssimos:

VINTAGE • SCARLET
INCARNAT • CEREJA
CEREJA NEGRA
PRAIA • GIG



Peggy Sage

J.W.T.



★ TENDÊNCIAS DA MODA ★

DURANTE as férias é quando podem sobressair todos os preciosos modelos leves e tentadores, como os que oferecemos à apreciação de nossas leitoras — embora, dentro de sua singeleza, sejam algo extravagantes.

Porque, justamente nesta época do ano, na qual a vida parece

sorrir com mais boa vontade, animada pela temperatura ideal à expansão da elegância feminina, justificam-se os modelos mais leves, mais vaporosos e mais sugestivos ao encanto da mulher.

Mas é precisamente nesta época primaveril, cheia de sol, que se perdoam todos esses encantadores exageros da mocidade na composição dos conjuntos para passeio, na seleção dos enfeites, na variedade dos acessórios e nas combinações algo ousadas dos coloridos que, sem dúvida, imprimem às indumentárias leves e práticas uma característica de alegria e vivacidade.

Entre tantos conjuntos atraentes, se destacam alguns muito interessantes e que bem podem convir tanto às senhoritas como às senhoras. Sua distinta elegância está indicada para ambas, sempre que haja, é lógico, certa sobriedade na confecção de um short, de uma saia, de um traje de banho.

Certos conjuntos, na verdade, como os shorts que apenas atingem os joelhos, não são muito próprios para todas as siluetas, mas têm a credencial da moda e,

naturalmente, todas as elegantes os usarão, seja qual for a silhueta...

Muito mais adaptáveis a todas as figuras femininas são sem dúvida as calças largas que nesta temporada primaveril estão muito em moda, cheias ou estreitas, sendo estas últimas de corte habilmente estudado, calças que se completam com blusas ou casacos de tecido de linho, algodão, rayon ou seda, geralmente estampados com vistosos motivos de brilhante colorido.



Para as reuniões da tarde, neste período agradável da primavera, a tendência elegante é para as toaletes em sedas leves num tom azul-marinho. A terminação da blusa, na frente, é feita num bico pespontado sobre os dois panos drapeados da saia. Mangas curtas. Decote em original recorte, arredondado dos lados e reto na base.

A nota original dessa toalete é fornecida por um rico bordado de "strass" e cristal rosa ciclame sobre os ombros e ao longo da blusa.





Modelo do Mês

GLÓRIA HAVEN, a encantadora estréia da Metro, exibe um maravilhoso "short", que é, sem dúvida, para o verão que se aproxima escaldante, a última palavra no gênero.

A última novidade em bordados



1) — Vestido de linho azul claro com um interessante bordado.
2) — Vestido de linho e seda, com bordado "Rechilieu". 3) —
Vestido de seda com bordado colorido. 4) — Vestido enfeitado
com bainha e bordado de cõr. 5) —
— Vestido muito simples, tendo
como único adôrno um cacho de
uvas bordado.

6) — Vestido de seda com o decote todo bordado. 7) — Um bordado "Madeira", realça este delicado vestido de cambraia. 8) — Vestido de linho rosa, com bolsos bordados com ponto de cruz. 9) — Vestido de linho e seda, com bordado de outro tom.



*Modelos
Juvenis*

6) — Vestido de linho listado, aplicado em diversas direções. 7) — O cinto e os botões roxos, harmonizam-se muito bem com as listas d'este vestido roxo e verde. 8) — Vestido de linho estampado, tendo como enfeite, uma pala com nervuras e dois

laços de veludo na cintura. 9) — Vestido de linho azul claro com bordado e aplicações de malha forte. 10) — Gracioso vestido de linho branco, com bolsos aplicados na forma de gorro marinheiro. 11) — Duas peças em linho liso e quadrilado. O bolero branco leva aplicações de flores do tecido quadruplicado.





12) — Vestido de seda, enfeitado com babados do mesmo tecido. 13) — Vestido de linho e seda, enfeitado com a mesma fazenda em tom diferente. 14) — Botões dourados, formam as flores do bordado d'este vestido azul claro. 15) — Vestido de seda, enfeitado com babados plissados. 16) — Interessante conjunto, composto de saia estampada e blusa lisa.



A graça infantil

2) — Este gracioso avental de cretone estampado, leva como enfeite um lindo bordado inglês. 3) — Vestido de seda lavável estampada com bicos de **crochet**. 4) — Combinação de seda estampada e lisa. 5) — Vestido de shantung liso, com aplicações de shantung estampado. 6) — Vestido de seda listada, empregada em diversos sentidos, na confecção deste vestido. 7) — Interessante vestido de fundo claro com pintinhas e enfeitado com tira bordada. 8) — Vestido de linho azul claro, enfeitado com bainhas.





Dna. Guaranita diz:

*Tudo isto pode ser tingido
em casa - facilmente!*

REALMENTE, não há roupa à qual Guaranita não possa dar nova vida e nova aparência com o processo simples de tingir em casa usando o famoso Guarany. Siga o conselho de Guaranita: - tinja em casa com Guarany! Usando Guarany, obterá sempre ótimos resultados, cores firmes e uniformes, com pouco trabalho e em pouco tempo.

**SABE QUAL É A CÔR
QUE LHE FICA BEM?**

Envie-nos o coupon para receber, gratis, o folheto "Magia das Cores" que indica a cor que melhor combina com as suas feições e que explica o processo fácil de tingir em casa com Guarany.



Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Estado

11.018 - MMM - J.M.

Recorte e envie à Sra. Guaranita
Rua Muniz de Souza, 532 — São Paulo



Guarany

PARA TINGIR EM CASA

Ga



1) Gracioso conjunto de duas peças, composto de um casaco xadrezado e uma saia lisa. 2) Galões roxos e verdes, adornam este vestido de "shantung" beige. 3) Vestido de seda azul estampado, realçado com pespontos e botões brancos. 4) Vestido de linho azul, enfeitado com linho branco. 5) Vestido amarelo, adornado com botões e pespontos em tom verde.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, se não colassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colher os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com esse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor — Qualidade pesa na balança!

Meias

Lobo

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda



*A última novidade
em bainhas*

1) — De uma elegância muito particular é este vestido de seda, adornado com bainhas.
2) — Vestido de seda branca, enfeitado com bainhas e pequenas pérolas. 3) — Vestido branco com aplicações verdes, presas com bainhas. 4) — Vestido de seda branca, com bainhas fantasia. 5) — Este vestido ricamente adornado com bainhas, demonstra muito bom gôsto.



2

3



4



6) — Vestido de duas peças, com a parte da frente do casaco, enfeitada com bainhas. 7) — Bainhas formando laços, dão grande realce a esse conjunto em dois tons. 8) — Um bonito bordado e uma bem aplicada bainha, adornam este vestido de seda branca. 9) — Original vestido em tecido escuro com aplicações de bainha. 10) — Vestido de seda branca, com aplicações de bainha formando interessante desenho.

Experimente novo conforto e proteção este mês!

— EXPERIMENTE O NOVO MODESS!

HOJE a mulher não precisa sofrer as inconveniências outrora periodicamente impostas pela natureza. Sim, porque hoje existe algo, tão prático e eficiente, que faz esquecer as atribulações dos dias críticos — Modess!

E, agora, mais do que nunca, Modess lhe proporciona conforto e segurança extra, com



a criação de seu novo tipo, *ainda mais perfeito e mais seguro*. Se ainda não usa Modess, não deixe de experimentar este novo conforto e proteção — este mês.

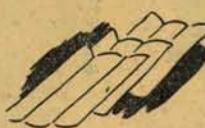
Veja porque MODESS é diferente!



1. A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



2. Três camadas de papel impermeável protegem por fora o encachimento e evitam, por completo, o perigo de nódoas na roupa!



3. Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macias, que evitam que o fluido se espalhe!



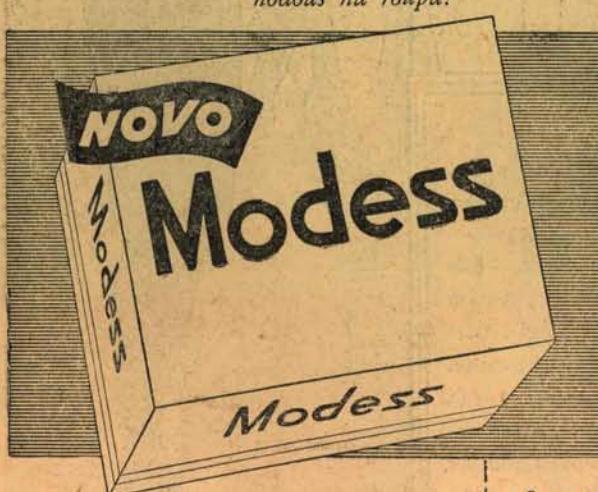
4. Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



5. Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



6. Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!



★ PRODUTO DA
JOHNSON & JOHNSON

J. W. T.

Amostra Grátis: Envie-nos Cr.\$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho “O Que A Mulher Moderna Deve Saber” — CX. 152 — B. HORIZONTE 4-XXXX-246

NOME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

N. B. — Este cupom e a importância de Cr. \$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.



Dick Powell, o popularíssimo astro da Metro, uma das primeiras vozes do cinema moderno e interprete genial de muitas das mais felizes produções da marca do Leão.



CANDIDATAS



★ Conselhos às jovens

VENCER na vida constitui, na atualidade trepidante, o pensamento obsessante da criatura humana. Jovens há, de boa aparência, que aspiram ardente e fazer carreira no cinema, no teatro, no rádio ou como modelos vivos profissionais. Sonham triunfar num filme de sucesso, numa peça arrebatadora, brilhar num momento radiofônico para gaudio dos auditórios barulhentos ou viver na elegância efêmera das "toaletes" caras sob os olhares maravilhados...

São candidatas à glória, na eterna febre de um sonho a que o subconsciente já deu fôrma e côr. Algumas dessas candidatas são lindas, outras unicamente graciosas ou apenas de feições comuns; outras ainda são mais talentosas que bonitas, porém as que alcançam êxito são em geral aquelas que se mostram dispostas a desenvolver todos os esforços para vencer.

Tenhamos sempre presente que para realizar esse objetivo é necessário evitar tudo o que possa prejudicar a saúde. A frase tem um sentido muito amplo, mas não esqueçamos de que ela envolve, sobretudo, uma advertência bastante séria: a de abandonar festas que se prolongam até altas horas da noite e hábitos que não obedecem a um regimen científico.

Se a gentil leitora se prepara para seguir uma carreira, qualquer que ela seja, deve evitar estudos demasiados em prejuízo do cuidado físico.

A jovem que estabelecer um termo médio pode obter vantagens magníficas, quer para a saúde, quer ainda para o progresso dos seus estudos.

Naturalmente é muito necessário possuir conhecimentos gerais de higiene, porém é ainda mais importante para a moça, que tem ambições na vida, procurar uma posição de destaque na sua profissão.

Não há dúvida de que existem muitas dificuldades a vencer antes de se conseguir atingir a meta, particularmente quando não se abandona o cuidado da saúde.

a' Gloriá

*que desejam vencer na vida **

Qualquer estudo ou exercício mental produzirá melhor resultado se a jovem estiver suficientemente descansada. A propósito, não esqueçamos de que o mais importante para a juventude é dormir. Quando não se dorme suficientemente, nota-se grande abatimento, não só na pele e nos olhos, como ainda no espírito. Uma pessoa que deseja ter personalidade e encanto deve deitar-se cedo e dormir, em média, oito horas diárias. Entre duas moças que se equiparam em beleza e talento, a que possuir personalidade e encanto terá mais probabilidade de sucesso.

Aprender a comer também não é difícil...

Deve-se evitar gorduras e escolher, de preferência, para as refeições, pratos simples e substanciais. É preciso dar ao organismo a quantidade e qualidade de combustível adequadas porque, do contrário, suas reservas de vitalidade irão desaparecendo gradativamente, até o aniquilamento absoluto.

Algumas moças de talento mostram-se, porém, tão negligentes a ponto de não afastarem impecilhos que surgem no seu caminho. Dentre essas que assim agem, observamos que nenhuma é suficientemente talentosa e bela para conseguir pleno êxito sem conquistar a boa vontade dos outros.

É perfeitamente humano preferir acolher-se à sombra de uma proteção, mas não nos esqueçamos de que aqueles ajudam os mais humildes a subirem, inclinam-se sempre para as pessoas agradáveis e de boas maneiras, deixando de lado as acanhadas ou egoistas.

Tendo presente essa advertência, cultive a habilidade de ser agradável para com as pessoas com que trata assiduamente. Procure, pois, dar uma impressão boa de seus gestos ou do seu aspecto geral, através de uma voz agradável e de maneiras corteses.

A proficiência em esportes ao ar livre é sempre

(Conclui na página 94)



SENHORITAS



Sta. Esperança Lechno

FOTOS
OLIVÉRA



Sta. Maria Magdalena Guimarães



Sta. Celia Gomes



Sta.
Zaide
Ferreira



Seus Lábios são você!

FAÇA UM TESTE - Qual é o tipo dos seus lábios?



Sinceros... lábios de mulher ingênua, que refletem inocência e inspiram romances... sempre são mais beijáveis com Batom Colgate.



Lábios alegres... um tipo que a todos os homens encanta! Os lábios alegres ficam mais belos, mais radiantes com Batom Colgate.

Aristocráticos... lábios de mulher superior que se impõe ao coração dos homens. Este tipo tem mais brilho e suavidade com batom Colgate.



Frívolos... de mulher que seduz e não se deixa seduzir... São mais provocantes com Batom Colgate.



O Coração Bate com *Baton COLGATE*

Descubra uma nova personalidade nos seus lábios com os matices ardentes do Batom COLGATE.

Importado da América do Norte - Feito de Karanava, o emoliente superior - 4 lindas tonalidades: Vermelho Americano, Médio, Escuro e Vermelho Amazonas. Perfume adorável e permanente.

Você pode ser 3 Vezes Mais Bonita!

Pó Para Rosto
COLGATE



Um pó diferente, mais fino que os pós comuns porque é micro-pulverizado. O Pó Para Rosto COLGATE não contém a mínima partícula de arrós. Por isso, nunca deixa sulcos no rosto após a maquiagem e nunca dilata os poros. Aderente e perfumado, o Pó Para Rosto COLGATE conserva a cutis macia e aveludada durante muitas horas.

**PÓ PARA ROSTO
COLGATE**

Manter o brilho natural dos seus cabelos



Brillantina Colgate é a única que contém KOLASTEROL, a descoberta científica que mais se assemelha aos óleos naturais do cabelo. Deixa os cabelos macios e brilhantes, num penteado perfeito, atraente. Brillantina Colgate tem um perfume de raras essências. Você é quem brilha... com BRILLANTINA **COLGATE**

Um rosado lindo para seu rosto



Rouge COLGATE Concentrado. Uma aplicação muito leve basta para dar uma cor sadi e juvenil. Não obstrói os poros. Rouge COLGATE é o toque final de uma maquiagem elegante. Dura 5 vezes mais porque é Concentrado.

ROUGE COLGATE

ENRIQUECENDO, tudo o Brasil!



EXTRAÇÕES EM NOVEMBRO DE 1945

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Dia	Prêmio maior	Preço
3	500.000,00	70,00
7	500.000,00	70,00
10	1.000.000,00	120,00
14	500.000,00	70,00
17	1.000.000,00	120,00
21	500.000,00	70,00
24	1.000.000,00	120,00
28	500.000,00	70,00

**

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

Dia	Prêmio maior	Preço
3	200.000,00	30,00
9	300.000,00	40,00
16	200.000,00	30,00
23	200.000,00	30,00
30	200.000,00	30,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

O CAMPEÃO DAS SORTEZ GRANDES

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781
CX. POSTAL 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"
BELO - HORIZONTE
NÃO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES

SUGESTÕES PARA

IVETE

OS LÁBIOS



Um dos pequenos problemas da beleza feminina é, sem nenhuma dúvida, esse dos lábios ressecados, não sendo poucas as moças que se queixam, irritadas, pela circunstância do batom não aderir maciamente à película dos lábios, que tende a descascar ou rachar.

Geralmente, essa deplorável condição dos lábios é oriunda da excessiva secura do ar, às vezes motivada pe-

los longos períodos sem chuvas, fato a que já nos habituamos em nossa cidade castigada dias e dias por um sol inclemente.

Pode-se também achar justificável explicação para os lábios ressecados, durante as quadras hibernalas, no contraste de temperaturas entre o lar aquecido e a rua frequentemente varrida por ventos cortantes.

Na verdade, a pele finíssima dos lábios é muito sensível às alternativas ambientes de calor e frio, assim como ao estado hidrométrico do ar.

Assim, a moça, ciosa de sua beleza, logo sinta que há tendência dos lábios para se ressecarem, deve lubrificá-los com um creme oleoso a isso adequado. Se a película labial se fende, desde que rache, urge banhá-la com um antisséptico, abandonando por momentos o batom.

À hora de repousar, deve passar nos lábios um creme especial de defesa, convindo untá-los, a seguir, com substância oleosa de boa indicação.

Vale também por critério sadio aplicar nos lábios um creme oleoso, antes de passar o batom, principalmente quando este último não é propriamente macio. Trata-se, aliás, de providência nem sempre necessária.

O batom deve ser aplicado com os lábios abertos; do contrário, pode ser vista com facilidade a linha onde as duas cores fazem fronteira, a natural e a artificial, sobretudo na ocasião em que a criatura esteja a falar.

Todas as moças que fazem uso regular da "maquillage" não devem estar ao par dessa regra que, entretanto, não é observada por muitas damas que se presumem da melhor elegância...

*

Você Sabe?

QUE todos os sons podem ser ouvidos na água a uma distância maior do que na terra?

QUE o peso normal de uma mulher de 45 anos é de 70 quilos?

QUE o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade?

QUE as asas dos pássaros são, em proporção de seu tamanho, vinte vezes mais poderosas do que os braços do homem?

A SUA BELEZA

MARION

AS ESPINHAS

As espinhas são causadas por distúrbios nas glândulas sebáceas. A presença dessas espinhas, geralmente, indica que a pele necessita de um bom estimulante.

Dê à sua face um tratamento especial, por meio de uma esponja de borracha, duas vezes por dia. Use bastante sabonete e água morna. Faça enxaguadas frias no rosto, durante dez minutos.

Quando aplicar a esponja na pele, faça-o como se estivesse dando massagens. O tratamento de gelo é excelente para curar as imperfeições da cútis. Muitas pessoas que tiveram espinhas se curaram. Aplica-se da seguinte maneira: escolhe-se um pequeno pedaço de cambraia de linha e envolve-se no gelo. Passa-se lentamente no rosto, perto do queixo, do nariz e na testa.

Quando as espinhas são oriundas de perturbações no aparelho gástrico, desaparecem com simples aplicações de gelo. Quando o motivo é mais sério, faz-se da seguinte maneira: abrem-se as espinhas e cravos com uma agulha esterilizada, espume-se suavemente para remover o pus e passa-se um adstringente. Lava-se a cútis muito bem com água morna ou sabão enxágua-se com água fria. O melhor remédio para espinhas é, sem dúvida, o sabão com água fria. Quando a pele está bem limpa, impede que a gordura e o pó se entranhem formando esses pontos, que são tão feios.

Muitas vezes as espinhas aparecem quando se abusa do chocolate, amendoim ou carne de porco. A jovem que tem amor à sua pele, deve abster-se de comer pratos demasiados gordurosos, muita carne e farinhas. Fazendo uma dieta de frutas e legumes, pode ter a certeza de que a pele será igual à das crianças recém-nascidas. O chocolate, que, indiscutivelmente, tem um sabor delicioso, constitui um sério perigo para a pele, por ser muito quente.

Beba oito copos de água por dia, para gozar saúde.

A água ajuda a eliminar as espinhas e os cravos, não restando, no entanto, nenhuma dúvida de que o tratamento local é indispensável.



Você Sabe?

QUE o ato involuntário de pestanejar é de uma importância capital para a saúde dos olhos? A palpebra umedece e limpa a conjuntiva, evitando desse modo muitas inflamações.

QUE o ressecamento do cabelo é combatido pelo uso de uma aplicação de óleo, na noite anterior à lavagem?

Neste mês vai sofrer outra vez?



ESTA pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. — A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. — Terríveis males, sim, porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. — Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras.

Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. — O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. — O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. — O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. — O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. — O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

O CICLISMO E O "VELO CLUBE"

Abilio Barreto

OUTRO desporte que madrugou em Belo Horizonte, despertando sempre o mais vivo interesse à mocidade, desde o tempo da Comissão Construtora da Nova Capital, foi o ciclismo, lançado aqui pelo engenheiro daquela comissão, dr. Fernando Esquierdo, possuidor da primeira bicicleta aparecida em terras da cidade em construção.

Montado na sua bela e admirada máquina "Cleveland", af por voltas de 1896, ele, franzino, traçado sempre de branco e de botas, percorrendo os serviços a seu cargo, foi o único, durante algum tempo, que possuiu bicicleta em Belo Horizonte.

Depois, outras bicicletas foram aparecendo, foi-se desenvolvendo o gosto por esse gênero de desporto, de sorte que, mudada a Capital de Ouro Preto para Belo Horizonte, o ciclismo tornou-se moda, fêz-se chic, exercitado por moços, velhos, senhoras e senhorinhas da melhor sociedade local.

Assim como é distinto, presentemente, possuir e guiar um automóvel, assim era, naquela época, possuir e montar uma bicicleta.

Por isso, a toda hora e principalmente às tardes, pelas ruas poentas da cidade ou pelos arruamentos e alamedas do Parque, desfilavam os ciclistas de ambos os sexos, com garbo e elegância, montando as mais modernas máquinas dessa espécie então conhecidas.

Chegou a tal ponto o gosto pelo ciclismo na Cidade de Minas (assim se denominava a Capital nos seus primeiros dias), que, a 19 de maio de 1898, interessante cronista comentou o fato pelas colunas de "A Capital", assim:

"E' um bom exercício o que executam os senhores ciclistas, pedalando a mais não poder pelas ruas da cidade e nas alamedas do Parque. Alguns fazem até equilíbrios de japonês, alta escola, na leve e delicada máquina que deslisa rápida e sem ruído. As ruas do Parqué, porém, são extensas e isso de pedalar por entre pernas do público, tenham paciência: num bai não!"

Como era natural, desse entusiasmo pelo ciclismo nasceu a idéia de se fundar na cidade um

clube para corridas naquelas máquinas, idéia encabeçada pelo dr. Fernando Esquierdo, com a finalidade de aperfeiçoar o gosto pelo desporte e proporcionar diversão ao povo.

Para tal fim, reuniram-se os nossos maiores entusiastas do ciclismo, às duas horas da tarde do dia 19 de junho de 1898, na Biblioteca e, tomando a palavra, o dr. Fernando Esquierdo expôs a necessidade que havia da fundação de um clube desportivo. Terminou convidando o sr. Coronel Felipe de Melo, então comandante da Brigada Policial, para dirigir os trabalhos da reunião.

Este, assumindo a presidência, convidou os drs. Fernando Esquierdo e Afonso Pena Júnior para secretários.

Obtendo novamente a palavra o dr. Esquierdo apresentou à mesa um projeto de estatutos, que foi entregue pelo Presidente a uma comissão para estudá-lo e dar sobre ele parecer.

Assentada, assim, a fundação do clube, que realizaria corridas periódicas na pista do Parque, a 24, reunidos novamente os sócios na referida sala, ficou definitivamente fundada a sociedade, que tomou o nome de "Velo-Club", sendo aprovados os estatutos e eleita a seguinte diretoria: — Presidente, dr. Fernando Esquierdo; vice-presidente, Braulio Pena; 1.º secretário, Afonso Horta do O' Lari; 2.º secretário, Eliseo de Campos Melo; tesoureiro, Coronel Emílio Rodrigues Germano.

O entusiasmo pelo clube era geral e a corrida inaugural realizou-se no Parque, às 4 horas da tarde do dia 25 de julho, perante uma concorrência extraordinária de povo e de pessoas da mais alta sociedade local, ocupando as arquibancadas do pavilhão com paredes de tábuas e cobertura de

zincos que o Prefeito dr. Adalberto Ferraz mandara logo construir no local que, presentemente, fica em frente à fachada do edifício Sulacap, à rua da Bahia e à margem do arruamento do Parque. Aí fazia-se ouvir a banda de música do primeiro batalhão da Brigada Policial.

Muitas famílias, antes das corridas, passeavam pelos arruamentos do Parque, em charretes e carros de praça ou a pé, ao passo que os ciclistas, vestidos de branco, com indumentária apropriada, percorriam a pista em suas máquinas ainda de tipos diversos.

Três páreos haviam sido organizados, compostos de sócios que adotavam os pseudônimos de "Riograndense", "Lucifer", "Herferlo", "Brasil", "Jcli", "Lusbel", "Nelumbo", "Stila" e "Bull", e houve um delírio de entusiasmo e de aplausos durante o desenrolar da competição.

Do primeiro páreo foi vencedor "Lucifer", chegando "Riograndense" em segundo lugar. A "poule" rendeu 10\$000. O segundo páreo foi vencido por "Herferlo", chegando "Brasil" em segundo lugar, a "poule" rendeu 3\$000. Do terceiro páreo foi vencedor "Nelumbo", chegando "Bull" em segundo lugar. A "poule" rendeu 2\$800. A venda total de "poules" foi de 604\$000.

A segunda corrida verificou-se a 31 de julho, tendo por diretora a seguinte comissão: juiz de partida, dr. Fernando Esquierdo; juizes de chegada, drs. Cícero Ferreira e Ludgero Dolabela; juizes de raia, Teodoro Lopes de Abreu, Antônio Raimundo Soares, Adolfo de Castro e Alberto Horta; juizes de arquibancadas, drs. Salvador Pinto e Josafá Belo.

Correram cinco páreos, dos quais foram vencedores: do 1.º, "Guarani", rendendo a "poule" 4\$300; do 2.º, "Cid", produzindo a "poule" 8\$800; 3.º, "Brasil", dando de renda a "poule" 6\$200; do 4.º, "Cing Mars", cuja "poule" rendeu 6\$500; do 5.º, "Guarani", com o rendimento de 4\$000 para a respectiva "poule".

Essas e outras corridas posteriores foram efetuadas em máquinas alugadas, emprestadas ou de propriedade de sócios, todas de tipos diversos, pelo que não se podia ajuizar bem do valor dos



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combatte as: Feridas,
Espinhos, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismos

corredores. Somente mais tarde, a 18 de setembro, pôde o clube adquirir bicicletas "Cleveland", todas iguais.

Recordamos ainda dos seguintes pseudônimos usados pelos ciclistas, todos moços da melhor sociedade: — Guarani, Coedic, Vaz, Centauro, Cid, Osman, Souza, Colma, Ara, Orion, Campista, Mosquetão, Raio, Cing Mars, Corisco, Jequitinhonha, Iepir, Iris, Zift, Boer, Guanabara, Tupi, Osmoffa, Federalista, Marechal, Nero, S. Paulo, Bergdorff, Nilo, Rio Nú, Gaucho, Lobo, Garamufo, Jurandí, Otto, Itamonte, Jangadeiro, Clíde, Itacolomí, Cacique, Atacir, Romanelli, Keen e Lira.

Tais pseudônimos eram usados pelos seguintes e outros moços da mais alta sociedade da Capital-metropolitana: Alisson Lobo, Afonso Peña Junior, Benjamin Brandão, José Torres, Jaime Dolabela, Benjamin de Souza, João Batista Gomes, Dr. Fernando Esquerdo, Antonio Raimundo Soares, Teófilo Brant, José Ferreira Brant, Edmundo Horta, Emídio Germano Filho, João Pires Germano, Braulio Peña, Lahire de Vasconcelos, José Viana Romanelli, Ozório Romanelli, João Passos, Ernesto Cerqueira, Eliseo de Campos Melo, Francisco dos Santos Souza, Aldo Borgatti, Batista de Melo Filho, Osmar Magalhães, Ascendino Vaz de Melo e muitos outros cujos nomes não nos ocorrem.

As corridas eram sempre realizadas à tarde, aos domingos e quintas feiras, mas calculado o tempo de forma que terminassem antes de anelecer, pois a iluminação da pista era deficiente.

Somente a 25 de agosto a Prefeitura pôde mandar iluminar toda a área de corridas a lâmpadas de arco voltaico e esse melhoramento imprimiu maior realce às atividades do clube naquelas e nas tardes subsequentes, com a mais perfeita regularidade, até 6 de agosto de 1900, tendo sido uma das corridas de maior destaque a que se realizou a 2 de julho desse ano, cujos párcores foram organizados pela seguinte forma:

1.º — SENADO — 750 metros — Campista, Oregon, Gaucho e Riograndense;

2.º — CAMARA — 1.500 metros (duas voltas) — Garamufo, Guanabara, Lira e Iris;

3.º — SILVIANO BRANDÃO — 2.500 metros (três voltas) — Nemo, Kean, Ouro Preto e S. Paulo;

4.º — ESTUDANTES — 750 metros — Marinho, Raio, Guarani e Corisco;

5.º — SANTA CASA — 1.500 metros — Iris, Rio Nú, Lira e Nemo;

6.º — CIDADE DE MINAS — 2.500 metros — Tupi, Romanelli, Vaz e Nemo;

7.º — IMPRENSA — 1.500 metros — Rio Nú, Iris, Ouro Preto e S. Paulo.

Foram vencedores: do 1.º pároco, "Marinho" e "Guarani"; do 2.º, "Garamufo" e "Lira"; do 3.º "Nemo" e "Kean"; do 4.º "Raio", e "Guarani"; do 5.º, "Nemo" e "Vaz"; do 6.º, "Nemo" e "S. Paulo"; do 7.º, "Rio Nú" e "Iris".

Tendo, então, o "Velo Club" interrompido as suas atividades durante algum tempo, vários sócios daquela entidade desportiva e outros moços tomaram a peito pros-

seguirem com as corridas e logo graram manter outra temporada animadíssima, às quintas-feiras e aos domingos, desde 21 de julho até 15 de setembro de 1901, em benefício da Santa Casa.

Esses corredores usavam os seguintes pseudônimos: "Ananiel", "Zadir", "Zina", "Amapá", "Mejo", "Tiburcio", "Romanelli", "Araipe", "Gaúcho", "Riograndense", "Sales", "Paladini", "Iris", "Guarani", "Boer", "Silveira", "Javaří", "Afram", "Peri", "Pirajá", "Oregon", "Arara", "Asturba", "Velot", "Annaiv", "Mondego", "Asdrubal", "Gava", "Nicolau", "Maian" e "Nilo".

A's vêzes realizavam párcores de perde-ganha, em que cada ciclista era obrigado a prodígios de equilíbrio para ser o último a chegar ao ponto estabelecido para término da competição.

De 15 de setembro de 1901 até 16 de junho de 1902, houve outro interregno nas corridas, sendo que nesta última data reorganizava-se o "Velo-Club", realizando então, este a sua primeira corrida da nova temporada, em homenagem ao Prefeito Bernardo Monteiro e aos srs. Alfredo Vicente Martins e dr. Pedro Sigaud, tendo sido, por interferência do dr. David Campista, reparado e pintado o pavilhão destinado à música e à assistência.

A concorrência foi excepcional a essa festa e animadíssimo o jogo de "poules", tendo corrido 5 párcores, dando a impressão de que o clube iria continuar vitoriosamente.

Entretanto, depois das corridas de 23 de junho, em homenagem à Imprensa, das de 6 e 20 de ju-

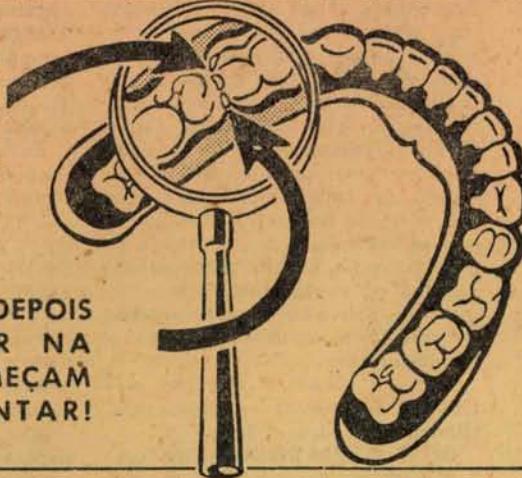


Pronto para partir um grupo de corredores, no Parque, nos primeiros dias da cidade. Entre outros, vêem-se os srs. Benjamin Brandão, Gualter de Oliveira, Antônio Raimundo Soares, Jorge Brandão, Jaime Dolabela e João B. Soares.

CUIDADO!

Aqui
atacam os
micróbios!

2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!



lho (esta última em benefício das obras da Capela do Sagrado Coração de Jesus) e das de 10 de agosto de 1902, caiu novamente o clube em inatividade.

Ao fim da última corrida dessa fase, os moços do "Velo-Club" fizeram subir ao espaço às 5 horas da tarde enorme e vistoso balão-cativo, que constituiu verdadeiro sucesso no meio da petizada.

A última corrida realizada no Parque, naqueles primeiros tempos e de que temos notícia foi a promovida pelo clube carnavalesco "Progressistas", a 13 de novembro de 1904, constituída por 5 pares que se intitulavam: "Grêmio das Pérolas", "Mata-kins", "Sport Club", "Belo Horizonte" e "Progressistas", sendo o último par formado pelos vencedores dos anteriores.

Após as corridas houve "ker-messe", sob a proteção das senhorinhas Zézé Sales, Nené Andrade, Guiomar Andrade, Favila Heilbuth, Maria Gonçalves, Aurélia Olinto, Odila Martins, Alice Sá Freire, Guiomar Ramos, Josefina e Alda Ferraz, Virgínia Silva, Eugênia Sales, Judite Ferreira, Julieta Pena, Zezé Moss e Carmita Silva.

Por esse tempo o "Velo-Club" estava extinto, não era mais que uma recordação e uma saudade na memória dos horizontinos; o pavilhão de tábuas, coberto de zinco, com as suas arquibancadas para a música e para a assistência foi abandonado. Apenas uma vez ou outra era utilizado por alguma banda de música em reuniões ou festividades eventuais. E assim ai permaneceu por muitos anos, ao lado da pista, ensombreada pelas frondes dos enormes ficus, até que o demoliram...

PENSAMENTO

O meio mais fácil de ser tolo é esforçar-se para ter espírito. Montaigne.

Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pode penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

CANDIDATAS À GLÓRIA

(CONCLUSÃO)

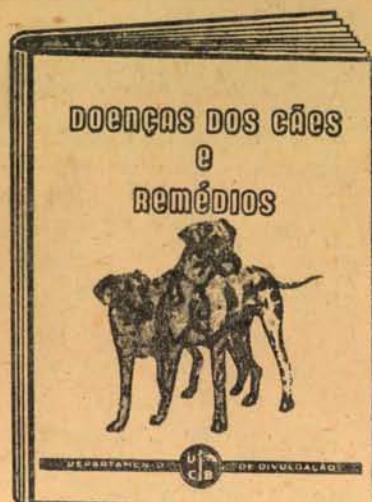
um ativo na conta da jovem que deseja progredir em sua carreira.

O esporte, além de desenvolver harmoniosamente o físico, quando praticado com método, ainda auxilia a relaxar a tensão nervosa tão frequente nas pessoas de grandes aspirações.

O contacto social continuado é interessante e de grande auxílio para quem deseja ascender na vida. Virtualmente, todas as "estrelas" de cinema dedicam-se a um ou mais esportes. Umas jogam tênis, outras golf, outras ainda praticam a natação e o hipismo. Há também as que, em grande número, praticam regularmente todos esses esportes.

*

PEÇA ESTE LIVRO !...



60 páginas - Cr. \$ 3,00

contra reembolso postal

UZINAS CHIMICAS BRASILEIRAS Ltda.
C. Postal, 74 - JABOTICABAL - E. S. Paulo

com método rigoroso.

Lembremo-nos, sempre, que as atividades esportivas nos trazem muitos benefícios para o corpo e para o espírito.

São essas as recomendações que fazemos às jovens candidatas à glória — realização que não constitui absolutamente, sonho impossível, mas apenas um justo anseio que, à força da perseverança e da vontade aliada à rigorosa observância desses conselhos, pode tornar-se um dia maravilhosa realidade!

CRESO

CRESO foi um dos heróis da Jônia.

Construiu o templo de Diana, em Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo. O mesmo nome teve o último representante da dinastia, dos Mermnadás, que foi também o último monarca da Líbia. Viveu no século VI antes da nossa era e tornou-se famoso pelas conquistas e riquezas fabulosas. Embora a fortuna lhe sorrisse no inicio da sua vida, reservou-lhe mais tarde duros golpes. Creso foi vencido por Ciro, o Grande, e condenado à morte. Junto a foguera, porém, lembrou-se das palavras de Solon, que lhe disse: "o homem não se pode considerar feliz antes da morte", e proferiu o nome do estadista ateniense. Ouvindo-o, Ciro indagou a causa dessa exclamação e, comovido, perdoou Creso, incluindo-o entre os seus conselheiros. A versão mais aceita, porém, conta-nos que, não resistindo à derrota, Creso tentou matar-se, com a mulher e os filhos. À aproximação dos persas, adiantou-se para a foguera, mas Zeus apagou as chamas e transportou o rei e a sua família para a região dos Hiperbóreos.

CANÇÃO

Sob a luz do luar que vai pela janela
beijar-te os níveos pés e a farta cabeleira,
compõe, para eu cantar, uma canção singela,
que eu aprenda depressa e cante a vida inteira!

Eu quero uma canção que seja suave e bela
como aquela que canta a pobre lavadeira
que, ingenuamente põe, sobre a terra amarela,
um emblema sagrado e não vê que é bandeira!

Compõe uma canção igual a que as avós
cantam para embalar os netinhos queridos,
eu quero uma canção que fale aos meus sentidos!

Compõe uma canção que fale tanto em nós,
que me faça esquecer, em menos de um segundo,
as grandezas do céu e as misérias do mundo!...

ALBERTINA CASTRO BORGES

A PESAR das
conjecturas de Platão, de Aristóteles, de muitos
outros sábios da antiguidade, nem os gregos nem os romanos conseguiram explicar a origem da atividade vulcânica.

Conhecia-se uma lenda, segundo a qual, nas ilhas de Lipari, na Sicília, ao pé da cadeia montanhosa, o deus do fogo — Vulcão — abriu uma porta para o mundo subterrâneo e ali acendeu as chamas que estabeleciam desordens no seio da terra. Além dos inúmeros vulcões extintos, espalhados em quase todas as regiões do globo, calculase em duas mil e quinhentas as erupções dos quatrocentos e trinta vulcões ativos, nos limites da história humana. Poucas vezes os homens tiveram o privilégio de observar o nascimento de um vulcão.

Em 1536, por exemplo, nas vizinhanças de Nápoles, verificou-se que o lago Lucrinus perdía a sua tranquilidade habitual. Registraram-se tremores, nas águas que se repetiram nos seguintes anos até que, em 1538, abriu-se uma fenda nas margens da baía de Nápoles. Pelo espaço de dois dias, essa abertura lançou grandes massas de pedras, inclusive pedras-pomes, que formaram uma montanha de altura considerável.

Após 24 horas de calma, reiniciou-se a erupção, no quarto dia. Pouco depois cessava e nunca mais tornou a se fazer sentir. O Monte Novo transformara-se numa montanha de 150 metros de altura por três quilômetros de diâmetro.

Também no México, em 1759, numa região denominada Jerusalé (Paraiso, no dialeto local), surgiu, após três meses de tremores de terra, um vulcão, o "Jerusalé", que mede, hoje, mais de 400 metros de altura. Mas — conta-nos J. H. Bradley — a Terra não é a única vítima das erupções vulcânicas. Também nas profundezas do mar registram-se jatos de vapor, de gases, de pedras e de chamas, capazes de se elevarem acima da superfície. As erupções submarinas são frequentes no Mediterrâneo.

Nas proximidades de vulcões ativos, assim como nascem novas massas vulcânicas na superfície da terra, formam-se também ilhas, como o Arquipélago das Aleutianas, no mar Behring. Em 1831 surgiu, entre a Sicília e a costa da África, a ilha de Graham, que atingiu a uma circunferência de cinco quilômetros por setenta metros de altura. Mas a investida impiedosa das ondas fê-la desaparecer. Acredita-se que o Vesúvio e o Etna, os dois maiores vulcões italianos, tenham tido origem idêntica.

OS DISTURBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes, ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Rep.: Hélio Figueiredo & Cia.

Av. Olegário Maciel, 8
Belo Horizonte

PRESENTES ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA ?

Oliveira Costa & Cia.

SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTEAMENTO E PREÇOS

*

AV. AFONSO PENA, 1050

FONE 2-1607 e 2-3016

BELO HORIZONTE

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não cor e livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobreveem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

Máxima perfeição
e presteza na
execução de clichês

TRICROMIAS E DOUBLES — CLICHÉS EM ZINCO E COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

★ BELEZA E VIRTUDE ★



PARA os moralistas, as mulheres só valem pela virtude.

Entretanto, para a maioria dos homens, elas somente têm valor pela beleza física, ou pela graça e o espírito, que são, sem dúvida, duas exteriorizações de beleza mais poderosas e sugestivas do que a própria beleza. Tanto assim que as mulheres que maior império têm exercido sobre os homens não eram verdadeiramente belas, mas possuíam tal vivacidade, tal inteligência, tal personalidade, que é o conjunto de fascinantes qualidades inatas, que atraíam ao seu destino os grandes homens e os povos. Foi o que se deu com Teodora em Bizâncio, Catarina da Rússia, e Madame Maintenon, etc.

Não há dúvida de que a bondade, a castidade, a fidelidade e a coragem tornam célebres as mulheres, mas essa celebritez não atinge a das criaturas que possuem os fascinantes dotes do espírito e, especialmente, os do corpo, que tanto tentam os homens.

Não se discute, é claro, a glória duma mãe dos Gracos, duma Jeanne d'Arc, bem como a das santas.

A ARTE DE FALAR

NÃO é fácil falar bem em público ou mesmo num grupo de sociedade. Torna-se necessário, em primeiro lugar, ter conhecimentos vastos, espírito vivo, ao par do que há de mais moderno, raciocínio justo e a prudência suficiente para se manter nos limites da discreção. Cumple também frequentar a sociedade, afim de adquirir o traquêjo e o desembaraço indispensáveis. A voz representa um dos

Todavia, menos ainda se põe em dúvida a glória que, através dos séculos, tem obtido a beleza das mulheres, sobretudo das mulheres livres e sensuais: cortezas e atrizes.

Para a moral da humanidade, não será muito honroso verificar que as mulheres que os forais mediévos qualificavam de *maão preço* e de *maá vida*, logrem estátuas, riquezas e glórias, enquanto as patriotas, as virtuosas, as boas sofram martírios, videntes na pobreza e morram quase sempre no esquecimento.

Estranha e formidável a força do prazer em todos os tempos!

Esse confronto deve servir, apesar de tudo, para incentivar mais ainda a virtude nas criaturas que acreditam noutra existência, além desta.

Não servirá para tanto as que pensam ser necessário aproveitar nesta efêmera vida o que ela de melhor pode proporcionar, abandonando de todo as ilusões de outro mundo melhor, após a morte.

A beleza e a graça dominam a humanidade mais do que quaisquer outras qualidades femininas e é por isso que historiadores e poetas celebrizam, nos seus apanágios em prosa e verso, de preferência, as dançarinhas e as cortezas as mães de famílias e às santas.

A beleza, como a graça, é, no entanto, aparência. A virtude, como a bondade, é substância.

A beleza é efêmera. A virtude, eterna. A personalidade feminina se forma da substância das virtudes intrínsecas inalteráveis à luz da graça e da beleza que constituem valores extrínsecos e fugazes. A fascinação do físico se enriquece à luz purificadora das virtudes que são, na mulher a única base segura na qual se pode construir a felicidade do homem, que, aliás, na sua grande maioria, sempre correu atrás das aparências.

fatores mais importantes para o êxito dum palestra. Uma voz agradável e bem timbrada dá uma sensação de repouso. A propósito, dizia-se que Wagner, que apreciava imensamente a voz de sua esposa, pediu-lhe toda vez que desejava compor: "Fala. Preciso ouvir-te". E se, num acesso de cólera, ouvia a voz de Cósima, acalmava-se prontamente.

DESENHO
1901

GIACOMO VENDE E PAGA SORTEIS GRANDES

BAIA
856



Lua de Mel

IGNORA-SE geralmente a origem da significação do que chamamos *lua de mel*, frase que deriva do antigo idioma teutônico e que significa beber trinta dias depois da boda água-mel ou hidromel, espécie de vinho feito com água e mel de abelhas.

Átila, o célebre chefe dos hunos que se vangloriava de ser chamado *o açoite de Deus*, parece ter morrido, na noite de seu casamento, num apoplexia causada pela ingestão daquele vinho durante as festas com que celebravam o seu himeneu.

Agora, *lua de mel* significa o primeiro mês (luar de quatro semanas) depois do matrimônio, que se costuma passar longe da família, tempo que se reduz ou prolonga à vontade dos noivos e se considera a época mais feliz do casamento, pois que durante o seu delicioso transcurso, não se experimentam os dissabores que traz às vezes a vida matrimonial...

*

CONSELHOS

Não há pior coisa que um mau conselho — Sofocles.

*

Nada damos com tanta boa vontade como os conselhos — La Rochefoucauld.

*

Os conselhos práticos são os mais úteis — Vauvenageses.

*

Os melhores conselhos seriam os das pessoas que nada pedem e a quem nada se deu ou pediu, porém tais pessoas são precisamente aquelas a que menos se consulta e as que menos pensam em aconselhar. — L. Rougemont.

Lever é o meu sabonete!

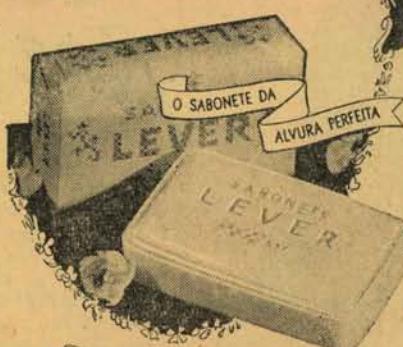
— diz a encantadora estréla de

Hollywood —
DEANNA
DURBIN

(Universal)



Você desvendará o segredo de beleza das estrélias no momento em que sua pele receber as carícias da deliciosa espuma de Lever! Você sentirá, então, a suave fragrância do seu perfume e jamais deixará de usar o sabonete preferido por 9 entre 10 estrélias de Hollywood!



LEVER DURA
MUITO
porque foi feito
especialmente
para produzir
espuma com
rapidez - por isso
GASTA MENOS.



Lever - o sabonete das estrélias!

LINTAS LTS 84-0179 A

Dizer bem e pensar bem, não significam coisa alguma se não se faz o bem.

FRANKLIN



DESENHOS
COMERCIAIS
TÉCNICOS E
ARTÍSTICOS

- CARTAZES
- GRAFICOS
- ROTULOS
- ILUSTRAÇÕES
- CARICATURAS

RUA ESP SANTO, 621-ESQ. AVENIDA-ED CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE





D. Néf em

Realizou-se em outubro último, nesta Capital, o casamento da Sta. Consuelo de Paula Fernandes, filha do dr. Paulo de Moura Fernandes, e de d. Maria Adelaide de Paula Fernandes, com o dr. Odilon Castriota. Fizeram-se ouvir, durante a cerimônia religiosa, coral e orquestra de João Decílio Brescia. Na fotografia ao lado aparecem os nubentes.



Completou, em outubro último, o seu primeiro aniversário a interessante Maria Silvia, filhinha do sr. Dorival Moura Peixoto, Supervisor da Colgate-Palmolive Peet Co. em Minas Gerais, e da exma. sra. Geni Banhara Peixoto. Na foto ao lado, um aspecto da festa comemorativa.



A Escola 2 de Dezembro reuniu, em 19 de outubro último, todos os seus alunos, numa festividade expressiva cuja finalidade foi expor à apreciação pública os brinquedos manufaturados pelos referidos alunos para serem oferecidos às crianças pobres da Capital. A fotografia ao lado registra um aspecto da simpática festa de solidariedade humana.

realista

Realizou-se, no dia 6 de outubro último, uma audição dos alunos do Conservatório Mineiro de Música, que se revestiu do maior brilho artístico. Ao lado vêem-se os professores e alunos.



Aniversariou no dia 6 de outubro a encantadora Tania Maria, dileta filhinha do sr. Wilson Manso Pereira e d. Isa Maria Gott Manso Pereira. A fotografia focaliza um expressivo aspecto da bela reunião com que o distinto casal comemorou a feliz efemeride.



Realizou-se no dia 4 de outubro último, na Igreja de Lourdes, a comunhão dos alunos do Colégio São Paulo, com o comparecimento de inúmeras figuras de destaque da nossa sociedade.

A fotografia ao lado registra um aspecto da cerimônia, vendo-se ao centro do grupo o Arcebispo D. Antônio dos Santos Cabral.

★ PRIMEIRA ★ COMUNHÃO

Eva e Maria Stela, filhas do casal
Major Lupércio Taveiro e d.
la Ferreti Nunes, da nossa
sociedade



Gilda, filha do casal Emílio Batista Sampaio e
d. Maria José Vieira Sampaio, desta Capital



Luís Marcio, filho do casal dr.
Dermerval Ferreira de Carvalho e
D. América Ferreira de Carva-
lho, desta Capital

FOTOS CONSTANTINO



INGREDIENTES

7 colhs. (sopa) manteiga
 1 1/4 chics. açúcar
 4 gemas - não juntas
 1 colh. (chá) essência
 limão
 1 1/2 chics. farinha
 1/3 chic. araruta
 1 colh. (sopa) Royal
 1 colh. (chá) sal
 1/3 chic. leite.

* * *

Dê preferência à lata média tipo econômico!
 (Tem 110 grs. e substitui a antiga de 4 onças)

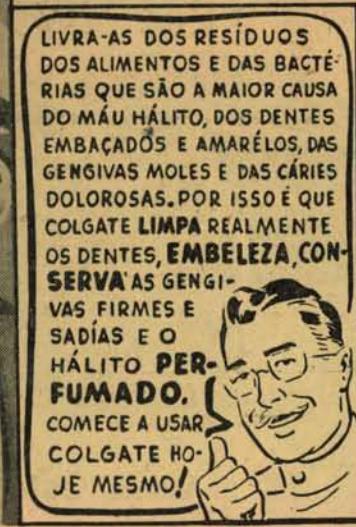


Com este bolo será festejado como nunca!

Amasse a manteiga até ficar cremosa. Incorpore o açúcar aos poucos. Junte as gemas, uma a uma, batendo bem. Depois, a essência. Peneire juntos, três vezes, os ingredientes secos. Adicione-os à massa, aos poucos e alternados com o leite. Bata bem. Use 2 fôrmas rasas, untadas. Forno regular 20 a 25 minutos. Glacê e recheio: sobre fogo baixo, coloque 1 chic. açúcar em 1/2 chic. água fria. Ao mesmo tempo, bata uma clara em neve até ficar firme. Quando a calda estiver em ponto de fio, derrame-a devagar sobre a clara, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal e 1/2 colh. (chá) essência; bata até engrossar bem. Adicione 3/4 chic. frutas cristalizadas picadas à parte que servirá de recheio, cobrindo o bolo com o restante. Enfeite com pedaços das frutas.

Fermento em Pó **ROYAL**
 A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. — RIO DE JANEIRO



O VELHO CARVALHO

CONTINUAÇÃO

a Londres. Seus quadros valiam muito, segundo a autorizada opinião do Sr. Foster. João tinha direito à sua consagração artística. Tinha direito, sobretudo a reabilitar-se aos olhos de seu pai, que sempre considerava depreciável tudo que pudesse ter relação com as artes...

Marta lavou os pratos. Os visitantes acabavam de partir. E sem dúvida porque lhe atribuíam pouca importância, esqueceram-se de despedir-se dela. Terminado o labor da cozinha, foi ao lugar de sempre. Ali, sob o velho carvalho, esperava agora que João viesse dar-lhe a notícia de que partia... Agora, ao cair da tarde o vento soprava com mais força e era mais frio. Marta estremeceu. Os meninos estavam já em casa; acabavam de chegar com o velho Iom. Talvez fosse melhor desse ela primeiro o jantar aos meninos; depois João e ela conversariam. Havia tempo para inteirar-se do definitivo, do que talvez mudasse para sempre o curso da sua existência que até esse dia caminhara sobre a trilha da felicidade.

Ia dirigir-se para casa quando João chegou.

— As crianças já estão em casa — falou, sentando-se aos pés de sua esposa, brincando com uma das gardenias que Eva trouxera.

— Nic está contentíssimo. Disse que pescou uma truta muito grande. Quanto a Denis está mal-humorado; não só não pescou nada, mas também caiu sobre umas urtigas.

A estas palavras riu; Marta fez esforços para rir também.

Não devia entristecer João com as suas penas. Na verdade João estava com ela, como sempre. Mas não devia ter ilusões; o perfume da gardênia era bastante intenso para recordar-lhe que Eva acabava de partir, conseguindo dêle a promessa de ir a Londres.

— Lindo dia o de hoje, não é verdade, Marta? Que lhe pareceu. Eva, não é realmente formosa?

— Muito bela, João — confessou ela. Como negá-lo? Era a verdade, e nada havia mais absurdo para Marta do que negar o evidente.

— Prometi aos Foster ir a Londres quanto antes. Ele quer organizar uma exposição unicamente com meus quadros.

— Sinto-me orgulhosa de ti, João.

Com estas palavras Marta apoiou, como outras tantas vezes, a espádua no tronco rugoso do velho carvalho. Agora, mais que nunca, necessitava do apôlo do amigo fiel.

Depois de larga pausa, João aspirou o perfume da gardênia e falou:

— Fazia muito tempo que não via uma dessas flores. Para falar verdade, desde que vi pela última vez Eva. Por isso as gardênias sempre recordaram-me Eva. Tanto ela como essas flores são formosas. Mas, quanta vacuidade acompanha essa formosura! E quanta inconsistência! Veja esta flor, Marta: é fresca e, no entanto já começava a murchar nas bordas. Nota esta cor escura? E' a morte que se anuncia. Isto nos serve de lição, minha querida. Apenas que alguns de nós aprendemos e outros não. Felizmente eu consegui aprender: a beleza material é efêmera, não tem outro valor senão o de causar pr-

(Conclui na página 112)

ANTENA

EVOCAÇÃO, o bonito programa de Fernando Barroca Marinho, apresenta-se três vezes por semana às 22 horas na onda da Rádio Mineira, na voz de José Osvaldo Santiago.

*
ANUNCIA-SE para muito breve o lançamento pela Rádio Guarani do "Teatro Fantástico", que apresentará emocionantes peças do gênero terrorífico. Será uma criação de F. Andrade, já estando programada a peça de estréia: "A casa das músicas vivas".

*
TITULARES DO RITMO é o magnífico conjunto formado por sete alunos do Instituto São Rafael, e que se vem apresentando com geral agrado ao microfone da Rádio Inconfidência.

*
ALMIRANTE firmou contrato com as emissoras "associadas" de São Paulo, para uma temporada de três meses. A "maior patente do rádio brasileiro" iniciará seus trabalhos ainda este mês.

*
ARTISTAS NOVOS DO BRASIL, programa dedicado à boa música e que tem o concurso de elementos especializados nesse gênero, constitui uma das grandes atrações da Rádio Globo, que o apresenta, todas as sextas feiras, sob a direção de Magdala da Gama Oliveira.

*
VESPERAL DA ALEGRIA é o movimentado programa que Orlando Pacheco vem apresentando com êxito aos sábados às 16 horas, num desfile de bons cantores como Abílio Lessa e Raul de Barros e da excelente orquestra conduzida pelo maestro Tôrres.

*
A RÁDIO CLUBE DO BRASIL está apresentando novo e bem inspirado programa: "o romance do samba" com "scrits" e fundos musicais.

*
DELORGES CAMINHA, o conhecido ator teatral, está dirigindo o programa de calouros "Caminhos da Fama", irradiado aos domingos pela Rádio Globo.

*
A RÁDIO INCONFIDÊNCIA contratou, recentemente, para o seu "cast" de artistas exclusivos, o conhecido intérprete de músicas portenhelas, Alaor Brasil, iniciando, assim, uma campanha para a valorização do artista mineiro.

PRO'S E CONTRAS

D'ARTAGNAN

RONALDO LUPO, o cantor consagrado de canções nacionais e estrangeiras, está realizando brilhante temporada na Radio Guarani, tendo a sua estréia constituído, sem nenhuma dúvida, um autêntico sucesso. Aliás, já aguardávamos esse êxito, porquanto Lupo é artista fino e original.

*
O DECRETO que instituiu o salário mínimo dos locutores, artistas e técnicos de rádio, teve, como era natural, grande repercussão nos meios radiofônicos do país, pois o ato governamental atendeu a uma justa aspiração.

*
O PROGRAMA DO GAROTO, o movimentado programa infantil que a Rádio Mineira irradia aos domingos, sofrerá, ao que parece, algumas modificações. Que sejam para melhorá-lo, são os nossos votos...

*
AS NOSSAS EMISSÓRAS devem atentar na redação de certos anúncios e na impropriedade dos momentos em que são irradiados. Alguns há que, arranhando a gramática, chegam a ser inconvenientes, provocando protestos, cujos ecos ouvimos... Outros — como, por exemplo, o de um preparado para bicheiras de animais — são irradiados à hora do jantar...

*
O ACOMPANHAMENTO musical de alguns dos nossos cantores, executado por certo conjunto regional, vem deixando muito a desejar. Será eterno esse mal do rádio mineiro?

*
GESUALDO SILVA está desde algum tempo afastado do nosso "broadcasting". Não seria interessante que uma das nossas emissoras o convidasse para integrar o seu "cast", satisfazendo o desejo de muitas "fans" do apreciado cantor? Temos recebido algumas cartas expressando esse desejo.

*
EVIDENTEMENTE está havendo excesso de interpretação de "Santa" e "Granada", epidemia que talvez seja mais grave que a do "Sempre em meu coração". Constitui, por certo, um sacrilégio essa ofensiva estrepitosa contra o indefeso ouvinte...

ALZIRO ZARUR

A carreira artística de Alzirô Zarur, a jovem e festejada figura do rádio carioca, constitui uma vitória da inteligência à serviço da cultura. Espírito idealista e perseverante, sempre impregnado aos seus programas radiofônicos um apreciável cunho educativo, numa linguagem simples mas cuidada.

Sua fecunda atividade se estende do jornalismo ao rádio, caracterizada sempre por elogiável espírito construtivo.

Alzirô Zarur se recomenda ainda como locutor e intérprete insuperável de novelas policiais, tendo-se tornado popular na figura de Sherlock Holmes, a notável criação de Conan Doyle, cujas histórias de aventuras vêm sendo adaptadas, com sucesso, para o nosso rádio, numa reafirmação do crescente prestígio do mortal escritor inglês.



Alzirô Zarur

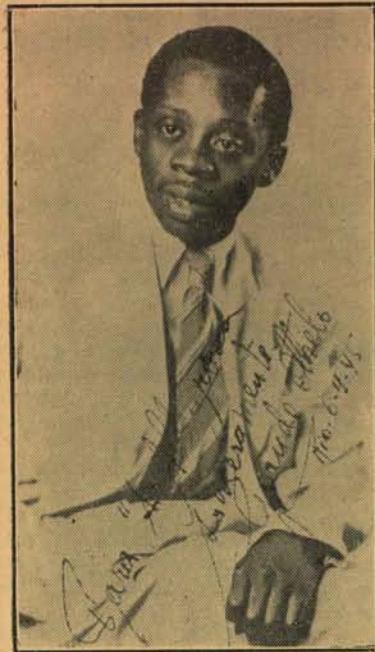
Rádio Carioca

Eladir Porto, a festejada cantora da Rádio Nacional
Carmélia Alves, a interessante sambista carioca
Armando Louzada, o admirável radiatur e radiator da
Mayrink Veiga



Urbano Lôes e Manoel Barcelos,
os dois queridos e magníficos lo-
cutores da Rádio Globo.

GRANDE OTELO

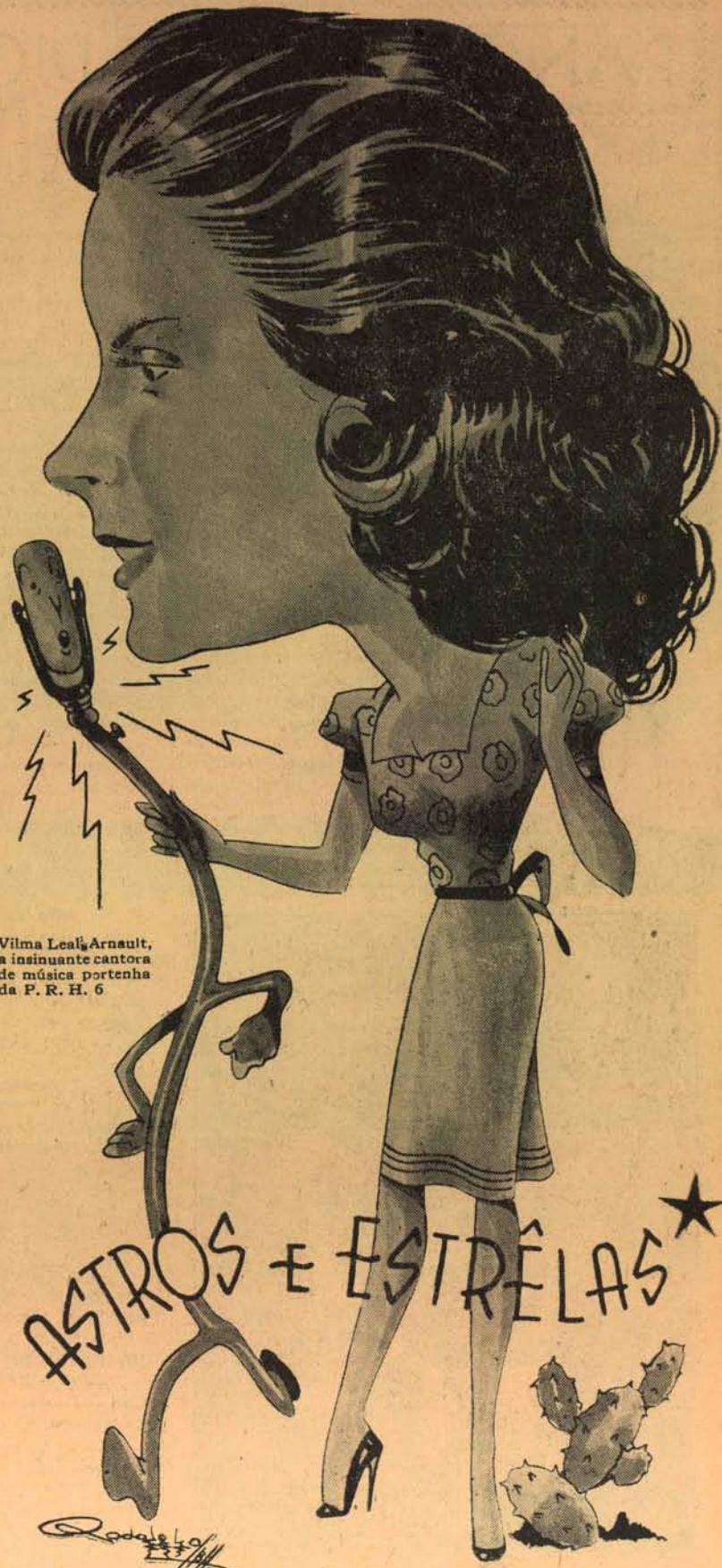


Grande Otelo, esse original artista negro que o Brasil possui, constitui exemplo de perseverança e idealismo. Todos conhecem, naturalmente, a sua história, que é a de todos os garotos pobres atirados à aventura das ruas turbilhonantes. Sobre o início da triunfal carreira artística desse negrinho notável há várias versões. Certo é, no entanto, que foi Jar-del Jercolis o seu descobridor. Viu-o a fazer macaquices na rua para a alegria gratuita dos transeuntes e, rápido, no seu faro artístico infalível, arrastou-o para o palco. E a sua estréia foi uma revelação.

Todos que o assistiram nas suas primeiras apresentações devem lembrar-se do absoluto sucesso daquele samba que Otelo dança com uma notável sambista: "No taboleiro da baiana", de Arí Barroso. Seu nome se impôs logo à admiração pública, e o Grande Otelo ficou com um cartaz que pôs água na boca de muitos medalhões.

Do palco, Otelo pulou para o rádio, que ampliou sua popularidade. Mais tarde, o cinema mostrou sua plasticidade expressional através de filmes em que a sua figura galata e humana se alteava em interpretações consagradoras, malgrado a deficiência das filmagens...

"Moleque Tião" foi seu triunfo supremo no cinema nacional.



Vilma Leal Arnault,
a insinuante cantora
de música portenha
da P. R. H. 6

PANORAMA RADIOFÔNICO

RESponde a "ENQUETE" DE "ALTEROSA" ALAOR BRASIL, O FESTEJADO CANTOR DE MÚSICAS PORTENHAS

— QUANDO E COMO INICIOU A SUA CARREIRA RADIOFÔNICA?

— Com o valioso auxílio de minha irmã Maria Cristina, até então considerada a melhor cantora de músicas argentinas do nosso rádio, iniciei minha carreira em outubro de 1939, por intermédio da "Escola de Rádio" da Inconfidência, conduzida por esse "homem dos 7 instrumentos" que é Elias Salomé. A partir dessa data o baféjo da sorte andou a me proteger e, então, meses depois, fui chamado a atuar no "cast" de "exclusivos" da Guarani e, mais tarde, no da Rádio Mineira, depois de ter pertencido ao da Inconfidência, onde novamente me encontro — satisfeito e feliz...

— QUE EMOÇÕES MARCARAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA?

— Minha maior e única emoção propriamente dita até hoje, foi deparar um microfone pela minha frente. E enquanto não me acostumei com ele, sempre senti emoções tortuosas. Depois disso, não.

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RADIOFÔNICA.

— Há episódios curiosos na minha carreira radiofônica. Mas se fosse relatar, pelo menos um, teria de abusar da liberdade com que ALTEROSA me proporciona este agradável prazer de voltar às suas páginas. Nesse caso seria um abuso. Prefiro, então, contar pessoalmente as várias peripécias de minha carreira. Se não for possível, quem sabe se mais tarde o será por meio de alguma publicação?... Esperemos.

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO?

— Naturalmente, as músicas nostálgicas dos Pampas. As lindas melodias portenhelas que falam à alma da gente com a suavidade mística das divindades. O tango é o gê-

nero de música que mais aprecio, e, assim sendo... fica respondida a pergunta.

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIAUTORES, RADIAutoRES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCutoRES DO NOSSO RÁDIO?

— Esta pergunta é difícil de ser respondida, principalmente levando-se em consideração os colegas e amigos que militam em nosso "broadcasting". Todavia, não posso fugir à exceção. E para ser sincero, devo dizer que são, respectivamente: Paulo de Magalhães, Francisco Alves, Flávio de Alencar, Abilio Lessa, Vilma Leal Arnault, Carlos Frias, Orlando Pacheco e Januário de Oliveira.

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS, SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL?

— Infelizmente o nosso rádio prima pela falta de originalidade, quando a sua verdadeira finalidade é esta, justamente. Sob os aspectos artístico, recreativo e moral acho que o seu fim ainda é deficientíssimo. Falta-nos elementos capazes de torná-lo, principalmente, moralizado. Nas estações de rádio pairam dúvidas amargas com relação aos ouvintes. E este mal parece sem solução. Necessário se torna que as nossas emissoras pensem melhor, pelos seus diretores, na verdadeira finalidade para que foi criado o rádio. Sem este ponto de partida, todos os esforços são infrutíferos. E um exemplo, apenas, consiste nos chamados programas de calouros, nos quais se vê a proliferação de um mal crescente. Por quê? Falta de cuidado e de orientação. Nada mais. Não há, ainda, o melhor programa. Todos são péssimos.

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMA DE AUDITÓRIO?

— Seria incoerente se tentasse formular tal resposta. Com minha afirmativa à resposta da pergunta anterior, não me parece justo fazer citações, com referência ao nosso rádio. Todavia, para não ser de todo considerado pessimista, admito ser Orlando Pacheco um esforçado e Rômulo Pais um entusiasta.

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO?

— Primeiramente, a moralização das emissoras nas pessoas de seus artistas, diretores, etc. — Depois, a organização de "casts" selecionados para os diversos setores ou departamentos de atividade. Finalmente, valorização do que é nosso, através de "testes" rigorosos. Finalmente, a oportunidade de conseguirmos este milagre do rádio, que é a gravação.

— QUAIS SERÃO AS SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES?

— A Deus compete, exclusivamente, o nosso futuro. Em suas mãos deposito o meu. Não tenho ambições, nem projetos. Apenas confiança em Deus.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE O RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

— O rádio como fator de recreação, educação e cultura é o mais completo veículo de que a Humanidade pode lançar mão para os diversos mistérios de sua atividade.

No setor recreativo avançou demasiado dando-nos a impressão de que quase todos os programas tendem mais para o divertimento dos ouvintes, que mesmo para a educação e cultura.

Sou de opinião que os três fatores deveriam fazer parte integrante de todos os programas, pois esta é a finalidade do rádio. Infelizmente, porém...



ALAOR BRASIL



"Rapaz — é isso mesmo!", disse o mago de Menlo Park

ESTAMOS em 1896, numa tarde quente de agosto. Em torno de uma mesa, em Long Island, sentam-se Thomas A. Edison e vários expoentes da indústria elétrica do país.

A conversa gira em torno da política, passando depois para negócios. Trava-se uma forte discussão sobre acumuladores elétricos para "carro-gens sem cavalos". Alguém aponta o jovem Henry Ford, então Engenheiro-Chefe da Detroit Edison Company e diz: "Eis ai um homem que construiu um carro movido a gasolina!" Logo, Edison, com grande interesse, começa a fazer perguntas e a ouvir. "Como você consegue a explosão do gás no cilindro?

Por contacto ou por meio de faixa?"

No verso de um cardápio, Henry Ford esboça os detalhes de seu mecanismo. Edison, entusiasmado, dá um murro tão forte na mesa que até os copos tilintaram. "Rapaz, é isso mesmo! Persevere! Seu carro é auto-suficiente — carrega sua própria estação geradora — sem fogo, sem caldeira, sem fumaça e sem vapor. Persevere!"

Era este, precisamente, o estímulo de que Henry Ford mais necessitava. Foi algo que ele nunca mais esqueceu. E, no decorrer dos anos, perseverar tornou-se uma firme tradição da Ford Motor Company, que persiste ainda hoje, após a construção de mais de

30.000.000 de carros e caminhões da mais alta qualidade.

E é esta perseverança nas pesquisas, no planejamento e na produção que fez do nome Ford um sinônimo de beleza, conforto e economia.

Nos dias pacíficos da era que se inicia, os novos carros Ford, Mercury e Lincoln refletirão toda a tradicional perícia e espírito inventivo Ford. Suas linhas avançadas corresponderão à sua famosa liderança em qualidade. Elas serão, também, beneficiadas pelas novas realizações no terreno dos materiais e da técnica, empreendidas enquanto Ford perseverava na fabricação das armas para a Vitória Total.

FORD MOTOR COMPANY



FESTA NUPCIAL



OS NOIVOS DIANTE DO ALTAR

DOIS jovens brasilienses aos quais o destino reservou hercos de ouro, sem esquecer, todavia, de aquinhão-lhos também com corações de diamantes — uniram suas existências em busca do ideal de todos os moços — a felicidade — apoiados pelos mais sublimes sentimentos gerados na força criadora do amor.

Ele se chama João Lage Filho. Ela, Filly Matarazzo. Ele com a personalidade e a figura varonil que enfrentou, valorosamente os palácios e o luxo para, atendendo ao chamamento da Pátria, deixando os prazeres da vida, a metralha do inimigo, de fuzil nas mãos, irmanado com seus companheiros, ricos e pobres, em defesa da Liberdade, de estufa. Foi cuidada com o carinho que um sábio jardineiro dedicou à sua mais bela flor. Cresceu no ambiente cálido da ternura. Estas são as criaturas que uniram suas vidas no Palácio de Marmore da Avenida Paulista, no grande Estado que é a força de fortunas que tiveram suas nascentes no trabalho infatigável, na audácia e na decisão de homens que dão vida econômica a um país do qual eles foram os primeiros e mais dedicados proletários.

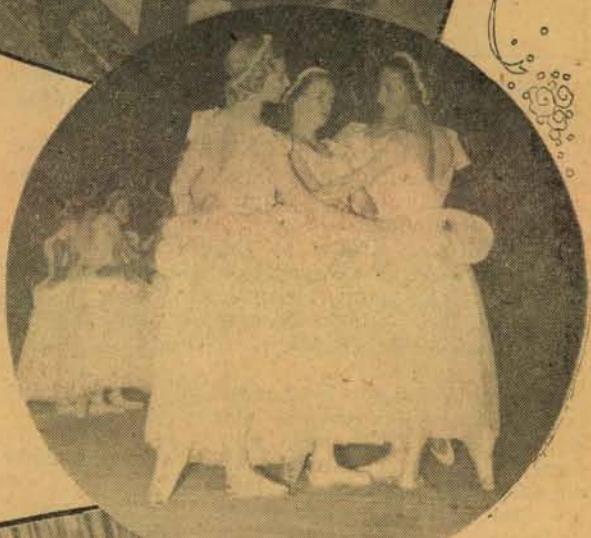


REUNIMOS nesta página três expressivos flângentes da aristocrática festa social e artística que constituiu, pelo seu esplendor e significação, o maior acontecimento na sociedade brasileira nestes últimos tempos.

A fotografia acima focaliza um dos aspectos da chegada dos convidados, notando-se entre estes o Sr. e Sra. Eduardo Ramos.

A fotografia central é um lindo instantâneo do "Ballet", realizado durante a festa.

Na fotografia abaixo aparecem a Sra. Embaixador Alfonso Araújo, conde Francisco Matarazzo Júnior e condessa Crespi.



* HOTEL MARQUES *

DE

EDGARD MARQUES SANTOS



FACHADA DO HOTEL MARQUES

RUA OLIVEIRA MAFRA, 223
CAIXA POSTAL, 12
TELEFONE 13

CAXAMBÚ
SUL DE MINAS

PRÓXIMO AO PARQUE
DAS ÁGUAS MINERAIS

ESPIÃ

CONCLUSÃO

arrebatar-lho das mãos. Houve uma luta entre ambos. Afinal, Dr. Neri apoderou-se da mensagem, e leu-a rapidamente. Dizia:

"Otto — Espere-me amanhã, às 18 horas, no local convencionado. Tenho revelações urgentes para Krause. — Mimi Bluette".

Dr. Paulo empalideceu, por sua vez.

— Otto... Krause... Dois refinados patifes! Ambos alemães e suspeitos! Há muito que os procuro... E, agora, comprehendo tudo, de um golpe. M. H. — Marta Herman! Ou seja, a mesma Mimi Bluette! Espiã... Traindo a minha pátria!

E como não sopitasse o seu ódio — ódio que borbulhava na sua alma — alanceada por ela — dentro de si, falou mais alto o sentimento da honra e do dever patrióticos. A voz angustiada do amor fôra abafada por êle.

Marta parecia nada ouvir. Porque, inesperadamente, num gesto de comediante perfeita, havia tombado sobre o fôfo divan, prêsa de um forte desmaio.

O jovem, sempre exaltado, vociferou:

— Miserável! Nunca me seria possível admitir que Maria Herman, a minha noiva, não passasse de uma infame espiã. Mas, agora, já não sairás livre daqui! Vou entregar-te à polícia!

E correu ao telefone, para tomar a indispensável providência.

Mas assim que o chefe da contra-espionagem pôs o fone ao ouvido, sem mesmo prever o que seria justo esperar de uma mulher de tal classe, isto é, a perigosa Mimi Bluette, Dr. Paulo soltou um grito abafado, e caiu, banhado em sangue, sobre o assoalho.

Marta o apunhalara, covardemente, pelas costas.

Pé ante pé, em seguida, evitando ruido, tomou da bolsa que estava em cima le uma cadeira; recompôs o vestido, ajeitou os cabelos, e raspou-se pela escada do edifício.

Suspeitando, porém, de suas atitudes, — em baixo, um inquilino a deteve, no momento em que ela fugia para a rua.

Foi por isso que, naquela tarde, de uma

terça-feira de abril, quando o juiz começou a ler a sentença, pela qual Marta Herman, dentro de dois meses, seria executada, — houve um silêncio dramático na sala do Tribunal.

Terminada a leitura, os assistentes, que se retiravam, sob forte emoção, só tinham expressões de ódio contra a ré.

Dois guardas aproximaram-se dela. E, ladoando-a, a conduziram para fóra da sala.

À saída, duas senhoras, de aparência distinta, desfaziam-se em pranto.

Um curioso qualquer perguntou a um funcionário da casa:

— Quem é aquela senhora alourada que chora tanto?

O homem respondeu indiferente:

— A mãe da espiã...

— E a outra?

— A mãe do Dr. Paulo Néri...

O VELHO CARVALHO

CONCLUSÃO

zer à vista. E' a outra, a beleza espiritual, a que perdura. Isto você soube aprender e eu aprendi ao seu lado. Pobre Eva! Ela nunca o compreenderá!

Marta, assombrada pelo que ouvia, olhou seu esposo; e como se em seu olhar houvesse uma pergunta, ele acrescentou:

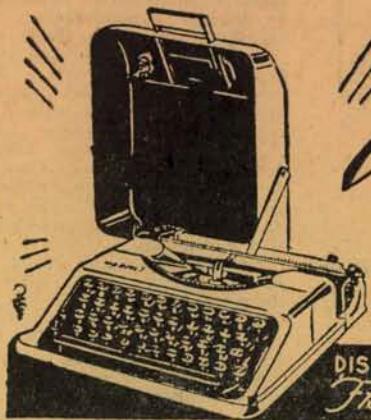
— Sim, Marta querida. Há muito tempo eu descobri esta verdade. Foi um dia aqui; o dia da minha chegada. E hoje, depois de tantos anos, ao voltar a ver Eva, tive a plena confirmação de que essa é a única verdade preciosa, durável.

Houve outro longo silêncio. Depois João levantou-se, aproximou-se de sua esposa, e tomou-a nos braços, e disse uma unica palavra:

— Marta...

Foi tudo. E ela não necessitou mais para compreender e permanecer satisfeita, feliz, e para que suas dúvidas e temores se dissipassem. Eva havia vindo buscar João.

Ele partiria para Londres, mas não por ela, senão porque ansiava por sua consagração artística. Por muito tempo que seu esposo permanecesse longe, Marta não se inquietaria. Porque agora ela estava segura do seu amor, que nasceria na compreensão das verdades e das belezas eternas.



*"Acabaram de chegar
= At Home!"*

HERMES
BABY

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: R. CARIJOS, 226
Francisco Longo BELO HORIZONTE

SEDE CONCLUSÃO

odiosamente. Era visível o esforço que Perroquet fazia para se dominar.

— Pensa bem, Perroquet — disse o médico com seu modo afável. Por que havemos de disputar? Somos dois homens razoáveis. Ainda poderemos triunfar. E, agora, a água será repartida somente entre nós dois...

— E' verdade — reconheceu Perroquet. Herdamos a parte de Fenairon. Bela idéia! Mas quero agora mesmo o meu quinhão!

Dubosc, sabendo que nada ganharia em discutir, aproximou-se dele e lhe pôs amistosamente a mão no ombro.

— Já que insistes, vou reparti-la — declarou.

Sem largar a garrafa e fitando sempre os olhos do solteador, enfiou a mão ágil no alforge e dele retirou o cálice. Encheu-o rapidamente e, em seguida, entregou-o ao bandido. Depois, quando Perroquet acabou de beber, tornou a enchê-lo uma vez mais e outra mais, e outra mais...

— Quatro... cinco... — contou. Basta!

Mas a manácula de Perroquet lhe aprisionou firmemente o pulso

— Não; não basta! Quero beber tudo! Finalmente a tenho!

Era inútil lutar. Por isso, Dubosc se limitou a sorrir, com aquelle seu indefectível sorriso... Perroquet aposou-se da garrafa.

— O mais sabido triunfa sempre — exclamou. Estás vendo? O mais...

Seus labios continuaram movendo-se mas não

emitiram som algum. Cambaleou por alguns instantes e se estatelou sobre a prancha.

— Sim: quem triunfa é sempre o mais sabido!... — confirmou Dubosc.

E, pondo-se a rir, levou aos lábios a garrafa que arrebatara das mãos de Perroquet.

— O mais sabido! — gritou-lhe uma voz nos ouvidos.

Fenairon, arrastando-se, aproximara-se dele. Levantara-se com dificuldade e, enquanto falava, cravara a faca profundamente nas costas do médico. A garrafa rolou; e, enquanto os dois homens agonizantes tentavam alcançá-la, o precioso líquido, pouco a pouco, se derramou inteiramente.

* *

Meia hora mais tarde, daquela jangada perdida no mar, partiu uma canção cheia de selvagem harmonia. O negro cantava, sem emoção, sem preocupações.

Era como se estivesse na porta de sua cabana, onde, à noite, ele costumava cantar para matar o tempo. Cantava, com as pernas cruzadas, as mãos nos joelhos e o olhar perdido no vácuo. Içara a vela e guiava a balsa para a terra com a sua carga funebre. Sob o esplendor do sol, o canto lhe trouxe sede. Estendeu a mão e apanhou um canudo. Depois, deitando-se de boca para baixo, em seu posto habitual, perto do leme, espetou o canudo, profundamente numa das bexigas... E bebeu, sôfregamente, uma água limpida, fresca e puríssima...

* *

O HINO NACIONAL AUSTRI'ACO

O GRANDE Haydn, nascido perto de Viena, em 1732, e morto nessa cidade, aos 31 de maio de 1799, compôs a música do hino austriaco, em casa do seu protetor, o príncipe de Esternazy, no castelo de Eneustade, quando tinha apenas 15 anos.



"52 Lições de Catecismo Espírita"

— ELISEU RIGONATTI —
UMA LIÇÃO DE ESPiritismo - EVANGÉLICO PARA CADA DOMINGO

*

ELEGANTE VOLUME CARTONADO, COM 120 PÁGINAS — Cr\$ 8,00
À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL À

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.
RUA ARAGUAIA, 65 - CAIXA POSTAL 696 - SÃO PAULO

TRIANGULO

Grafologia

Direção de FEBO



Dedução e intuição

S as escritas chamadas dedutivas são as mais comuns. Realizada a análise grafológica, costumamos encontrar espíritos altamente dotados de observação, de memória e de comparação.

E' certo que, para deduzir, tem o espírito necessidade de ordem, método, raciocínio e lógica. A escrita dedutiva apresentará, além do aspecto geral harmonioso todos os caracteres da ordem intelectual.

Desse modo, será a grafia dedutiva, de altura mais ou menos igual. A curva predominará e o seu tamanho será sempre médio; nunca alto. As letras serão fatalmente ligadas entre si, e o d minúsculo ligado à letra seguinte. A pontuação será sempre regular. As hastes inferiores serão sóbrias; as superiores, curlas. As maiúsculas serão feitas de um só traço. Algumas delas imitarão os algarismos. Uma escrita desse tipo, dá-nos um espírito de alto valor e uma inteligência perfeitamente ponderada e sintética.

A intuição é a faculdade inversa da dedução. Só não a podemos chamar oposta porque uma se apoia sobre a outra, oferecendo, pela sua aliança, um extraordinário poder ao espírito.

A intuição permite ao homem partir do desconhecido ao provável, além de descobrir a causa de um resultado, de perceber a origem das coisas, de prever, de adivinhar, de pressentir.

Em grafologia, é esta faculdade do espírito caracterizada pela juxtaposição das letras.

As ligações não existem de uma a outra minúscula. E a própria letra é, às vezes, composta de traços sem ligações.

Esta forma de escrita mostra sempre um pensador, um sér, cuja atividade intelectual é intensa.

Se esses sinais forem levados ao excesso não haverá realização, porque o seu autor nada possuirá no domínio prático.

Nessa escrita faltarão sempre o ornato. Os pensadores, mesmo os menos equilibrados, são sempre simples.

Intuitivas são quase todas as grafias orientais.

CORRESPONDÊNCIA

Lírio dos Vales — Caravelas — Bahia — Humor desigual, temperamento variável, pouco controle emocionante. Entusiasmo, desejo de vencer e triunfar na vida.

Afetuosidade, sentimentalismo e alguma credulidade. Distração, prodigalidade e idealismo.

Jane — Alfenas — Minas — Elegância e sobriedade. Ponderação, sentimentos poéticos, muita ordem, calma e um pouquinho de vaidade. Cultura intelectual em grau apreciável, boa inteligência e ótimo caráter. Coração generoso, facilidade em perdoar as ofensas, expansividade e, às vezes, alguma indiscrição. Vontade desigual e hesitante.

Tinho — Esmeraldas — Minas — Temperamento autoritário, hábito do mando, teimosia, alguma vaidade. Tíno comercial, desconfiança e energia na vontade.

Boa inteligência, capacidade afetiva e senso prático. Gostos estéticos. Facilidade para o desenho. Imaginação e alegria de viver.

Maria Lúcia — São Paulo — Capital — ótima inteligência, docura, sensibilidade, afetuosidade e bondade. Ausência de egoísmo, reserva, modéstia e simplicidade. Gostos literários,

franqueza e lealdade. Generosidade, atividade, prudência e predominância dos sentimentos morais. Vontade lenta e refletida. Coração aberto à bondade.

Sélo Cinzento — Capital — Boa inteligência, espírito de ordem, método e disciplina. Vontade equilibrada, sentimento de ritmo e notada bondade. Reserva, discreção, dissimulação e alguma desconfiança.

Ariana — Capital — Idealismo exagerado, hipersensibilidade, sentimentalismo, romantismo e ciúme. Emotividade, alguma ingenuidade e timidez. Caráter pouco empreendedor, inquieto e pessimista. Polidez, finura no trato e tendência a modificações.

Verônica — Minas — Letra de pessoa impulsiva, impaciente, suscetível

e séca de coração. Espírito contraditório, expansividade, fantasia e falta de douçura e ponderação. Vaidade, orgulho e excessivo amor próprio.

Decidida — Morro das Pedras — Santo Antônio do Monte — Grafia de grandes dimensões, reveladora de vaidade, desejo de ser notada e preocupação de originalidade. Traços de superexitação nervosa, impaciência, falta de calma e imaginação ardente. Audácia, atividade e fantasia desregulada. Gostos musicais, sentimento da beleza, instintos pródigos, iniciativa e coragem.

Indiana — Campo Grande — Mato Grosso — Letra muito caligráfica, onde se pode apreciar pouco das qualidades psíquicas do seu autor. Sente-se a presença de muito sentimento artístico, gosto das artes plásticas, espírito de método e ordem, boa observação e idealismo excessivo.

As curvas bem traçadas mostram o hábito dos exercícios caligráficos que vieram mascará-la, prejudicando-lhe o perfil grafológico.

Calíope — Juiz de Fora — Minas — Tipo de letra revelador de algum desequilíbrio psíquico e falta de controle nervoso. A inteligência, que é boa, carece de orientação para resultados satisfatórios. A vontade é frágil e desigual. As crises de tristeza, desânimo e melancolia são frequentes. Notam-se traços de egoísmo e excessivo amor próprio.

Kidas — Ouro Preto — Minas — Grafismo do tipo dedutivo, reveladora de lógica, raciocínio e gostos matemáticos. Capacidade de abstração, cultura intelectual bem iniciada, senso artístico e sentimento de ritmo. Equilíbrio nervoso, vontade igual, reserva e discretez. Embora espírito ainda sem formação, já possui uma personalidade marcada.

Montenegro — Pirapora — Minas — Letra de pessoa dotada de pronuncia do gosto artístico e notado senso da forma. Capacidade intelectual admirável, inteligência viva, bondade natural. Independência de caráter, sinceridade e alegria. Saúde bem equilibrada, vontade poderosa, ironia e senso crítico. Gostos finos e poéticos.

Bernadete — Capital — Equilíbrio nervoso, pouca originalidade nas ideias, gostos matemáticos. Sentimento do valor pessoal, algum orgulho e amor próprio. Tipo de inteligência dedutiva, dotada de lógica e raciocínio. E' pessoa mais ou menos presa aos preconceitos sociais e religiosos, com tendência à rotina e amor à tradição. Reserva e dissimulação.

Veríor — Itajubá — Minas — Descontentamento da sua posição, nervosismo, parcimônia e positivismo. Vivacidade, imaginação e vontade tenaz. Crises de desânimo e tristeza. Caráter combativo e pessimista. Inquietação, necessidade de movimento e aptidão comercial.

Mac — Guaratinguetá — São Paulo — Simplicidade, modéstia e falta de senso econômico. Gostos distintos, iniciativa e coragem. Cultura intelectual apreciável, inteligência equilibrada. Traços de cólera e suscetibilidade.

FEBO - SECÇÃO GRAFOLOGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME _____

PSEUDÔNIMO _____

CIDADE _____

ESTADO _____

dade. Carafer nítido e bem formado. Impaciência, pressa, reserva e discreção.

Tristeza — *Pedra Azul* — Minas — Docura, sensibilidade, bondade, reserva e devotamento refletido. Franqueza, lealdade e controle emocional. Vontade forte e bem orientada. Inteligência clara, capacidade de estudo, independência de caráter, atenção e prudência. Igualdade de humor, imutabilidade nos princípios e nas convicções.

Ajomice — *Capital* — Instintos parcimoniosos, simplicidade, falta de distinção, apatia e inquietação. Temperamento sentimental, ciúme e alguma ambição. Vontade frágil, bondade natural, idéias vulgares.

Claudia — *Formiga* — Minas — Nervosismo, caráter irritável, variável e combativo. Vulgaridade nas idéias, ausência de idealismo, vontade frágil, capricho e fantasia.

Fazendeira — *Barra do Piraí* — Estado do Rio — Vontade firme, iniciativa, coragem, independência de caráter, inquietação e gosto das viagens. Sensibilidade artística, especialmente musical. Alguma teimosia, variedade de humor e idealismo exagerado.

Rosemarie — *Capital* — Temperamento autoritário, violento e impulsivo. Traços de egoísmo, vaidade, indiscreção e orgulho. Crises de desânimo e melancolia. Desejo de aparecer e produzir efeito. Gostos artísticos, independência de caráter, desconfiança e teimosia.

Formiga — *Goiás* — Grato pela referência altamente elogiosa que faz a esta seção.

Letra reveladora de sensibilidade e afetuosidade extremas. Traços de ciúme, impaciência, impulsividade e orgulho. Gosto da música e das leituras. Habilidade manual. Senso crítico, inteligência poderosa e vaidade pessoal intensa.

Valéria Volet — *Botucatú* — S. Paulo — Fantasia, sensibilidade apurada, capacidade de observação, inteligência esclarecida. Bondade natural, amor da controvérsia, vaidade, orgulho e amor próprio.

E' pessoa minuciosa, prudente e econômica do seu tempo e do seu dinheiro.

Bess — *Capital* — Letra excessivamente caligráfica, onde a custo pode-se perceber um ou outro traço original. Sinais de ordem, método, vontade hesitante, boa educação, vaidade e orgulho. Discreção, hesitação e ... nada mais se vê.

K. Valo — *Campos do Jordão* — S. Paulo — O conjunto dos seus traços gráficos revela orgulho, vaidade e gostos aristocráticos. E' pessoa que sabe elevar-se e distinguir-se, para conseguir um lugar de real destaque. Ama o conforto, o luxo, a vida farta e as maneiras elegantes e distintas. Franqueza, lealdade e nobreza de sentimentos. Inteligência superior, grande capacidade artística e pronunciado sentimento do ritmo.

Esperantista — *Distrito Federal* — Traços de egocentrismo, vaidade e teimosia. Espírito de análise, vontade desigual, capacidade de trabalho. Saúde precária. Crises de nervosismo, desânimo e melancolia. Inteligência dedutiva. Idealismo exagerado. Agitação, algum desequilíbrio psíquico e instintos parcimoniosos.

Sandra — *Sete Lagoas* — Minas — Inteligência superior, cérebro poderoso, idéias largas e altas, julgamento sábio. Predominância dos sentimentos morais, constância e perseverança.

NÓS TAMBÉM USAMOS ATLAS

Os dentes devem ser tratados desde a infância, para que se conservem. O Creme Dental Atlas tem alto poder bactericida por ser o único que contém Sulfanilamida.

LABORATÓRIOS · ATLAS

DISTRIBUIDOR EM BELO HORIZONTE
ARTUR DOS SANTOS COELHO — AV. DOS ANDRADAS, 300 (terreiro)

Caráter imutável. Vontade forte, firme e conciliadora. Generosidade, atitude, franqueza, lealdade e sentimentos estéticos.

Rei — *Distrito Federal* — Modos agradáveis e polidos. Imaginação entusiasta, espírito refletido, vivo e ativo. Vontade forte, desigual e, algumas vezes absoluta. Prudência, atenção, minúcia, reserva pouco comunicativa. Caráter suscetível, colérico e vingativo. Temperamento quase passionado, emotivo e ciumento. Desconfiança e vaidade de nome.

Suzana — *Sete Lagoas* — Minas — Simplicidade, modéstia e bondade. Espírito acomodativo, recebendo sempre molestar alguém. Traços de algum egoísmo, reserva, desconfiança e descrença. Equilíbrio nervoso, controle emocional, vontade regular e inteligência normal.

Apolo — *Itajubá* — Minas — ótima inteligência que merecia melhor cultivo. Temperamento passionado ciumento e exclusivista em amor. Imaginação, hipersensibilidade, superatividade e crítica parcial. Saúde um tanto frágil, embora aparente o contrário. Traços de timidez, falta de confiança nos próprios méritos, irritabilidade e cansaço mental.

Sumidade — *Sete Lagoas* — Minas — Bonita inteligência, muita fantasia, expansividade e vontade desigual. Crises de desânimo, tristeza e melancolia.



Asma, bronquite asmática
e tosse rebelde

ASMAX
Em todas as farmácias e drogarias

LAB. ASMAX, LTDA. - POÇOS DE CALDAS

colia. Temperamento sentimental normal, equilíbrio psíquico, gostos requintados, continuidade nas idéias. Natureza ativa, perseverante e amável.

Colibri — *Paracatu* — Minas — Letra de pessoa dissimulada, autoritária, desconfiada e algo egoísta. Traços de reflexão, vontade obstinada, positivismo, frieza de ânimo e cálculo. Caráter independente, inteligência normal, força interior, alguma ironia. Dedutividade e pouco espírito de ordem.

Salapoi — *Capital* — Imaginação poética, inteligência superior, alma formada de brevidade e concisão. Disciplina mental, força de vontade, imaginação e intuição. Boa cultura, refreado controle das emoções, simplicidade, descrença e bom gosto. Correção sem afetação, afabilidade, cortezia pessoal, iniciativa, ordem e método. Sentimento de ritmo, prodigalidade, bondade natural, facilidade em perdoar as ofensas. Lógica e precisão nas idéias. Gosto da forma.

Adelina — *Capital* — Notam-se traços melhorados na sua grafia. O resultado foi ótimo. Aprimore os seus dotes intelectuais e volte depois à consulta.

Idealista — *Capital* — Educação da vontade, controle emocional, ambição construtiva. Inteligência acima do normal, notado espírito de ordem, disciplina e método. Caráter irascível e suscetível. Expressão nítida; às vezes, irônica. Gostos finos e poéticos, calma e equilíbrio harmonioso do cérebro e do coração. Alguma valdade, dedutividade, raciocínio e lógica.

Observação, senso da profundidade, facilidade em discorrer sobre qualquer assunto que lhe for apresentado. Se não é jornalista, poderia com brilhantismo, abraçar a profissão. Possui facilidade de expressão, clareza nas idéias e abundância de coração. Ama as situações definidas.

ELSAT

Para
AUTOMOVEIS
CAMINHÕES
ÔNIBUS

ACUMULADORES
ELÉTRICOS
PARA TODOS OS FINS
PRODUTO



RADIO SATURNIA

Para rádio e luz, em
fazendas, sítios, etc.

Modo 6 volts

Alta Amperagem

TEMOS UM TIPO ESPECIAL DE

BATERIA PARA CADA FIM.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

RUA CURITIBA, 631
TELEFONE - 2-7560
CAIXA POSTAL, 580

SEIMI

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

TELEGRAMAS "SEIMI"
BELO HORIZONTE
M GERAIS - BRASIL

POETAS E PROSADORES

CONCLUSÃO

mulheres o vêm sagrando como um dos poetas de sua preferência. E quem é o poeta, por mais aristocrata que seja, por mais desdenhoso que seja, que não deseja, não ambições a predileção das mulheres? Podem estar certos: o que elas aplaudem tem uma vida perene e é mesmo uma fonte de vida.

Bastos Portela é um poeta sensível, delicado, psicológico e comunicativo. A sua linguagem não revê artifício, e o seu verso tem a música natural.

Como homem, é um sujeito democrata, bom, entusiasta e sempre dado a atos de amizade e confraternização.

Pomos hoje o seu ligeiro perfil nesta secção como prova de justiça e de gratidão pelo auxílio que nos tem dado na ALTEROSA, em que colabora com êxito e com prazer de seus leitores. Ele escreve, e é lido. Ele canta e a sua voz tem ressonância nos corações sensíveis.

LIVROS NOVOS

CONCLUSÃO

O PODER — Guglielmo Ferrero — Edições Pongetti.

E' mais um interessante trabalho editado pela Coleção "Pensamento e Vida", da Pongetti. O grande historiador e filósofo italiano, falecido não há muito tempo no exílio, trata dos fundamentos e da força motivadora do governo durante os últimos séculos, apresentando novas provas em apoio da teoria da legitimidade do governo e mostrando os vários fatos revolucionários que influiram para a deflagração da segunda Guerra Mundial.

PÁGINAS SELETAS — Ernest Renan — Edições Pongetti.

Traduzidas, coligidas e comentadas por Elói Pontes, acaba de aparecer mais este precioso volume da coleção "As 100 obras primas da Literatura Universal", da Pongetti.

DO AMOR — Stendhal — Edições Pongetti.

Em terceira edição, revista, acaba de ser posto à venda mais este volume da coleção "As 100 obras primas da Literatura Universal", em que vamos encontrar as principais obras do grande romancista francês, em tradução de Marques Rebelo e Corrêa de Sá.

O SOLITÁRIO DA CASA BRANCA — Antônio Carlos Machado — Edições Pongetti.

Magistral estudo da vida, da obra e da época de Apolinário Pôrto Alegre, feito na conferência do autor realizada na sede da Federação Das Academias de Letras do Brasil e acrescidas de numerosas notas aditivas.

O ESPÍRITO DE REFORMA — Ademar Vidal — Livraria José Olímpio Editora.

Enfeixando num volume

nove conferências realizadas em faculdades de Direito e instituições culturais do país, o autor realizou um autêntico e valioso estudo sobre as questões político-sociais do momento, comparando a situação do nosso país às de outros povos civilizados. E' sem dúvida um livro que merece ser lido.

A INTRUSA — Henry Bellmann — Livraria José Olímpio Editora.

Continuando o sucesso da consagrada coleção "Fogos Cruzados", ai está o romance de Henry Bellmann, que se revela notável analista da alma humana através de uma história fertil de situações vivas e palpáveis, trazendo o leitor preso à sugestão do romance desde o seu inicio.

OS TRÊS NOIVOS DE SUZETE — Mariel — Edições Pongetti.

Com esta deliciosa novela de Mariel, a Pongetti inicia a sua Coleção Madeleine, composta de livros selecionados para as nossas jovens. Excelente trecho capaz de prender a atenção e proporcionar horas de sadias recreação espiritual.

TRÊS RUSSOS — Máximo Gorki — Edições Pongetti

Na excelente coleção "Pensamento e Vida", na qual a editora Pongetti nos tem dado excelentes livros, acaba de aparecer essa admirável obra de Gorki sobre os seus não menores contemporâneos: Tolstoi, Andreiev e Tchecov.

ESPLENDORES E MISÉRIAS DAS CORTESAS — Balzac — Edições Pongetti.

Em magnifica tradução

de Aurélio Domingues, a Pongetti vem de editar essa soberba obra de Honoré de Balzac, integrante de sua imortal "Comédia Humana", cujos volumes, como é sabido, podem ser lidos separadamente sem prejuízo do conjunto.

A SABEDORIA DA CHINA E DA ÍNDIA — Lin Yutang — Edições Pongetti.

Lin Yutang oferece ao Ocidente nessa volumosa obra de mil páginas, a mais completa antologia da literatura clássica e das teorias filosóficas, dos moralistas e escritores que anteciparam as doutrinas de Sócrates e Aristóteles. Ai estão traduzidos pelo grande pensador chinês, filho de uma dessas gloriosas regiões, o que há de mais expressivo nos livros do Hinduísmo, do Budismo, do Confucianismo e do Taoísmo. E a secular e profunda experiência humanística contida, é sempre jovem e nova.

A tradução dessa grande obra foi confiada a um selecionado grupo de prosadores e poetas, que produziram obra à altura do original.

DO CRETINO AO GÊNIO — Serge Voronoff — Edições Pongetti.

Neste livro, o dr. Voronoff, que teve o seu nome em grande evidência pelas suas sensacionais experiências de rejuvenescimento pelo enxerto de glândulas de macaco, analisa os métodos de trabalho dos escritores, compositores e sábios, e descreve os meios de que se utilizaram alguns, para estimular artificialmente o seu espírito, tudo num estilo muito correto, entre-meado de curiosas anedotas atribuídas a gênios famosos na arte, na literatura e na ciência.

"ALTEROSA"

NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda, a partir do dia 5 de cada mês, nas seguintes bancas e pontos de venda avulsa no Rio de Janeiro: Galeria Crnzeiro; Livraria Freitas Bastos; Casa Vani; Estação D. Pedro II; Estação das Barcas; Estação da Leopoldina; Largo de São Francisco, esquina de Andradas; Praça Floriano, em frente ao Cinema Império; Casa Vitória; Hotel Serrador; Edifício Esplanada; ponto dos bondes de Santa Teresa; Livraria Vitor e nas principais bancas de Copacabana.

Em São Paulo, com os distribuidores gerais, Agência Siciliano, e nas principais bancas do centro.

A águia pode olhar o sol porque tem nos olhos um véu semitransparente que impede o deslumbramento.

*

TROVAS



INTERESSANTE CARTA DO CÔNEGO JOÃO DE DEUS, DE PARAIBA DO NORTE, SÓBRE A AUTORIA DE UMA TROVA CONSIDERADA ANÔNIMA

ALTEROSA publicou, na sua edição de agosto, comemorativa do seu sexto aniversário, uma crônica do sr. João Serrano, na qual este nosso colaborador, focalizando alguns troveiros da nossa poesia, transcreveu uma trova considerada desde há muito como de autor anônimo.

A propósito da referida trova, escreve-nos o Cônego João de Deus, de João Pessoa, Paraíba do Norte, a interessante carta que temos o prazer de transcrever e cujos termos constituem oportuna revelação sobre a autoria dessa jóia poética inúmeras vezes citado por poetas e prosadores como manifestação anônima da alma popular...

À Ilustrada Redação de ALTEROSA

Tive o prazer de ler a vossa revista ALTEROSA, que um amigo me emprestou. E foi o n.º 64 do mês de agosto do corrente ano.

Entre outros trabalhos deparou-se-me o de autoria do sr. João Serrano, sobre a trova. Nessa página encontrei os retratos de Djalma Andrade, Lindouro Gomes e Nilo Aparecida Pinto.

Entre as diversas quadras citadas pelo autor encontrei a belíssima quadra que ele diz ser de autor anônimo.

Tenho a satisfação de dizer que a referida quadra é de autoria do grande poeta paraibano, Dr. Américo Falcão, nascido na linda praia de Lucena desse Estado.

Sinto muito não poder enviar a essa ilustrada Redação o livro do poeta intitulado "Soluços de Realejo", onde se encontra a quadra citada pelo sr. João Serrano, como também outras de igual valor poético.

Reproduzo aqui a quadra como a compôs o poeta:

Não há tristeza no mundo
Que se compare à tristeza
Dos olhos de um moribundo
Fitando uma vela acêsa.

Fica ao meu cuidado procurar o Soluços de Realejo, e logo que o encontrar o enviarei para que os distintos poetas que ilustram não sómente essa revista como também a terra das Montanhas, possam admirar o meu caro poeta e amigo Américo Falcão.

Junto a esta despretenciosa carta mais algumas

A Mulher de París e de Londres

PARIS — (H. P.) — A mulher moderna de París e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade).

OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma a Londres e Paris, é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra racional e científica, conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados a deficiências do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: Frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Pega a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Representações Pac Ltda. — Rua Guarani, 164 — Belo Horizonte.

quadras do imortal poeta paraibano, que é irmão espiritual dos poetas de vossa terra abençoada. Ai vão mais umas quadras do poeta:

No mundo a ventura é pouca.
Onde o prazer? Onde a calma?
O riso é o pano de bôca
Dos dramas pungentes d'alma.

Que a máguia meus versos tisne...
O poeta... (um sonho talvez...)
Devia ser como o cisne
Cantar sómente uma vez.

As vezes, (Tristeza louca!)
O som maguado e dolente
Dum realjejo de bôca
Desperta saudade à gente.

Saudade, o gonzo da porta
Que se abre gemendo em vão,
Para uma pessoa morta
Que vai passar no caixão.

As vezes, quando adoeço,
Pensando que vou morrer,
Viro o pezar pelo avesso
E dêle faço o prazer.

Senhora, meus lindos sonhos
Na altura imensa florescem,
Felizes, castos, risonhos,
E à terra ingrata não descem.

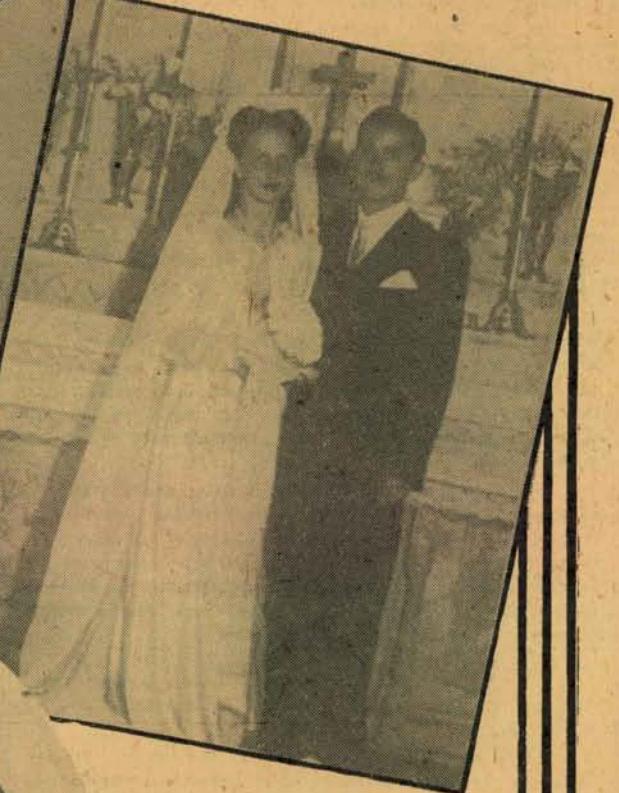
Meus sonhos, longe da terra
Zombam da voz do escarcéu,
São como as flores da serra
Que estão mais perto do céu.

Fui amigo íntimo do Américo Falcão, que bem merece um lugar de destaque no meio dos poetas brasileiros.

Peco desculpas do meu atrevimento em escrever e enviar a essa ilustrada Redação essas quadras mimosas do meu pranteado amigo, que há três anos desapareceu do nosso meio literário, quando a morte o levou para o Além".



Enfaced



● Ao alto, à esquerda: Sr. Radamés Provenzano e Sta. Leonor Bonfioli, desta Capital.

● Ao alto, à direita: Sr. Manoel Tassara e Sta. Elí do Carmo Righi, desta Capital.

● Ao lado: Sr. Diogo Afonso Munhoz e Sta. Aurora Martinez, desta Capital.

- O telefone pesava-me como um TIJOLO...



...porém, essa extrema debilidade foi vencida fazendo uso, às refeições, do Vinho Reconstituinte Silva Araujo!

É possível... As vezes, o organismo atinge a tal estado de depauperamento que até um objeto de uso no trabalho parece tão pesado como chumbo... De onde vem essa fraqueza, isso é que é preciso averiguar. Se ela provém de sangue pobre, fraco, desnutrido, é necessário um cuidado excepcional, pois assim é que se abrem ameaçadores caminhos. Conheça Vinho Reconstituinte Silva Araujo. É uma poderosa combinação de cálcio, fósforo, quina e peptona, recomendada pelos nossos mais eminentes facultativos porque proporciona um reajustamento geral de energias e traz nova vitalidade ao organismo debilitado. Use-o durante dois meses e assim poderá se beneficiar com seus esplêndidos resultados, reconquistando plena saúde e vitalidade.



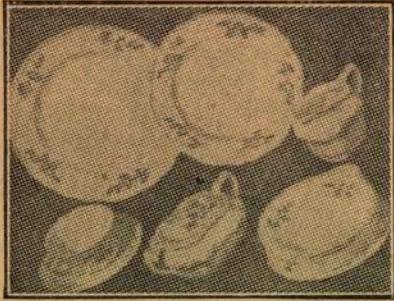
★★★★★
Um dos eminentes
médicos brasileiros - o professor
Pinheiro Guimaraes - que testemunha dizendo:

"Há mais de 50 anos prescrevo o Vinho Reconstituinte Silva Araujo à convalescentes, debilitados, esgotados, enfim a todos que requerem a pronta restauração das forças". De fato Vinho Reconstituinte Silva Araujo é um poderoso tônico, não na opinião de uma, mas na de inúmeras grandes sumidades médicas brasileiras.

Vinho Reconstituinte **SILVA ARAUJO**

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE!





**LOUÇAS
FINAS
E
PORCELANAS!**
**ARTIGOS
PARA
PRESENTES**
—
ALUMÍNIO

CASA CAPICHABA

Rua Curitiba 506

*

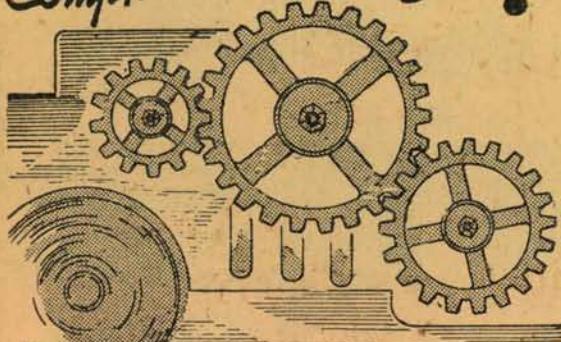
FILIAL: Av. Afonso Pena, 315-321

Esq. Caetés, — Telef. 2-5631

O maior tirano que escraviza a mulher e pelo qual ela tudo sacrifica sem queixar-se, é a Moda.
BERTHIER-DESCLUSE

*

TAL QUAL UMA Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pode paralizar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o desarraio completo de toda a nossa saúde.

PILULAS DE LUSSSEN
PARA OS RINS E A BEXIGA

LABORATÓRIO OSÓRIO DE MORAIS
• RUA MURIAÉ, 92 - BELO HORIZONTE •

MARLIÉRE

CONTINUAÇÃO

gerada reverência. Pouco depois souu um toque forte de sino, tão forte que era ouvido longe. Os pobres ou viajantes que passavam por aqueles lugares sabiam que era o sinal do almôço na fazenda de Marlière. E lá havia sempre uma mesa franqueada a todos os que dela quisessem servir-se.

O dono da casa sentou-se à cabeceira, tendo à direita "Folha Quebrada" e à esquerda, Orotinon. Depois de cada comida, o índio se levantava e executava uma dança, em silêncio. Era a sua maneira de agradecer. Ha-Gem e Pocrane serviam a mesa. Mais de uma vez Ha-Gem derrubou os pratos, tão distraído estava, olhando para a índia. Depois do almôço, Marlière, que percebera o que se passava com seu filho adotivo, disse-lhe piscando os olhos:

— "Essa moça daria uma ótima nora para mim. Você o que acha?"

— "É verdade, Icaú (pai). Mas agora é tarde. Ela vai casar-se amanhã com Ingir", disse Há-Gem tristemente.

O resto do dia foi ocupado em passeios pelos arredores. Ao cair da noite, Orotinon e "Folha Quebrada" despediram-se e subiram o rio outra vez. Aquela noite apareceram visitantes na fazenda de Onça, e por duas vezes Marlière viu Ha-Gem surgir na sala, de rosto aflito, como se quisesse dizer-lhe alguma coisa. A presença de estranhos o intimidara, com certeza, pois se retirara, sem dizer nada. Tarde da noite, depois que as visitas se despediram, Marlière, com uma espécie de pressentimento, procurou Ha-Gem. Sua cama estava feita, e o quarto, vazio. Pocrane, que dormia ao lado, acordou com o ruído e nada soube explicar. Não vira Ha-Gem; notara, porém, que ele parecia triste e preocupado durante o jantar. Saíram para fóra e viram que o cavalo dele não estava no curral.

— "Vamos procurá-lo, Pocrane. Só Deus sabe o que aconteceu ao meu querido filho."

Até alta madrugada os dois homens buscaram Ha-Gem, sem ter notícia alguma. Lá pelas dez horas, um cavaleiro, que vinha a galope, parou em frente à casa de Marlière. Era Anhangá, um índio puri. Estava tão aflito que mal podia falar. Emocionado, conteu o seguinte:

— Levantara-se cedo para fazer uma pesca-ria no rio, quando passou uma grande piroga cheia de botucudos. Ia nela o perverso Ingir, acompanhado de oito índios, além de um homem e uma mulher, ambos com os braços atados. Reparando bem, reconheceu que o homem era seu companheiro Ha-Gem. A mulher era muito moça e parecia chorar.

— "Avise ao Pai, Anhangá!" gritou Ha-Gem, ao vê-lo, de longe.

Ingir, louco de raiva, acrescentou:

— "Vai, sujo taiassú (porco do mato). Conta ao estrangeiro que o chefe botucudo saiu esta noite com seus amigos a pegar jacarés, e que Tupan dirigiu seus passos para uma encruzilhada, onde viu passar esse miserável puri, montado a cavalo e roubando-lhe a noiva, na véspera do casamento. Ingir não tem medo do estrangeiro, nem de Tupan! Kaa-jerre o vingará!"

Ao nome de Kaa-jerre, os índios empalideceram, horrorizados.

E o pobre Anhangá tremia, descrevendo a cena. Mal acabara de falar, chegou Orotinon à cavalo completamente desorientado com o desaparecimento da filha, o que só verificaria pela manhã. Acompanhavam-no trinta índios Coroados, todos a cavalo.

— "Precisamos agir imediatamente!" exclamou. (Conclui na pág. 124)



**Se por qualquer motivo
este animal desaparecer,
seu proprietário receberá**

150,000 Gruzeiros

Sim, porque está segurado na SATMA! O mesmo fazem inúmeros criadores, com os seus animais de maior valor. Imita esse exemplo, afim de preservar a sua fortuna e a continuidade dos seus rebanhos.

A SATMA MANTÉM 9 CARTEIRAS DE SEGURO:

Acidentes do Trabalho
Acidentes Pessoais
Incêndio
Transportes • Animais

Responsabilidade Civil
Fidelidade e Fiança
Aeronáutico
Automóveis

SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMERICA DO SUL
RIO DE JANEIRO



J. W. T.



NO MUNDO DOS ENIGMAS

Direção de POLIDÓRO

TORNEIO ESPECIAL DE NOVEMBRO DE 1945

Dicionários: Silva Bastos; Simões da Fonseca, antigo; Seguier; Fonseca e Roquete, os dois; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Japiassú, Ereviário e Lamenza.

*

Prêmio: Um exemplar do Dicionário de Francisco Torrinha, que será entregue ao vencedor por Raul Silva, mediante sorteio, se houver mais de um concorrente. Prazo até 30 do corrente mês.

*

CHARADAS NS. 1 a 4
Com o CASCALHO que a "mulher" jogou, um enorme "peixe" ela matou. 2 — 4.
Valerio Vasco — Pará de Minas

Com a "planta" reforçada, esta "MULHER" "planta" a vida. 2 — 1.

Valerio Vasco — Pará de Minas

Quem se INTRODUZ numa tribuna, ONDE está PESSOA IMPORTUNA? 3 — 1.
José Solha Iglésias — Brumadinho.

"Mulher", "mulher", qual o SINAL que tem tôda "planta" do mal? 2 — 2 — 2.

Flora — Presidente Vargas

ANGULARES SILABICAS
NS. 5 a 7
Este jovem INDIGNADO,

é pela IDADE "MARCADO".
Vico — Inimutaba

O BEATO, dr. Meira,
tem "sabiá" na "palmeira".
Vico — Inimutaba

Um LIBERTINO, sem CAUSA,
na conversa EMPREGA pausa.
José Solha Iglésias — Brumadinho

CASAIS NS. 8 e 9

O ROUBO em pequenos portes,
não é mais que "PONTOS FOR-
TES". 2

Valerio Vasco — Pará de Minas

O DIFÍCIL numa união,
é saber escolher A MÃO. 3.
José Solha Iglésias — Brumadinho.

SINCOPADA N. 10
(Dedicada ao "Jota")

3 — Se eu cheirar um tal "arbusto", VOMITO, logo sem custo
— 2.

Valerio Vasco — Pará de Minas

ENIGMAS NS. 11 a 19

O "homem" com "letras" vem
[dar,
LEAMBA que há de travar.
Raul Silva — Pará de Minas

Com a "planta" a "mulher" do
[Alípio

nos vem mostrar um bom
"PRINCIPIO"

Raul Silva — Pará de Minas

Com "letra" a "mulher" diz:
— sou bela e sou FELIZ.

Raul Silva — Pará de Minas

Este "homem" traz no peito
NOVO
a ADMINISTRAÇÃO do seu povo.
Raul Silva — Pará de Minas

(Ao "Panaça", agradecendo)
A "letra" no "sobrenome"
será BARVO que se come?
Valério Vasco — Pará de Minas

(Aos confrades que não "mata-
ram" a MANURA).

Um "homem" com a "letra"
[segura,
o "lombo" da velha "Manura".
Valério Vasco — Pará de Minas

"Mulher" com "letra" dá apêgo,
em NASCENTE DE AGUA OU
[RÉGO

Panaça — Presidente Vargas

Este AIRO com a "letra" nos
[vem,
provocar FUROR por vintém.
Vico — Inimutaba

Em ECONOMIZAR, MINHA d.
[Glória,
está o DESPERTAR de grande
[vitória.
José Solha Iglésias — Brumadinho.

PREMIOS — Ao de maio, con-
correm: Jam (1 a 5); Jamil (6
a 10); Jairo (11 a 15); Jeca (16
a 20); Jota (21 a 25); Justo (26
a 30); Solha (31 a 35); Raul
Silva (36 a 40); Valério Vasco
(41 a 45); Vico (46 a 50); Filis-
tela (51 a 55); Anaxágoras (56
a 60); Caçador Paulista (61 a
65); Julião Riminot (66 a 70);
Paco (71 a 75); Pele Vermelha
(76 a 80); Raif Kurban (81 a
85); Raul Petrocelli (86 a 90);
Moema (91 a 95) e Demorais (96
a 100). Desempate pela federal
de 7 do corrente mês.

Ao de julho, concorrem: Jam
(1 a 7); Jamil (8 a 14); Jairo
(15 a 21); Jeca (22 a 28); Jota
(29 a 35); Junius (36 a 42); Pa-

SIMBÓLICO N. 20



Vila da Itália = Bispado de Pernambuco = Vila da Itália

4L

4L

4L

RAUL SILVA — Pará de Minas

naga (43 a 49); Flora (50 a 57); Raul Silva (58 a 64); Valério Vasco (65 a 71); Vico (72 a 78); Solha (79 a 85); Justo (86 a 92) Filistéia (93 a 00). Desempate pela federal de 10 do corrente.

Ao de junho, concorrem: Jam (1 a 7); Jairo (8 a 14); Justo (15 a 21); Jota (22 a 28); Jeca (29 a 35); Filistéia (36 a 43); Jamil (44 a 50); Demorais (51 a 58); Valério Vasco (59 a 65); Raul Silva (66 a 72); Panaça (73 a 79); Flora (80 a 86); Solha (87 a 93); Vico (94 a 00). Desempate pela mineira de 9 do corrente mês.

RETIFICAÇÃO: O penúltimo verso do logogrifo n. 2, de Filistéia, publicado em outubro, é este: "Uma pergunta formal",

(Conclui na pag. 136)

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4
		P	
5		E	
6		P	
7		F	
8		L	
9			
10			
11			

Altamir C. B.
Farol - Maceió - AL

CHAVES

Horizontais: 1 — nome de algumas plantas; 5 — sargo; 6 — panela de água; 7 — anis; 8 — R.O.N.A.; 9 — espaço celeste; 10 — espécie de abelha; 11 — entonçezas.

Verticais: 1 — Planta da Serra da Estréla; 2 — acatitar; 3 — batéia; 4 — raízes secas de rúiva.

A elegância Parisiense...



renasce nestes novos

tons

Cutex

SCHIAPARELLI inspirou-se no vívido tom Black Red, adorável e excitante criação Cutex, para criar este lindo e gracioso vestido de soirée. Famosa por seu dramático senso de cores, a genial desenhista francesa escolheu, ainda, mais cinco empolgantes tons Cutex para eletrizar a moda em sua mais recente exposição em Paris libertada!



Young Red
Alert
Burgundy
Lollipop
Saddle Brown

J.W.T.

PENSAMENTOS

A moda e o amor são os dois polos da rivalidade feminina — MARIA ANA DE BOVET.

Os pensamentos maus só na execução é que se descobrem totalmente. — SHAKESPEARE.

*

GRAVADOR ARAUJO
RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631
RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO FEITOS NESTA CLICHERIE.

PHOTOGRAVURAS
ZINCOPRINTAS,
TRICROMIAS
DÚPLIAS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.

CLICHÉS

RIO DE JANEIRO

POR TRÁS DO MONOCULO

(CONCLUSÃO)

ta lenta, porém, segura, para os braços de Cristo, não o Cristo desfigurado pela inteligência árida de Renan, mas o Cristo do Evangelho, do Sermão da Montanha, do perdão à adúltera, o Cristo entre as criancinhas, o Cristo do sacrifício redentor, o Cristo-Deus e Homem, capaz de saciar aquela sede de ideal e de perfeição que durante a vida lhe torturou a alma de homem e de artista.

O seu encontro com ele se fez naturalmente, sem estardalhaço, num movimento lento e cordial de aproximação, como o descreveu Eduardo Prado, seu amigo fiel e devotado: "Deus entrou-lhe em

casa. Mais como se tratava de um manso e humilde de coração, não veio precedido de trovões e violências: *Veniam ad te tanquam fur...* Veio sutil e inesperado, como o roubador, a quem Deus se compara na Escritura. Veio com a felicidade serena. Aquela a quem Eça de Queiroz na sua fatuidade de mogo, não quis ver outrora nas margens do lago de Genezareth, veio pagar-lhe a visita não feita, assentando-se. Hóspede Invisível, à sua mesa, abençando-a e tendo-se feito primeiro anunciar pelas criancinhas, a quem sempre amou".

E na hora extrema, é de supor que o Cristo, esquecendo os sarcasmos e ingratidões do escritor, tenha vindo curvar-se sobre o homem padecente, para recolher-lhe a alma, naquela "suave milagre" que o Amor nunca deixa de realizar.

MARLIÉRE, "O APO'STOLO DAS SELVAS MINEIRAS"

(CONCLUSÃO)

mou Marliére, emocionado" "Vamos ao aldeamento botocudo! Não acredito nessa história de Kaa-erre, mas Ingir é mau e vai torturar os nossos pobres filhos até a morte".

Pocrane preparou o arco, e, num instante estavam todos prontos. Muitos índios pediram para acompanhá-los e foram também. Iam dois, às vezes três, num mesmo cavalo. O aldeamento botocudo ficava longe, na outra margem do Rio Doce, bem mais para baixo. Deviam fazer tudo para chegar lá antes da noite, hora geralmente reservada para os sacrifícios daquela espécie.

A viagem foi longa e penosa. O coração de Marliére apertava-se, dentro do peito. Agora sim, compreendia porque é que Ha-Gem parecia aflito e queria lhe falar na noite da véspera. Não tinha segredos com o Pai e certamente iria contar-lhe o plano de raptar "Folha-Quebrada" para fazer dela sua esposa, livrando-a de Ingir. Pobre Ha-Gem! Tão ingênuo, sem nenhuma maldade. Seu olhar era franco, leal e fera por isso que o adotaria como filho. Anava-o muito.

Finalmente, ao cair da noite, ouviram ruidos distantes e viram uma tênue claridade, sinal de que estavam chegando ao seu destino.

*

Enquanto isso, no aldeamento botocudo, uma centena de índios dançavam em torno de uma árvore, em cujo tronco estavam amarrados Ha-Gem e Folha Quebrada! Em frente dêles, havia uma enorme fogueira. Os índios davam uivos e gritos horríveis, como se tivessem ficado loucos. Tinham a cabeça raspada, conservando apenas uma mecha de cabelos em cima. Das orelhas furadas e do lábio inferior, caíam pedaços de madeira e dentes de feras, o que os tornava ainda mais feios.

Sentado na porta de uma espécie de tenda coberta de caveiras, estava o medonho feiticeiro da tribo dos botocudos. Diziam que tinha cento e cinquenta anos, e sua pele era seca, enrugada qual uma passa. As unhas, de tão grandes, se haviam curvado para dentro. Dependurado no pescoco magro, ele tinha um enorme colar, feito com dentes e ossos de inimigos. No intervalo dos gritos e das danças, o feiticeiro levantava-se e dizia com voz rouca e horrível:

— "Pa-xe-tan-tan-ajuca-atupave!" (Sim, sou valente e na verdade matei e comi muitos).

Derrepente, de dentro da tenda do feiticeiro saiu Ingir, espetacularmente preparado. Seu corpo estava pintado metade azul, metade vermelho, e ele tinha na cabeça um gigantesco cocar de plumas coloridas. Seu olhar fuzilava de ódio! O canto e as danças pararam, e ele se postou em frente do pobre Ha-Gem.

— "Você tirou a noiva de Ingir, por isso Ingir vai fazer Kaa-erre matar você", exclamou ele.

Horrorizado, Ha-Gem estremeceu. Era verdade então! Existia aquela ser degenerado e perverso, cujos dedos não tinham unhas!

Em seguida, Ingir aproximou-se de "Folha Quebrada" e continuou:

— "Você fugiu de Ingir e por isso Ingir vai fazer Kaa-erre matar você também!"

Ha-Gem, aflito, olhou para a mata. Teria Anhangá dado o recado em tempo? Como tardava o socorro!

— "O' poderoso Ingir", suplicou ele. "Entrega-me a Kaa-erre, mas dá liberdade a "Folha-Quebrada". Ela não tem culpa de nada. Só eu devo ser castigado".

— "Não", protestou a índia. "Se Kaa-erre mata Ha-Gem, Kaa-erre mata "Folha-Quebrada" também".

Um ruído séco fez Ingir olhar para a floresta.

— "Ha-Gem, meu querido filho!" gritou Marliére, saindo da mata e correndo para ele, seguido de Pocrane e Orotinon.

— "Icau!" (Pai), exclamou, vitorioso, Ha-Gem.

Apanhados de surpresa, os botocudos começaram a gritar como loucos:

— "Kaa-erre! Kaa-erre!"

Então, de um salto, pulou lá dentro da tenda uma enorme e horrível criatura, meio bicho, meio gente, com o corpo todo coberto de pelos avermelhados. Trazia na cabeça um cocar de penas, e a expressão de seus olhos era selvagem e cruel.

— "Kaa-erre! Kaa-erre!" gritavam os índios.

Assombrado, Marliére percebeu então que se tratava de um gigantesco orangotango, igual aos que existiam em Sumatra e Bornéo. Teria vindo certamente num navio para algum circo de cavaleiros e, por qualquer circunstância, fôra ter aqueles lugares.

O enorme macaco avançou para "Folha Quebrada", esticando os compridos braços para agarrá-la. Rápido, Marliére sacou de uma arma, fêz pontaria e prostrou Kaa-erre com alguns tiros. Seguiu-se um combate feroz entre os dois grupos. As flexas cruzavam-se nos ares, e muitos índios, de ambos os lados, cairam mortos. Ao cabo de algum tempo, vendo que a batalha já estava perdida para seus homens, Ingir, coberto de feridas, rendeu-se a Marliére.

— "Homem branco venceu e pode matar Ingir com sua arma de fogo", disse ele.

— "Não desejo matar-te", tornou Marliére, que tinha um grande ferimento na testa.

— "Que queres, então?"

— "Tua amizade, apenas".

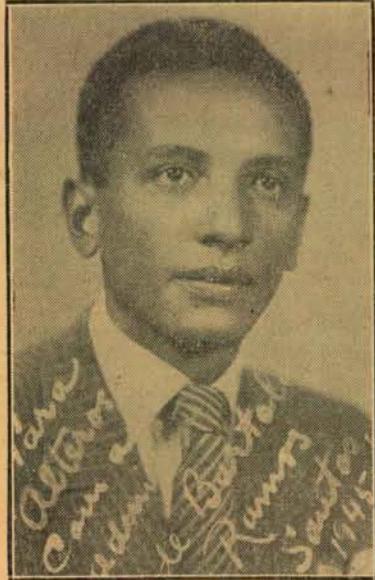
O índio olhou assustado. Era incrível o que esava acontecendo! Aquile homem conquistara o direito de matá-lo; entretanto, em vez de se vingar, ali ficava a fitá-lo, sem a menor sombra de ódio nos olhos claros e bons. Então, confusamente, foi aparecendo no espírito primitivo do índio uma pequena réstea de iúz.

— "Acompanha-me com a tua gente", ordenou-lhe Marlière, em tupi. "Enterremos os mortos primeiro, e sigamos para minha fazenda".

Anhangá tombára em combate e Pocrane tinha uma larga ferida no ombro. "Folha Quebrada" e Ha-Gem, ainda pálidos de horror, saíram, amparados por Orotinon, que os levou para o seu aldeamento. Ha-Gem, meio cego, com o olho esquerdo vasoado por uma flexa, mal podia andar.

No dia seguinte, à tardinha, Marlière e o grupo chegaram a Fazenda da Onça. Os feridos foram tratados e, aos poucos, a vida se normalizou. A atitude do homem branco produzira uma reação fortíssima em Ingir. Sempre vivêra num ambiente de luta, desconfiança, vingança, e aquilo tudo era novo para ele. Marlière não o aprisionaria, nem lhe ataria as mãos. Deixara-o livre, como a ensinar-lhe que cada criatura tem dentro de si uma consciência, dada por Deus, que a impede de fazer o mal e é barreira mais forte do que qualquer grilhão.

RÁDIO SANTISTA



Bartolomeu Ramos

Bartolomeu Ramos, o popular Suite da Rádio Clube de Santos, poderia acrescentar ao seu nome as iniciais de sua estação, pois há mais de treze anos já entrava em contacto direto com a complicada maquinaria da emissora pioneira da terra de Braz Cubas.

Quando o locutor anuncia que, na técnica, se encontra Bartolomeu Ramos, o ouvinte tem a certeza de ouvir uma irradiação impecável.

Muito jovem, Suite é um dos elementos mais populares e queridos do rádio santista.

Ingir foi se transformando. Perdeu a arrogância, e sua crueldade diluiu-se ao contato de tanta bondade. Tornou-se um dos melhores auxiliares de Marlière, que lhe confiou a chefia de um grande aldeamento botocudo.

Ha-Gem e "Folha Quebrada" casaram-se e mais tarde vieram morar na fazenda, com Marlière.

Passou-se o tempo. Realizava-se finalmente o grande sonho do "Apóstolo das Selvas Mineiras": todas as tribos de índios que moravam nas margens do Rio Doce estavam pacificadas e civilizadas.

Numa tarde de 1836, rodeado e querido por todos, Marlière morreu. Morreu feliz e tranquilo, com a íntima alegria dos que fizeram algum bem em sua passagem pela terra. De acordo com o desejo que manifestara, seus ossos não foram mandados para a França, conforme queriam os parentes da Europa. Enteraram-no entre a sua gente, ali mesmo na fazenda, segundo o ritual botocudo.

Depois então Pocrane e Ha-Gem fizeram a madeira uma abertura nas grandes árvores que rodeavam o túmulo, para que o sol, ao nascer, entrasse e aquecesse os restos mortais do homem que tanto os compreendera e amara. No meio deles viveira, no meio deles morreria. E ali, entre eles, repousava também para sempre. Como um índio, simplesmente...

* * *

A Cidade Sagrada

MECA — a capital sagrada do mundo muçulmano — é uma cidade do Hedjaz (Arabia ocidental), toda construída de pedra. Já era conhecida, na época dos Romanos, como um mercado importante para o comércio do incenso. Na geografia de Ptolomeu figurou como "Makiraba". Antes do nascimento de Mahomet (século VI), era centro religioso onde se adoravam os ídolos da Arábia e a "Caabá", a grande pedra negra sagrada. Modernamente, os habitantes da Meca passaram a viver quase exclusivamente das peregrinações a que são obrigados, ao menos uma vez na vida,

todos os bons muçulmanos. São quase todos hoteleiros, gulas, empresários de companhias de transportes, etc. Para corresponder ao fervor religioso dos peregrinos, o califa Al-Madji mandou construir uma mesquita de grandes proporções, dominada por minaretes e cúpulas e que, em forma quadrangular, cerca a "Caabá", junto da qual os peregrinos realizam a cerimônia do "tuaf", que consiste em andar sete vezes em torno da "caabá". A entrada nesse território sagrado é proibida aos que não são mahometanos, sendo poucos os europeus que visitaram a cidade sagrada.

Olhar dominador

A limpidez e o brilho dos olhos favorecem a expressão imperiosa com que se vence no amor e nos negócios. LAVOLHO mantém o fulgor do seu olhar e a saúde dos seus órgãos visuais. Aplique diariamente nos seus olhos algumas gotas de

LAVOLHO
AVIVA O OLHAR



Helginho, filhinho do casal Helena do Vale Chagas-Geraldo N. de Abreu Chagas, Goiânia.

crianças

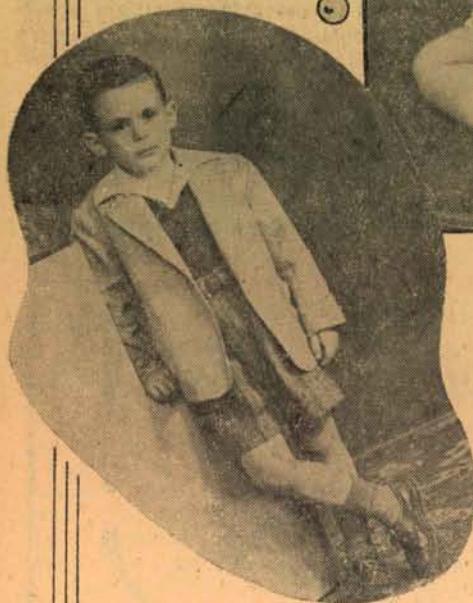


José, filhinho do casal Helena Ribeiro-Aladir Ribeiro, residente nesta Capital

*
Carmen Lúcia, filhinha do casal Maria Carrijo Silva-Jair Silva, residente nesta Capital.



Maria Luiza, filhinha do casal Aurora de Oliveira-Jalmiyyi Silva, residente em Ipanema, neste Estado.



Jacob, o interessante garoto filhinho do casal Luci Laitman Cansado-Salomão Laitman, residente nesta Capital.

Lélio, filhinho do casal Etelevina Martins-Rodolfo Aleixo Martins, residente nesta Capital.





**Ele sorrirá
para um
mundo melhor...**

J. W. T.



**... com melhores dentes,
protegidos por Gessy!**

Para que seu filhinho não tenha, no futuro, o constrangimento e a limitação de um sorriso velado e sem beleza, ensine-o, desde hoje, a escovar os dentes, três vezes ao dia, com Gessy.

De espuma gostosa, Gessy é o creme dental que as crianças apreciam — que vence, pelo sabor, a resistência ao hábito de escovar os dentes. Compre Gessy, hoje mesmo: Gessy é mais econômico e protege os dentes no Ponto Vital.

50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!



...comece vida nova!
...faça nascer em si

uma beleza para sempre!

Se as imperfeições da cutis, os cravos
e espinhas a enfeiam, nem por isso
deve pensar que eles não tenham
um fim.

Seja de hoje para o futuro, persisten-
te no uso de Divina Dama, porque,

com o auxilio desse preparado irá
obter a beleza desejada.

O leite de beleza DIVINA DAMA eli-
mina cravos e espinhas.



Divina Dama

É UMA CRIAÇÃO DO GRANDE
PERFUMISTA DAS ELITES.

GIRAUD

RIO DE JANEIRO Caixa Postal 3200



Lembrança de um dia dos mortos

Murilo Araujo

ENTREI no lindo bairro da morte, mais ornado, mais florido... e mais deserto do que nunca. Na véspera fôra dia de Finados. E, extinta a romaria, ficara a desolação colorida, o luxo vazio dos salões festivos quando os convivas se vão. Podia eu, pois, dar com mais união meu pensamento aos mortos. Depois a oferta de flores que trazia a um dêles. E, depois de um pouco de meditação e de prece, resolvi regressar. Mas meus olhos fixaram-se nos extremos daquela várzea do São João Batista, lá onde o jardim termina num maravilhoso terraço em frente à capela branca... E uma força estranha me atraíu a esse lugar. Nunca ali fôra ou tivera mesmo o vago intento de ir. Porque naquela tarde um desejo imperioso e estranho me chamava ao parapeito que via ao fundo, junto à encosta do morro?

— Visto do alto há de ser belo o cenário — pensei comigo — é o que me aguça o interesse... Mas cai a noite. São horas de voltar.

E encaminhei-me decidido para a saída. A idéia imperiosa de ver o terraço cresceu então, fez-se tão viva, que refiz sobre os passos o caminho percorrido... e parei hesitante. A um jardineiro que passava, indaguei:

— Que há lá em cima?

— A capela e o ossuário — disse o homem.

— E haverá tempo de visitá-los antes de fecharem os portões?

— Se andar ligeiro, bem ligeiro...

E apesar da urgência de tempo, subi apressado como quem atende a um chamado insistente.

No alto, nada mais vi a princípio do que uma alameda de velhas árvores, de francesas caídas como carpideiras, derramando como lágrimas as flores arroxeadas. Em baixo, vale afora, escurecia o parque do silêncio, povoado de mármores, tranquilo, à bênção das estrélas. Só, no cimo distante, o vulto do Cristo estendia os braços protetores para a vida e para a morte.

E eu não podia voltar! Um instinto me levou a percorrer a esplanada. Por detrás da ermida simples se alongava uma série de pequenos jazigos. E de repente, inexplicavelmente, marchei fixamente em direção a um dêles, no

meio dos outros, e aí parei. Era um modesto abrigo encimado por um nicho com a imagem de Santa Terezinha.

De quem seriam as cinzas jacentes na urna singela? De um ancião curtido aos pampeiros da vida? Um rapaz ceifado em sua bela alvorada ou uma jovem tombada ao luar dos primeiros sonhos? Vislumbrando dentro do sacrariozinho uma fotografia, olhei curiosamente. Era um retrato de criança. Uma menina. No lusco-fusco da tarde não lhe distinguia as feições. Uma menina... Pousei os olhos numa breve inscrição: "A' RUTH — LAGRIMAS DE SEUS PAIS". E num relâmpago íntimo, senticlaro o pensamento. Conhecera outrora uma linda criança, filha de um vizinho, que conquistei com a ternura. Constantemente os seus quatro anos alegres enchiham nossa morada de infância. Mas perdida-a de vista. Mudara-se de ca-

sa... e, soube depois, mudara-se do mundo. E então, sem mais detalhes embora, uma certeza afirmou-se em meu espírito: era ela. E meu olhar envolveu o pequenino jazigo com a expressão extrema de quem embalasse uma alma... E depois de acariciar dêsse modo uma sombra, senti que nada mais me prendia ao terraço; e voltei.

Quando mais tarde, falei um dia ao pai de Ruth que era lindo o lugar onde a filhinha dormia, lá no alto à sombra dos arvoredos, ele respondeu-me espantado:

— Como soube disso o Senhor?

Contei-lhe o meu curioso passeio daquela tarde.

— Ela sempre lhe quis tanto! — murmurou. — Foi ela, foi Ruth quem o guiou até lá...

E seus olhos, mais úmidos, brilharam, como se nêles se mirasse uma estréla.



★ A DESORIENTAÇÃO DO PENSAMENTO MODERNO ★

Humberto Grande

Neste artigo, Humberto Grande estuda a desorientação da época moderna, impregnada de espírito guerreiro. Sugere aos moços que fujam a esta sugestão, educando-se no espírito da justiça, da paz e do direito.

RECONSTRUÇÃO do mundo na lição dos grandes mestres deve ser procedida de acordo com o bem, o belo, o justo, o verdadeiro e o divino, isto é, em suma, de acordo com os supremos valores culturais hierarquizados. Logo, só a verdadeira cultura poderá garantir a vitalidade e o progresso da civilização. Por isso, procuramos buscar orientação nas obras máximas do gênero humano, afim de procedermos com justeza e acerto. E sentimos tal necessidade, porque é grande a desorientação do pensamento moderno. O Século XX apresentou ao mundo a maior crise cultural de todos os tempos. Os seus grandes pensadores e filósofos não concordavam sobre os problemas vitais da humanidade, como é fácil verificar no estudo atento e demorado das obras de Spengler e Keyserling, Scheeler e Rathenau, Freud e Einstein, Wells e Russell, Croce e Gentile, Bergson e Maritain, Nitti e Ferrero Dewey e Santayanna, Stoddard e Burnham, Unamuno e Ortega y Gasset, Rolland e Gilde, para sómente citar alguns dos nomes mais eminentes que influem na mentalidade moderna.

O Século XIX já foi mais feliz porque produziu filósofos como Augusto Comte e Herbert Spencer, que orientaram com segurança a geração passada. Também as condições sociais eram mais tranquilas e pacíficas. Seria curioso e mesmo muito interessante, não obstante, indagar da causa daquela diversidade de pontos de vista.

Analisemos, porém, hoje, a tragédia de uma geração sacrificada.

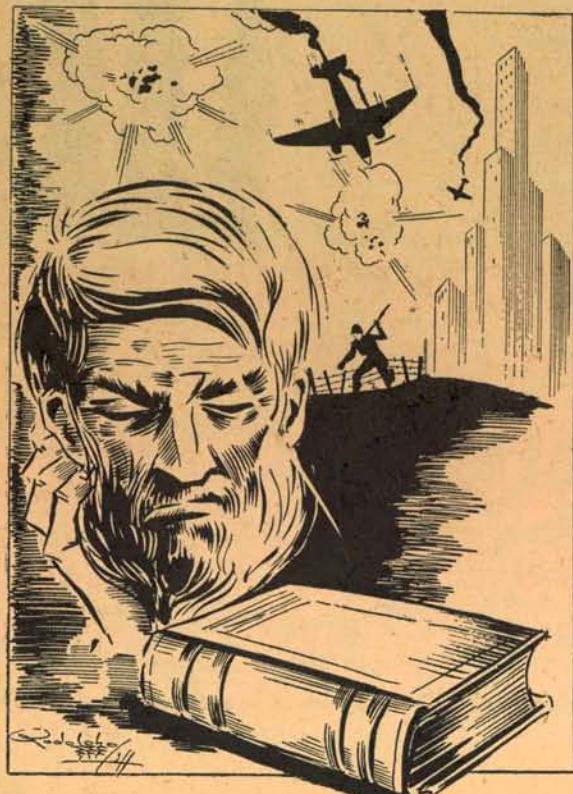
Já em 1914, a guerra trucidou nos campos de batalha a mocidade esperançosa dos países beligerantes; após a grande guerra, também ela sacrifici-

cou as novas gerações, porque as submeteu aos seus rudes princípios, roubando-lhes a docura e o encanto próprios da idade. A juventude bolchevista, fascista e nazista, sempre viveu em atmosfera carregada de belicosidade, isto é, num ambiente de ódio, desconfiança e intransquilidade.

A guerra mudou a concepção da vida, a qual, na paz, é dominada pelos valores culturais do bem, do belo, do verdadeiro, do justo e do divino, mas em tempos anormais se tornam primitiva, instintiva e inconsciente, perdendo por isso mesmo os valores espirituais a primazia, desenvolvendo-se, então, nos seus múltiplos aspectos, o mal, o horrível, o falso, o injusto e o infernal; enfim, a brutalidade, a crise e a própria morte. A guerra é um fenômeno complexo e paradoxal. Tanto pode contribuir para a evolução dos povos e o progresso da sociedade, como determinar a decadência de uma cultura e o aniquilamento de uma civilização. A história nos demonstra êsses fatos com expressivos exemplos. A guerra como força de evolução obriga a humanidade a agir e reagir simultaneamente em modalidades inéditas; como elemento de destruição, subverte a hierarquia dos valores e desorganiza o mundo, provocando a confusão, a desordem do caos, com trazer não só a fadiga e o cansaço, o mal-estar e o pessimismo, como o desequilíbrio biológico e psicológico da espécie. Ela assim transforma a mentalidade dos homens a ferro e fogo nas mais duras provações de intensa dor e sofrimento. Antes e principalmente depois de 1918, escritores e filósofos da Europa, abertamente, sem rebuço algum, apesar da dolorosa experiência por que tinha passado, o gênero humano, doutrinaram a guerra. Na Itália, o fascismo organizou o Estado dentro de um regime militarista, que educou a juventude para a guerra. A Rússia com o bolchevismo também se militarizou de modo tal que hoje surpreende o mundo com o poderio das suas forças armadas. A Alemanha, com o advento do nacional-socialismo, se tornou francamente bélica. Aliás, nos tempos modernos, depois de Napoleão, a guerra se manifestou quase como um fenômeno germânico. Não é de estranhar por isso que os alemães pontificassem no mundo como as maiores autoridades em tais assuntos. E é assim que nos vemos obrigados a estudar e citar os autores daquele país em matéria militar.

Dentro dessa ordem de coisas, a guerra se transformou numa verdadeira obsessão, e, na atualidade, não é mais um fenômeno que se relaciona com determinados países, mas ao contrário, agora é um fenômeno mais do que nacional ou continental, é universal. Por tal motivo nos nossos dias ela se alastrou na Europa, América, Ásia e África. A doutrinação não ficou só em teoria, e foi posta em prática. Desde 1914, pode-se dizer, que os povos viviam em estado de guerra. O serviço militar já não durava simplesmente 1, 2 ou 3 anos. Não. Ele era permanente. Os cidadãos viviam em eterno estado de prontidão, dispostos a tudo. E' o que vimos nos países europeus, cujos regimes políticos apresentam caráter acentuadamente militar.

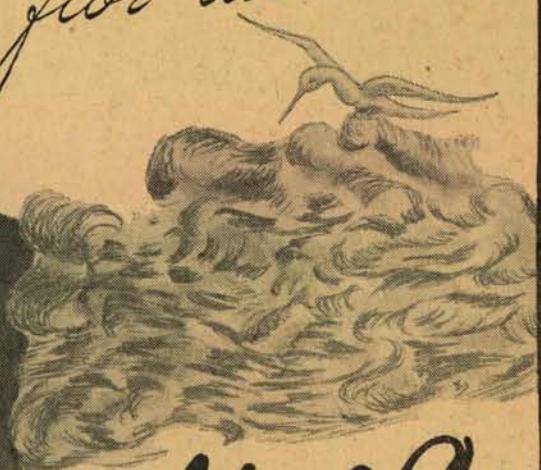
A guerra, como fenômeno mundial, em 1939, se tornou realidade. E assim todos os países entraram num período de dúvida, angústia e incerteza. Ora, a incerteza gera a intransquilidade, a qual provoca nos espíritos grande mal-estar e desassossego. Daí a crise tremenda que sofre a geração atual. Ela não sabe como proceder, porque não tem orientação nem objetivo. Hoje, a mocidade é explorada, no seu idealismo, na sua honra e dignidade, através da propaganda perniciosa que se processa quase sempre



*Como a águia é a
rainha dos ares*



*E a gaivota, a
flor dos mares*



Antisardina

IMPERA NA SOCIEDADE FEMININA !...

Tenho para mim que fazer o creme ANTISARDINA conhecido de todos, é quasi um dever social.

ANTISARDINA é bem o segredo da beleza: fez-me portadora de uma cútis invejável, provocando justa admiração por parte de minhas amiguinhas.

(ass:) Maria Machado

A VIDA ERRANTE DE EUCLIDES DA CUNHA

★ LUI'S HORTA LISBOA ★

EM São José do Rio Pardo — no Estado de São Paulo — mais uma vez foi feriado municipal na data de 15 de agosto. Ali, todos os anos, prestam-se homenagens significativas à memória e ao nome de Euclides da Cunha, considerado por Getúlio Vargas como "o escritor da terra", e como "um caráter puro" pelo General Rondon.

Lá, de São José, todos os anos, parte esse exemplo eloquente de cívismo; nas comemorações tomam parte não só os intelectuais, os representantes das academias das metrópoles, mas também, o povo, que entusiasticamente e espontaneamente comparece. Ali, não só a ponte construída por Euclides, a herma erigida perto da mesma e a cabana — protegida por uma redoma de vidro — fazem lembrar a personalidade inconfundível do autor de "Sertões"; ali, em São José, Euclides da Cunha está presente em todos os corações. Os escolares conhecem-lhe a vida e aprendem a admirar a obra e a existência patriótica e idealista do grande engenheiro e escritor.

Nascido a 20 de janeiro de 1866 numa fazenda de Santa Rita do Rio Negro, perto de Cantagalo, no Estado do Rio, iria, no entanto, durante a sua vida, ser um peregrinador constante. Aos três anos perde a mãe e, em companhia de uma irmã menor, vai residir em Terezópolis, com uma tia. A tia morre, e ele vai para Ponte Nova, ficando junto de outra tia. Chega a época dos estudos e ele parte para S. Fidelis, às margens do Paraíba.

Depois, foi para o Rio, onde prestou o primeiro exame de preparatórios em 1879 e terminou o curso de humanidades no Colégio Aquino, na época, muito famoso.

Nesse tempo de adolescência, pôs-se em contacto com a poesia; era fervoroso admirador de Fagundes Varela — e com outros companheiros ajudou a fazer um pequeno jornal intitulado "O Democrata". A publicação, bimensal, surgiu nos primeiros meses de 1884. O Grêmio Euclides da Cunha, do Rio, guarda, religiosamente, um caderno de Euclides com poesias datadas de 1883. Ele dera o nome de "Ondas" àquela coletânea de oitenta e quatro produções poéticas. Dizem os entendidos, que já tiveram a oportunidade de folhear tão interessante volume, ser a forma de muitos versos incorreta e imperfeita. E' preciso, no entanto, levar em conta a pouca idade do autor e o seu temperamento, impetuoso e ardente.

A esse respeito, Venâncio Filho teve ocasião de, com muita felicidade, explicar:

"A forma da maioria dos versos é, sem dúvida, incorreta. A pressa, o ardor, a impaciência da inspiração, a febre alta em que surgiam, impedindo imediatamente a expressão escrita, forçavam-no, não raro, às figuras artificiais de retórica, para os ajustar à métrica.

Algumas vezes não se contém e vem comentário em prosa. E' que a ele também se aplica o seu conceito no prefácio de "Inferno Verde", de Alberto Rangel: "um poeta exuberante demais para a disciplina do metro e da rima".

O que faltava, às vezes, em ritmo, em musicalidade, sobrava no sentimento, com que abrangia a natureza e a vida nos seus aspectos multiformes. E', constantemente, um deslumbrado pelos grandes ideais da espécie. Particularmente, a cada passo, a Abolição e a República — os dois ideais da sua geração. Em esfera mais ampla "O Calvário" e a Revolução Francesa, as duas grandes revoluções do passado, pela igualdade humana e pela igualdade política. Grande ternura e piedade pelos humildes. "Raros versos de confidência ou queixume pessoal".



Euclides da Cunha

Em março de 1884 presta exame na Escola Politécnica e em 86 transfere-se para a Escola Militar. As idéias republicanas afiulavam; o abolicionismo era pregado com entusiasmo. A mocidade da Escola Militar, dessa época até à proclamação da República, vivia momentos históricos de maior importância para a pátria.

Euclides — homem de ação — não tomava parte ativa nos debates. Quase sempre isolado, se preocupava mais com os seus versos que com a ciência do curso e, no entanto, conseguia sempre boas notas e, mais tarde, produziria obras com bases firmemente científicas...

Chegou 88 e, com ele, a Abolição. A idéia republicana ganhou força. Os adeptos se multiplicaram. Benjamin Constant ganhava a admiração da mocidade militar.

A 4 de novembro chegaria Lopes Trovão regressando da Europa, no "Ville de Santos". Os alunos da Escola Militar exultaram; dia 4 seria domingo, dia de folga. Eles compareceriam ao desembarque, para homenagearem o festejado tribuno republicano.

Estava marcada para o dia 3, uma visita do Ministro da Guerra à Escola; à última hora, o ministro adiou a visita para o dia seguinte. Evidentemente queria evitar o comparecimento dos alunos ao desembarque de Trovão. Os ânimos se exaltaram. A mocidade da Escola Militar sente-se prejudicada. Há, entre eles, palavras de protestos e alguns pregam mesmo a rebelião à chegada do ministro.

Dia 4, dia da chegada de Lopes Trovão, os alunos da Escola, estão preparados para prestar continência ao ministro Thomaz Coelho. Este, pela manhã, comparece acompanhado do senador Silveira Martins. No momento da revista, surge da 2.ª companhia, Euclides da Cunha. Arranca da baioneta, tenta quebrá-la e joga-a aos pés do ministro. São várias versões sobre este incidente; a emoção perturbou a capacidade de observação dos próprios espectadores. O certo é que só Euclides da Cunha teve o arrôjo de protestar. E que protestou!

O comandante fez-o retirar imediatamente de forma, esteve preso e foi recolhido ao Hospital Militar, mas, jamais se curvou às prerrogativas dos que lhe queriam ajudar. Não se retratou e nem se defendeu com evasivas.

Excluído do exército, parte para (Conclui na pag. 134)



★ Isaurinha Garcia

A estrelinha-sensação de nosso samba
é uma das belas atrações do novo
“show” da Pampulha. Cada “show”
da Pampulha um momento de enlèvo
e boa alegria.

Pampulha

A VIDA ERRANTE DE EUCLIDES DA CUNHA

CONCLUSÃO

São Paulo. Ficou conhecidíssimo entre os republicanos, pois, o seu ato causou uma impressão indelével entre os opositores. Em São Paulo, Júlio de Mesquita, o jornalista campineiro que tão alto elevou o jornalismo de nossa terra, viu em Euclides da Cunha um elemento de capacidade que merecia apoio e convenceu-o a colaborar na "A Província de São Paulo".

Com o pseudônimo de Proudhon, escreve "Questões Sociais", onde se revela republicano irredutível. Depois, escreve outra série denominada "Atos e palavras".

Em Janeiro de 89 parte para o Rio, para continuar os estudos na Escola

Politécnica e de lá continua, também, a escrever para "A Província".

Com a proclamação da República, graças à iniciativa de Rondon, volta ao militarismo como alferes-aluno e, em abril de 1890, vamos encontrá-lo como 2.º tenente. Depois de cursar a Escola Superior de Guerra é promovido a 1.º tenente.

Em 1893, Floriano manda chamá-lo e diz-lhe que, como republicano que é, merece escolher um cargo. E Euclides pede-lhe, apenas, de acordo com a lei, um ano de prática na Estrada de Ferro Central do Brasil. E' atendido e vai para Caçapava em São Paulo.

Devido à revolta de 93, deixa o car-

go, para tomar atitude ao lado da legalidade. As violências, porém, o tornaram desgostoso. Dizem que teve a coragem de dizer a Floriano que não era seu partidário, pois, se Floriano defendia a legalidade, ele, apesar das, estava com ela.

Terminada a revolta, vai para Campanha construir um quartel.

Aborrecido com o Exército, deixa-o novamente e é nomeado em 1896, engenheiro-ajudante da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo, em cujo cargo fazia frequentes viagens.

Nesse mesmo ano irrompe o movimento de Canudos, e Júlio Mesquita envia Euclides da Cunha à zona de operações como redator de "O Estado de São Paulo". Jamais poderia, o jornalista, ter escolhido tão bem. Mal sabia ele, que das observações colhidas por Euclides no teatro da luta, mais tarde iria surgir "o maior livro brasileiro".

Parte para a Bahia. Viaja e observa. Anota, escreve. Assiste aos últimos momentos de resistência de Canudos e volta com o projeto do livro na imaginação.

Retornando à sua antiga lida de engenheiro de obras, não encontra tempo para passar ao papel as idéias que em turbilhões lhe enchem o cérebro.

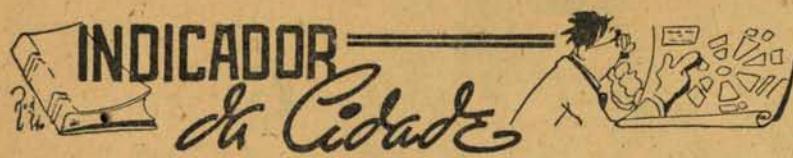
Mas, em 1898, é indicado para reconstruir a ponte de São José do Rio Pardo, que, após um mês de construção, ruira.

Uma vez mais, cumpria-se o destino de Euclides, iria conhecer nova cidade, novas gentes. E ai, encontrar o amigo necessário: Francisco Escobar. Graças a esse homem, na opinião de Rui Barbosa, "eruditíssimo e doutíssimo", foi possível a elaboração de "Os Sertões". Escobar comprehendeu desde logo que Euclides da Cunha possuía uma alma irmã da sua. Estimulou-o, ajudou-o e assim foi possível que, nas horas de folga, Euclides escrevesse "Os Sertões", abrigado numa tosca cabana ao lado da ponte em construção.

Dezessete meses depois, estavam prontos a ponte e o livro. As experiências terminaram a 14 de maio de 1901, e três dias depois, era a ponte inaugurada.

Partiu para São Carlos do Pinhal, indo logo para Lorena.

Antônio Figueiredo, em seu livro "Memórias de um Jornalista", escreve este trecho: "O grande Euclides mandou os originais de Os Sertões para um jornal de S. Paulo, que os guardou durante seis meses numa gaveta. E ele a espera da crítica, em contorções provocadas pela nevrose que tanto o molestou. Por fim, desistiu do julgamento, pedindo a devolução dos originais. Ainda teve sorte: atenderam-no logo, decerto por-



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS

Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone: 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORRÉA, JOSE' DO VALE FERREIRA,
RUBEM ROMEIRO PERET, MANOEL FRANÇA CAMPOS.
Escritório: Rue Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fone:
ne: 2-2919

DR. OSCAR MATOS

Moléstias Internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sala,
317 — Fone 2-1065 — Residência:
Rua Outono, 267 — Fone 2-5639

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pancreas e vesícula biliar.
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av. Afonso Pena, 774 — 5.º andar —
Salas 504-506 — De 1 às 3.30
Residência: Rua Guarani, 268 —
Fone: 2-6067.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLÍNICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba
— Rua Rio de Janeiro, 430 —
Sala 121 — 12.º andar — Tel.
(res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. J. ROBERTO DA CRUZ

Cirurgião-dentista

Tratamento das afecções bucodentárias e maxilo-faciais. Tumores, quistas, granulomas, necroses dos maxilares, estomatites, sinusites e fistulas crônicas e recentes de origem dentária, extrações, etc.
Fisioterapia.

Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6 horas — Ed. Rex — Salas 607 e 608 — Hora Marcada: Tel. 2-7978
— Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

A HOMEOPATIA

E M

BELO HORIZONTE



Consultório e residência: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo
telefone: 2-3212

DR. WILSON ATAB

Medico especialista — Cursos de Medicina Alópatica e Medicina Homeopática, pela Universidade do Rio de Janeiro — Do Serv. Clin. do Prof. Galhardo, do Rio — Membro do Inst. Hahnem do Brasil.

que era necessário limpar uma gaveta atulhada..."

Não acreditamos na veracidade dessa afirmação, porque Euclides conseguiu a publicação de "Os Sertões" pela Casa Laemmert e a primeira edição surgiu em 1902. O livro foi muito bem recebido pela crítica e o seu sucesso abre as portas do Instituto Histórico ao autor e faz com que Euclides seja eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Valentim Magalhães.

Em 1903, deixa o cargo de engenheiro da Superintendência e vai residir em Guarujá, como membro da Comissão do Saneamento de Santos. Havendo divergências entre ele e o chefe José Rebouças, deixa o serviço no ano seguinte.

Euclides da Cunha tinha desejos de conhecer o Acre e devido ao tratado de Petrópolis, feito com o Peru, o Brasil iria enviar duas comissões para fixar os limites nossos com aquele país. Euclides é convidado por Rio Branco para chefe da comissão do Alto Purus. Não se poderia escolher melhor elemento. Euclides portou-se brilhantemente. Os seus companheiros foram unâmes em elogiá-lo. Não fôssem a sua rija força de vontade e o seu patriotismo, talvez não houvesse podido cumprir a sua missão. Os objetivos foram alcançados e o relatório causou tão boa impressão a Rio Branco que este procurou conservar, para sempre, eleamento de tal envergadura.

Até 1908 fica no Itamarati, mas, sem cargo fixo. Rio Branco esforçava-se para conseguir um cargo efetivo ao auxiliar, mas, dois anos se passaram sem que o ilustre diplomata pudesse obter a nomeação. Euclides vivia em luta consigo mesmo para se manter nessa situação que aparentava prolongar-se. Em sua correspondência dessa época, notam-se queixas amargas — não contra Rio Branco que era seu amigo sincero — mas, contra as eventualidades da vida; a sua preocupação pelo futuro dos filhos é também uma perene fonte de sofrimentos.

Houve uma vaga no Ginásio Nacional, hoje Colégio D. Pedro II. Com a morte de Vicente de Souza, vangara-se a cadeira de Lógica.

Inscrive-se no concurso, juntamente com quatorze candidatos.

Depois das provas, o resultado: Farias Brito o primeiro colocado e Euclides da Cunha, o segundo. Cabia ao Presidente da República — nessa época Nilo Peçanha — escolher entre os dois nomes, qual o que deveria reinar a cadeira.

Coelho Neto e Érico Coelho trabalham em favor do amigo e a 17 de julho de 1909, é Euclides nomeado para a cadeira de Lógica do Ginásio Nacional.

JÁ CONHECE

Michel



★ Toda mulher encantadora procura o batom que parece feito especialmente para ela. Já experimentou Michel? É vibrante, acariciador, em cores que se harmonizam com sua beleza e sua personalidade. — é um batom fragrante, suave como o veludo, com base de creme que conserva sua aderência durante horas sem escorrer. Experimentando-o, saberá que Michel é o batom que lhe convém.

11 TONS SEDUTORES

MARIPOSA • AMAPOLA • BLONDE
HASKERRY • CYCLAMEN • VIVID
AMARANTH • SCARLET • CHERRY
BRUNETTE • CAPUCINE

BATON

Michel



MICHEL COSMETICS, INC. - NEW YORK

D-3-F

Enfim, iria se estabilizar, enfim iria escrever o grande livro que tinha em mente, sóbre a Amazônia, livro esse que talvez fôsse muito maior que "Os Sertões", "Contrastes e Confrontos", "Perú versus Bolivia" e "A Margem da História", já publicados.

O escritor viril de nossa terra, esperava, pois, sobrepujar a si mesmo, nas páginas da nova obra.

Deu apenas dez aulas. Na estação de Piedade, na manhã de 15 de agosto, numa bala cortou-lhe a vida.

Com ela findou-se aquela pujante energia e paralisou-se aquela vibrante inteligência.

A pátria toda deplorou a morte prematura — aos quarenta e três anos — de Euclides da Cunha.

E, até hoje, os admiradores do autor do "maior livro escrito no hemisfério ocidental", pensam, quando se reúnem em São José do Rio Pardo, no que produziria Euclides da Cunha se continuasse a viver!...

*

"ILUSÕES"

Recebemos um exemplar do livro que o jovem prosador Nabor Fernandes publicou recentemente, reunindo alguns poemas em prosa em que expressa suas mais íntimas emoções e reafirma nobres sentimentos já entrevistados nos seus livros anteriores.

Ao prosador Nabor Fernandes, nosso distinto correspondente em Marqués de Valença, que já nos promete "Inveja", novela de rádio-teatro em dez capítulos, o nosso agradecimento,

PERMANENTES

MANICURES

LIMPEZA DA PELE

INSTITUTO LUDOVIG

Rua Bahia 1075 - Fone 2-1960

MAIS UMA TURMA DE TÉCNICOS PARA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

ENTREGUE, EM BRILHANTE SOLENIDADE, OS CERTIFICADOS AOS ALUNOS QUE CONCLUIRAM O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA SECRETARIA DE FINANÇAS — O DR. JOSE' MADUREIRA HORTA PARANINFOU O ATO

Revestiu-se de grande brilhantismo a cerimônia de entrega de certificados de aprovação a mais uma turma de alunos do Curso de Especialização da Secretaria das Finanças.

O ato realizou-se dia 15 de setembro último, e contou com a presença do major Haroldo Ferreti, representante do Governador Benedito Valadares; do sr. José Geraldo Maximiano, representante do Secretário das Finanças; do Diretor do Curso, superintendente, chefes de serviços e funcionários daquela Secretaria, além de numerosas outras pessoas gradas. Foi Paraninfo da turma o dr. José Madureira Horta.

A SOLENIDADE

Aberta a sessão pelo sr. Sebastião Noronha, diretor do Curso de Especialização, foi convidado para assumir a presidência, o representante do Governador do Estado.

A seguir, foi dada a palavra à oradora da turma, senhorinha Maria Antônia Pinheiro. Em sua expressiva oração, a oradora aludiu à feliz iniciativa do Governador Benedito Valadares organizando o Curso de Especialização, que tem preenchido seus fins e criado uma mentalidade nova no seio dos funcionários públicos de Minas Gerais. Teceu comentários em



Dr. José Madureira Horta, Superintendente da Contabilidade do Estado, que foi o paraninfo da turma.

torno da personalidade do sr. José Madureira Horta, paraninfo da turma, afirmando que tem sido o ilustre funcionário um dos mais destacados colaboradores do Governo de nosso Estado, quer na direção do Departamento da Contabilidade, quer como um dos mais destacados professores do Curso, ao qual tem dado o melhor de seus esforços. Referiu-se depois aos benefícios que o ensino técnico tem prestado à coletividade do Estado.

Dada a palavra ao paraninfo, dr. José Madureira Horta, pronunciou este um belo discurso, em que enalteceu a importância do Curso, para a reorganização dos serviços públicos de Minas, a que se vem dedicando com o maior interesse o Governador Benedito Valadares, com a cooperação de seus auxiliares de governo. Depois de oportunas considerações sobre aquele Departamento de preparação técnica, e a racionalização dos serviços públicos, o dr. José Madu-



Sta. Maria Antônia Pinheiro, funcionária da Rede Mineira de Viação, (Seção de Contabilidade) que foi a oradora da turma.

reira Horta concitou os funcionários diplomados a bem servir sempre a Administração Mineira. Seu discurso mereceu demorados aplausos de todos os presentes.

ALUNOS DISTINGUIDOS

Em continuação à solenidade, procedeu-se à leitura dos nomes dos alunos distinguidos, que são os seguintes: Maria Antonia Pinheiro — Elza dos Santos Scheid — Marilia Batista de Castro — Wagner Brandão de Oliveira — Eunice Scheid — Maria Virginia Sampaio de Souza e Valdo Luis Prosdocimi Pinto.

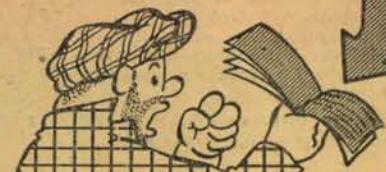
OS DIPLOMANDOS

Foi feita, depois, a entrega de certificados aos alunos que concluíram o Curso de Especialização. São eles: Alípio Pedro de Moraes — Antonieta Augusta dos Santos — Emilia Gonçalves Bastos — Edmundo Caetano de Souza — Ester Mourão Carceroni — Elias Rodrigues Parreira — Francisca Ferreira — Iára Silva — Jaci Barbosa — José Rodrigues Parreira — José Alcantara Veloso — Léla Silva — Marilia Batista de Castro — Maria Virginia Sampaio de Souza — Maria Geralda Lima Cottato — Nelsona Olímpia — Benjamin Monção — Osvaldo Cestari — Pedro Alcantara Rodrigues — Romeu Guerra — Valdo Luis Prosdocimi Pinto — Alexis Baeta — Amélia Stilita Vieira — Catarina Brandão — Dulcidio de Oliveira Baumgratz — Eunice Scheid — Elza dos Santos Scheid — Iete Guimarães — José Martins Guimarães — José João de Lima — José de Oliveira Campos — Lourdes de Azevedo — Maria da Glória Vieira — Maria da Conceição Aparecida Bezamat — Maria Antonia Pinheiro — Maria José Alves Prado — Valdemar Dias Coelho Filho — Wagner Brandão de Oliveira e Zuleica Walter Heilbut.

Encerrando as solenidades, que transcorreram no maior brilhantismo e num ambiente de cordialidade, usou da palavra o sr. Sebastião Noronha, diretor do Curso, que agradeceu o comparecimento das autoridades e demais pessoas presentes.

RIA DOS

"Amigos
do
Alheio"



DEIXE O SEU DINHEIRO
NO BANCO E

ROCHAM

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE



ANÉIS PARA FORMATURA. De todos os graus.

EXCLUSIVAMENTE EM OURO 18 K. E PLATINA COM BRILHANTES E DIAMANTES. O MAIS COMPLETO SORTEIMENTO EM MODELOS E PREÇOS.

JOALHERIA THEODOMIRO CRUZ

Viuva Theodomiro Cruz & Filhos

PRAÇA 7 DE SETEMBRO — BELO HORIZONTE — MINAS

UM redator de jornal inglês divertiu-se pesquisando quais eram as regras de higiene que presidião à vida dos nossos antepassados, e fez descobertas interessantes.

Ao passo que nós empregamos, em grande escala, a hidroterapia e o ar, os antigos tinham um verdadeiro terror da água, portadora de reumatismos, e do ar, veículo de bronquites e defluxos.

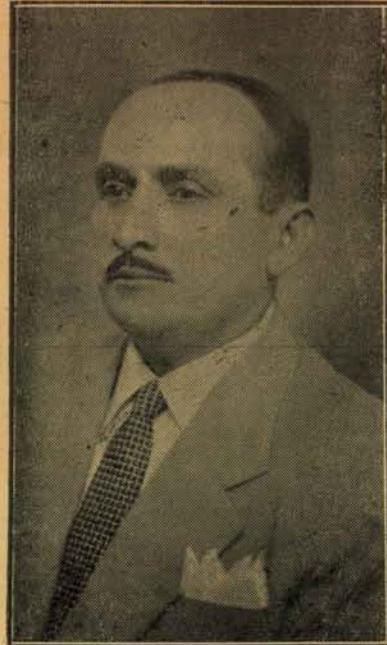
No século XVIII foram escritos muitos tratados afim de demonstrar que

A HIGIENE DOS TEMPOS PASSADOS

o ar da noite era envenenado. As gazetas assinalavam mortes de pessoas "que se deitavam à noite em perfeita saúde e que de manhã eram cadáveres, feridas de súbita inflamação de garganta, causada pelo ar da noite".

Um grande médico recomendava à sua clientela banhar-se "quando muto uma vez por mês".

Era muito diferente essa opinião dos nossos recomendados banhos diários, e das nossas tão preconizadas curas de ar.



Sur. José A. Lucena, ilustre Inspector Geral da "Aliança do Lar Ltda.", no Estado de Minas Gerais, com sede nesta capital, e interessado nos negócios da conceituada firma Batista & Chagas Ltda., alia aos seus aprimorados dotes de perfeito cavalheiro, as qualidades intelectuais e morais, imprescindíveis para o cargo que ocupa e ao qual imprime a característica de sua personalidade.



O CHAPÉU PANAMÁ'

O CHAPÉU Panamá tem esse nome porque foi ali que o conheceram os primeiros turistas americanos, os quais na crença de que era fabricado no interior, deram-lhe o nome do país.

O chapéu fabrica-se de uma fibra denominada toquilha que é extraída de uma palmeira que cresce silvestre em quase todos os países tropicais.

A confecção do chapéu é sumamente laboriosa. Nos centros chapeleiros, dedicam-se a essa indústria quase todas as mulheres e numerosas crianças, assim como os homens na época em que os trabalhos agrícolas permitem.

Os chapéus produzidos em maior quantidade são usuais ou ordinários; a produção é enorme. Basta dizer que há povoados onde são compradas mensalmente até mil dúzias e assim se compreenderá como é que na Colômbia apenas este artigo de exportação produz anualmente mais de um milhão de dólares.

Os fabricantes escolhem cuidadosamente a palha que empregam, que deve ser longa e delgada ao mesmo tempo que muito forte e dutil, e para evitar que endureça conservam-na em lugares úmidos. As pessoas que se dedicam a esse trabalho, levantam-se várias horas antes do sair do sol para aproveitar no trabalho a amenidade das primeiras horas da manhã, por quanto logo que desponta o sol e a atmosfera se aquece, vêm-se obrigadas a suspender a obra para evitar que a palha se resseque e produza um tecido desigual.

HONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO

PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE

EM
24 HORAS
DEIXA
DEFUXO
E SUAS
MANIFESTAÇÕES.

EXCELENTE TÔNICO DOS PULMÕES

A Economia
É UM HÁBITO



QUE SE DEVE CULTIVAR DESDE OS PRIMEIROS ANOS



ABRA PARA SEUS FILHOS UMA CADERNETA NA

As grandes virtudes do homem são devidas, geralmente, à educação que ele recebe no lar. E uma das maiores virtudes, pelos benefícios que encerra para o indivíduo e para a coletividade, é, sem dúvida, o sentimento de economia que torna o homem prudente e o acoberta contra as incertezas da vida. Faça seus filhos praticarem o hábito salutar da economia, desde os mais tenros anos.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649
FONE 2-0151
Belo - Horizonte

RETIRADAS POR MEIO
DE CHEQUES • ÓTIMOS
JUROS • GARANTIA DO
GOVÉRNO DO ESTADO

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

FUNDADO EM 22 DE AGOSTO DE 1889

Sede — JUIZ DE FORA — ESTADO DE MINAS GERAIS — RUA HALFELD, 504

Sucursais — RIO DE JANEIRO — RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 74 — BELO HORIZONTE — AVENIDA AMAZONAS, 253

AGÊNCIAS: Anápolis, Est. Goiaz — Andradas — Araguari — Araxá — Barbacena — Barretos, Est. S. Paulo — C. do Itapemirim, Est. E. Santo — Campo Belo — Campos, Est. Rio — Carangola — Caratinga — Cataguases — Conselheiro Lafaiete — Curvelo — Diamantina — Goiânia, Est. Goiaz — Governador Valadares — Guaxupé, Est. E. Santo — Ituiutaba — Itumbiara, Est. Goiaz — Lavras — Manhumirim — Monsanto — Monte Carmelo — Montes Claros — Muriaé — Muzambinho — Niterói, Est. Rio — Oliveira — Ouro Fino — Passos — Pedro Leopoldo — Petrópolis, Est. Rio — Poços de Caldas — Pomba — Ponte Nova — Praça da Bandeira, Distrito Federal — Presidente Vargas — Ramos, Distrito Federal — Raul Soares — Sacramento — Salinas — Santos, Est. S. Paulo — Santos Dumont — São João del Rei — São João Nepomuceno — São Paulo, Est. S. Paulo — São Sebastião do Paraíso — Três Corações — Três Pontas — Três Rios, Est. Rio — Tupaciguara — Ubá — Uberaba — Uberlândia — Vícosa — Vitória, Est. E. Santo.

ESCRITÓRIOS: Alegre, Est. E. Santo — Bias Fortes — Carmo da Mata — Coronel — Estréla do Sul — Ferros — Ipameri, Est. Goiaz — Miracema, Est. Rio — Paraíba do Sul, Est. Rio — Patrocínio — S. Rita do Sapucaí — Toritamá.

BALANÇE EM 29 DE SETEMBRO DE 1945

COMPREENDENDO AS OPERAÇÕES DAS SUCURSAIS, AGENCIAS E ESCRITÓRIOS

A T I V O

REALIZAVEL

a longo prazo	
Empréstimos Hipotecários	1.663.129,20
a curto prazo	
Em Contas Correntes Garantidas	377.170.836,10
Por Letras Descontadas	644.471.793,60
Por Cobranças de nossa Conta	85.579.166,50
Acionistas — Entradas a Realizar	17.209.300,00
Títulos de Renda	9.367.387,70
Imóveis	255.822,60
Correspondentes	14.697.638,90
Sucursais, Agências e Escritórios	1.125.523.874,90
Diversas Contas	2.140.991,50
DISPONIVEL	
Caixa — Em moeda corrente em Bancos	241.264.484,80
Banco do Brasil — à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito	37.126.084,70
	278.390.569,50
IMOBILIZADO	
Prédios da Sede, Sucursais e Agências	22.391.241,10
Móveis e Utensílios	7.640.093,80
	30.031.334,90
DE RESULTADO PENDENTE	
Despesas Gerais, Impostos, Juros e outras	13.761.394,90
	2.600.260.240,20
DE COMPENSAÇÃO	
Cobrança de conta Alheia	470.915.640,80
Valores Hipotecados e em Caução	845.276.759,90
Valores Depositados	309.269.004,80
Valores Caucionados pelo Banco	400.000,00
Ações em Caução	30.000,00
	1.625.891.405,50
Cr\$	4.226.151.645,70

P A S S I V O

NÃO EXIGIVEL

Capital	70.000.000,00
Reservas	
Fundo de Reserva	30.000.000,00
Fundo para Depreciação de Imóveis	5.500.000,00
Fundo para Depreciação de Móveis e Utensílios	2.999.297,70
Fundo para Prejuizos Eventuais	1.494.450,00
Saldo de Lucros e Perdas	6.129.673,90
	116.123.421,60

EXIGIVEL

a longo prazo	
Letras Hipotecárias em Circulação	934.400,00
Depósitos a Prazo Fixo	374.950.637,30
a curto prazo	
Depósitos	
a Vista	273.546.312,70
de Aviso	614.689.552,80
Efeitos a Pagar	12.253.710,90
Cupons de Letras Hipotecárias	3.297,00
Dividendo 111,9	360,00
Correspondentes	15.001.110,80
Sucursais, Agências e Escritórios	1.166.076.585,50
Diversas Contas	320.025,30
	2.454.775.992,30

DE RESULTADO PENDENTE

Juros, Descontos, Comissões e outras	29.360.826,30
	2.600.260.240,20

DE COMPENSAÇÃO

Títulos para Cobrança	470.915.640,80
Garantias Diversas	845.276.759,90
Depositários de Títulos e Valores	309.269.004,80
Títulos Depositados em Caução	400.000,00
Caução da Diretoria	30.000,00
	1.625.891.405,50

Cr\$ 4.226.151.645,70

Juiz de Fora, 11 de Outubro de 1945. a) Sandoval Soares de Azevedo — Presidente. a) F. S. Batista de Oliveira — Diretor. a) João Tavares Corrêa Beraldo — Diretor. a) J. Azeredo Vieira — Contador Reg. 41.285.



ADQUIRA O SEU LOTE

NO MAIS CENTRAL
E MAIS LINDO
BAIRRO DA CIDADE

NINGUEM ignora que está surgindo em Belo Horizonte o mais central e o mais lindo dos bairros já construídos na cidade. Na antiga área da Universidade, magnificamente localizada entre os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, acham-se os excelentes lotes que a Prefeitura Municipal vem vendendo em hasta pública, realizada duas vezes por mês, com enorme afluência de interessados.

Magníficas vivendas começam a erguer-se nos lotes já vendidos. No centro dessa área será levantada a bela Praça Carlos Chagas que será a mais linda da Capital e adornada por um belo templo católico. Em suas proximidades será levantado um grande Grupo Escolar, além de quatro colégios para meninos e meninas: Sion, São Paulo, Jesuitas e Diocesano.

AO LADO DOS BAIRROS
DE LOURDES E SANTO
★ AGOSTINHO ★

DUAS VEZES POR MÊS SÃO
LEVADOS A LEILÃO 5 LOTES
NA PREFEITURA MUNICIPAL

O MAIS SEGURO E RENDOSO
EMPRÉGO PARA O SEU CAPITAL

ALTEROSA

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.



Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO

Diretor-redator-chefe:
MÁRIO MATOS

Secretário da redação:
JORGE AZEVEDO



ADMINISTRAÇÃO:

Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Endereço Telegráfico "ALTEROSA"
Belo Horizonte - Est. de Minas Gerais



SUCURSALS NO RIO:

Diretor: Nelson Ribeiro de Castro
Rua Visconde de Santa Izabel, 515
Fone 38-5684



PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO:
Empréssia Editória Publicidade Ltda.



ASSINATURAS

(Sob registro postal)

1 semestre (6 números)	Cr\$ 20,00
1 ano (12 números)	Cr\$ 40,00
2 anos (24 números)	Cr\$ 70,00



VENDA AVULSA

(Preço em todo o Brasil)

Número comum	Cr\$ 3,00
Números especiais	Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais	Cr\$ 1,00



FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva, Amavel Costa e Studio Constantino.

GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araújo.

DESENHOS — Supervisão de Rodolfo, com a cooperação de Rocha, J. C. Moura, Fábio Borges, Érico de Paula e Alberto Lima.

IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brener Ltda.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Adelmar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, A. J. Hermenegildo Filho, Antônio Silveira, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Bahia de Vasconcelos, Benedito Merlin, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Carlos Maranhão, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edgard Rezende, Edmundo Costa, Edison Pinheiro, Evandro Rodrigues, Francisco Armond, Geraldo Dutra de Moraes, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira, J. M. de Andrade Sobrinho, Luis de Bessa, Luis Otávio, Luis H. Lisboa, Luis de Paula Lopes, Lourdes G. Silva, Sra. Leandro Dupré, Malba Tahan, Maria Antônia Sampaio, Maria Emilia de Castro Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Olga Obry, Oscar Mendes, Paulo Dantas, Pedro Ribeiro da França, Paulo Peregrino, Roberto Gil, Raul de Azevedo, Vanderlei Vilela e Wilson Pereira Barbosa.



A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados.



Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.

"A CHAVE ÚNICA DA VIDA E DA MORTE"



Murilo Araújo proferindo sua palestra

Iniciando uma série de horas de arte no VI Salão de Belas Artes, nesta Capital, o consagrado poeta Murilo Araújo proferiu, na noite de 21 de outubro último, perante seleta assistência, interessante palestra em que focalizou, através de conceitos brilhantes ilustrados por desenhos de sua autoria, vários e expressivos aspectos da arte e sua influência na vida. Saudando o conferencista, falou o sr. J. Guimarães Menegalli, ressaltando a significação da palestra e o valor intelectual do seu autor. Couvidou, a seguir, as poetisas Henrique Lisboa e Carmen de Melo a tomarem parte na mesa.

Abrilhantando ainda mais a reunião artística, as senhoritas Dulce Negrão e Eni Paixão Costa, alunas de declamação da poetisa Carmen de Melo, disseram magníficos poemas do livro "Escadaria Acesa" de autoria de Murilo Araújo.

* * *

HOMENAGEM AOS EXPEDICIONÁRIOS MINEIROS



As homenageantes e os homenageados num grupo antes da festa

Realizou-se no dia 21 de outubro último, no salão nobre do Conservatório Mineiro de Música, uma significativa homenagem aos expedicionários mineiros.

A festa, que transcorreu brilhantemente, foi promovida por um grupo de senhorinhas de nossa sociedade, tendo à frente a poetisa Albertina Castro Borges.

Participaram do programa as senhorinhas Maria da Paz Pires, que saudou os "pracinhas", Benedita de Castro Borges, Neide Boschi, M. do Carmo Cançado, Albertina Castro Borges e o pianista Asdrubal Teixeira de Sousa.

ARTISTAS PRECOCES

Quando Beethoven contava apenas oito anos de idade, já se fazia ouvir ao violino, como um intérprete genial. Aos treze anos, compôs três quartetos, considerados como magníficos pelos mestres.



NO RESTAURANTE

— O senhor ainda não se cansou de olhar para minha mulher?

— O senhor também está olhando para mim há um tempo enorme e eu ainda não me queixei...

KOLYNOS
REALÇA
 TODA A
 SIMPATIA
 DE UM
 SORRISO!...



POROUE DA' BRILHO e LIMPA os DENTES!

Um sorriso simpático é fator de vitória... e Kolynos comprova esta afirmação. Kolynos é um creme dental que garante a beleza de seu sorriso e a perfeita higiene da boca. O brilho, a saúde, a fortaleza de seus dentes podem ser mantidos com o auxílio de um creme dental completo, como é Kolynos. A homogeneidade da sua compo-

sição oferece a quem o usa o mesmo sabor agradável e os mesmos efeitos benéficos até o fim do tubo.

Basta um centímetro de Kolynos na escova seca para limpar bem os dentes, protegendo-os contra as bactérias resultantes da fermentação dos alimentos. Kolynos custa muito menos e dura muito mais.



McC
 Limpa mais...
 agrada mais...
 rende mais...

*REALCE a simpatia
 de seu sorriso
 usando o CREME
 DENTAL
 ANTISSETICO!*

* Ouça na Rádio Nacional, às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".



Ande feliz com estes sapatos!



Andar com um sapato comprado na Guanabara
é gozar conforto e ostentar elegância. Visite a
Guanabara e escolha dentre os mais modernos
modelos por um preço convidativo sapatos
moderníssimos, cômodos e elegantes.

Utilize-se do nos-
so sistema de
crédito
Com um cartão
de crédito, veste-
se toda a família!

Guanabara